

CAROLLINE MARTINS DE ANDRADE

TRAJETÓRIA POLÍTICO-INTELECTUAL E
REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO MEXICANA
NAS OBRAS DE MARTÍN LUIS GUZMÁN
(1915-1969)

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
2018

CAROLLINE MARTINS DE ANDRADE

TRAJETÓRIA POLÍTICO-INTELECTUAL E
REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO MEXICANA
NAS OBRAS DE MARTÍN LUIS GUZMÁN
(1915-1969)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de mestre em História.

Área de concentração: História, Tradição e Modernidade

Linha de pesquisa: História e Culturas Políticas

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriane Aparecida Vidal Costa

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
2018

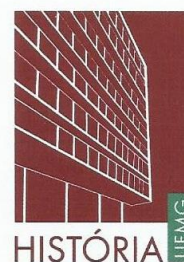
972 Andrade, Carolline Martins de
A553t Trajetória político-intelectual e representações da Revolução
2018 Mexicana nas obras de Martín Luis Guzmán (1915-1969)
[manuscrito] / Carolline Martins de Andrade. - 2018.
190 f.
Orientadora: Adriane Aparecida Vidal Costa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia

1.História – Teses. 2. Intelectuais – História – Teses.
3. Literatura e história – México - Teses. 4. Guzmán, Martín
Luis, 1887-1976. 5. México – História – Revolução, 1910-
1920. I. Costa, Adriane Aparecida Vidal. II. Universidade
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



**"Trajetória político-intelectual e representações da Revolução Mexicana nas
obras de Martín Luis Guzmán (1915-1969)"**

Carolline Martins de Andrade

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profa. Dra. Adriane Aparecida Vidal Costa - Orientadora
UFMG

Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa
UNESP-Assis

Profa. Dra. Kátia Gerab Baggio
UFMG

Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 2018.

Agradecimentos

Este trabalho não é fruto apenas do meu esforço. Ele está acompanhado por tantas outras mãos, tantos outros modos de olhar e viver a vida, com os quais caminhei lado a lado, de mãos dadas.

Sou grata à Adriane Vidal pela orientação e parceria neste trabalho. Obrigada por ser uma excelente profissional e uma mulher compreensiva e atenciosa.

Agradeço às professoras Kátia Baggio, Natally Vieira e Priscila Dorella, pelas leituras cuidadosas e pelos profícuos apontamentos realizados no exame de qualificação.

Agradeço, mais uma vez, à professora Kátia Baggio e ao professor Carlos Alberto Sampaio Barbosa pelas leituras generosas e atentas na defesa desta dissertação.

Agradeço à professora Adriana Romeiro e ao professor Douglas Áttila pelas contribuições nas disciplinas cursadas durante o mestrado.

Agradeço à CAPES pelo fornecimento da bolsa que auxiliou financeiramente a realização desta pesquisa de mestrado. Ao programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Obrigada ao professor Luiz Arnaut, por ser exemplo de mestre, e aos parceiros do Grupo de Estudo e Trabalho em História e Linguagem (GETHL), com quem discuti algumas das ideias contidas nesta dissertação.

Também quero agradecer aos colegas do Núcleo de Pesquisa em História das Américas (NUPHA) e, especialmente, à Bruna Afonso e aos colegas mexicanistas Fábio Baião e Caio Pedrosa.

Expresso minha gratidão à Mariana de Moraes Silveira, à Larissa Souza, à Jaíza Souza, à Rute Torres e ao Henry Pratt pela solicitude e disponibilidade em contribuir para o desenvolvimento deste trabalho.

Com imenso carinho, agradeço ao Warley Gomes, que caminha comigo pelos enredos e desenredos dos Romances da Revolução Mexicana.

Aos meus companheiros de travessia, meu muito obrigada: Bruno Vinícius, Poliana Jardim, Isadora Ayres, Bárbara Góes, Érika Lemos, Allysson Lima, Luísa Marques, Sarah Guedes, Alexandre Rocha e, especialmente, à Kelly Andrade, à Natália Iglésias e ao João Riveres. É muito bom ter gente assim na vida! Vocês são ótimos!

Agradeço à minha mãe, por ser porto seguro, e ao meu pai, por contar tantas histórias.

Às minhas irmãs, por serem mulheres fortes. À minha família pela presença constante nesta travessia pelo mundo. Aos meus sobrinhos e sobrinhas por serem tanto amor na vida.

Muito amor e gratidão ao companheiro de jornada. Breno, obrigada por segurar a minha mão durante todo esse tempo e por ter lido tantas vezes este trabalho. Te amo, querido.

Agradeço Àquele que renova, em mim, as esperanças.

Carolline Andrade.

Eis a verdadeira questão: a revolução é um caso limite do governo ou o fim do governo?
Concebe-se no segundo sentido e pratica-se no primeiro...
As revoluções são verdadeiras como movimento e falsas como regime.

Merleau-Ponty

Resumo

Nesta dissertação buscamos compreender e analisar os significados da Revolução Mexicana em algumas obras do escritor Martín Luis Guzmán e a forma como estas concepções encontravam-se associadas à sua trajetória política e intelectual. Nesse intento, nosso marco temporal se estendeu dos primeiros anos do século XX – que compete à configuração do ambiente intelectual mexicano – até 1969, momento em que o mexicano se posicionou favoravelmente à repressão aos estudantes em outubro de 1968, marcando o caminho que o conduziria a um temporário – mas significativo – esquecimento dentro das pesquisas acadêmicas mexicanas. As fontes que serviram de base para a constituição desse texto são variadas, abarcam ensaios, artigos de jornais, romances, textos memorialísticos, cartas, discursos políticos e intelectuais, programa de criação de partidos.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, empregamos elementos que fazem parte do arcabouço teórico da história intelectual e da história dos intelectuais, bem como reflexões sobre história, literatura e memória. Em suma, analisamos a trajetória política e intelectual de Martín Luis Guzmán, de sua participação como um dos autores consagrados dentro do que se compreende como Romance da Revolução, da inserção do autor no debate do que significou a Revolução e a construção do Estado pós-revolucionário, e, nesse longo deslocamento pelo século XX, sempre visando perceber sua ação política nos jogos do poder mexicano.

Palavras-chave: Martín Luis Guzmán; Revolução Mexicana; História dos Intelectuais; História Intelectual; História e Literatura.

Abstract

In this dissertation we sought to understand and analyze the meanings of the Mexican Revolution in some works of the writer Martín Luis Guzmán, and the way in which these conceptions found themselves associated with his political and intellectual trajectory. In this attempt, our timeframe extended from the first years of the twentieth century, which corresponds to the configuration of the Mexican intellectual environment, until 1969, when Guzmán positioned himself favorably toward the repression of students in October 1968, marking the path that would lead him to a temporary – but significant – period of being forgotten by Mexican academic research. The sources that served as the basis for the constitution of this text are varied and include essays, newspaper articles, novels, memorialistic texts, letters, political and intellectual speeches, and programs of party creation.

For the development of this study, we utilized elements that are part of the theoretical framework of both intellectual history and the history of intellectuals, as well as reflections on history, literature, and memory. In short, we analyzed the political and intellectual trajectory of Martín Luis Guzmán, his participation as one of the consecrated authors within what is understood as the Romance of the Revolution, and his insertion into the debate of the ramifications of the Revolution and of the construction of the post-revolutionary state, while always aiming to note his political action in Mexican power plays during this long displacement throughout the twentieth century.

Keywords: Martín Luis Guzmán; Mexican Revolution; History of Intellectuals; Intellectual History; History and Literature.

Sumário

Introdução.....	11
Capítulo 1	
Martín Luis Guzmán: entre a Revolução e os “males” mexicanos.....	20
1.1 Ambiente cultural: pensar a Revolução e o México nas primeiras décadas do século XX	20
1.2 Sobre Martín Luis Guzmán: a bússola, a agulha e o norte.....	30
1.3 <i>La querella de México</i> (1915): a “raiz dos males” mexicanos.....	39
1.4 <i>A orillas del Hudson</i> (1920) e <i>Otras páginas</i> (1958): os problemas mexicanos sob novos ângulos	52
Capítulo 2	
Representações da Revolução Mexicana e do poder nas narrativas de Martín Luis Guzmán: <i>El águila y la serpiente</i> (1928) e <i>La sombra del Caudillo</i> (1929)	66
2.1 O exílio e suas implicações na escrita literária de Martín Luis Guzmán	72
2.2 Entre tempos, atos e palavras: a narrativa da experiência e a construção da identidade revolucionária em <i>El águila y la serpiente</i> (1928)	80
2.3 <i>La sombra del Caudillo</i> (1929): a literatura como metáfora da vida política mexicana	104
Capítulo 3	
Martín Luis Guzmán: a sedução do poder e os (des)caminhos em direção ao priísmo.....	117
3.1 O retorno de Martín Luis Guzmán ao México em tempos de cardenismo (1934-1940)	121
3.2 O encadeamento da história: Reforma, Revolução e Liberalismo.....	141
3.3 Balanços da Revolução em Martín Luis Guzmán: 1945 a 1968, um divisor de águas.....	155
Considerações finais.....	175
Referências documentais e bibliográficas.....	178

Introdução

A Revolução Mexicana alterou de forma significativa o cenário político, social, econômico e cultural do país. Nesta dissertação, tomamos como intérprete da Revolução Mexicana o intelectual Martín Luis Guzmán Franco (1887-1976). Nessa perspectiva, analisamos como o escritor interpretou a Revolução Mexicana fazendo um entrecruzamento com sua trajetória política e intelectual. O nosso problema central pode ser sintetizado nas seguintes indagações: como pensar historicamente o modo como Martín Luis Guzmán abordou a Revolução Mexicana ao longo de sua trajetória política-intelectual? Como Martín Luis Guzmán pensou e problematizou historicamente a Revolução Mexicana em seus textos e em sua ação política? Na primeira indagação, a ênfase recai sobre o sujeito do conhecimento histórico, que busca historicizar e contextualizar seu objeto. Na segunda, o foco incide sobre a maneira pela qual nosso objeto refletiu historicamente sobre a Revolução Mexicana.

Martín Luis Guzmán nasceu no estado de Chihuahua, norte do México, filho do coronel do Exército Federal mexicano Martín Luis Guzmán Rendón (? - 1910) e de Carmen Franco (? - 1951). Viveu seus primeiros anos em Tacubaya e em Veracruz, indo morar na Cidade do México apenas em 1904, quando ingressou na Escola Nacional Preparatoria, onde começou a se relacionar com as figuras ligadas ao Ateneu da Juventude e deu seus primeiros passos em direção ao ambiente cultural mexicano. Foi revolucionário, periodista, escritor e político. Esses quatro aspectos caminharam juntos na conformação de sua obra e trajetória intelectual, sendo centrais para o texto dissertativo que se desenrola nas páginas a seguir.

O escritor que investigamos foi uma figura complexa e, ao longo de sua trajetória, esteve bastante ligado, principalmente, à política. Mais do que um escritor literário, percebemos nele um periodista. Uma parcela substancial de suas obras resultou da reunião, *a posteriori*, de seus artigos sobre a política e a cultura – os quais seguiam a tradição ensaística latino-americana, conforme defendido por Fernando Curiel em *La querella de Martín Luis Guzmán*.¹ Suas discussões também estiveram bastante influenciadas pelas questões do momento, demonstrando o olhar que dirigia para o cenário político mexicano e, em menor grau, internacional.

¹ CURIEL DEFOSSÉ, Fernando. *La querella de Martín Luis Guzmán*. México: Oasis, 1987.

O México ocupou um lugar medular nas reflexões de Martín Luis Guzmán. Posto que, em parte substancial de seus escritos, o intelectual debruçou-se sobre a história do país e em alguns deles ainda teceu sua história de vida à história nacional. Optamos por analisar, nesta dissertação, aquelas obras que perpassam, em alguma medida, a temática da Revolução. Nossas fontes abarcam uma variada tipologia: ensaios, artigos de jornais, romances, textos memorialísticos e autobiográficos, cartas, entrevistas, programa de criação de partido político e discursos políticos. As obras que contribuem para responder a nossa problemática central são: *La querella de México* (1915), *A orillas del Hudson* (1920), *El águila y la serpiente* (1928), *La sombra del Caudillo* (1929), *Apunte sobre una personalidad* (1954), *Crónicas de mi destierro* (1958), *Otras páginas* (1958), *Pábulo para una historia* (1961), *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma* (1963).²

Martín Luis Guzmán, inicialmente, tornou-se foco de nossa atenção em virtude de seus “Romances da Revolução”: *El águila y la serpiente* (1928) e *La sombra del Caudillo* (1929). Pois, ambas as obras contêm um certo desencanto e críticas à Revolução e ao ambiente pós-revolucionário no México. No começo da pesquisa o que nos interessava era pensar estritamente a respeito das oposições ao regime pós-revolucionário da década de 1920. Além disso, *La sombra del Caudillo* contava com um ingrediente especial nesse primeiro momento da pesquisa, ela havia sido uma obra literária censurada pelo governo de Plutarco Elías Calles.³ Esses dois livros de Guzmán se destacam – juntamente com *Los de abajo* (1915), de Mariano Azuela – no cânone do subgênero “Romance da Revolução” pela qualidade estética e narrativa. Sem sombra de dúvidas, foram essas duas obras que alçaram o nome de Martín Luis Guzmán ao âmbito cultural e literário mexicano. Conforme a pesquisa caminhou, o problema foi se ampliando e ganhando outras feições. Percebemos que a Revolução e a história do México eram recorrentes na escrita do intelectual. Era marcante a articulação entre a compreensão da história e a projeção de um futuro para a nação mexicana, que permeava as observações do escritor sobre a Revolução no México. Quando, em uma entrevista realizada por Emmanuel Carballo, o escritor foi questionado sobre essa “predileção pelos assuntos históricos”, ele respondeu:

² É importante salientar que escolhemos não trabalhar com *Memorias de Pancho Villa*, uma das principais obras do autor que passam pelo tema da Revolução Mexicana. Essa opção resultou da consideração de dois aspectos: a dificuldade metodológica, pois Guzmán escreveu na 1ª pessoa do singular as memórias de Francisco Villa e buscou reconstruir o modo de falar do líder revolucionário. O segundo aspecto, de caráter mais pragmático, depreendeu-se da inviabilidade de se analisar essas 900 páginas, juntamente com as outras fontes abordadas, nos limites de uma pesquisa de mestrado.

³ Sobre a censura ao livro *La sombra del Caudillo* durante o governo de Plutarco Elías Calles, ver p. 104.

— Es necesario acabar de construir a México, y ello sólo es posible mirando en aquellos grandes hombres, en sus grandes hechos. La muerte de muchos de ellos ha sido un acontecimiento de significado histórico y de implicaciones futuras. Así surgen *La sombra del Caudillo* [1929], *Muertes históricas* [1958] y *Febrero de 1913* [1963].

Existe em Guzmán um discurso sobre a nação.⁴ E qual é o fundamento desse discurso? Ao interpretarmos os livros que ele menciona no excerto, observamos que o eixo comum entre eles são os períodos de instabilidade política, nos quais os processos de sucessão presidencial – Porfírio Díaz, Francisco I. Madero, Venustiano Carranza, Álvaro Obregón, entre outros – foram tumultuados e violentos. Então, na perspectiva do intelectual, o que o México precisava superar para projetar seu próprio futuro? Sobretudo, superar a violência e a barbárie na arena política. Esse movimento que o escritor fez em direção ao passado nacional – seja para o século XIX ou para o processo revolucionário – foi no intento de intervir politicamente sobre a situação presente.

Desse modo, os escritos de Martín Luis Guzmán se associam de forma direta à sua trajetória política e intelectual, pois foi através deles que o autor veiculou sua ação política na esfera pública mexicana.⁵ Assim, para compreender a trajetória política e intelectual de Martín Luis Guzmán, cruzaremos informações com obras literárias de outros escritores e correspondências trocadas com outros intelectuais e políticos do período. Escolhemos, nesse sentido, abordar no capítulo 1, principalmente, as relações de Martín Luis Guzmán com os membros do Ateneu da Juventude,⁶ grupo de jovens intelectuais – do qual o escritor fez parte – que se constituiu na primeira década do século XX. Deste grupo também foram membros José Vasconcelos, Alfonso Reyes, Pedro Henriquez Ureña, entre outros.⁷ Acreditamos que as obras e documentações selecionadas

⁴ Sobre o conceito de nação, ver: HOBBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismos: trajectos*. Lisboa: Gradiva, 1993.

⁵ O conceito de “esfera pública” pode ser considerado como um dos mais importantes formulados pelo pensamento político ao longo do século XX. Os nomes de maior destaque nessa discussão são os de Hannah Arendt e de Jürgen Habermas. Em *A condição humana* (1958), a pensadora definiu esfera pública em relação a “tudo que vem a público, pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível” (ARENDT, Hannah. *A condição humana*, 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 59). Assim, a própria concepção do que é a política passa pela preocupação com a vida em um ‘mundo em comum’ que pressupõe a distinção entre a esfera pública e a esfera privada. Por sua vez, Habermas (1961) empreendeu uma detalhada análise histórica da emergência da esfera pública na Europa, sobretudo ao longo do século XVIII. Para ele, a esfera pública política era um espaço de mediação entre as necessidades da sociedade e do Estado (HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984). Em poucas palavras, neste trabalho entendemos que a “esfera pública” é uma arena de discussão privilegiada para a compreensão da ação política.

⁶ Sobre o *Ateneo de la Juventud*, ver página 23.

⁷ José Vasconcelos (1882-1959), nasceu no estado de Oaxaca, México, foi advogado, filósofo, educador.

contribuem para a discussão do problema que nos propomos a investigar, uma vez que elas são constituídas por observações, opiniões e reflexões acerca do conflito armado da década de 1910 e do Estado que veio a ser construído nas décadas seguintes.⁸ Enfatizamos em nossa análise a trajetória política e intelectual de Martín Luis Guzmán, sua inserção no debate sobre o que significou a Revolução Mexicana e a construção do Estado pós-revolucionário. Apresentamos, ainda, um balanço acerca do posicionamento político de Guzmán a partir de 1936, quando retornou de seu segundo exílio na Espanha e se aproximou demasiadamente dos governos do “Partido de la Revolución”. De tal forma que nosso marco temporal se estende dos primeiros anos do século XX – que compete à configuração intelectual mexicana – até 1969, momento em que o mexicano se posicionou

Teve um papel significativo no campo cultural e intelectual mexicano nas primeiras décadas do XX. Além de ter sido um dos presidentes do *Ateneo de la Juventud/Ateneo de México*, foi responsável pela formulação de projetos educativos importantes como secretário da Secretaria de Educação Pública (SEP), durante o governo de Obregón (1920-1924), bem como atraiu e estimulou o envolvimento de intelectuais e artistas com Estado pós-revolucionário nesse período. Sobre José Vasconcelos ver: CRESPO, Regina Aída. *Itinerarios intelectuales: Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para la nación*. México: UNAM, 2004; MOTTA, Romilda Costa. *José Vasconcelos: as memórias de um “profeta rejeitado”*. São Paulo: Alameda, 2015. Alfonso Reyes (1889-1959) nasceu em Monterrey, estado de Nuevo León, México. Filho do militar e político Bernardo Reyes – também candidato a sucessor de Porfírio Díaz –, que morreu no início dos conflitos da *Decena Trágica*, em 1913. Alfonso Reyes foi um dos mais destacados poetas e ensaístas da literatura mexicana do século XX. Devido o envolvimento e morte de seu pai nos conflitos revolucionários, Reyes saiu do país e durante boa parte de sua vida e atuou como embaixador do México em países como Espanha, Argentina, Brasil. Tendo sido responsável pelo estabelecimento de interessantes relações e intercâmbios culturais. Sobre Alfonso Reyes ver: DIAS, Nattaly Vieira. *A Revolução Mexicana nos debates político-intelectuais brasileiros: projeções, leituras e apropriações (1910-1941)*. Tese de doutorado em História (UFMG). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2015; ELLISON, Fred P. *Alfonso Reyes e o Brasil: um mexicano entre os cariocas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002. Pedro Henriquez Ureña (1884-1949) nasceu em Santo Domingo, República Dominicana. Filho da poeta Salomé Ureña e de Francisco Henríquez y Carvajal (médico, político, escritor, presidente da República Dominicana). Henriquez Ureña já se encontrava envolvido com o cenário cultural e intelectual na República Dominicana, tendo publicado seu primeiro livro em 1905. Quando se estabeleceu na Cidade do México em 1906, passou a fomentar ali, entre os jovens, as atividades relacionadas a discussões filosóficas e literárias, recebendo o apelido de “Sócrates”. De acordo com Fernando Curiel, Ureña conduz duas das três passeatas (tomas de la calle) que conferiria aos futuros ateneístas tanta notoriedade. CURIEL DEFOSSÉ, Fernando. *Martín Luis Guzmán, discípulo de Clío*. UNAM, Facultad de Filosofía y Letras, Licenciatura en Historia, 1994, p. 16. Sobre Pedro Henriquez Ureña ver: PEREZ, Odalís G. *Pedro Henriquez Ureña. História Cultural, historiografía y crítica literaria*. São Domingo: Archivo General de la Nación, Volume CXIV, 2010.

⁸ No que toca à trajetória intelectual, consideramos algumas reflexões e advertências de Sabina Loriga. Em princípio, cabe esclarecer que a historiadora francesa se debruça sobre a temática da biografia, a qual, embora não seja nosso objetivo ou tema de pesquisa, é, em certa medida, tangenciado. Portanto, Loriga indica dois desafios enfrentados pelo historiador que utiliza ferramentas do estudo biográfico: o primeiro se refere a tomar como ordinária [mediana, comum] uma experiência que é individual, “impressões digitais” daquela vivência. O segundo desafio está associado à “ideia de uma prosopografia completa, acabada”, em que se pretende “apreender uma época ou uma civilização reconstituindo-se seus elementos *um por um*”. (LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.) *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Varga, 1998. Grifo do autor). Temos clareza da impossibilidade de fazer uma história “totalizante”, bem como do fato de que se trata de um trabalho com limites de tempo e espaço – e também de acesso a documentos –, de tal forma que escolhemos investigar a trajetória de Guzmán a fim de compreender as representações que o escritor teceu a respeito da Revolução Mexicana em suas obras.

favoravelmente à repressão aos estudantes em outubro de 1968, marcando o caminho que o conduziu a um temporário – mas significativo – esquecimento dentro do cenário intelectual mexicano. Todavia, lembramos que esses marcos são fluidos, uma vez que podemos retrocedê-los e estendê-los a fim de compreender melhor certos aspectos.

Em vista dos objetivos e fontes apresentados, a presente pesquisa, em seu desenvolvimento, empregou aspectos referentes ao arcabouço teórico da história intelectual e da história dos intelectuais, bem como reflexões sobre história, literatura e memória. Essas discussões aparecerão de maneira mais detalhada ao longo dos capítulos, buscando atrelar de forma mais orgânica e, talvez, mais profícua, a teoria, a metodologia e a análise das fontes. Sobre história, literatura e memória, dialogamos com as reflexões sobre memória empreendidas por Fernando Catroga, Michel Pollack e Angela de Castro Gomes, com as teorias dos “atos de fingir” de Wolfgang Iser e as definições de literatura e ficção de Luiz Costa Lima. Para discutir os elementos referentes à história dos intelectuais consideraremos as reflexões realizadas por Jean-François Sirinelli⁹ e Carlos Altamirano.¹⁰ Na história intelectual – ou também chamada história das ideias políticas – recorreremos ao diálogo com o contextualismo linguístico e os *atos de fala* propostos por Quentin Skinner¹¹

Em nossa análise, temos entendido o *texto* como um *ato de fala*, em que ele executa uma ação ao ser expresso. Isto é: o que autor está fazendo com aquilo que disse? A intenção encontra-se atrelada à ação.¹² Temos compreendido que, ao escrever as obras por nós analisadas, Guzmán realizou ações políticas. Assim, nas páginas que se seguem, intencionamos perceber que estratégias narrativas foram mobilizadas, quais representações a respeito da Revolução Mexicana foram construídas e de que modo elas se articularam com seu posicionamento político no presente da escrita. As obras dialogam com o contexto político, cultural e social no qual foram produzidas, contribuindo para para conferir significado. Ademais, elas possibilitam apreender “o conjunto de argumentos nos quais o [autor] pretendeu intervir e o tipo de intervenção que seu texto procurou constituir no debate político da época”.¹³ Assim como apontado por Lilia

⁹ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1996.

¹⁰ ALTAMIRANO, Carlos. *Para um programa de história intelectual y otros ensayos*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2005.

¹¹ SKINNER, Quentin. *Visões da política*. Algés-Portugal: DIFEL, 2005; SKINNER, Quentin. Sobre significado e método. Entrevista com Quentin Skinner. *Revista formas de vida*. Lisboa, nº 4, maio de 2014.

¹² SKINNER, Quentin. *Visões da política*.

¹³ STARLING, Heloisa; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lendo canções e arriscando um refrão. *Revista USP*, São Paulo, n.68, p. 210-233, dezembro/fevereiro 2005-2006, p. 213.

Schwarcz e Heloísa Starling, as:

estratégias de autor também constituem a fonte de identificação dos *contextos* que oferecem sentidos ao *texto*. Na realidade, apesar de toda a sua variedade, *contextos* possuem uma característica principal – são sempre explicativos, assim como relacionais, uma vez que articulam temas próprios à sua época e a um vocabulário de época. Nesse sentido, apontam para o que poderia ser chamado *tempo da obra*: revelam as razões pelas quais determinadas posições foram tomadas, seu motivo e entendimento; revelam igualmente as suposições, crenças e ideias – uma espécie de visão do mundo articulada – que oferecem sentido aos eventos manifestos de uma determinada época histórica [...].¹⁴

A nossa compreensão acerca da categoria de intelectual apresenta um caráter amplo, sobretudo levando em conta a configuração e o papel que, geralmente, o intelectual desempenhou no contexto latino-americano de princípios do século XX. Cientes de que a bibliografia acerca da temática é extensa, demonstrando com isso a dificuldade de conceituação e fluidez do termo, entendemos por intelectual aquele indivíduo que é capaz de representar certas posições e grupos sociais, colocando-se no debate público, trazendo questões e levantando problemas que se mostram como demandas de uma determinada sociedade e tempo. Embora sedutoras, as perspectivas que propõem o intelectual como um representante independente (*outsider*) e de públicos mais genéricos mostram seus limites. Em nossa perspectiva, os discursos e as representatividades são parciais e estão quase sempre vinculadas a um lugar de fala, ainda que esse lugar não seja o Estado ou uma determinada instituição acadêmica. Esse lugar pode ser uma classe social, um grupo intelectual, um núcleo periodista, uma categoria profissional, um movimento social, etc.¹⁵

Aprofundando na perspectiva da história dos intelectuais, percebemos que certas formulações de Jean-François Sirinelli seriam elementos interessantes para entender o intelectual que pesquisamos e o problema que propomos.¹⁶ As noções de *trajetória*, *geração* e *sociabilidade* possibilitam pensar a formação, as interações intelectuais e os caminhos percorridos pelo autor. Tendo em vista que, dentre esses conceitos, o de geração é polêmico, esclarecemos que ele se mostra útil em dois sentidos: em relação à cronologia

¹⁴ STARLING; SCHWARCZ. Lendo canções e arriscando um refrão, p. 213.

¹⁵ Entre as leituras que contribuíram para a reflexão acerca da compreensão do que é o intelectual e de qual é seu papel na sociedade encontram-se: SAID, Edward. *Representações do intelectual*. As conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005; ALTAMIRANO, Carlos. *Para um programa de história intelectual y otros ensayos*; GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação – Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo. In: (orgs.) *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-37.

¹⁶ SIRINELLI. Os intelectuais.

e ao grupo de formação. Martín Luis Guzmán encontrava-se vinculado à geração do Ateneu da Juventude¹⁷ com a qual compartilhou uma formação comum na Escola Nacional Preparatória – situada na Cidade do México – e de um ambiente de discussões filosóficas e literárias. Assim, tais noções de estudo da história dos intelectuais nos dão abertura para refletir a respeito dos diálogos estabelecidos entre esses jovens intelectuais, que na década de 1920 ocuparam espaços importantes dentro da máquina estatal e do campo cultural mexicanos, possibilitando-nos pensar suas relações com a política cultural revolucionária, os diálogos e embates em torno do governo mexicano, as sensibilidades, os vocabulários políticos e culturais partilhados por eles no período. Conferindo, portanto, maior consistência à nossa interpretação e maiores elementos para a compreensão do pensamento intelectual e ideológico de Guzmán.

Ademais, como apontado tanto por François Dosse¹⁸ e, também, pelas historiadoras Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen,¹⁹ torna-se importante se atentar para as questões relativas aos lugares de produção e enunciação das ideias. Seja ele um lugar institucional, social ou mesmo geográfico. Para além disso, as duas últimas pesquisadoras também chamam a atenção para a relevância de se considerar os paradigmas e tradições intelectuais do contexto cultural estudado. Nesse sentido, cabe salientar que a relação dos intelectuais com o Estado mexicano, após os conflitos da década de 1910, gozam de certas particularidades. Pois, conforme apontado por Ángel Rama, os intelectuais mexicanos se associaram aos caudilhos militares, que ascenderam ao poder por meio da Revolução. Esses caudilhos tinham suas origens em estratos sociais pouco eruditos, em locais como o norte do México, área rural recém tocada pela modernização em função do contato fronteiriço com os Estados Unidos. Assim, tanto no período revolucionário como no pós-revolucionário, os intelectuais (por idealismo ou por interesses), com suas “armas letradas” serviram aos diferentes caudilhos da Revolução e, após o estabelecimento de um ambiente mais institucionalizado, aos sucessivos governos ditos revolucionários.²⁰ Essas relações entre intelectuais e Estado foram afetadas pela repressão estatal ao movimento estudantil de 1968. Momento em que um intelectual da

¹⁷ Alvaro Matute realiza uma análise satisfatória acerca da coerência em se utilizar a ideia de geração para o estudo do *Ateneo de la Juventud*. Nela o historiador aponta para a idade dos participantes, formação educacional e cultural e sociabilidade. Cf. MATUTE, Alvaro. *La Revolución mexicana: actores, escenarios y acciones. Vida cultural y política, 1901-1929*. México: Oceano, 2010.

¹⁸ DOSSE, François. *La marcha de las ideas. Historia de los intelectuales, historia intelectual*. Valência: PUV, 2006.

¹⁹ GOMES; HANSEN. Apresentação – Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo.

²⁰ RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Tradução Emir Sader. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 135.

envergadura de Octavio Paz renunciou à Embaixada da Índia e emergiu com maior força discursos acadêmicos contestatórios ao governo priísta.²¹

Posto isso, cabe ainda sublinhar que, conforme afirmou José Luis Bendicho Beired, as experiências revolucionárias gozaram, na América Latina durante o século XX, de legitimidade enquanto via de transformação política e social.²² Elemento que não esteve ausente na Revolução Mexicana. Esta se caracterizou por possuir um forte caráter nacionalista e por repensar seus problemas à luz de sua própria realidade. Os desejos por igualdade, justiça social, acesso à terra percorreram os ideários dos diferentes grupos envolvidos no conflito armado da década de 1910 e foram absorvidos pela “Revolução feita governo”.²³ Esta “Revolução feita governo” se autoproclamou defensora desses elementos ansiados pelas camadas populares e, de modo recorrente, lançou mão do passado revolucionário a fim de legitimar sua continuidade no poder. Assim, no discurso oficial, a Revolução iniciada em 1910 percorreu todo o século XX mexicano.

Diante desse quadro, salientamos um problema indicado pelo historiador mexicano Luis Barrón: a inexistência de delimitações precisas entre a história do México no século XX e a história da Revolução. Barrón assinala que os conflitos de periodização demonstram as diferentes maneiras de entender o que *foi* e o que *é* a Revolução Mexicana. Para além da reflexão teórica, o historiador afirma que existem batalhas políticas para definir os limites da Revolução Mexicana como conceito e, também, disputas em torno dela como um mito legitimador de certa ideologia e do governo. Com efeito, a Revolução pode ser abordada em, pelo menos, três frentes: 1) Como história, isto é, como um movimento social que alterou os rumos da experiência mexicana; 2) Como memória, a partir das interpretações sobre o processo revolucionário consolidadas e transmitidas pela tradição; 3) Como mito, ou seja, como uma ideologia hegemônica mobilizada pelos governos mexicanos entre 1940 e 1982. Assim, a forma como se responde à questão exposta acima diz muito sobre o posicionamento daquele que interpreta o processo revolucionário mexicano. Afinal, a Revolução como acontecimento contínuo reflete a instrumentalização e o uso que ela teve por parte do Estado.²⁴ Essas três frentes podem

²¹ Sobre as relações de Octavio Paz com a política mexicana, Cf. DORELLA, Priscila Ribeiro. *Octavio Paz: estratégias de reconhecimento, polêmicas políticas e debates midiáticos no México*. São Paulo: Alameda Editorial, 2014.

²² BEIRED, José Luis Bendicho. *Revolução e Cultura Política na América Latina*. In: DAYRELL, Eliane Garcindo; IOKOI, Zilda M. Gricoli. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996, p. 437.

²³ Expressão utilizada pelo historiador Jesus Silva-Herzog, como veremos no capítulo 3 da presente dissertação.

²⁴ BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución Mexicana*. México: FCE, CIDE, 2004, p. 19.

ser notadas em Guzmán, pois, como veremos, ele vivenciou a Revolução como processo social e político, participou das interpretações sobre essa experiência e, também, aderiu à ideologia oficial propugnada pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI). Em suma, nas próximas páginas, estaremos diante da Revolução como história, memória e mito.

No primeiro capítulo, intitulado *Martín Luis Guzmán: entre a Revolução e os “males” mexicanos*, analisamos a configuração do ambiente cultural mexicano nas primeiras décadas do século XX. Neste capítulo inserimos Martín Luis Guzmán no cenário intelectual nacional, traçamos um panorama da década de 1910 e do contexto revolucionário. Além disso, dispomos e refletimos sobre problemas cruciais que permearam o pensamento político de Martín Luis Guzmán e sua compreensão de nação. Como, por exemplo, o diagnóstico sobre a origem dos “males” mexicanos e como a Revolução se articulou a eles.

No segundo capítulo, intitulado *Representações da Revolução Mexicana e do poder nos romances de Martín Luis Guzmán: El águila y la serpiente* (1928) e *La sombra del Caudillo* (1929), abordamos as décadas de 1910 e 1920. Refletimos sobre aspectos de cunho teórico que perpassam as especificidades de nossas fontes, isto é, a memória e o romance. Além disso, buscamos compreender a forma como a experiência do exílio na Espanha – entre 1923 e 1936 – repercutiu sobre os posicionamentos políticos de Martín Luis Guzmán a respeito do México e a forma como isso foi mobilizado tanto na escrita de *El águila y la serpiente* (1928) quanto na de *La sombra del Caudillo* (1929).

No terceiro capítulo, cujo título é *Martín Luis Guzmán: a sedução do poder e os (des)caminhos em direção ao priísmo* intentamos compreender, sobretudo, a articulação entre trajetória político-intelectual e as noções de Revolução que emergem dos escritos de Martín Luis Guzmán entre os anos de 1936 e 1969. Nesse período, Guzmán paulatinamente se aproximou dos sucessivos governos do PRM-PRI, culminando com a defesa do governo de Gustavo Díaz Ordaz nos acontecimentos transcorridos em 1968. Essa aproximação influenciou também as acepções de Revolução apresentadas em seus escritos, porém isso não significa que os sentidos da Revolução Mexicana tenham se mantido os mesmos ao longo de tão extenso período. Assim, nas páginas que correspondem a esse intervalo de tempo, tematizaremos sobre a educação socialista, o liberalismo como encadeamento histórico entre a Reforma e a Revolução e, por fim, um balanço sobre o processo revolucionário.

Capítulo 1

Martín Luis Guzmán: entre a Revolução e os “males” mexicanos

1.1. Ambiente cultural: pensar a Revolução e o México nas primeiras décadas do século XX

Pensar e interpretar a Revolução Mexicana para quem a vivenciou como é o caso de Martín Luis Guzmán, torna sensível uma trajetória permeada por incidentes, que deixaram os caminhos menos lineares ou coerentes. Esses caminhos se fizeram pelas vicissitudes políticas, sociais, econômicas, pelos desejos e demandas pessoais. Portanto, imprescindível é, no presente capítulo, apresentar o escritor chihuahuense em seus anos de formação, o ambiente cultural e intelectual vivenciado em sua juventude, os quais influíram em seus escritos da década de 1910, marcada pela instabilidade e pelos conflitos armados mais intensos da Revolução.

A Revolução dispôs na ordem do dia questões que estavam sendo escamoteadas ou tratadas como menos importantes, ou simplesmente que não eram o foco do governo ditatorial de Porfírio Díaz (1884-1911).²⁵ Um conflito cujo início foi marcado por questões políticas,²⁶ mas sua extensão não se restringiu a elas, impactando os mais diversos setores da sociedade mexicana, entre eles o intelectual e o cultural. O México como nação estava sendo pensado desde o século XIX, a partir da consolidação de seu processo de Independência. Contudo, a Revolução da década de 1910 promoveu uma reelaboração das questões nacionais e modificou o modo de olhar para os problemas internos, além de promover uma renovação no quadro da intelectualidade associada ao poder estatal. Na perspectiva de muitos intelectuais da época, com a Revolução os mexicanos passaram a pensar os problemas à luz da própria realidade nacional.²⁷ Sobre

²⁵ O governo de Porfírio Díaz gozou de dois momentos, o primeiro de 1876 a 1880 e o segundo de 1884 a 1911.

²⁶ As ideias que nortearam o líder revolucionário Francisco I. Madero, no primeiro momento da Revolução em 1910, possuíram um fundo mais político que social ou econômico. A bandeira encabeçada por ele, a qual contribuiu para que o movimento deslanche nessa fase inicial foi o combate à reeleição presidencial de Porfírio Díaz e à defesa de instituições democráticas. Cf. CORDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*. México: Era, 1991.

²⁷ Segundo Patrícia Funes, o México, com a Revolução, fez-se ainda “mais mexicano”. Isso porque a guerra civil, além de ter trazido para o cenário político novos atores sociais, ocorreu na mesma década em que se desencadeou, na Europa, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Fato que reduziu a circulação de bens culturais do Velho continente para as Américas, como também colocou sob suspeita as concepções de “razão”, “civilização” e “progresso”. Ademais, o conflito mexicano se desenrolou, concomitantemente, a

isso Pedro Henríquez Ureña, em 1924, afirmou:

El nuevo despertar intelectual de México, como de toda la América Latina de nuestros días [1924], está creando en el país la confianza en su propia fuerza espiritual. México se ha decidido a adoptar la actitud de discusión, de crítica, de prudente discernimiento, y no ya de aceptación respetuosa, ante la producción intelectual y artística de los países extranjeros; espera, a la vez, encontrar en las creaciones de sus hijos las cualidades distintivas que deben ser la base de una cultura original.²⁸

Em consonância com essa alegação de Henriquez Ureña, o historiador Javier Garciadiego afirmou que os intelectuais mexicanos precisaram desenhar, modelar e defender sua própria Revolução.²⁹ Esse “pensar a Revolução Mexicana” – e em sentido abrangente o México – implicou em uma ampla associação dos intelectuais com o Estado. A historiadora Alicia Azuela de la Cueva, por sua vez, inseriu a construção da identidade nacional mexicana como um fenômeno pertencente à conjuntura histórica das primeiras décadas do século XX, em que, de maneira geral, a arte e a cultura contribuíram para o processo de conformação e de consolidação dos Estados nacionais no século XX, em âmbito internacional e como fruto da modernidade.³⁰

A Revolução Mexicana – segundo propôs Alicia Azuela – abriu espaço para um duplo desejo de artistas e intelectuais: atuar no contexto social a partir do campo da cultura e, ainda, assegurar um lugar político na nova ordem. Nesse intento, conforme salientou a pesquisadora, alguns artistas e intelectuais aproveitaram o ensejo e contribuíram significativamente para a construção do nacionalismo e do Estado nacional revolucionário.³¹

O intelectual cujas obras tomamos como objeto de estudo, em princípio, encontrou-se à margem dos reconhecidos projetos de reconfiguração da nação. Somente

fortes ameaças de invasão do Estados Unidos, a fim de garantir a manutenção das propriedades e negócios dos estadunidenses em território mexicano. Esses acontecimentos foram aspectos que contribuíram para o delineamento de uma identidade nacional. Sobre esse tema ver: FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006; CRESPO, Regina Aída. *Messianismos culturales*: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a nação. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo (USP), 1997.

²⁸ HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. La influencia de la Revolución en la vida intelectual de México. In: _____. *La utopía de América*. Caracas: Biblioteca de Ayacucho, 1989, p. 368-369. Grifos nossos.

²⁹ GARCADIAGO DANTAN, Javier. *Autores, editoriales, instituciones y libros*. Estudio de historia intelectual. México, D.F.: El Colegio de México, 2015, p. 61.

³⁰ AZUELA DE LA CUEVA, Alicia. *Arte y poder: renacimiento artístico y revolución social*. México: 1910-1945. México: El Colegio de Michoacán, Fondo de Cultura Económica, 2005, p. 15.

³¹ AZUELA DE LA CUEVA, Alicia. *Arte y poder: renacimiento artístico y revolución social*. México: 1910-1945, p. 42.

a partir da década de 1930 passou a ocupar um lugar de maior reconhecimento no quadro da intelectualidade mexicana, pois o que forneceu projeção intelectual a Martín Luis Guzmán foram, sobretudo, as suas narrativas da Revolução: *El águila y la serpiente* (1928) e *La sombra del Caudillo* (1929). Não obstante, a não ocupação de um lugar de reconhecimento na arena cultural no período anterior a 1930 não o inibiu de também pensar o México.³² Diante disso, salientamos que o foco desta dissertação é a relação entre o México e a Revolução nas obras de Martín Luis Guzmán em uma perspectiva histórica. Tornando-se fundamental a abordagem do ambiente cultural vivenciado pelo escritor – o qual contribuiu de maneira substantiva para sua formação – e a forma como ele se inseriu no cenário intelectual mexicano.

Martín Luis Guzmán, em seus tempos de Escola Nacional Preparatória³³ e também posterior a eles, esteve dentro da órbita de influência do Ateneu da Juventude,³⁴ um grupo de jovens estudantes vindos de diversas partes do México, que foram estudar no Distrito Federal. Inicialmente, mostraram-se dispostos a ler e discutir textos vinculados às humanidades, aspirando, segundo Susana Quintanilla,³⁵ uma “cultura mais moderna e universal”. Esse grupo ocupou um lugar de destaque na história cultural mexicana da primeira metade do século XX, em que alguns de seus membros se preocuparam em desenvolver uma cultura nacional, mas também pensá-la em perspectiva mais ampla, no contexto latino-americano.³⁶ Um dos principais pontos de identificação do Ateneu da Juventude foi o combate ao positivismo, linha filosófica e ideológica do regime porfirista.³⁷ Em virtude dessa oposição às concepções porfirianas e das novas propostas

³² Entre os estudiosos de Guzmán e, também, em correspondências entre os ateneístas, circulava a notícia de um caso amoroso entre o escritor chihuahuense e Elena Irene Arizmendi Mejía, amante e musa de José Vasconcelos. Esse rumor, ao que parece, pode ter contribuído para a exclusão de Guzmán dos projetos culturais empreendidos pelo secretário de Educação Pública entre os anos de 1921-1924.

³³ Martín Luis Guzmán foi estudante na Escola Nacional Preparatória, situada na Cidade do México, entre os anos de 1904 e 1908.

³⁴ A relação de Martín Luis Guzmán com o Ateneu da Juventude será abordada com mais detalhe no tópico “1.2. Sobre Martín Luis Guzmán: a bússola, a agulha e o norte”.

³⁵ QUINTANILLA, Susana. Los intelectuales y la política en la Revolución mexicana: estudio de casos. *Secuencia*, México, nº 24, setembro-dezembro, 1992, p. 55.

³⁶ Alfonso Reyes e Pedro Henríquez Ureña são nomes fundamentais dentre os ateneístas que buscaram compreender e pensar a América Latina, no primeiro caso vemos um movimento sobretudo de projetar o México no contexto latino-americano. Cf. DIAS, Natally Vieira. *A revolução mexicana nos debates político-intelectuais brasileiros: projeções, leituras e apropriações (1910-1941)*. Tese de doutorado em História (UFMG). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2015.

³⁷ Preconizada pelos *Científicos* – grupo intelectual ligado a Díaz –, o ideário político e intelectual predominante durante o Porfiriato foi o positivismo, cujo objetivo maior residia no desenvolvimento material do país. Dentro dessa concepção também se desenrolava os projetos e planos educacionais, buscando a formação técnica e profissional dos alunos. Nesta perspectiva, a filosofia e outras disciplinas concernentes às humanidades eram relegadas a um segundo plano ou até mesmo eliminadas do currículo escolar. Sobre esse tema ver: GARCIADIEGO DANTAN, Javier. *La educación pública entre el Porfiriato*

que traziam, Javier Garciadiego qualificou os ateneístas como os “primeros intelectuales de nuevo cuño”.³⁸

As atividades que envolviam o grupo que formou o Ateneu começaram a se desenrolar a partir de 1906 com a Revista *Savia Moderna*,³⁹ porém a associação seria constituída, efetivamente, somente em 1909. Assim, dentro desse marco de experiências compartilhadas, estavam sendo dispostas, paralelamente, as questões que dariam fôlego à Revolução⁴⁰ e à organização do Ateneu da Juventude.

Os membros do Ateneu possuíam formações profissionais bastante diversas, abarcando escritores, filósofos, advogados, arquitetos e engenheiros. Criado efetivamente em 28 de outubro de 1909, o Ateneu resistiu até meados de 1914 e o número de seus associados girou em torno de sessenta. A agremiação surgiu primeiro como sociedade de conferências, cuja inovadora proposta era difundir a cultura entre as diferentes camadas sociais, ademais ela também se envolveu em assuntos culturais e políticos. De acordo com Fernando Curiel, o movimento ateneísta ganhou visibilidade em virtude dessas bandeiras e do envolvimento com a política educacional.⁴¹ Com a queda de Porfírio Díaz, em 1911, o movimento se dispersou. Alguns ateneístas se pronunciaram favoravelmente em relação à anti-reeleição, como, por exemplo, Antonio Caso e Martín Luis Guzmán. Outros já demonstravam simpatia pelo maderismo: José Vasconcelos, Luis Castillo e Alfonso Craviotto e, posteriormente, como veremos, Guzmán.⁴² O huertismo⁴³ também

y la Revolución: de Justo Sierra a José Vasconcelos. In: _____. *Autores, editoriales, instituciones y libros*. Estudio de historia intelectual. México, D.F.: El Colegio de México, 2015.

³⁸ GARCIADIEGO DANTAN. *Autores, editoriales, instituciones y libros*. Estudio de historia intelectual, p. 61.

³⁹ *Savia Moderna* foi uma revista literária, cuja circulação se deu entre março e julho de 1906, publicando apenas cinco números. Criada por meio do esforço e do financiamento do advogado mexicano Alfonso Craviotto, *Savia Moderna* era vendida nas cinco livrarias mais afamadas da Cidade do México. Segundo a crítica literária Susana Quintanilla, Craviotto possuía vocação para buscar e reunir talentos: “cuando sabía de algún joven ignorado que empezaba a despuntar, no descansaba sino hasta dar con él e introducirlo al cenáculo”, assim, “el local de *Savia Moderna* se convirtió en el punto de reunión de prácticamente todos los jóvenes literatos que residían o estaban de paso en la ciudad de México”. A estudiosa acrescenta que, durante sua curta vida, *Savia Moderna* foi lugar de encontro de uma geração ainda sem rosto próprio, análogo a um ateliê para o aprendizado de um ofício, a revista foi como um filtro para a decantação das amizades. Cf. QUINTANILLA, Susana. “*Nosotros*”: la juventud del Ateneo de México. México, D.F.: Tusquets Editores México, 2008, p. 25-45.

⁴⁰ CURIEL DEFONSÉE, Fernando. El Ateneo de la Juventud en dos tiempos: porfirismo, Revolución. *Boletín del IIB*, vol. XVI, nº1 y 2, México, 2011. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Bibliográficas.

⁴¹ CURIEL DEFONSÉE. El Ateneo de la Juventud en dos tiempos: porfirismo, Revolución.

⁴² CURIEL DEFONSÉE. El Ateneo de la Juventud en dos tiempos: porfirismo, Revolución.

⁴³ Victoriano Huerta foi o general designado pelo presidente Francisco Madero, em 1912, para comandar o Exército nacional. Contudo, Huerta juntou-se aos conspiradores de fevereiro de 1913 e participou do golpe à incipiente democracia mexicana, assassinando Madero e usurpando o poder. Assim, o huertismo constituiu-se como um grupo contrarrevolucionário, defensor do governo golpista e, portanto, oponente dos exércitos constitucionalistas nos conflitos entre 1913-1914, quando finalmente foi derrotado.

atraiu um bom número de ateneístas, entre eles: José María Lozano, Rubén Valenti, Nemesio García Naranjo, Enrique González Martínez.

Para compreendermos o âmbito cultural em questão, no contexto das primeiras décadas do século XX, partiremos de uma retrospectiva da cultura mexicana realizada pelo “Sócrates” ateneísta, Pedro Henríquez Ureña, em 1924. Segundo o pensador dominicano, o processo de “libertação” intelectual e cultural do México teve início entre os anos de 1906 e 1911 com os jovens que se reuniram em torno do Ateneu da Juventude. Naquele período, consoante Henríquez Ureña, dominava uma espécie de “rigidez medieval”, em que a visão de mundo estava predeterminada pelas proposições de Auguste Comte, John Stuart Mill e Herbert Spencer. Ele afirmou que a verdade – no período porfirista – não existia fora do positivismo. Assim, fosse nos campos da ciência ou da arte, os únicos caminhos possíveis residiam na imitação daquilo que provinha da Europa. Mas, eis que os jovens reunidos no Ateneu pensavam de outra forma. Conforme Henríquez Ureña, eles constataram a necessidade de modificar a realidade, visto que sentiam a “opressão intelectual” – juntamente à política e à econômica – do governo porfirista. Contudo, o dominicano ressaltava que se tratava de uma mudança inicialmente no campo das ideias, já que eles ainda eram muito jovens para se lançarem aos cargos públicos.⁴⁴

Patricia Funes, em *Salvar la nación*, indicou que a leitura dos clássicos e o estudo sistemático das correntes filosóficas espiritualistas europeias,⁴⁵ pelos ateneístas, abriu espaço para a recepção da obra de José Enrique Rodó, *Ariel* (1900).⁴⁶ Do uruguaio tomaram e reforçaram a ideia do intelectual como “guia” – “maestro” – , orientador moral, educador dedicado à formação dos povos e ao desenvolvimento do espírito

⁴⁴HENRÍQUEZ UREÑA. La influencia de la Revolución en la vida intelectual de México, p. 368-369.

⁴⁵ O espiritualismo europeu remete às diversas doutrinas e aos pensadores cujo enfoque básico é a centralidade do “espírito” como instância fundamental da realidade. Dessa forma, entende-se que os “valores espirituais” possuem autonomia e influenciam a dimensão material. No período moderno, seus representantes de destaque são: Hermann Lotze e Henri Bergson. Para finalizar, destacamos que, no âmbito político, o espiritualismo costumava se notabilizar pela defesa da tradição e das instituições, pois estas eram compreendidas como uma espécie de manifestação do “espírito”. Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Diccionario de Filosofia*. 5ª edição. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 357.

⁴⁶ De acordo com Henríquez Ureña: “Entonces nos lanzamos a leer a todos los filósofos a quienes el positivismo condenaba como inútiles, desde Platón, que fue nuestro mayor maestro, hasta Kant y Schopenhauer. Tomamos en serio (¡oh blasfemia!) a Nietzsche. Descubrimos a Bergson, a Boutroux, a [William] James, a Croce. Y en la literatura no nos confinamos dentro de la Francia moderna. Leímos a los gregos, que fueron nuestra pasión. Ensayamos la literatura inglesa. Volvimos, pero a nuestro modo, contrariando toda receta, a la literatura española, que había quedado relegada a las manos de la provincia. Atacamos y desacreditamos las tendencias de todo arte pompier [...]”. HENRÍQUEZ UREÑA. La influencia de la Revolución en la vida intelectual de México, p. 369.

nacional.⁴⁷ Esses elementos foram fundamentais na conformação daquela geração, que, apesar de muitos não expressarem o desejo da “política pela política”, apresentavam a pretensão de difusão cultural e educacional, as quais figuravam como horizontes políticos e sociais.

Em 1912, o Ateneu da Juventude experimentou duas alterações expressivas tomando como referência os elementos que nos interessam, a saber, o nacionalismo e o significado da Revolução na juventude de Martín Luis Guzmán. Nesse ano, José Vasconcelos (maderista desde 1910) assumiu a presidência do Ateneu,⁴⁸ modificando, simbolicamente, o nome da associação para Ateneu do México. Sobre esse primeiro ponto, concordamos, em parte, com Carlos Cid Betancourt, que percebe na troca do nome de “Ateneu da Juventude” para “Ateneu do México” a compreensão, pelos agremiados, de seu papel como fundadores de uma nova maneira de observar a realidade mexicana e de impulsionar o crescimento cultural do país.⁴⁹ Consideramos, entretanto, necessário relativizar a expressão “fundadores”. Talvez uma interpretação mais apropriada para pensar a alteração do nome para “Ateneu do México” seja o estabelecimento de um compromisso maior com o desenvolvimento nacional por parte daqueles jovens – no caso de alguns deles, esse compromisso também pode ser resultante da experiência com o movimento revolucionário a partir de 1910, como foi o caso de José Vasconcelos e Luis Cabrera.⁵⁰

O segundo ponto é a criação da Universidade Popular Mexicana (UPM) em setembro de 1912.⁵¹ Dentro da concepção de aperfeiçoamento nacional e “espiritual” do México apresentada pelo Ateneu, a Universidade Popular trazia como lema uma frase de Justo Sierra: “La ciencia protege a la Patria”. Tratava-se de um intento representativo dos

⁴⁷ FUNES. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*, p. 114.

⁴⁸ José Vasconcelos permaneceu na presidência do Ateneu de México durante pouco tempo, basicamente durante o ano de 1912, pois, no início de 1913, aderiu aos conflitos revolucionários.

⁴⁹ BETANCOURT CID, Carlos. *Tras la sombra de una personalidad. El aprendizaje político de Martín Luis Guzmán*. 2006. Dissertação (mestrado) – Universidad Nacional Autónoma de México, Facultad de Filosofía y Letras, p. 48.

⁵⁰ Luis Cabrera (1876-1954) foi um importante intelectual e político mexicano. Desde o início dos conflitos armados de 1910, postou-se ao lado do constitucionalismo liderado por Venustiano Carranza e, posteriormente, fez parte do governo do *Primer Jefe de la Revolución* durante os anos de 1915 a 1920. Foi um dos grandes responsáveis pela formulação da Revolução como mito e, também, pela filiação de Carranza com a figura de Francisco I. Madero. Cf. BARRÓN, Luis. José Vasconcelos, Luis Cabrera y la Revolución Mexicana. *Historia y política: ideas, procesos y movimientos sociales*. Madrid, nº 11, enero-junio 2004, p. 107-130.

⁵¹ A Universidade Popular não deve ser compreendida como uma universidade nos moldes humboldtiano (ensino, pesquisa e extensão). A ideia desse projeto ateneísta era estender o acesso a diferentes conhecimentos por meio de palestras e conferências às variadas camadas sociais, enfatizando os setores mais desfavorecidos economicamente.

anseios daqueles jovens e, como afirmou Miguel Lisbona Guillén,⁵² embora a nova instituição pudesse ser somada aos esforços do período pré-revolucionário, ela também adquiriu variadas conotações dos discursos políticos e sociais do contexto pós 1910. A Universidade se propôs a realizar conferências, seminários, palestras que tivessem como alvo a população – de trabalhadores urbanos a um público mais culto. Seu objetivo principal consistiu na difusão cultural e de outros tipos de saberes, tais como higiene e medicina preventiva.⁵³ A missão da Universidade Popular Mexicana⁵⁴ foi pronunciada por Alfonso Reyes na abertura da conferência intitulada “La policía en las sociedades modernas”, realizada na manhã do dia 28 de janeiro de 1913:

La Universidad Popular, fundada por el Ateneo de México, es una institución, cuyo objeto es satisfacer, entre los no privilegiados de la sociedad para quienes no están hechas las escuelas superiores y profesionales, las necesidades espirituales de todo hombre moderno, necesidades que no pueden quedar satisfechas con las someras enseñanzas de la escuela primaria. Su papel es semejante al de las escuelas superiores. Mas no da títulos como ellas ni, como ellas, está obligada a confinarse dentro de determinadas ciencias. Por lo cual, es más amplia y elástica y puede atender más directamente las necesidades actuales del pueblo: no escuela de técnicos, sino escuela para ciudadanos.⁵⁵

Guzmán esteve associado intimamente à Universidade Popular por um curto período, em virtude de seu envolvimento com a Revolução. Na instituição, desempenhou o cargo de secretário, sendo que, além dele, podemos elencar como responsáveis por esse projeto Alberto J. Pani, na função de reitor, e Alfonso Pruneda, como vice-reitor.⁵⁶ O historiador Miguel Lisbona Guillén indicou que a Universidade Popular Mexicana se propôs a preparar novos tipos de cidadãos. Para ilustrar tal aspecto, ele recuperou uma citação de José Rodó realizada por Pedro Henríquez Ureña: “La educación es el arte de la transformación ordenada y progresiva de la personalidad”.⁵⁷ Nessa lógica, reforçando

⁵² LISBONA GUILLÉN, Miguel. Transformar desde la educación: el ejemplo de la Universidad Popular Mexicana en la Revolución. *Península*, vol. V, nº 12, otoño de 2010. (Reseña), p. 172.

⁵³ KRAUZE, Enrique. *Caudillos culturales en la Revolución mexicana*. 5a. ed., México: Siglo XXI, 1985.

⁵⁴ “La escuela primaria no puede satisfacer las necesidades de ningún hombre actual. Para colmar este anhelo de mayor cultura, los privilegiados de la sociedad cuentan con escuelas superiores y profesionales. Mas los no privilegiados que forman el pueblo, que tiene que atender de preferencia al diario sustento, no van a la escuela. Si el pueblo no puede ir a la escuela, la escuela debe ir al pueblo. Esto es la Universidad Popular, la escuela que ha abierto sus puertas y derramado por las calles a sus profesores para que vayan a buscar el pueblo en sus talleres y en sus centros de agrupación”. Fragmento do folheto de *La Universidad Popular Mexicana y sus primeras labores* (1913) citado por: KRAUZE, Enrique. *Caudillos culturales en la Revolución mexicana*, p. 49.

⁵⁵ CURIEL DEFOSÉE, Fernando (org.). *Conferencias del Ateneo de la Juventud*. Prólogo, notas y recopilación de apéndices de Juan Hernández Luna. México: Universidad Autónoma de México, 2000, p. 387.

⁵⁶ CURIEL DEFOSÉE. *Conferencias del Ateneo de la Juventud*.

⁵⁷ LISBONA GUILLÉN, Miguel. Transformar desde la educación: el ejemplo de la Universidad Popular

as assertivas de Torres Aguilar em seu livro *Cultura y Revolución: la Universidad Popular Mexicana*,⁵⁸ Lisbona Guillén ressaltou a missão da Universidade Popular como “ato civilizatório”, em que os ateneístas buscavam construir um “novo mexicano”, o qual seria racional, saudável, alheio aos vícios e consciente de seu papel dentro da sociedade.⁵⁹

A Universidade Popular durou dez anos e esteve suscetível às turbulências daquele período: os exílios dos membros do Ateneu, a adesão aos grupos revolucionários.⁶⁰ Alguns se mantiveram na Cidade do México e deram prosseguimento – ainda que de maneira conturbada – às atividades, incorporando a nova geração de intelectuais que surgia na década de 1910. Todavia o grupo que constituía, propriamente, o Ateneu se dissolveu definitivamente em 1914.⁶¹ Krauze fez uma síntese bastante pertinente ao se referir à politização experimentada pelo grupo no período que se estendeu de 1910 a 1914 e as próprias propostas de intervenção no ambiente social mexicano:

Eminentemente política y ya insertada en un momento de conciencia social de la Revolución es la fundación de la Universidad Popular, proyecto que jamás había sido pensado o propuesto en tiempos de paz porfiriana. El ingreso casi global de los ateneístas a los puestos públicos, durante el régimen de Victoriano Huerta, resulta la prueba más clara de la politización de su proyecto: un intento de “sofocracia”.⁶²

Esse empenho de “renovação espiritual” durante os confrontos armados foi caracterizado por Pedro Henriquez Ureña como “nuestra revolución filosófica, literaria y artística” que não havia sido completada naquele período. Não é nosso objetivo aqui, porém cabe salientar que o referido texto de Henríquez Ureña se trata – também – da construção de uma memória dos ateneístas e, mais que isso, da construção de um lugar social: nos discursos pronunciados pelos membros da agremiação foram eles que levaram a cabo uma revolução no ambiente cultural mexicano a partir de 1906. Como afirmou Regina Crespo,⁶³ o grupo, de fato, foi responsável pelo distanciamento do positivismo,

Mexicana en la Revolución, p. 172.

⁵⁸ TORRES AGUILAR, Morelos. *Cultura y Revolución: la Universidad Popular Mexicana (Ciudad de México, 1912-1920)*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2010.

⁵⁹ LISBONA GUILLÉN, Miguel. Transformar desde la educación: el ejemplo de la Universidad Popular Mexicana en la Revolución. Península, p. 175.

⁶⁰ Segundo Enrique Krauze, a Universidade Popular Mexicana até o mês de fevereiro de 1913 havia organizado seis conferências. Apenas em 1916 a Universidade voltaria ao número de atividades que inicialmente tinha se proposto, mas agora com novos membros. Ver: KRAUZE. *Caudillos culturales en la Revolución mexicana*, p. 49.

⁶¹ KRAUZE, Enrique. *Caudillos culturales en la Revolución mexicana*.

⁶² KRAUZE, Enrique. *Caudillos culturales en la Revolución mexicana*, p. 51.

⁶³ CRESPO, Regina Aída. *Messianismos culturales*: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a nação. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo (USP), 1997, p. 62-63.

pela introdução de outras correntes de pensamento e, também, pela formulação de distintos e importantes projetos culturais no México pós-revolucionário. Porém, como ponderou Carlos Monsivais, é preciso matizar a participação dos ateneístas⁶⁴ e, sobretudo, o caráter do envolvimento revolucionário que os membros tiveram com o conflito, visto que não foram muitos os que aderiram ou cooperaram com os revolucionários.⁶⁵ O historiador Javier Garciadiego apontou alguns aspectos que demonstram essa limitação e parcialidade da identificação dos ateneístas com a Revolução: a) muitos dos jovens pertenciam à elite porfiriana; b) parte das autoridades educativas porfiristas – como Justo Sierra – aderiram e protegeram os intentos dos ateneístas; c) quando estalou a luta revolucionária, quase todos os ateneístas repudiaram a violência e preferiram apoiar aos governos de Porfírio Díaz e Victoriano Huerta.⁶⁶

Enfim, o que queremos sublinhar nesse primeiro momento é que a educação já era uma questão constitutiva dos preceitos do Ateneu da Juventude em seus breves anos de funcionamento, de 1909 a 1914. Era por meio da educação que a “renovação espiritual” seria operada no México. Essa característica se projetou de maneira crucial sobre Martín Luis Guzmán e se apresenta como projeto em seu primeiro opúsculo, *La querella de México*, publicado por ele em 1915 – o qual será foco de nossa análise logo mais, no tópico 1.3 –, outro fator que mostra a centralidade da educação para o jovem Guzmán é sua já referida participação na criação da Universidade Popular Mexicana.

Dentro dessa linha argumentativa, recorreremos a um texto de crítica literária escrito e publicado por Martín Luis Guzmán originalmente em 1917, intitulado *Alfonso Reyes y las letras mexicanas*. Nessa crítica, o escritor retomou os preceitos do Ateneu da Juventude. Seu elogio à literatura de Alfonso Reyes se sustentava nas características preconizadas pelos ateneístas: a seriedade como marca pessoal, a capacidade de se entregar aos estudos com dedicação, aprender os distintos temas em primeira mão, a intolerância com a improvisação, entre outros aspectos.⁶⁷ Para o escritor chihuahuense, o Ateneu, em princípio, se mostrou como a “primeira cristalização de uma cultura nacional vernácula abreviada nas culturas clássicas, antigas e modernas”.⁶⁸ Ele observou que essa

⁶⁴ MONSIVÁIS, Carlos. El Ateneo de la Juventud. In: _____. *Historia mínima de la cultura mexicana en el siglo XX* (edición preparada por Eugenia Huerta). México: El Colegio de México, 2010.

⁶⁵ Sobre a adesão dos ateneístas aos conflitos revolucionários ver: QUINTANILLA, Susana. Los intelectuales y la política en la Revolución mexicana: estudio de casos. *Secuencia*, México, nº 24, setembro-dezembro, 1992, p. 47-74.

⁶⁶ GARCIADIEGO DANTAN. *Autores, editoriales, instituciones y libros*. Estudio de historia intelectual.

⁶⁷ GUZMÁN, Martín Luis. *Otras páginas*. In: _____. *Obras Completas I*. 4ª ed. México: FCE, INEHRM, 2010, p. 425.

⁶⁸ GUZMÁN. *Otras páginas*, p. 426.

primeira impressão foi fragilizada pelos conflitos da década de 1910. Todavia, tendo como pretexto a obra recém-publicada por Reyes, *El suicida*, naquele ano de 1917, afirmou:

Después de varios años de mar deshecha parece que los maderos de la balsa se afirman de nuevo, con otros que la tempestad misma ha juntado. De lejos unas, de cercas otras, las voluntades dispersas vuelven a coordinarse hacia el fin primero. La perspectiva sigue descubierta y todavía hay motivos para que los ojos se fijen en la lontananza.⁶⁹

Ao que parece, Martín Luis Guzmán percebia o Ateneu como um grupo detentor de potência para dar vazão ao desenvolvimento da nacionalidade mexicana nos diferentes âmbitos culturais e sociais. Entretanto, esse germe havia sido abalado, em alguma medida, pelos conflitos revolucionários, mas após a fase mais intensa, as vontades, ainda que dispersas geograficamente, pareciam voltar a se articular. Alfonso Reyes representava, para Guzmán, a possibilidade de um delineamento da literatura nacional, já que para ele – no ano de 1917 – não se podia afirmar a existência de uma literatura eminentemente mexicana. Assim, ele indicou:

Alfonso Reyes rompe nuevo surco para la literatura mexicana llevando a la práctica, en buena parte por lo menos, los preceptos tácitos del grupo de escritores a que pertenece [Ateneu]. Con su pluma profesional y sabia, que hacen más elocuente, más atractiva, más grata las cualidades superiores de su espíritu, está marcando la entrada del verdadero camino, el camino que Herder⁷⁰ hubiera señalado: el estudio extenso y atento de todas las literaturas, lo mismo antiguas que modernas, para acostumar los ojos a la oculta luz que nos descubre las formas reales, eternas. Hecha la mirada a los rayos de esa luz, fácil será encontrar la realidad patria a través de la visión interior y construir la nueva forma adecuada a la nueva materia.⁷¹

Em nossa análise, no fragmento acima, Guzmán estabelece uma relação entre o Ateneu, o mito da caverna de Platão e a nacionalidade. O romancista se apropria do vocabulário platônico, conhecido por seu caráter universal, para apreender o particular. Nesse sentido, a literatura teria como função fornecer o conhecimento da realidade

⁶⁹ GUZMÁN. *Otras páginas*, p. 426.

⁷⁰ Johann Gottfried Herder (1774-1803) foi um importante expoente do historicismo alemão, o qual defendeu que a função dos estudos históricos era compreender as particularidades dos diferentes povos. Além disso, esse pensador trazia uma concepção interessante de cultura, que converge com as propostas de Martín Luis Guzmán e, também, dos ateneístas: “A cultura de um povo é a flor da sua existência, pela qual ele se revela numa forma deveras agradável, mas transitória”. HERDER, Johann Gottfried. *Ideias para a filosofia da história*. In: GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, p. 49.

⁷¹ GUZMÁN. *Otras páginas*, p. 427.

nacional. Ou seja, um dos méritos de Reyes seria sua capacidade de contribuir, por meio de sua escrita, para a formação da literatura mexicana. Em termos platônicos, Reyes, pela mediação do estudo das literaturas estrangeiras, teria trazido à luz algo que estava encoberto e que poderia iluminar as realidades pátrias trazendo novas formas mais adequadas ao México, estabelecendo, portanto, um claro discurso sobre a nação.⁷²

Ao longo desse tópico, buscamos apresentar o ambiente cultural no qual o Martín Luis Guzmán esteve inserido e a repercussão deste contexto na constituição de seu pensamento. Nessa perspectiva, concordamos com Fernando Curiel quando ele escreve: “Inconstante y extemporáneo, Guzmán es sin embargo producto esmerado de lo que el Ateneo fraguó y realizó pero también fantaseó en torno a la cultura (no sólo literatura) nacional durante la última década del porfirismo y las dos primeras de la revolución”.⁷³

1.2. Sobre Martín Luis Guzmán: a bússola, a agulha e o norte

A bússola é um objeto que tem por função a orientação geográfica. Nela há marcações dos pontos cardeais e a agulha indica sempre o Norte. Seu funcionamento se baseia na combinação entre o magnetismo da agulha e o magnetismo da Terra. Em *Apunte sobre una personalidad*, discurso de posse na *Academia Mexicana*, em fevereiro de 1954, Martín Luis Guzmán emprega a metáfora da bússola para conferir sentido e coerência à sua trajetória político-intelectual:

Desde entonces, dos frases de aquellas explicaciones paternas se le grabaron indeleblemente, pero las dos casi unidas en una sola, sin saber él por qué: “Ser un liberal”, “Tener un norte como las brújulas”.⁷⁴

Essa trajetória seria permeada pelo ideário político liberal, designado por ele,

⁷² Já em um contexto bastante posterior, 1958, Emmanuel Carballo entrevistou Guzmán e o inquiriu sobre a existência de uma literatura eminentemente mexicana: “Una literatura ya formada, con personalidad nacional, creo yo que sí existe. Es, como la pintura, producto de la Revolución. Esas características las advertimos en las obras que cuentan ese enorme drama que se inició en 1910. Hasta ese momento México no poseía una personalidad consciente de sí misma. La Revolución viene a completar el impulso nacionalizador iniciado con la Independencia y continuado espiritualmente con la Reforma. Después de la cosecha del Ateneo y de la literatura que produjo directamente la Revolución no ha surgido, en conjunto, un movimiento que signifique cualitativamente algo mayor”. Cf. CARBALLO, Emmanuel. *Protagonistas de la literatura mexicana*. Cidade do México: Secretaría de Educación Pública, 1986, p. 85.

⁷³ CURIEL DEFONSÉE, Fernando. *Martín Luis Guzmán, discípulo de Clío*. UNAM, Facultad de Filosofía y Letras, Licenciatura en Historia, 1994, p. 7.

⁷⁴ *Apunte sobre una personalidad*. Discurso pronunciado por Martín Luis Guzmán na Academia Mexicana no dia 19 de fevereiro de 1954. In: GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002, p.633-651.

como seu Norte. Tal como a agulha da bússola se reposiciona – mantendo o Norte como orientação –, acreditamos que essa característica tem nuances variadas ao longo da trajetória de vida do escritor, com tons, às vezes mais fortes e outras vezes mais amenos, talvez, até inexistentes em alguns momentos. Contudo, um ponto é claro, naquele período de sua vida – anos 1950 – e diante daquelas pessoas, era assim que desejava se auto-representar: portador de um ideário de forte vigência no imaginário político mexicano – tanto do século XIX como do XX. Para onde mais a bússola de Guzmán apontaria? Existiria de fato uma coerência em sua trajetória intelectual e política?

Pretendemos neste tópico apresentar Martín Luis Guzmán, suas aproximações intelectuais e sua trajetória política. Para compreender a concepção de Revolução Mexicana expressa nas obras do escritor chihuahuense, é preciso também observar elementos pertinentes à vida do autor, seus itinerários e posicionamentos políticos. Guzmán, como já apontamos no tópico 1.1, fez parte do Ateneu da Juventude. Porém, cabe assinalar que a aproximação dele com o grupo foi gradual e um pouco inconstante. Esses aspectos podem ser observados, por exemplo, em um conto que Alfonso Reyes escreveu especificamente sobre Martín Luis Guzmán, em 1913:

Estrella de Oriente

[...]

Yo conocí un hombre *turbador*, en este sentido de la palabra. Turbador cuando hablaba, si callaba, si contemplaba; turbador a cualquier hora del día; quieto o en movimiento; en burlas o en veras, turbador.

Había en él una rara mezcla de la fortaleza que vence y la melancolía que adormece. Su alma estaba llena de lejanías como llanuras, con el eco de un lamento hacia el brumoso horizonte de la conciencia. Sólo faltaban en él profundidades y honduras de esas donde, en sombras violáceas, aletean los fuegos de la pasión. Era él como un lago fácil. En sus ojos claros no había protesta. Su vida parecía una queja a los lejos.

[...]

Entre amigos – sin que él lo supiera – le llamábamos Estrella de Oriente: así quedaba bien definida su alma rara y luminosa.

[...]

Cuando comenzó nuestra amistad solíamos encontrarlo, todas las noches, colgado a la reja de la novia. Éramos para él algo como un ideal y, más que una amistad efectiva, la promesa de una amistad. Se nos acercaba a beber un poco de esperanza, y parecía alejarse muy inquieto. Los fermentos de nuestro trato todavía lo envenenaban un poco, cual los primeros efectos de una vacuna espiritual. Sentíamos que dividía su alma entre su novia y nosotros, y todas las noches nos saludaba desde la reja romántica y nos veía pasar con ojos ambiciosos.

Un día desapareció. Lo buscamos junto a la reja, pero la reja estaba cerrada. Tejiendo datos, llegamos a comprender que Estrella de Oriente se encontraba – casado ya – en los Estados Unidos. Que era canciller de un Consulado en algún pueblo pobre. Que él mismo hacía de criado, barría la oficina, regaba la calle por las mañanas y salía a comprarle tabaco al viejo cónsul.

Era la suya una existencia de recogimiento y serios propósitos intelectuales; porque, como el esclavo estoico, movía la rueda con las manos, pero dejaba al alma toda su preciosa libertad [...].⁷⁵

Este texto traz alguns dados biográficos sobre Guzmán: o fato de que enquanto os jovens ateneístas se reuniam na casa de Antonio Caso, ele estava com sua namorada, Ana West. Conjuntamente, narra sobre a sua ida para os Estados Unidos, logo após o casamento, a fim de trabalhar no consulado mexicano na cidade de Phoenix, Arizona. Nesta cidade permaneceu até a morte de seu pai, em dezembro de 1910, quando retornou à Cidade do México. O pai de Guzmán, coronel Martín Luis Guzmán Rendón, foi provavelmente o primeiro oficial a morrer nos confrontos revolucionários. Isso deixou algumas marcas no escritor e, ainda, foi um dos elementos muito utilizados pelos pesquisadores das trajetórias de Alfonso Reyes e Martín Luis Guzmán para criar um paralelismo entre as experiências dos dois ateneístas.⁷⁶

Retomando o conto de Reyes, o que atrai nosso olhar é, sobretudo, a forma como o poeta apelidou Guzmán: *Estrella de Oriente*.⁷⁷ Podemos dizer que a expressão nos permite pensar que Guzmán possuía, na perspectiva de Reyes, traços de personalidade que soavam para o grupo como exóticos ou mesmo uma postura distante. Não obstante, ainda assim, os companheiros ateneístas percebiam nele um forte interesse pelas reflexões filosóficas e culturais, fato que fica evidenciado em cartas trocadas entre Reyes e Pedro Henríquez Ureña entre os anos de 1908 e 1909;⁷⁸ tampouco resta dúvidas de que Guzmán

⁷⁵ REYES, Alfonso. *Estrella de Oriente*. In: _____. *Obras completas*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1956. Tomo III, p. 73. Grifos nossos.

⁷⁶ O coronel federal Guzmán Rendón morreu após os confrontos com os revolucionários maderistas, que se encontravam em Cañon de Malpaso, norte do México. Enquanto, Bernardo Reyes, pai de Alfonso Reyes, importante político e militar do período porfirista, foi assassinado pelas forças leais a Francisco Madero, no início da *Decena Trágica* (sobre a *Decena Trágica*, ver nota 92). Para além disso, outros elementos de associação entre as trajetórias dos referidos autores são: os estudos na Escola Nacional Preparatória na Cidade do México, a pertença ao Ateneu e o período de exílio comum na Espanha (1915-1916), onde residiram no mesmo edifício e escreveram em parceria – utilizando o pseudônimo *Fósforo* – uma das primeiras colunas sobre cinema, que foi publicada no jornal de propriedade do filósofo espanhol Ortega y Gasset.

⁷⁷ Em 1957, Alfonso Reyes escreve uma retratação acerca desse mesmo texto: “*Estrella de Oriente* (1913) y *La reina perdida* (1914) son fantasías que no requieren muchas explicaciones. Por mera travesura, dejé correr entre los íntimos la especie de que la *Estrella de Oriente* era más o menos una caricatura sutilizada y transcendida de cierto amigo a quien siempre he considerado con afecto y de quien el vaivén de los años nunca he me alejado. Él, que es todo un varón, lo tomó a risa y fue el primero en celebrarlo. Su vida ha venido a ser la más completa negación del dulce fracaso que yo quise imaginar en mi cuento” (REYES, Alfonso. In: CURIEL, Fernando (compilador). *Guzmán-Reyes, Medias palabras: correspondencia, 1913-1959*. México, UNAM, IIF, 1991, p.68). Como advertido pelo pesquisador mexicano Fernando Curiel, não houve nenhuma “celebração”. Para o representado, o conto foi visto como uma “punhalada”.

⁷⁸ Martínez, José Luis (compilador). *Alfonso Reyes, Pedro Henríquez Ureña. Correspondencia, 1907-1914*. México: FCE, 1986.

compôs o grupo, como expresso em correspondência trocada também entre os outros dois referidos membros:

Ampliación del Ateneo para fines como el de la Universidad. Sus actuales miembros son: sesenta. María Enriqueta, Alba Herrera, Araiza, Acevedo, Alarcón, Arenales, Argüelles (Roberto), Caso, Barajas, Bravo Betancourt, Rafael Cabrera, Quinto, Ledón, Paco César, Colín, Cravioto, Chocano, Dávalos, Escofet, Fabela, González Peña, Gómez Robelo, González Martínez, González Blanco, González Roa, Enciso, *Martín Luis*, Herrán, Carlos Lozano, José María Lozano, los dos Mariscal, Méndez Rivas, Mediz Bolio, Novoa, Juan Palacios, Eduardo Pallares, Parrita, Pani, Manuel Ponces, Pruneda, Quijano, Rebolledo, Rivera, Leopoldo de la Rosa, Reyes, Salazar, Silva Aceves, Teja Zabre, Torri, Francisco de la Torre, Urueta, Urbina, Vasconcelos, Velaázquez (Miguel A.), Ángel Zárraga. Único muerto: Jesús Castellanos. Renunciados: Jenaro Fernández, Emilio Valenzuela, Nemesio. No aceptaron: Valenti y Xicoy. Borrado de lista por no asistir: Enrique Escobar.⁷⁹

Nessa missiva enviada por Pedro Henriquez Ureña a Alfonso Reyes, em 29 de outubro de 1913, o remetente narrava a história do Ateneu e do âmbito cultural mexicano na primeira década do século XX. O propósito era fornecer a Reyes material para a escrita de um artigo cujo tema fosse a associação – *Nosotros*, publicado em 1914. Em virtude da participação intermitente de Martín Luis Guzmán, alguns estudiosos questionam a efetividade de seu pertencimento ao Ateneu da Juventude. José Luis Martínez,⁸⁰ embora tenha sustentado o compartilhamento de experiências culturais entre o chihuahuense e os membros mais destacados do grupo, afirmou, sem maiores explicações, que o escritor possuía poucas afinidades ideológicas com eles. Susana Quintanilla – em sua biografia sobre o intelectual – fez uso do diário de Pedro Henriquez Ureña (1911), em que este descreve Guzmán entre os “casi-ateneístas” para qualificá-lo dessa maneira.⁸¹ De tal modo que, ela atribuiu sua inclusão em *Nosotros* ao “nível mínimo do Ateneu”, como um ato de cordialidade de Reyes e uma sugestão de Henríquez Ureña.⁸² Nós, em contrapartida, levamos em conta o pressuposto geracional – das experiências partilhadas – e o reconhecimento facultado pelos próprios companheiros de geração,⁸³ tal como

⁷⁹ HENRIQUEZ UREÑA, Pedro. In: Martínez, José Luis (compilador). Alfonso Reyes, Pedro Henriquez Ureña. Correspondencia, 1907-1914. México: FCE, 1986, p. 227-228. Grifos nossos.

⁸⁰ MARTÍNEZ, José Luis. La obra de Martín Luis Guzmán. In: _____. *La literatura mexicana. Siglo XX, 1910-1949*. México: Conaculta, 2001, p. 199-204.

⁸¹ QUINTANILLA, Susana. *A salto de mata*. Martín Luis Guzmán en la Revolución Mexicana. México: Tusquets, 2009.

⁸² QUINTANILLA. *A salto de mata*. Martín Luis Guzmán en la Revolución Mexicana, p. 178.

⁸³ Além disso, um outro ateneísta, o filósofo Antonio Caso, ao escrever para Reyes incluiu mais uma vez Guzmán dentro da agremiação: “Nuestro grupo se ha disuelto: usted [Alfonso Reyes] en París, Martín [Luiz Guzmán] en la revolución, Pani en la revolución, Vasconcelos en la revolución, Pedro [Henríquez Ureña] en vísperas de marchar a Londres, [Jesús T.] Acevedo y Julio Torri dirigiendo la administración postal, yo

demonstrado nas epístolas acima referidas. Desta forma, reputamos Guzmán como ateneísta. Porém, assim como Fernando Curiel, consideramos que a participação de Guzmán se deu de forma tardia e inconstante a partir de 1911, tendo ele, inclusive, exercido nesse período o papel de secretário da Universidad Popular Mexicana.⁸⁴

Em entrevista a Eduardo Blanquel, em 1971, Guzmán afirmou existir uma inquietude por volta de 1908:

Había en nosotros una inquietud, pero algo perfectamente claro, no. Éramos enemigos de aquel *status quo* [porfirismo], pero no sabíamos qué podía hacerse. Pero sí creo que la inquietud espiritual que trajo la Revolución se inicia en 1908, por que se refiere a los estudiantes y a la clase intelectual de México. A la obrera no: ya habían ocurrido los sucesos de Cananea [1906] y de Río Blanco.⁸⁵

Naquele ano, 1908, aconteceu a passeata das Antorchas, promovida pelos estudantes, em comemoração ao dia da Independência do país. Para realizá-la, eles tiveram que pedir autorização a várias pessoas na hierarquia educacional do Distrito Federal, sendo que o evento somente pôde ocorrer com a aprovação de Porfírio Díaz, que, segundo Guzmán, advertiu: “Muy bien, muchachos, hagan su desfile, digan sus discursos, pero tengan cuidado, mucho cuidado, porque hay en este pueblo atavismos dormidos, que si despiertan, nadie volverá a llevarlos al reposo en que ahora se encuentran”.⁸⁶ Bem, em dois anos esses “atavismos” se apresentariam de forma mais contundente e irremediável no âmbito político mexicano.

Ainda em 1908, Guzmán começou a trabalhar em *El Imparcial*, jornal de orientação porfirista e dirigido por Rafael Reyes Spíndola. A linha diretiva naquela ocasião era: favorecer a reeleição de Díaz e Ramón Corral para presidência e vice-presidência da República, respectivamente, e, também, desfazer as pretensões daqueles que ansiavam por Bernardo Reyes para o último posto.⁸⁷ Nesse primeiro momento, Guzmán foi atraído pelo *corralismo*.⁸⁸ Em correspondência trocada com Alfonso Reyes,

[Antonio Caso], solo, completamente solo”. Antonio Caso a Alfonso Reyes, 14 de diciembre de 1913, en *Plural*. Citado por KRAUZE, Enrique. *Caudillos culturales en la Revolución mexicana*, p. 57-58.

⁸⁴ CURIEL DEFOSSÉ. *Martín Luis Guzmán, discípulo de Clío*.

⁸⁵ GUZMÁN, Martín Luis. Entrevista con Martín Luis Guzmán. In: _____. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002. Entrevista concedida a Eduardo Blanquel em maio de 1971, p. 660.

⁸⁶ GUZMÁN, Martín Luis. Entrevista con Martín Luis Guzmán. Entrevista concedida a Eduardo Blanquel em maio de 1971, p. 660.

⁸⁷ QUINTANILLA, Susana. *A salto de mata*. Martín Luis Guzmán en la Revolución Mexicana, p. 86.

⁸⁸ Conforme Javier Garciadiego, em princípios do século XX, a crise do sistema político porfirista em parte

em 4 de março de 1913, Guzmán qualificou essa incipiente inclinação política como: “mi corralismo tan inofensivo como estúpido”. Essa foi a primeira missiva trocada entre os ateneístas. Nela o escritor chihuahuense intencionava se desculpar com Reyes.⁸⁹ Ele, então, narra seu envolvimento, aparentemente, não desejado com aquele grupo:

[...] los hechos son estos: a principios de 1909, me encontré una tarde casualmente, en la esquina de Santa Tereza y el Reloj, a Escobar y a Orcí (un estudiante de leyes entonces), quienes me invitaron para ir, a establecer un *club reeleccionista* en Tizapán. Yo acepté, irreflexivamente, torpemente, estúpidamente si se quiere, pero sin la más ligera sombra de un propósito, ya no digo personal, ni siquiera político; sin ninguna maldad. [...]

Pocos días después me decía el manco Escobar que me había hecho inscribir en la lista de los jóvenes que formaban en la lista de los jóvenes que formaban parte del Partido Reeleccionista. Yo contesté que *lo oía* (como se dice en los tribunales) y volví a pensar más en el asunto. Días más tarde tuve que ir, en calidad de repórter de *El Imparcial* – allí trabajaba entonces – a tomar datos de una reunión reeleccionista que se celebraba en la casa de Valezuela, donde me encontré con las mismas gentes. [...] Se habló de hacer una manifestación y me pidieron que fuera en ella orador; yo supliqué que se me dispensara, y esto no porque temiera ninguna mala consecuencia, sino meramente por repugnancia a obrar; insistieron ellos y yo pedí tiempo para resolver. Mientras unos hablábamos y comíamos – la cuestión política había terminado – otros redactaron la nota que había de publicarse en *El Imparcial* y, ya hecha, me la entregaron. Yo me di de santos.⁹⁰

Trata-se de uma carta extensa, em que Guzmán explicou variados detalhes. Entre esses está o encontro que o chihuahuense teve com Henriquez Ureña, no qual o dominicano reprovou as escolhas do discípulo e o advertiu, visto que defendia a

se deveu ao envelhecimento de Díaz e de seu grupo de apoio, bem como ao estreitamento dos mecanismos de renovação e inserção ao aparato governamental. Nessa conjuntura, os políticos porfirianos estavam divididos em dois grupos: o dos “científicos”, decisivos nos âmbitos da economia e educação, e o outro, encabeçado por Bernardo Reyes, “artífice del progreso en el noroeste del país y responsable de la modernización, la disciplina y la despolitización del Ejército Federal”. Segundo o historiador mexicano, quando o problema da sucessão adquiriu importância – isso por volta de 1903 –, Díaz rompeu com a imparcialidade frente às duas equipes acima mencionadas e escolheu um “sucessor virtual” mediante a figura da vice-presidência. Escolheu, então, um membro do grupo dos “científicos”, Ramón Corral. Tal decisão o obrigou a reduzir a força política e as cotas de poder do grupo “reyista”. Dessa forma, esse último grupo passou para a oposição, representando certo perigo, por sua capacidade, experiência e prestígio. Essa cisão promoveu ainda mais a fragilidade do porfirismo. É preciso salientar que o cargo para vice-presidência existiu na Constituição de 1824, mas desapareceu na Constituição de 1857, foi restabelecido através do decreto de 06 de maio de 1904 e, novamente, foi abolido na Constituição de 1917. Diante disso, nos idos das eleições de 1910, o *corralismo* reuniu, inicialmente, os partidários em torno da candidatura de Ramón Corral à vice-presidência e, em um segundo momento, à candidatura dele como sucessor de Porfírio Díaz à presidência. Cf. GARCADIAGO, Javier. Prólogo. Aproximación sociológica a la historia de la Revolución Mexicana. In: _____. Textos de Revolución Mexicana. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2010, p. XIV.

⁸⁹ Guzmán foi motivado a escrevê-la por conta da distribuição de alguns livros herdados por Alfonso Reyes com a morte de seu pai, o general Bernardo Reyes. Ele não recebeu nenhum exemplar.

⁹⁰ GUZMÁN, Martín Luis. In: CURIEL, Fernando (comp.). Guzmán-Reyes, *Medias palabras: correspondencia, 1913-1959*. México, UNAM, IIF, 1991, p. 77-79. Grifos nossos.

candidatura de Bernardo Reyes. No dia seguinte ao encontro, foi publicada uma nota em *El Imparcial* que anunciava Guzmán como orador da manifestação em apoio à reeleição. Henriquez Ureña advertiu-o sobre as implicações as quais se expunha ao participar daquele tipo de manifestação.

Em razão de seu trabalho, Guzmán precisou assistir a outra reunião dos *corralistas*, na qual se negou a participar dos assuntos políticos por razões familiares. O escritor reforçou sua ação irrefletida de participação e disse que o jornal até realizava retificações, porém se solicitasse uma, poderia perder o emprego. Ele finaliza a carta: “esta es la historia íntegra de mi corralismo”. Por que não o “reyismo”? Esse ponto, embora não seja solucionado, transpareceu em algumas correspondências trocadas entre Alfonso Reyes e Guzmán e, ainda, foi mencionado em correspondência entre o primeiro e Pedro Henriquez Ureña. Aparentemente, Reyes ficou magoado com o posicionamento de Martín Luis Guzmán, fato que se mostrou de maneira sutil na distribuição de alguns livros da biblioteca de Bernardo Reyes logo após sua morte. Vários amigos receberam algum exemplar, com exceção de Guzmán.

Essas eram algumas das possibilidades políticas daquele contexto: favorável à reeleição ou a uma continuidade – guardada as devidas proporções – do porfirismo por meio do corralismo ou ainda do reyismo; ou, ainda, uma mudança um pouco mais significativa, com o maderismo. Sobre o posicionamento político de Martín Luis Guzmán, Fernando Curiel realizou um apontamento coerente. Para o historiador, embora o “clima nacional” estivesse agitado nos anos que antecederam a queda de Porfírio Díaz, o comportamento do escritor não apresentou um delineamento claro. Curiel assinalou que esta etapa de dura oposição ao regime porfiriano – sobre a qual Guzmán observou e ponderou – não foi suficiente para incendiá-lo de maneira perdurável com a chama da rebeldia. Seria, portanto, necessário esperar a segunda onda revolucionária, para que o escritor chihuahuense fosse lançado à torrente.⁹¹

Em 25 de maio de 1911, Porfírio Díaz caiu definitivamente e em junho do mesmo ano, Madero fez sua entrada na Cidade do México. Quando das eleições, ainda em 1911, Guzmán participou da Convenção Nacional do Partido Constitucional Progressista⁹² e, também, por ele se lançou como candidato ao cargo de deputado para a Câmara

⁹¹ CURIEL DEFOSSÉ. *Martín Luis Guzmán, discípulo de Clío*, p. 108.

⁹² O Partido Constitucional Progressista funcionou entre os anos de 1911 a 1913 e foi o substituto do Partido Anti-reeleição, seu ideário se baseava nas proposições políticas de Francisco I. Madero, que se fundamentavam, sobretudo, no liberalismo político. Sobre o tema do maderismo Cf. CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*.

Legislativa de seu estado natal, Chihuahua.⁹³ Ele não venceu, porém, o fato de ele frequentar as reuniões e se lançar como candidato pelo partido de Madero, demonstrava uma aproximação, ainda que incipiente, com o ideário maderista. Sobre a atuação política e intelectual de Guzmán no período posterior a esses acontecimentos pouco se sabe, somente em novembro de 1912 se tem novas informações.

Em um ato que inaugurou a construção do monumento a Aquiles Serdán⁹⁴ na Praça de Villamil na Cidade do México, em 24 de novembro de 1912, Guzmán foi convidado a participar como orador na cerimônia. Nesse mesmo evento também discursaram Luis Cabrera, chefe da maioria da Câmara dos Deputados ao Congresso da União, e o presidente da República, Francisco I. Madero. Por que Guzmán foi convidado para discursar? Seria uma proposta de conciliação do governo maderista entre os diferentes grupos políticos do período? Possivelmente. A sociedade mexicana permanecia dividida entre porfiristas, reyistas, maderistas, entre outros grupos como zapatistas e orozquistas – que estavam insatisfeitos com as medidas estritamente políticas do novo presidente. Como já dissemos, Guzmán era o filho de um dos primeiros militares do exército a ser morto pelas tropas revolucionárias e discursava, então, em um ato de homenagem a um revolucionário, opositor da reeleição. Tendo em vista a riqueza de enunciados acerca da Revolução de 1910 e seus desdobramentos, analisaremos o discurso no tópico 1.4.

Durante a *Decena Trágica*,⁹⁵ em fevereiro de 1913, Guzmán junto com outros maderistas criaram *El Honor Nacional*,⁹⁶ diário que se propunha a mostrar a *verdade* do que estava ocorrendo e a denunciar as manobras diplomáticas estrangeiras – estadunidense – mancomunadas com os reacionários que eram encabeçados por Manuel

⁹³ CURIEL DEFOSSÉ. *Martín Luis Guzmán, discípulo de Clío*, p. 116-117.

⁹⁴ Aquiles Serdán Alatrste (1877-1910) foi um dos líderes do movimento de oposição à reeleição. Ele havia sido designado para liderar a revolta maderista no Estado de Puebla em novembro de 1910, e foi executado, juntamente com seu grupo, pelas forças policiais da cidade durante o massacre cujo cenário foi a sua própria casa. Mais informações sobre o tema ver: http://sic.gob.mx/ficha.phptable=museo&table_id=283. Acessado em 05 de novembro de 2016.

⁹⁵ A *Decena Trágica* foi a sucessão dos acontecimentos transcorridos durante dez dias, a partir de 9 de fevereiro de 1913. Nesse dia, no Distrito Federal, eclodiu uma conspiração dentro do Exército, com levante em várias frentes e com a libertação dos prisioneiros políticos Bernardo Reyes e Félix Díaz. Reyes colocou-se à frente das tropas e comandou-as em direção ao Palácio Nacional, que não conseguiram dominar e, ainda, culminou com a morte do general. Os sublevados refugiaram-se em *Ciudadela* sob o comando de Díaz, dando início aos “Dez Dias Trágicos”, o qual atirou a Cidade do México à desordem, demonstrou a ineficácia do governo e abriu um golpe contra o presidente Madero. Cf. AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. *À Sombra da Revolução Mexicana: História Mexicana Contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 53.

⁹⁶ Diferentes estudiosos da obra de Martín Luis Guzmán – entre eles Fernando Curiel e Carlos Betancourt – apontam que não encontraram nenhuma edição de *El Honor Nacional*, mas também não duvidam da existência da referida publicação.

Mondragón e Félix Díaz.⁹⁷

Em maio deste mesmo ano, o escritor mexicano empreendeu os primeiros movimentos para aderir ao conflito revolucionário, no entanto, por falta de dinheiro não conseguiu cumprir seu propósito. Somente em setembro de 1913, Guzmán viajou para Cuba e de lá para os Estados Unidos, a fim de atravessar a fronteira e chegar ao norte do México,⁹⁸ onde se encontravam as tropas constitucionalistas, ingressando, assim, nos conflitos revolucionários, que seriam a matéria-prima para *El águila y la serpiente* (1928). Na época em que aderiu à luta armada, o intelectual tinha 26 anos e ainda não tinha nenhum livro publicado.

Durante os conflitos armados, Guzmán se envolveu com distintos grupos revolucionários, assunto que será abordado com mais detalhe no capítulo 2, quando analisaremos seu texto memorialístico acerca do evento. No entanto, almejamos destacar alguns elementos que são pertinentes para a compreensão do debate que desenvolvemos nas páginas seguintes. Embora tenha passado por distintos grupos revolucionários, a maior proximidade do escritor chihuahuense se deu com o grupo liderado por Francisco Villa, que se mostrava como alternativa frente aos carrancistas. A opinião de Guzmán acerca do Primeiro Chefe da Revolução, Venustiano Carranza, não era muito positiva. O chihuahuense, em seus escritos, associou – com certa frequência – o líder constitucionalista com o porfirismo, atribuindo a ele um caráter autoritário e, também, ritualista – em razão das caminhadas, acompanhadas por banda militar e por comitiva, que foram realizadas por Venustiano Carranza. Sobre Álvaro Obregón, consideramos que muitas das opiniões enunciadas por Guzmán foram bastante impactadas por suas experiências posteriores, de tal forma que cabe problematizar sua não opção pelo líder sonoreNSE, aspecto que também será discutido no capítulo 2.

Após sua participação nos conflitos revolucionários entre os anos de 1913 e 1915, Guzmán decidiu se afastar do México, indo residir na Espanha, juntamente com sua família. Em Madri, morou no mesmo edifício que outros dois ateneístas, Alfonso Reyes e Jesús T. Acevedo. Ali, permaneceu até fevereiro de 1916, quando foi viver em Nova York, Estados Unidos. Apenas em 1919 retornou ao México. Durante esse intervalo entre 1915 e 1919 escreveu para diferentes jornais mexicanos e madrilenhos.⁹⁹

⁹⁷ OLEA FRANCO, Rafael. Cronología. In: GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002, p. 434.

⁹⁸ No início do século XX, uma rota de saída do México, por embarcação, era partir de Veracruz (litoral mexicano com saída para o Atlântico), passar por Havana (Cuba) e chegar ao sul dos Estados Unidos.

⁹⁹ OLEA FRANCO, Rafael. Cronología, p. 436.

Por fim, tendo em vista que nossa opção, para o presente texto dissertativo, foi uma análise que levasse em conta os contextos de elaboração das interpretações de Guzmán acerca da Revolução, bem como os significados e ideias políticas nelas contidas, apontamos alguns aspectos biográficos de nosso escritor. Pois, como observou Tanya Huntington,¹⁰⁰ no caso de Martín Luis Guzmán, considerar a “morte do autor” em seus escritos é inviável.¹⁰¹ Neles, vida e obra se entrecruzam de maneira indelével.

1.3. *La querella de México* (1915): a “raiz dos males” mexicanos

¿Comprenderemos algún día que, por baja que nos parezca su calidad, el material patrio es el que debemos trabajar, poniendo en él nuestras manos y aplicándole las reglas que le cuadre? ¿Creeremos alguna vez que lo demás es efímero? ¿Que se hace obra más firme y duradera labrando el barro como el barro, que labrándolo como oro?

Este é um fragmento retirado do primeiro opúsculo de Martín Luis Guzmán, *La querella de México*,¹⁰² publicado originalmente em dezembro 1915, pela editora madrilena *Imprenta Clásica Española*. As questões que marcam o excerto acima e também o ensaio político remetem às raízes dos “males” mexicanos diagnosticadas e interpretadas pelo jovem escritor. No livreto, a nação é tomada como um problema.

A confecção do supracitado texto ocorreu alguns meses após o afastamento de Martín Luis Guzmán dos conflitos armados, em janeiro de 1915. Após a queda de Victoriano Huerta, em agosto de 1914, aconteceu a cisão dentro do constitucionalismo,¹⁰³

¹⁰⁰ HUNTINGTON, Tanya. *Martín Luis Guzmán: entre el águila y la serpiente*. México: Tusquets Editores, 2015.

¹⁰¹ As ideias de Barthes acerca da “morte do autor” não se aplicam à interpretação que empreendemos sobre a vida e a obra de Guzmán, pois no texto “A morte do autor” o principal alvo das críticas do teórico francês eram as análises literárias que reduziavam o sentido do texto às intenções psicológicas do “Autor”: “a explicação da obra é sempre procurada do lado de quem a produziu, como se, através da alegoria mais ou menos transparente da ficção, fosse sempre afinal a voz de uma só e mesma pessoa, o *autor*, que nos entregasse a sua “confidência”.” Cf. BATRHES, Roland. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 58. Todavia, ao longo desta pesquisa, trabalhamos com a noção de *intencionalidade* proposta por Quentin Skinner, a qual, como dito outrora, situa o sentido do texto na ação.

¹⁰² Embora conste a assinatura de Martín Luis Guzmán no prólogo do livro que aqui analisamos, quem o escreveu foi Alfonso Reyes, revelação que fez Emmanuel Carballo em uma carta remetida também a Martín Luis Guzmán em 27 de dezembro de 1958. Ver: GUZMÁN, Martín Luis. In: CURIEL, Fernando (compilador). *Guzmán-Reyes, Medias palabras: correspondencia, 1913-1959*. México, UNAM, IIF, 1991, p. 173 e 182.

¹⁰³ Em um primeiro momento da Revolução, sob a designação de constitucionalistas estavam aqueles que diziam defender a Constituição de 1857. No Norte, o grupo carrancista (sob a liderança de Venustiano Carranza); obregonista e sonorenses (cuja liderança de maior destaque foi Alvaro Obregón) e; villista (cujo líder era Pancho Villa). No Sul, o zapatismo mantinha sua autonomia, sendo liderado por Emiliano Zapata. Após o triunfo sobre Victoriano Huerta, o constitucionalismo sofreu cisões e passou a fazer referência direta aos grupos sob influência de Carranza e Obregon. Cf. BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *A Revolução*

surgindo um novo grupo que aderiu à Convenção de Aguascalientes. Essa se constituiu como a primeira tentativa de estabilizar os conflitos e buscar a organização de um governo com base civil. Todavia, o desacordo entre Villa e Carranza dificultou a consolidação da Convenção, de tal forma que convencionistas e constitucionalistas disputaram o poder a partir da derrota de Victoriano Huerta em meados de 1915.¹⁰⁴ Assim, conforme aponta Carlos Betancourt:

[Guzmán] se autodestierra en la vida real de manera voluntaria “para no intervenir en la lucha faccional que divide a México en villistas, convencionista y carrancistas”¹⁰⁵ y emprende una aventura en el extranjero, viajando a España vía Estados Unidos para, al pasar casi un año, regresar a este último país y radicar hasta 1919 en la ciudad de Nueva York; experiencia de exilio que servirá para encauzar su labor intelectual ante la página en blanco, en la demanda de explicaciones sobre la realidad que lo circundaba y que había vivido.¹⁰⁶

Sendo assim, consideramos que muitas reflexões que Guzmán realizou em *La querella de México* se notabilizam por sua, então, recente experiência revolucionária e por sua primeira experiência no exílio (1915-1919). Nessa perspectiva, embora o tema central do referido opúsculo não seja a Revolução Mexicana, sua análise se justifica na medida em que ele está imbuído das impressões do autor sobre o México daquele período e fornecem elementos que ajudam a compreender seu posicionamento político. Ademais, temos proposto que o tempo presente de composição ressoa sobre a enunciação de ideias e posicionamentos contidos nos escritos, esses compreendidos como ação política. Neste tópico, nossa atenção recairá sobre a forma como a Revolução Mexicana aparece atrelada aos “males” de princípios do século XX, observados por Martín Luis Guzmán, em *La querella de México*. Estamos em acordo com Tanya Huntington quando ela afirma que, em termos sociológicos, Guzmán não trouxe nenhuma novidade quanto aos problemas que afetavam o México. Estas análises, segundo a pesquisadora, estavam em voga naqueles anos, de tal forma que outros intelectuais como Andrés Molina Enríquez (*Los*

Mexicana. São Paulo: UNESP, 2010.

¹⁰⁴ GARCADIÉGO. Prólogo. Aproximación sociológica a la historia de la Revolución Mexicana.

¹⁰⁵ Essa nota encontra-se no trabalho de Carlos Betancourt, devido a importância que guarda com a citação presente no corpo do texto, estamos reproduzindo-a aqui: “Estas palabras entre comillas son extraídas de la cronología que realizó Abreu Gómez para su libro *Martín Luis Guzmán*, que fue seguramente revisado por el propio don Martín para su salida a prensa, por lo que deben considerarse como la versión autorizada de su actuación, aunque, como observamos en los párrafos anteriores, todavía quedan muchas cosas por develar en la interesante vida de este mexicano del siglo XX”. (nota de rodapé nº 202, p. 114-115).

¹⁰⁶ BETANCOURT CID, Carlos. *Tras la sombra de una personalidad*. El aprendizaje político de Martín Luis Guzmán. 2006. Dissertação (mestrado) – Universidad Nacional Autónoma de México, Facultad de Filosofía y Letras, p. 114-115.

grandes problemas de México, 1909), Félix Palavicini (*La Patria por la escuela*, 1916), Manuel Gamio (*Forjando Patria*, 1916), Antonio Caso (*El problema de México y la ideología nacional*, 1924) também buscaram, por meio da escrita, expor suas percepções sobre a realidade mexicana. Em relação a essas análises, a autora – que tem como objetivo empregar *La querella de México* (1915) para interpretar *El águila y la serpiente* (1928) – assinalou que o diferencial de Guzmán se sustenta na condição de ter sido ele o primeiro a não aceitar que o criollo¹⁰⁷ tenha cumprido seu papel histórico na direção política e social do país.¹⁰⁸

A palavra “querella” pode significar discórdia, pendência e, também, ato pelo qual um promotor ou um particular exerce ante um juiz ou um tribunal a ação penal contra aqueles considerados responsáveis por um delito.¹⁰⁹ Ambos sentidos podem ser aplicados ao breve livro de Guzmán, que se encontra carregado de interpretações de caráter histórico e sociológico a respeito do México, contendo as pendências dos problemas não resolvidos e a posição do autor como aquele que apresenta ante um juiz os responsáveis pela situação mexicana. *La querella* possui ao todo 23 páginas, tendo sido prefaciada por seu companheiro de Ateneu, Alfonso Reyes, o qual assinou “M.L.G.” (Martín Luis Guzmán). Somente em 1958 essa informação foi divulgada por intermédio de uma entrevista dada por Reyes ao crítico literário Emmanuel Carballo:¹¹⁰

Estas breves notas forman parte de una obra donde se estudian, a la luz de la historia, las cuestiones palpitantes de México y las principales figuras de la última revolución. Dos motivos me obligan a no dar a la estampa la mayor parte de la obra mencionada: primeramente, el haber yo participado en la Revolución misma; en segundo lugar, mi deseo de suspender por ahora todo juicio sobre personas, salvo en los casos indispensables.

Como expongo un mal, hago, en algunos momentos, abstracciones de las cualidades del pueblo mexicano y solo me ocupo en presentar algunos de sus defectos. ¿De lo que servirá el artificio retorico de ir escribiendo un elogio – por merecido que sea – al lado de cada censura? Lo respecto a la seriedad del

¹⁰⁷ Tanya Huntington preocupou-se em definir o que compreendia por “criollo”, devido à recorrência do termo na análise de Guzmán. A autora indica que o termo apresenta divergências, podendo variar conforme o país. No México, no entanto, “con el paso de los siglos, se sigue usando el término para referirse a todo lo que muestra una preeminencia europea genética o cultural. En términos políticos, estos criollos formaron el grupo esencial: son ellos quienes encabezaron los movimientos independentistas y que recuperaron la simbología indígena o local (como por ejemplo el estandarte de la virgen de Guadalupe, o el escudo de la bandera mexicana) para reafirmar su diferencia con la metrópoli española. A la hora del asesinato de Madero, los miembros de esa misma clase social también sintieron el deber histórico de iniciar y encauzar cualquier proceso de guerra civil que hubiera”. Cf. HUNTINGTON, Tanya. *Martín Luis Guzmán: entre el águila y la serpiente*, p. 51.

¹⁰⁸ HUNTINGTON, Tanya. *Martín Luis Guzmán: entre el águila y la serpiente*, p. 73 e 75.

¹⁰⁹ Real Academia espanhola: <http://dle.rae.es/?id=Une2Fv2>. Acesso em: 05/02/2017.

¹¹⁰ Martín Luis Guzmán. In: CUREL, Fernando (comp.). Guzmán-Reyes, *Medias palabras: correspondencia, 1913-1959*, México, UNAM, IIF, 1991, p. 173.

asunto, el respecto a la categoría de lectores a que destino esa publicación, orientame a huir de semblante abuso.

La tarea, así reducida al papel de censura, no podría ser menor penosa y, en todos los sentidos de la palabra, impopular. Por eso, he dado a esas notas una publicación limitada, buscando que, solo lleguen a quién sea capaz de leerlas sin ira y con provecho.¹¹¹

No caso, o próprio Alfonso Reyes ressaltou o diálogo que o ensaio de Guzmán estabeleceu com o momento vivenciado pelo México e o seu caráter de censura e repreensão. O opúsculo teve uma circulação muito limitada, tendo chegado, sobretudo, aos seus companheiros ateneístas como abordaremos posteriormente neste texto.

Optamos, no presente trabalho, por mesclar uma análise temática com a ordem de exposição dos “males” apontados pelo escritor na medida em que isso contribua para responder as nossas problematizações. Partindo das impressões do contexto que antecede a Revolução e que se estende por ela, Guzmán abre o texto indicando a necessidade educativa como superior à necessidade econômica no México. Assim, ele parece se contrapor às interpretações similares àquelas realizadas por Wistano Luis Orozco em *Legislación y jurisprudencia sobre terrenos baldíos* (1895). Nesse livro Luis Orozco equalizou o problema do México sobre a injusta distribuição da riqueza, a miséria do povo mexicano e a enorme concentração de terras em poucas mãos.¹¹² Em contraposição, para Guzmán, a *querella* que o México não conseguia resolver era principalmente de natureza espiritual: “nuestro desorden económico, grande como es, no influye sino en segundo término, y persistirá en tanto que nuestro ambiente espiritual no cambie”.¹¹³ O escritor operacionalizou a distinção entre matéria e espírito cujo referente encontrava-se nas correntes filosóficas do século XIX, tais como idealismo e metafísica – as quais, segundo Fernando Curiel, haviam sido retomadas entre os anos de 1906 a 1912 em combate ao ideário positivista.¹¹⁴ Entendemos que no campo da “matéria” – no ensaio político guzmaniano – estaria a economia, a violência, os indígenas em seu “estado de natureza”. Enquanto, no plano do “espírito”, figurariam os valores sociais, as virtudes democráticas, a moral, a educação dos “criollos” e mestiços, entre outros. Com maior força expressiva, Martín Luis Guzmán afirmou:

¹¹¹ GUZMÁN, Martín Luis. *La querella de México*. In: _____. *Obras Completas*. 4ª ed. México: FCE, INEHRM, 2010. Vol. I, p. 370.

¹¹² Cf. CÓRDOVA, Arnaldo. La lucha ideológica en la Revolución Mexicana. In: _____. *La revolución y el Estado en México*. México: Ediciones Era, 1989, p. 58.

¹¹³ GUZMÁN. *La querella de México*, p. 371.

¹¹⁴ CURIEL DEFOSSÉ. *La querella de Martín Luis Guzmán*.

Las fuentes del mal están en otra parte: están en los espíritus, de antaño débiles e inmorales, de la clase directora; en el espíritu del criollo, en el espíritu del mestizo, para quienes ha de pensarse en la obra educativa. Sin embargo, la opinión materialista reina aún y, entendida de otro modo, ha venido a constituir, sincera o falsamente, la razón formal de nuestros movimientos armados a contar de 1910.¹¹⁵

Temos aqui algumas enunciações importantes: a fonte dos males mexicanos residia nos “espíritos” débeis e imorais da classe dirigente. Quem formava essa classe (ou deveria compô-la) segundo Martín Luis Guzmán? Sobretudo os “criollos”, mas também os mestiços, os quais em nossa opinião remetem à mescla do indígena com o branco. Tendo como foco esses dois grupos, era preciso promover a transformação “espiritual” por meio da educação. Os indígenas eram considerados, pelo autor, moralmente inconscientes e um “estorvo” para o país. Na percepção de Guzmán, eles nada tinham a oferecer, além de obediência cega ao “criollo” ou ao “amo”. Apesar de reconhecer a existência da exploração social dos indígenas, tanto no período colonial como posterior, sua sentença e categorização sobre eles não se atenuou ou amenizou. Não havia espaço para os indígenas no México ideal de Guzmán. Diante disso, o conceito de “Educação Nacional” – cuja gênese residia no “teorema criollo, segundo o qual a ignorância indígena era o principal obstáculo para a felicidade do México” – estava equivocado, pois, para o chihuahuense, alfabetizar e integrar as populações indígenas à nação não resolveria as enfermidades mexicanas.¹¹⁶ A medida correta seria, portanto, um tipo de educação que aperfeiçoasse e preparasse os “criollos” para a vida cívica.

Outro ponto que desejamos destacar, ainda sobre a citação, é a contraposição às concepções materialistas vigentes nos discursos de seus contemporâneos, as quais inclusive apareciam como justificativa para os movimentos armados da década de 1910. No que se refere à Revolução, para Guzmán, no contexto de 1915, o motor dos conflitos não eram as questões de cunho material ou econômico, mas sim os “males” dos espíritos débeis e imorais.

No que tange ao tema das responsabilidades sobre os “males” da pátria, é importante ressaltar que, em nossa interpretação, ao utilizar a primeira pessoa do plural, “nós”, o escritor chihuahuense compartilha da culpa pela perpetuação dos problemas mexicanos.¹¹⁷ Consequentemente, precisamos realizar algumas considerações: quem

¹¹⁵ GUZMÁN. *La querella de México*, p. 371. Grifos nossos.

¹¹⁶ GUZMÁN. *La querella de México*, p. 375-377.

¹¹⁷ Esse aspecto da narrativa em primeira pessoa do plural também foi observado por Carlos Betacourt Cid.

mais formava parte do “nós” de Martín Luis Guzmán? Quais eram os destinatários das interpretações e dos diagnósticos do ensaísta? Eram direcionadas aos mexicanos, à classe dirigente, mas sobretudo aos seus pares. *La querella de México*, conforme já foi mencionado, não foi um livro que teve grande circulação, a tiragem foi pequena. Sabemos, contudo, que Guzmán enviou uma cópia para muitos de seus companheiros ateneístas e promoveu sua venda junto a livrarias no México, por meio de correspondência.¹¹⁸

Nessa perspectiva, com similaridade ao nosso trabalho, o historiador mexicano Carlos Betancourt Cid – em uma pesquisa que se debruçou sobre a trajetória de Martín Luis Guzmán entre os anos de 1913 e 1923 – apontou que *La querella* funcionou à guisa de *mea-culpa* para os pares e companheiros revolucionários de Guzmán, visto que o intelectual deixou o México antes da conclusão dos conflitos. O referido historiador, no desenvolvimento desse argumento afirmou:

Como *hombre político*, faceta que nos interesa destacar en este personaje, la *intencionalidad* que se transmite en el texto es evidente. Dirigido a mellar sobre el orgullo de un pueblo en “reconstrucción”, pone en claro las deficiencias que percibe como *revolucionario*, que en el trance de la huida para salvar la vida o evitar ser calificado como *traidor*, halló el pretexto para expresar su opinión.¹¹⁹

Concordamos com Betancourt Cid no que toca à pertinência do livreto como fruto do presente revolucionário do escritor, na intencionalidade política que o constitui e em como as interpretações ali apresentadas se configuraram como uma tomada de posição frente aos conterrâneos e contemporâneos. No que se refere, pois, ao estabelecimento de posicionamentos políticos, Guzmán informou quais eram os problemas mexicanos: contendas políticas intermináveis, fracasso de todas as formas de governo, incapacidade para construir um ponto de apoio que mantivesse em alta a vida nacional. Tais dilemas não encontrariam suas soluções com a intervenção dos governantes mexicanos. As respostas não deveriam ser buscadas entre as “facções” revolucionárias em disputa no México ou sob o “abrigo da liberalidade yanqui”. Para o escritor:

¹¹⁸ Um dos objetivos de Carlos Betancourt Cid no capítulo “Textos en correspondencia” é mapear por meio da troca de correspondências entre os antigos ateneístas a recepção das análises sobre em *La querella de México*. Cf. BETANCOURT CID. *Tras la sombra de una personalidad*. El aprendizaje político de Martín Luis Guzmán.

¹¹⁹ BETANCOURT CID. *Tras la sombra de una personalidad*. El aprendizaje político de Martín Luis Guzmán, p. 152. Grifos nossos.

ninguna [nenhum grupo revolucionário] trae en su seno, a despecho de lo que afirmen sus *planes* y sus hombres, un nuevo método, un nuevo procedimiento, una nueva idea, un sentir nuevo que alienten la esperanza de un resurgimiento. La vida interna de todos estos partidos no es mejor ni peor que la proverbial de nuestras tiranías oligárquicas; como en estás, *vive en ellos la misma ambicioncilla ruin, la misma injusticia metódica, la misma brutalidad, la misma ceguera, el mismo afán de lucro; en una palabra: la misma ausencia del sentimiento y la idea de patria.*¹²⁰

Fica nítido nesse fragmento que Martín Luis Guzmán não via nos diferentes grupos revolucionários ou nos planos por eles propostos a potência de transformação política e social no México. Posto que continuavam reproduzindo certos comportamentos e, mais que isso, não estavam afinados com um “sentimento e ideia de pátria”. A partir disso, Guzmán apontou que lançava mão da história do México a fim de demonstrar os ensinamentos que extraiu das convulsões do último século, desde o processo de independência. Pois, para ele, era imperioso a revisão “sincera” dos “valores sociais mexicanos”, a qual deveria “iluminar o caminho que se estava por seguir” e “não polir mais nossa fábula histórica”.¹²¹ A noção de história *mestra da vida* não era incomum naquele momento. Ao longo do tempo, a *história mestra da vida* foi vista como um saber por meio do qual os homens podiam aprender a serem sábios e prudentes, sem incorrer nos erros do passado. Nesse sentido, existe um objetivo pedagógico para o conhecimento histórico. Ele seria, então, responsável por impedir a repetição dos erros do passado no presente, porém nos deixaria livres para repetir os sucessos de outrora.¹²² Temos compreendido que Guzmán estabeleceu uma relação entre o conhecimento histórico do México como forma de reorientar o futuro do país. Embora não aponte um programa bem delimitado de solução para os “males mexicanos”, vislumbramos nas páginas de *La querella* ideias que abrem espaço para que o escritor perceba novos horizontes possíveis.

A forma como Martín Luis Guzmán explorou o conhecimento do processo histórico e também suas concepções acerca desse campo do conhecimento – em *La querella de México* – exhibe substantivas similaridades com as proposições apontadas pelo historiador Zermeño Padilla no que se refere à escrita da história, no México, ao longo do século XIX. Nesse sentido, enumeramos algumas semelhanças: a) a história como

¹²⁰ GUZMÁN. *La querella de México*, p. 372. Grifos nossos.

¹²¹ GUZMÁN. *La querella de México*, p. 372.

¹²² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO; São Paulo: Contraponto, 2006.

portadora de função pedagógica, que deveria ensinar e formar as mentes cidadãos para que tivessem um sentimento pátrio; b) o estudo da história como fundamental para que houvesse progresso; c) a necessidade de menção aos defeitos nacionais para que a história orientasse os caminhos da nação; d) a relação de causa e efeito, na qual se buscava a resolução dos problemas nacionais nos “arquivos”.¹²³

A questão da história nacional mexicana, tal como um cubo mágico, é reapresentada diferentes vezes no decorrer do ensaio e a cada hora mostrando uma faceta distinta que compõe esse objeto maior que consiste nos “males” mexicanos. Sendo assim, mais uma das acusações que pendeu sobre a cabeça dos “criollos” e mestiços foi a abordagem das questões nacionais à luz das histórias de outros países.¹²⁴ Na perspectiva guzmaniana, a atenção às peculiaridades da realidade mexicana era imprescindível e somente seria acessada por meio da história nacional.¹²⁵ Em uma série de generalizações, que foram lançadas como exemplos, Guzmán apontou a acomodação dos mexicanos, os quais não procuravam desenvolver uma “vida intelectual autêntica” ou soluções para os problemas sociais do país. Eles estavam condenados a uma vida *dilletanti* – ou seja, amadora – pela ausência de disposição e pela preguiça mental que apresentavam.¹²⁶ Quais eram os inconvenientes derivados dessas características dos mexicanos para o escritor

¹²³ Para mais informações acerca dessa temática. Cf. ZERMEÑO PADILLA, Guillermo. Apropiación del pasado, escritura de la historia y la construcción de la nación en México. In: Guillermo Palacios (coord.) *La nación y su historia. Independencias, relato historiográfico y debates sobre la nación: América Latina, siglo XIX*. México: El Colegio de México, 2009.

¹²⁴ Em 5 de janeiro de 1977, em um texto de homenagem a Martín Luis Guzmán, após seu falecimento (dezembro de 1976), Carlos Monsivais recuperou partes de uma entrevista realizada com o escritor chihuahuense em 1967, em que o crítico cultural questionou Guzmán sobre a Revolução Mexicana, ao que ele respondeu que ela foi fundamental para que os mexicanos pensassem a si mesmos a partir de suas peculiaridades: “A muchos países de América Latina les ha hecho falta nuestra revolución de Reforma y de 1910. Son dos peldaños históricos que difícilmente se salvan. Y mejor haberlos hecho separados que tener que hacerlos juntos una sola vez. La Revolución Mexicana se hizo a su hora cuando no le estorbaban concepciones más amplias, se conformó y se prefiguró a su manera exclusiva y propia. Esta es nuestra fuerza, una revolución propia, sentida y entendida a la mexicana. Y antes de la Revolución para encontrar algo digno de emularse teníamos que mover los ojos en todos los órdenes hacia el extranjero, para pintar, para escribir, para hacer una cuchara o un botón”. Cf. MONSIVÁIS, Carlos. Martín Luis Guzmán, el más grande reportero de la Revolución Mexicana se ha ido. In: GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002, p. 697.

¹²⁵ Neste ponto, Guzmán parece dialogar com as ideias de Herder e a ênfase na compreensão das particularidades das culturas humanas. Ver nota 67 desta dissertação.

¹²⁶ As críticas se estendem à improvisação e aos desvios sobretudo de funções e atividades: “confundimos las ideas, confundimos los valores: creemos que lo mismo es un abogado que un humanista, un cirujano que un biólogo, un boticario que un químico”. GUZMÁN. Cf. *La querrela de México*, p. 373. É interessante ressaltar que essa questão da “improvisação” foi retomada em *El águila y la serpiente* (1928) em um episódio que Guzmán se encontrava “à mesa de jantar” do Primeiro Chefe, Venustiano Carranza. Nesse relato, o escritor chihuahuense discordava do general, pois esse se mostrava favorável à boa vontade e às improvisações características dos campos revolucionários. Bem, como inferência, podemos supor que reflexões como essas, que tocam o tema das “improvisações”, podem ter sido obtidas pela experiência do jovem Guzmán nos campos revolucionários.

chihuahuense? “Lo peor que, con todo este arsenal de superficialidad y pedantería, nos transportamos al terreno de nuestros problemas sociales. Nos resistimos a pensar estos problemas directamente”. A história reapresenta-se, agora acompanhada de ironia:

Casi nada sabemos de la historia de México – porque, como no está escrita,¹²⁷ para medio entenderla hay que fatigarse entre muchos papeles –; pero algún manual hemos leído de la historia de Francia, de la historia de Inglaterra o de la historia de Estados Unidos, y nos basta. No sabemos de motín que no sea explicable por el mecanismo de la Revolución Francesa, ni entendemos de Constitución que no se parezca a la Constitución yanqui. ¡Para qué afanarse, si ya está resuelto, y a tan vigorosamente!... Nuestra realidad patria es triste, es fea, es miserable. ¿A qué estudiarla? [...] Nos consta que en nuestro derredor existe un desconcierto, una anormalidad especial, una imposibilidad de seguir viviendo así; pero estamos vendados enfrente de los hechos, revolviéndonos sin saber dónde dar, y pensando no en quitarnos la venda para ver, sino en repasar lo que hemos oído, lo que se nos ha dicho, para descubrir la verdad.¹²⁸

De acordo com Guzmán, em virtude da indisposição do mexicano em pensar a realidade nacional, em retirar a “venda para ver”, perpetuar-se-iam os males do país. O escritor realçou que os *reformadores* liberais – e não os *constituintes* –, na segunda metade do século XIX, haviam sido os únicos a se debruçarem sobre as questões nacionais. A conclusão que emerge é que, para o escritor, a prioridade era compreender o México a partir de suas particularidades, sem se pautar pelos pressupostos das histórias alheias, de maneira direta, da europeia ou da estadunidense. Nas palavras de Guzmán: era preciso tratar o “barro como barro”. Ao fazê-lo, a obra não seria “efêmera”.

O tempo presente – a Revolução Mexicana – foi o motor das *querellas* de Guzmán. Ele buscou na própria história do México as interpretações e as formas de dar sentido às suas experiências. Prova dessa consciência temporal ou histórica foi a subdivisão que ele propôs para o capítulo “La inmoralidad del criollo”. Esta subdivisão se inicia expondo o “Mal de Origen” e, na sequência, desenvolve seus argumentos empregando os marcos convencionais da história mexicana: “La Independencia”, “La Reforma”, “La Paz Porfiriana”. A pergunta óbvia, portanto, é: de acordo com Martín Luis Guzmán, qual é o

¹²⁷ No século XIX, a escrita da história, no México, estava em construção. A partir de 1821, tem-se alguns empenhos por parte de funcionários do Estado no sentido de escrever a história nacional, preservar os arquivos e a cultura material. Contudo, são movimentos bastante incipientes, apenas nas últimas décadas do século eles adquiriram delimitações mais claras e, com Justo Sierra, obtiveram características ligadas a uma instituição com os pressupostos científicos e filosóficos da época. Cf. ZERMEÑO PADILLA, Guillermo. Apropiación del pasado, escritura de la historia y la construcción de la nación en México. In: Guillermo Palacios (coord.) *La nación y su historia. Independencias, relato historiográfico y debates sobre la nación: América Latina, siglo XIX*. México: El Colegio de México, 2009.

¹²⁸ GUZMÁN. *La querella de México*, p. 373-374.

“mal de origem” ou “mal congênito” mexicano? O que consideramos como sua resposta: “*Los mexicanos tuvimos que edificar una patria antes de concebirla puramente como ideal y sentirla como impulso generoso; es decir, antes de merecerla.*”¹²⁹ O mal de formação mexicano consiste no fato do país ter se tornado independente e sofrido um nascimento prematuro como “nação”. Ou seja, antes que houvesse uma identificação mais forte com os sentimentos pátrios, o México havia se tornado um Estado autônomo. Disso, portanto, resultava a “pobreza espiritual” e a desorientação nacional. Observamos, ainda, que Guzmán oscila entre os vocábulos políticos “pátria” e “nação”. Não existe no escritor uma precisão quanto ao uso. O historiador português Fernando Catroga ao analisar conceitualmente os termos pátria, nação e nacionalismo, afirma que o apego à pátria antecede aos sentimentos nutridos em relação à nação ou ao Estado: “O afeiçoamento pátrio está umbilicalmente ligado a um tempo e a um espaço concreto, a sua função de *enraizar, filiar e criar identidades*, demarcando *diferenças e prometendo escatologias históricas*, sobrevive, mesmo sob os efeitos da desterritorialização (desterro, exílio, emigração) contemporânea”.¹³⁰ Aliás, vale ressaltar que Guzmán apresenta uma forte ligação com a pátria mexicana, a despeito do exílio.

Ainda nesse ensaio guzmaniano, a Independência é apresentada como oriunda dos últimos ventos que chegaram da Revolução Francesa e dos Estados Unidos, os quais atingiram artificialmente os “criollos”, inflamando, pois, velhos rancores desses contra os espanhóis. A guerra de independência não aparece como fruto de um movimento nacional. Na perspectiva do jovem Guzmán, a Independência (1821) foi percebida como um mero rompimento interno com o regime colonial. Enquanto a Reforma Liberal¹³¹ –

¹²⁹ GUZMÁN. *La querella de México*, p. 377. Grifos do autor.

¹³⁰ CATROGA, Fernando. Pátria, nação, nacionalismo. *Imprensa da Universidade de Coimbra*. Novembro de 2008, p. 10.

¹³¹ “Reforma é o termo que os liberais usaram para designar o movimento iniciado com o “*Plan de Ayutla*”, de 1854 que se transformou em uma revolução social e política no país. Esse plano tinha como objetivo colocar fim ao governo do conservador Antonio López de Santa Anna e convocar um novo Congresso para reorganizar o país. O movimento de Ayutla desencadeou uma guerra que redundou na vitória dos liberais e na posterior ascensão de Benito Juárez à presidência do México. [...] uma nova Constituição [que], além de estabelecer uma série de medidas liberais, tais como a liberdade de expressão, de consciência e de assembleia, tinha como intuito separar a Igreja do Estado mexicano – processo aprofundado em leis promulgadas nos anos seguintes. Em 1859, no contexto da guerra entre liberais e conservadores – apoiados pelo alto clero mexicano –, as leis anteriores foram aprofundadas e estabeleceu-se uma separação formal entre Estado e Igreja que ainda assim mantém os feriados religiosos. Esse trajeto indica que o processo não se deu a partir de um projeto pré-determinado sobre os espaços de Igreja e Estado, que se construíram a partir de disputas políticas e em meio a conflitos armados. A Reforma atingiu diretamente o clero católico com um novo marco jurídico: a Lei Juárez em 1855, aboliu os *fueros* eclesiásticos e militares, membros do clero e do exército poderiam ser julgados pela Justiça comum; em 1856, a Lei Lerdo colocou em circulação os bens de mão-morta e bens de raiz do clero; com a Iglesias de 1857 o Estado assumia um papel regulador das cobranças da Igreja para batismos, casamentos, enterros, etc; finalmente a Constituição de 1857 proclamou a “*enseñanza libre*”. As leis foram incluídas na Constituição na década de 1870”. SILVA, Caio

ocorrida entre 1854-1857 – foi apontada como um marco importante de maturidade nacional e de trabalho político honrado. Durante essa conjuntura, foram fundadas escolas objetivando “forjar novas almas”, quando, para Guzmán, aconteceu “el esfuerzo por dar libertad a los espíritus y moralizar a las clases gobernantes, criolla y mestiza”. Porém, não houve tempo para que se desenvolvesse a “obra espiritual”, que apenas havia sido iniciada e se mostrava como o único intento verdadeiro nessa direção.¹³² O regime de Díaz – “o regime da paz como finalidade” – foi contra a “corrente natural da história mexicana”, segundo Guzmán: “Los directores de la vida social mexicana, a partir del [18]70, ignoraron el sentido histórico de su época y mataron en su cuna la obra fundamental que iba a hacerse”.¹³³ Ou seja, os porfiristas eram os responsáveis por comprometer a transformação espiritual mexicana que era levada a cabo pela Reforma. A caracterização do regime de Díaz perpassava as adjetivações de um regime de mentira, de corrupção, de esterilidade e de injustiças, em que a culpa se estendia de Porfírio Díaz até uma “nação inteira”: “Piénsese en el amplio grupo que vivía a la sombra del caudillo [Porfírio Díaz], y que creyó entender las necesidades de la patria, o lo fingió al menos, de modo propicio al enriquecimiento personal”.¹³⁴ No excerto percebemos uma crítica à classe dirigente, aos intelectuais e, de maneira mais genérica, aos que se envolveram com o poder durante os anos da ditadura porfirista.

Em 1911, a ditadura porfirista foi derrubada e “¡Madero fue elegido por unanimidad!”. Bom resultado, segundo Guzmán, alcançado facilmente. Contudo, pouco tempo depois, retornava-se ao que ele chamou de “estado de revolução”. No escopo dos anseios políticos do jovem escritor figuravam a estabilidade nacional e a moralidade pública. Seu vocabulário político abrangia as práticas democráticas, a virtude cívica e os sentimentos de justiça e ordem. A partir desses elementos questionou: “¿Por qué la elección menos defectuosa de cuantas México ha hecho, seguida de un régimen de absoluta inviolabilidad personal y de la más perfecta libertad de imprenta que haya existido nunca, vino a dar al fin en la eterna querella?”¹³⁵ De quem era a culpa? A ênfase recaiu sobre o papel que a imprensa desempenhou na promoção da instabilidade do governo de Madero. O golpe e assassinato de Madero, na perspectiva de Guzmán, foi

Pedrosa da. *Mártires de Cristo Rey: Revolução e Religião no México (1927-1960)*. 289f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2015, p. 24, nota 49.

¹³² GUZMÁN. *La querella de México*, p. 379.

¹³³ GUZMÁN. *La querella de México*, p. 379.

¹³⁴ GUZMÁN. *La querella de México*, p. 380.

¹³⁵ GUZMÁN. *La querella de México*, p. 382.

promovido por obra dos “criollos”, que não tiveram a paciência de esperar o término do mandato para as novas eleições. Observamos nesses diagnósticos e leituras – que o escritor realizou da arena pública mexicana – uma busca por estabilidade política, uma característica marcante em sua trajetória. Assim, na análise de Guzmán, era preciso que não se considerasse os “criollos” tão prontos e refinados como era o pensamento corrente e, portanto, “não tratar o barro como se fosse ouro”. Em síntese, os “criollos” não apresentavam as virtudes necessárias à vida democrática, era preciso desenvolvê-las por meio da educação e transformação espiritual.

Para o escritor chihuahuense, o regime de Díaz trouxe uma novidade em relação aos anteriores, posto que retirou as mazelas nacionais de sobre os ombros dos “criollos” e o fez descansar sobre causas de ordem econômica, deslocando o problema da ordem espiritual para a ordem material. Porquanto, já não se tratava mais de formas de governo ou de incapacidades do espírito. Guzmán enfatizou o esvaziamento da política operacionalizado na máxima porfirista: “*poca política, mucha administración*”. Nessa direção, o interesse do México, para o ensaísta, era resolver o problema de sua “existência normal” como “povo organizado”, para quem a “incapacidade moral” se constituía como barreira.¹³⁶ As mazelas decorrentes da administração porfiriana constituíam, dessa forma, como grandes responsáveis pelas agitações que viviam em 1915.

Guzmán estendeu muitas de suas críticas sobre o porfirismo para as ações de Venustiano Carranza, estabelecendo comparações e similaridades entre os dois políticos e militares. Na interpretação guzmaniana, o Primeiro Chefe da Revolução isolava – no sentido de ostracismo – e destituía aqueles que o questionavam. Existe, nos escritos guzmanianos, um temor em relação às facções revolucionárias: o medo de um retorno às práticas que caracterizaram a *Pax* porfirista:

y dadas las circunstancias actuales (los hombres, los grupos y las fuerzas que figuran en la política) sería audacia suponer que se inventara un nuevo. De suerte que cualquier jefe de facción militante que llegue a sentirse en condiciones de dominar en lo absoluto, creará no tener ante sí otro camino que el seguido por Díaz: como él, querrá contentar los apetitos de sus partidarios para temprarles la ambición; como él, procurará aniquilar, rápida y despiadadamente, a sus contrarios. Hará, pues, la paz con la corrupción y el crimen.¹³⁷

¹³⁶ GUZMÁN. *La querella de México*, p. 388.

¹³⁷ GUZMÁN. *La querella de México*, p. 388.

Como último e breve apontamento sobre *La querella*, salientamos a relação entre México e Estados Unidos. Esse aspecto também contém elementos para compreendermos o posicionamento político de Guzmán perante as inquietações da sua época. A relação com o vizinho do Norte, ao longo da história do México independente, nunca se estabeleceu de maneira fácil e o espectro estadunidense sobre a política mexicana pairou de modo contundente. Assim, Guzmán buscou enfatizar a forma como os diferentes grupos revolucionários se relacionaram com esse poder exercido pelos Estados Unidos. O autor – e os próprios grupos – reconhecia a fragilidade das distintas posições para se imporem na disputa pela consolidação e legitimidade de seus poderes, de tal modo que destacou: “ningún partido político tiene por sí mismo vigor suficiente para dominar, su seguridad y su fuerza exigen el concurso de un extraño”.¹³⁸ Assim, ele apresentou informações de que distintos chefes e revolucionários buscaram algum tipo de apoio e respaldo estadunidense ao longo do processo. Segundo Guzmán, a paz seria rapidamente alcançada caso alguma “facção” revolucionária se aliasse aos Estados Unidos. Contudo, isso representaria também a permanência das práticas corruptas. Para a superação do problema moral mexicano haveria dois caminhos diante da intervenção: uma solução que surgisse das próprias almas decaídas dos mexicanos ou de uma verdadeira guerra contra os EUA, verdadeira pelo menos quanto ao estado de ânimo.¹³⁹

Em face do que discutimos acima, podemos dizer que *La querella* teve um objetivo evidente: combater o *mal* moral dos “criollos” e mestiços mexicanos. O projeto para solução dos “males mexicanos” e, conseqüentemente, da transformação espiritual e moral do país, como já apontamos, repousava sobre a educação, na chave defendida pelos

¹³⁸ GUZMÁN. *La querella de México*, p. 388.

¹³⁹ O relacionamento entre os Estados Unidos e o México remete ao século XIX, sendo marcado por conflitos, disputas e tensões. Prova disso encontra-se na perda de parte substantiva do território mexicano para os estadunidenses. Como exemplo, podemos citar o processo de independência do Texas em relação ao México e sua posterior incorporação ao território estadunidense. Além disso, entre os anos de 1846 e 1848, os dois países estiveram em conflito, cujo desfecho forçou o México a vender os territórios setentrionais, como Califórnia e Novo México. No século XX, a influência dos Estados Unidos sobre o México se manteve. Durante o conflito revolucionário da década de 1910, o poder e a influência estadunidenses se manifestaram em algumas direções. É preciso lembrar que havia grande investimento industrial por parte de norte-americanos no território mexicano, principalmente na região de fronteira entre os dois países. Nesse sentido, o governo estadunidense buscou garantir e resguardar os interesses norte-americanos no território mexicano, um indicador disso se deu durante a invasão do porto de Veracruz, em 1914. Outro, foi a busca de respaldo e legitimidade por parte dos líderes revolucionários nas relações de cunho diplomático, que sustentaram com o governo estadunidense. Ainda no decorrer da primeira metade do século XX, um outro problema na relação entre os dois países foi a questão da nacionalização do petróleo mexicano. Cf. AGUILAR CAMÍN; MEYER. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*; SCHOULTZ, Lars. A incorporação do México. In: SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão*. Uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

ateneístas: formação educativa e cultural ampla. Esse projeto – não um programa –, tal como analisamos, não foi descrito passo-a-passo. As impressões que observamos são de um olhar marcado pelas concepções filosóficas idealistas e espiritualistas, trazendo uma visão excludente para o processo de disseminação cultural. Afinal, no ensaio guzmaniano os indígenas são desconsiderados e desumanizados. Em relação a esse ponto, sublinhamos que as proposições fortalecidas por José Vasconcelos na Secretaria de Educação Pública, durante a década de 1920, embora se tratando de projetos educacionais via de regra autoritários, romperam com essa perspectiva segregacionista delineada por Martín Luis Guzmán.¹⁴⁰

Por fim, ao empreender esse esforço de interpretação, podemos considerar que Guzmán estabeleceu uma relação entre o conhecimento da história mexicana e a resolução dos “males” do país. A interpretação guzmaniana quanto ao mal da nação não prescindia de uma busca pela gênese do problema, explicitando, de tal modo, a importância que o autor conferia à história, não necessariamente à historiografia. Ademais, a relação estabelecida entre nação (ou pátria) e Revolução, em *La querella de México*, não encontrou um caminho passível de regeneração espiritual para o país. A vitória dos carrancistas sobre a Convenção de Aguascalientes, em 1915, demonstrou o trajeto íngreme que seria percorrido pelo México na perspectiva de Guzmán. Visto que, para o escritor, Carranza representava a antiga elite porfirista, personificando em muitos momentos o próprio “Caudilho da Pax”.

1. 4. *A orillas del Hudson* (1920) e *Otras páginas* (1958): os problemas mexicanos sob novos ângulos¹⁴¹

Os grandes dilemas que transparecem nos ensaios contidos em *A orillas del Hudson* e *Otras Páginas* são a reorganização e reestruturação da vida política mexicana

¹⁴⁰ A partir dos conflitos revolucionários da década de 1910, as camadas populares – incluindo os indígenas – não poderiam mais ser ignoradas. Além disso, a Revolução contribuiu, como já foi dito, para que os intelectuais mexicanos refletissem sobre sua própria realidade. Nesse movimento, os indígenas foram incorporados à construção da imagem nacional e, também, aos projetos de alfabetização. Cf. CRESPO, Regina Aída. *Messianismos culturais: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a nação*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo (USP), 1997.

¹⁴¹ *Otras páginas* é um livro publicado em 1958, porém é formado por um conjunto de artigos e ensaios escritos ao longo da década de 1910. Em virtude de nossa abordagem contextual, na qual privilegiamos a análise do texto e sua relação com as circunstâncias que envolveram a escrita, inserimos a obra nesse tópico, juntamente com *A orillas del Hudson* pela partilha temática e cronológica.

após a fase mais intensa dos conflitos armados da década de 1910. De tal forma que, enquanto *La querella de México* pretende ser uma análise de psicologia social cujo argumento de maior força é o poder transformador da educação nos “espíritos” e nas “almas” mexicanas, essas duas recompilações trazem como mote a política mexicana como prática.

A orillas del Hudson (publicado originalmente em 1920)¹⁴² incorpora alguns dos textos escritos por Guzmán, entre os anos de 1915 e 1918, para os periódicos mexicanos *La Revista Universal* e *El Gráfico*. É formado por ensaios, poemas, artigos de crítica literária e também política. *Otras Páginas* (publicado originalmente em 1958), por sua vez, incorpora discursos, crítica literária, artigos culturais e políticos também da década de 1910 – sobretudo dos anos de 1912 a 1920, contudo essa variação se estende um pouco mais, contendo também artigos escritos nos anos de 1939 e 1940, os quais serão analisados no terceiro capítulo desta dissertação. O sentido de abordá-las em conjunto reside no aspecto temático e temporal das publicações. Além disso, em 1958, Martín Luis Guzmán promoveu a editoração de seus escritos de juventude – *La querella de México* (1915), *A orillas del Hudson* (1920) e inclui *Otras Páginas* (1958) – e na nota editorial que acompanhou esse volume vislumbramos algumas informações bastante pertinentes às nossas escolhas e que, inclusive, corroboraram com nosso problema de pesquisa:

Aparte lo meramente literario, y tal cual crónica sobre temas actuales, toda esta etapa de la producción de Martín Luis Guzmán refleja – y ello justifica, y aun exige, que se la publique junta – lo que durante aquellos años sacudió y angustió su ánimo más hondamente: la necesidad de plantear en términos eficaces los problemas fundamentales de México, para partir de ahí hacia la verdadera solución; el imperativo de resolverse a ver bien el pasado mexicano, para tener una luz y disponer de una brújula con las cuales guiar enteramente el México nuevo, el que surgió de la Revolución, y encaminarlo consciente y dueño de sí mismo, hacia lo futuro.¹⁴³

É preciso considerar que essa nota editorial foi formulada em 1958, de tal modo que traz as marcas das experiências do escritor chihuahuense ao longo do tempo e das vicissitudes de sua relação com o Estado mexicano e com a própria Revolução. Portanto, o que significava, para Martín Luis Guzmán, dizer – em 1958 – que os problemas mexicanos o angustiam na década de 1910? Além disso, novamente o sentido da

¹⁴² A primeira edição de *A orillas del Hudson* saiu pela editora André Botas e Hijos, na Cidade do México.

¹⁴³ Nota que acompanha a edição de 1958, na qual as obras *La querella de México* (1915), *A orillas del Hudson* (1920) e *Otras Páginas* (1958) foram publicadas juntas pela primeira vez. Cf. GUZMÁN, Martín Luis. *Obras Completas*. 4ª ed. México: FCE, INEHRM, 2010. Vol. I.

história aparece como bússola para orientar o país em direção a um futuro: um México novo, surgido da Revolução. Esse volume é publicado pela Compañía General de Ediciones.¹⁴⁴ Embora tenhamos realizado essa breve abertura pensando o contexto de reedição das obras em 1958 e a primeira de *Otras Páginas*, nosso enfoque prevalece nos escritos como enunciações pertinentes à década de 1910 e nas possíveis associações entre as problemáticas mexicanas e a Revolução na perspectiva do escritor chihuahuense. Quando necessário, chamaremos atenção para alguns aspectos fortuitos, sobretudo no caso de *Otras Páginas*, porquanto das seleções operadas por Martín Luis Guzmán e, também, em virtude dos acontecimentos aos quais faz referência.

Os ensaios que compõem *A orillas del Hudson*, tal como o nome do livro deixa transparecer, foram escritos durante o primeiro exílio do autor em Nova York, Estados Unidos. Organizado em seções: *Política*, *Crítica*, *Poemas y ensayos* e *Varia*, respectivamente. A primeira dessas seções começa com um texto intitulado “La política mexicana” cujo início pleiteia um lugar privilegiado de observação: “Vista desde lejos por un mexicano, y a la luz de lo que acontece en otros países, la vida pública de México se presenta con perfiles enteramente definidos y claros”.¹⁴⁵ Então, que propostas e análises (bem como sentenças) Guzmán enunciou ao desfrutar dessa perspectiva – privilegiada – fornecida pela distância para a reorganização da arena política mexicana? Quais as mobilizações que o autor operou para justificar seus posicionamentos e defesas políticas? Quais intencionalidades políticas podemos observar nas duas obras em estudo nessa seção? O que Guzmán fez ao escrever esses textos? O que ele fez ao compilar esses textos em livro? Por que compilá-los?¹⁴⁶ Como a Revolução foi mobilizada? Quais caminhos Martín Luis Guzmán apontou como alternativas para a reorganização do México?

¹⁴⁴ “Surgida em 1949, a *Compañía General de Ediciones S. A.* figurou entre as editoras mais importantes de *Edición y Distribución Iberoamericana de Publicaciones* (Ediapsa), [...], localizava-se na Cidade do México, e foi promovida a partir de 1956 pela Agrupación de Editores Mexicanos. A *Compañía* foi fundada pelo espanhol Rafael Giménez Siles, associado com Martín Luis Guzmán. Publicou obras de autores como Mariano Azuela, Mauricio Magdaleno, Juan Bustillo Oro, Martín Luis Guzmán, escritores hispano-americanos, assim como traduções de obras alemãs, soviéticas, francesas, italianas, entre outras.” Disponível em: <http://www.elem.mx/institucion/datos/322> Acessado em 29/10/2017.

¹⁴⁵ GUZMÁN, Martín Luis. *A orillas del Hudson*. In: _____. *Obras Completas*. 4ª ed. México: FCE, INEHRM, 2010. Vol. I. (Coleção Letras Mexicanas), p. 397.

¹⁴⁶ Como veremos no terceiro capítulo desta dissertação, o pesquisador estadunidense Cifuentes-Goodbody oferece uma resposta consistente para a compilação dos referidos textos em 1958, a qual consiste em tomar a edição das *Obras Completas* de Guzmán entre os anos de 1950 e 1960 como um trabalho de memória que visa constituir e perpetuar uma determinada imagem de si. Cf. CIFUENTES-GOODBODY, Nicholas. *The man Who Wrote Pancho Villa: Martín Luis Guzmán and the Politics of Life Writing*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2016.

Quando analisamos artigos/ensaios publicados em periódicos temos em mente que existe um diálogo imediato com os eventos que lhe são coetâneos, pois, além da pretensão de fornecerem informações acerca dos acontecimentos eles, também, atuam como formadores de opinião. Ora, quando esses textos – outrora veiculados em jornais – são selecionados para compor um livro, que possui uma vida mais duradoura – embora com uma circulação menor – existem outros mecanismos e estratégias envolvidos. Sabemos que existia o desejo do autor em ser reconhecido como escritor, assim como o anseio de demonstrar seus posicionamentos políticos ante os acontecimentos e sucessos pátrios. A partir de *A orillas del Hudson* (1920), a esfera política assume um espaço substancial nas publicações em livro de Martín Luis Guzmán. O âmbito cultural, em contrapartida, vai ganhando uma dimensão mais estreita em seus trabalhos; embora, também desponte entrelaçado com a política. Essa aproximação com a política, em nossa opinião, pode ser explicada tendo em vista suas críticas excessivas à apatia e à indiferença da intelectualidade quanto à política mexicana.

O primeiro ponto para o qual queremos chamar atenção é a mobilização que se faz de Francisco I. Madero após a deflagração dos conflitos mais intensos em 1913. Pois esta apreciação se manifesta de maneira sutilmente distinta em relação ao juízo enunciado outrora, apesar de não serem excludentes ou contraditórios. Como já mencionado na seção 1.2 deste trabalho, Martín Luis Guzmán era filho de um dos primeiros militares federais a morrer nos conflitos revolucionários. Em virtude disso, ele foi convidado, em 1912, para realizar um discurso durante o evento de disposição da primeira pedra ao monumento em homenagem ao revolucionário Aquiles Serdán. É preciso lembrar que discursaram nesse mesmo evento: o presidente Francisco I. Madero e o deputado Luis Cabrera. Embora bastante conciliador e até mesmo romantizado, o discurso de Martín Luis Guzmán – intitulado *Federales y Revolucionarios* (1912) – trazia críticas incisivas ao então presidente,¹⁴⁷ Francisco I. Madero. Posto que as ações desse último eram consideradas pouco efetivas para a eliminação da estrutura administrativa porfirista. Essa crítica era sentida também em outras dimensões da vida social e política mexicana. Carlos Alberto Sampaio Barbosa salienta que Madero – em fins de 1911 – enfrentava violentas oposições. De um lado a oposição exercida por Zapata e pelos camponeses na luta pela posse de terras no estado de Morelos; e, por outro lado, a oposição exercida por grupos remanescentes do porfiriato, que haviam perdido poder e influência. Esse último

¹⁴⁷ GUZMÁN, Martín Luis. *Otras Páginas*. In: _____. *Obras Completas*. 4ª ed. México: FCE, INEHRM, 2010. Vol. I.

segmento contou ainda com o apoio da Câmara de Deputados e do Senado, da imprensa mexicana e dos Estados Unidos, que naquele momento era governado por William Howard Taft.¹⁴⁸ Apesar disso, no discurso enunciado por Guzmán naquele dia, a Revolução e a ação revolucionária foram valorizadas. Para o escritor, as grandes conquistas foram estabelecidas por meio da guerra, cujos resultados imediatos eram dolorosos – tais como a morte de pais, filhos e irmãos. Entretanto, a Revolução de 1910 [fase maderista] era “signo de um estado tão alto e intenso do espírito social”, pois buscava a “salvação comum”.¹⁴⁹

O ponto alto da defesa da Revolução ocorreu quando Guzmán enfatizou que a luta dos revolucionários era uma luta pela liberdade:

Si algún día, y así lo esperamos, maduro el fruto de la Revolución, no saludaremos como la conquista de quienes pelearon bajo determinada bandera, sino que, unos y otros, los que vimos morir a nuestros padres bajo las balas revolucionarias y los que supieron de sus hijos destrozados por la metralla de los fieles, habremos de recibir ese fruto como el don precioso, impregnado en una sola gloria y un solo sacrificio, de todos cuantos lucharon: *de quienes murieron clamando por su libertad* y de quienes se imolaron en nombre del deber.¹⁵⁰

Queremos destacar esse elemento, porque, em visão panorâmica das obras guzmanianas, existe uma defesa recorrente da ideia de liberdade, a qual o escritor não se preocupou em definir, mas que ele próprio associou ao liberalismo. Esse ideário, no primeiro momento, aparece em relação com a Reforma Liberal do século XIX e, posteriormente, vai adquirindo mesclas e menções às ideias maderistas. Se formos interpretar essa “liberdade” pensando nos posicionamentos emitidos pelo escritor chihuahuense em relação ao porfirismo, ela se encontra vinculada à liberdade de atuação na coisa pública, com o desenvolvimento de uma cidadania livre e consciente. Tendo em vista que o governo de Díaz era considerado, por Guzmán, como um governo de vícios, imoralidades políticas e de uma “paz” que restringia a atividade política: “[...] se trata nada menos que de una dictadura [o governo de Porfirio Díaz] que erige el asesinato en órgano de sucesión, y la corrupción y el crimen en fuerzas políticas”.¹⁵¹ Assim entendida, a liberdade, tal como a “salvação comum”, encontrava-se na destruição dos poderes

¹⁴⁸ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *A revolução mexicana*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

¹⁴⁹ GUZMÁN. *Otras Páginas*, p. 487-488.

¹⁵⁰ GUZMÁN. *Otras Páginas*, p. 487.

¹⁵¹ “Un libro de Don Francisco Bulnes”. Cf. GUZMÁN. *A orillas del Hudson*, p. 411-414.

discrecionários exercidos por Porfírio Díaz durante os 35 anos de ditadura.

A Revolução, tal como apresentada no discurso *Federales y Revolucionarios* (1912), possuía um caráter fecundo e cheio de promessas. Quais promessas eram essas? Guzmán não responde objetivamente. Contudo apontou: “Que esas promesas no se han cumplido y en buena parte llevan trazas de no cumplirse; que mucho de lo que debió sucumbirse queda aún en pie, y que las reivindicaciones nacionales han sido dolorosamente incompletas, es verdad”.¹⁵² Bem, como, de maneira perspicaz, Fernando Curiel observou: qual teria sido o impacto sobre presidente Madero ao receber uma repreensão/censura tão direta em um evento que promovia? Não temos resposta. Além disso, o jovem Guzmán indicava que apesar de ser um levantamento genuinamente nacional, a Revolução maderista careceu de homens preparados e talentosos para a ocupação do aparato estatal. Em um primeiro momento essas circunstâncias não figuraram como motivo de derrota, de acordo com Guzmán. Não obstante, em 1912, a Revolução maderista estava dando sinais “alarmantísimos de que lo será de *grandes deficiencias* en la segunda y más importante de las misiones que a la Revolución estaban encomendadas: *la renovación, organización y conservación de nuestras instituciones de todo orden*”.¹⁵³ Para nós, as promessas feitas – e até aquele momento não cumpridas – são essas: a renovação, a organização e a conservação das instituições. A condição crucial para a “regeneração das instituições nacionais” encontrava-se na existência de serenidade e harmonia, que seriam obtidas no momento em que “hombres de talento y de saber” se agrupassem ao redor do governo.¹⁵⁴ Novamente uma concepção que perpassa a “sofocracia”¹⁵⁵ e de rejeição à improvisação aparece. Essa, então, seria uma das soluções que a Revolução [ainda nesse momento maderista] deveria ter trazido para o México.

Ainda sobre a Revolução Mexicana no discurso *Federales y Revolucionarios*, almejamos destacar alguns outros aspectos: as revoluções, em sentido genérico, são apresentadas como acontecimentos que contrariam a ordem regular dos fatos. Em *Futuro pasado*, Koselleck observa que revolução é uma das palavras mais disseminadas no vocabulário político moderno, porém, o uso concreto do termo o tornou ambíguo. Antes da Revolução Francesa (1789) o termo “revolução” estava ligado a ideia de retorno às condições iniciais, uma mudança que conduz de volta ao ponto de partida do movimento.

¹⁵² GUZMÁN. *Otras Páginas*, p. 489.

¹⁵³ GUZMÁN. *Otras Páginas*, p. 490. Grifos nossos.

¹⁵⁴ GUZMÁN. *Otras Páginas*, p. 490.

¹⁵⁵ “Sofocracia” significa um governo dos sábios ou dos aptos.

Depois da Revolução Francesa o conceito perdeu seu sentido ligado às forças naturais. O que passou a mobilizar a revolução foi a ideia de emancipação social. A revolução tinha um projeto universal, ao contrário dos enfrentamentos particulares, das guerras intestinas. A violência do processo revolucionário, portanto, teria uma justificação. Ela não seria uma mera revolta sem propósitos civilizacionais. Para Marx, toda revolução desfaz a velha sociedade, nesse sentido ela é social. E toda a revolução derruba o velho poder, nesse sentido é política. A questão é que a revolução social e a revolução política caminham em ritmos temporais distintos. O tempo da política não está sincronizado com o tempo social.¹⁵⁶ Em diálogo com Koselleck, o historiador mexicano Luis Barrón formula que:

una de las cuestiones sobre la que existe un consenso más extendido es que las revoluciones traen consigo profundos cambios culturales; es decir, las revoluciones traen consigo fuertes cambios en la manera en que la sociedad revolucionada entiende su mundo. Las revoluciones cambian el lenguaje – surgen palabras nuevas o se les da un significado nuevo a las que ya existen – cambian la manera de entender la historia y de representarla – tanto en términos pictográficos y escultóricos como escritos – y cambian también la manera en que la sociedad se organiza – cambian las leyes y los sistemas políticos, por ejemplo.¹⁵⁷

A definição de Revolução e os fins esperados por Guzmán – em 1912 – contrariam, em certa medida, os delineamentos tradicionais/consensuais para a compreensão de fenômenos desse tipo. O escritor chihuahuense esperava que as Revoluções – e mais especificamente a Revolução de 1910, em sua fase maderista – transpassassem os obstáculos e preparassem o caminho para a “evolução”: “Sólo es lícito esperar de ellas que, al derribar lo que se opone a una evolución, meramente preparen el campo para que esa evolución se produzca”.¹⁵⁸ A Revolução, conforme exposto, não era um fim em si mesma. Para Guzmán, ela era a força destruidora, porém sem capacidade criadora. Nesse sentido, a noção de Revolução se configurou como mecanismo de destruição de uma certa ordem e como possibilidade para a “evolução”. O significado de “evolução” envolve um *telos* de leitura do sentido histórico e uma linearidade direcionada para o futuro. Essa compreensão da temporalidade pode ser associada à concepção de “progresso” do positivismo e, também, do liberalismo. Assim, para Guzmán, a Revolução deveria criar um ambiente propício para instituições democráticas mais consolidadas que,

¹⁵⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. São Paulo: Contraponto, 2006.

¹⁵⁷ BARRÓN, Luis. José Vasconcelos, Luis Cabrera y la Revolución Mexicana. *Historia y política: ideas, procesos y movimientos sociales*. Madrid, nº 11, enero-junio 2004, p. 107-130.

¹⁵⁸ Fragmento retirado de “Revolucionarios y Federales”. Cf. GUZMÁN. *Otras Páginas*, p. 489.

ao fim, em nossa interpretação, significaria ordem e estabilidade.

Após a queda de Francisco I. Madero em consequência da ação liderada pelo militar Victoriano Huerta, efetuou-se um deslocamento nas referências ao presidente assassinado. Pois, como apresentado outrora, o governo de Madero havia sido pouco enérgico no desmonte da estrutura porfirista, assim como havia mantido muitos dos partidários daquele grupo em seus antigos cargos. Com a queda e assassinato de Madero, distintos grupos, ao longo do território mexicano, se uniram em torno do constitucionalismo e em combate ao huertismo. Nesse movimento, Francisco Madero foi adquirindo matizes de “apóstolo da democracia”¹⁵⁹ no imaginário social mexicano, visto que representava a derrubada da ditadura de Porfírio Díaz e, naquele momento, a reunião de distintos grupos em defesa da ordem recém atacada. Nessa perspectiva, a partir desses eventos, Madero, nas publicações de Guzmán, passou a ser apresentado como um herói, símbolo da parte mais nobre da Revolução, “apóstolo do civismo e verdade”:¹⁶⁰

Francisco Madero es un héroe. Héroe lo hizo el pueblo de México desde el primer momento. [...] En Madero héroe, inmortal e intangible, el pueblo de México ha querido simbolizar – encarnar más bien, haciéndolos particularmente humanos y activos – muchos anhelos vagos, muchas esperanzas contra sus dolores. *Madero es para México la promesa donde se encierra cuanto a México falta en el camino de la tranquilidad y la ventura; el hombre que nos hubiera salvado; el héroe que nos salva en nuestra imaginación; el recipiente de la generosidad trascendental y del poder extrahumano que necesitan los pueblos ya sin esperanza.*¹⁶¹

O fragmento acima foi retirado de um artigo intitulado “Francisco Madero”, publicado por volta do dia 20 de novembro de 1916 – sexto aniversário da Revolução de 1910. Nele, Guzmán afirmou que:

Madero significa, dentro de nuestra vida pública, una reacción del espíritu, noble y generoso, contra la brutalidad porfiriana; *una reacción del liberalismo absoluto, el liberalismo que se funda en la cultura, contra la tiranía inherente a los pueblos incultos, tiranía oligárquica unas veces, demagógicas otras.*¹⁶²

¹⁵⁹ “El sacrificio de Madero lo convirtió en mártir y apóstol de la democracia, y su leyenda póstuma adquirió gran poder como símbolo de la revolución. En su nombre cerraron filas los propios rebeldes que finalmente fueron quienes derrocaron a Huerta y a su sangriento régimen militar”. AZUELA DE LA CUEVA, Alicia. *Arte y poder: renacimiento artístico y revolución social, México: 1910-1945*. México: El Colegio de Michoacán, Fondo de Cultura Económica, 2005, p. 26.

¹⁶⁰ Fragmento retirado de “La política mexicana”. Cf. GUZMÁN. *A orillas del Hudson*, p. 404.

¹⁶¹ Fragmento retirado do artigo intitulado “Francisco Madero” (1916). Cf. GUZMÁN. *A orillas del Hudson*, p. 407. Grifos nossos.

¹⁶² Fragmento retirado do artigo intitulado “Francisco Madero” (1916). Cf. GUZMÁN. *A orillas del Hudson*, p. 407. Grifos nossos.

O fato de Madero não recorrer à violência como prática política foi retomado por Guzmán, a fim de apontar que essa característica do presidente assassinado aparecia, para muitos daqueles que inicialmente o apoiaram, indicando incapacidade ou inabilidade na coisa pública:

*La verdadera revolución iniciada por Madero, revolución esencialmente del espíritu, fue obra incomprendida por los mexicanos dirigentes, aunque sentida por las masas populares. Todavía hoy, después de seis años de sangre, de ira, de incapacidad cultural, y a medida que la veneración por Madero crece y se hace más irresistible, su obra se entiende menos en su significación profunda.*¹⁶³

Nesse sentido, após a vivência nos campos de batalha e também da própria observação do campo político mexicano, Madero representava, para o escritor, a mais alta personificação dos desejos revolucionários no México. Portanto, quais as implicações dessa interpretação sobre Madero para o posicionamento político de Guzmán? Isto é, em que medida ela nos ajuda a entender o significado da Revolução para Guzmán? Quais posicionamentos políticos ele assumiu quando emitiu essas opiniões sobre Madero?

Em 1916, a vitória dos carrancistas já estava consolidada sobre os demais grupos revolucionários. Os villistas haviam sido derrotados, muitos outros grupos permaneciam em posse de armas. Essa configuração permaneceu ainda por mais algum tempo, mesmo quando Guzmán retornou do exílio, em 1919, a presença militar se fez patente no cenário político mexicano. Pois bem, os anseios revolucionários de Guzmán, pelo que as fontes analisadas indicam, encontravam-se associados à expectativa de renovação política, à inauguração de um novo tempo em que o aparato estatal seria administrado por homens talentosos, aptos e conscientes. Todavia, seus anseios para o México não foram concretizados. Posto que o conflito revolucionário abriu espaço para a ascensão de homens – em boa parte, caudilhos líderes de grupos armados – que não haviam sido escolarizados ou alfabetizados. Nesse sentido, na reorganização e reestruturação do México, nos mais distintos níveis, passaram a figurar e comandar os “ciudadanos simples, hombres de poquísimas o ningunas letras, aunque de buena intención, que han resuelto encauzar con sus brazos el fluir de la patria”.¹⁶⁴ Em nossa compreensão, o que Guzmán fez, *grosso modo*, em alguns de seus textos foi caracterizar comportamentos e práticas políticas nacionais. Elencamos os principais componentes apontados pelo escritor: a) o

¹⁶³ Fragmento retirado do artigo intitulado “Francisco Madero” (1916). Cf. GUZMÁN. *A orillas del Hudson*, p. 408. Grifos nossos.

¹⁶⁴ Fragmento retirado de “La política mexicana”. Cf. GUZMÁN. *A orillas del Hudson*, p. 397.

desejo entre os políticos mexicanos de se manterem perpetuamente em seus cargos; b) a predileção dos homens públicos, no México, pelo “estado de guerra sempre que não ocupem o poder”; c) a resistência dos vencidos (partidos, grupos, caudilhos) a deporem as armas; d) o “desconhecimento” ou a “incapacidade” por parte desses homens – e da oposição – de utilizarem outros mecanismos para se fazer política, para além de levantes armados.¹⁶⁵

Após a deflagração da Revolução em 1910, a única forma que se conhecia de acesso ao poder, no México, era por meio de levantes armados. Essa militarização da vida política foi um elemento bastante criticado por Martín Luis Guzmán – principalmente nas obras da década de 1920 –, e, também, por outros intelectuais e políticos como José Vasconcelos.¹⁶⁶ Essa militarização do ambiente político mexicano foi uma herança que veio do século XIX, a qual retornou com os conflitos revolucionários e perdurou na arena política mexicana até o governo de Ávila Camacho, na década de 1940, momento em que foi operada uma reestruturação no partido oficial cuja principal finalidade foi a eliminação do setor militar da política nacional e, conseqüente, a institucionalização do exército.¹⁶⁷

O foco da censura de Guzmán em *La política mexicana* direcionava-se à classe culta do país, já que elas foram as classes que receberam a “melhor educação”. Estas estavam interessadas em seus assuntos particulares. Escreveu o autor que havia entre esses setores uma teoria de que a política – ao menos a mexicana – era o espaço dos “espíritos aventureiros ou inferiores”, daqueles que “ambicionam o poder ou o enriquecimento rápido”.¹⁶⁸ Ou seja, a arena política para esses setores, na concepção de Guzmán, constituía-se como um segmento de pouca credibilidade. O corolário dessa atitude das “classes esclarecidas” era a permanência do regime de violência:

[...] de nada se ufanan tanto los intelectuales mexicanos como de su indiferencia por las cuestiones políticas. No hacer política equivale, a sus ojos, a practicar una virtud: como si realmente el ejercicio de la inteligencia trajera aparejado en México el sacrificio de la dignidad de ciudadano y el olvido de la responsabilidad de ser padre.¹⁶⁹

¹⁶⁵ “La política mexicana”. Cf. GUZMÁN. *A orillas del Hudson*, p. 397-398.

¹⁶⁶ Esses elementos, no caso de Vasconcelos, ganham maior realce em seus discursos para o governo de Oaxaca, em 1924, e na campanha para a presidência em 1929. Cf. FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

¹⁶⁷ CARBONELL, José. *El fin de las certezas autoritarias. Hacia la construcción de un nuevo sistema político y constitucional para México*. México: Instituto de Investigaciones Jurídicas; Universidad Nacional Autónoma de México, 2002.

¹⁶⁸ Fragmento retirado de “La política mexicana”. Cf. GUZMÁN. *A orillas del Hudson*, p. 398.

¹⁶⁹ Fragmento retirado de “La política mexicana”. Cf. GUZMÁN. *A orillas del Hudson*, p. 399.

Assim como apontado por Carlos Cid Betancourt,¹⁷⁰ podemos perceber em Guzmán, em distintos momentos, uma preocupação constante com a construção de uma institucionalidade mexicana. As frequentes menções às realizações de Francisco Madero situavam-se, sobremaneira, no campo da “restauração das noções de lei e decoro público”, uma concepção de cidadania. No mês do décimo aniversário da Revolução, em novembro de 1920, em um texto intitulado “Ser ciudadano”, Guzmán apontou que a obra iniciada por Madero ainda não havia sido concluída, mas se encontrava em processo de realização. Esse processo estava amparado no deslocamento de uma passividade e apatia política em direção a uma participação cidadã. Madero, conforme Guzmán o representou nesse artigo: “reencendió la chispa de nuestras revueltas mal apagadas y nos enfrascó en una verdadera revolución, de la cual no saldremos nunca, o saldremos como se sale del crisol: purificados a fuego”.¹⁷¹ Para Guzmán o que significava reacender essas chamas? Qual seria o resultado dessa purificação para o México? Essa purificação consistia na “cura da alma coletiva”, da qual deveria resultar em uma “verdadeira vida pública” mexicana, a qual seria orgânica e institucionalizada. A Revolução, na perspectiva do periodista, estava sendo tão violenta por ser o primeiro choque após longo período de apatia política vivenciado durante o porfirismo. Em virtude da força do sofrimento derivado do conflito, o México alcançaria a “verdadera tranquilidad, gracias a la verdadera libertad, el día en que el ser ciudadano es el único medio de no ser esclavo”.¹⁷²

No segundo capítulo do livro fica mais patente uma tentativa de configuração de sentido para a política mexicana.¹⁷³ Ao intitular seu capítulo como “Orígenes del Partido de la Revolución” e selecionar artigos que abordavam a sucessão presidencial de 1920, Guzmán demonstrou que estava atento às tensões de tal conjuntura política mexicana, bem como indicava a direção que, aos seus olhos, era a melhor para a estabilização do país.¹⁷⁴ De maneira mais direta, afirmamos que, ao organizar o capítulo dessa forma e com esse título, Guzmán se apresentava como uma das pessoas que propuseram a formação de um partido que englobasse os diferentes grupos revolucionários, a fim de

¹⁷⁰ BETANCOURT CID. *Tras la sombra de una personalidad*. El aprendizaje político de Martín Luis Guzmán.

¹⁷¹ Fragmento retirado de “Revolucionarios y Federales”. Cf. GUZMÁN. *Otras Páginas*, p. 514.

¹⁷² Fragmento retirado de “Revolucionarios y Federales”. Cf. GUZMÁN. *Otras Páginas* p. 514. Grifos nossos.

¹⁷³ Os artigos compilados nessa seção foram publicados entre 1919 e 1920 em *El Heraldo de México*, que circulava no Distrito Federal.

¹⁷⁴ É preciso salientar que as escolhas dos textos que compõem o livro foram efetuadas em 1958, contexto significativamente posterior a criação do PNR, 1929, quando já era reconhecido pela opinião pública mexicana o papel fundamental que o partido desempenhou na pacificação da arena política nacional.

apaziguar o ambiente de constantes disputas pelo poder no México. Sistematizamos alguns problemas percebidos pelo periodista na reorganização e reestruturação do México pós-revolucionário que constam na mencionada coletânea: a) os processos eleitorais como momentos de possibilidade de graves conflitos;¹⁷⁵ b) as disputas eleitorais eram reduzidas à disputas de interesses particulares e não ao bem coletivo (ou simplesmente à administração da República); c) a existência de personalismo político, também denominado por ele de personalismo “messiânico”;¹⁷⁶ d) ausência de partidos políticos fortes e portadores de programas políticos; e) os partidos, segundo Guzmán, no início do século XX, se reduziram a: porfirista, reyista, maderista, carrancista, gonzalista, obregonista.¹⁷⁷

Esses problemas eram características da política mexicana que se encontravam imbricados uns nos outros e se estenderam desde o período revolucionário, prolongando-se, em alguma medida, pelo século XX. Enrique Krauze aponta que enquanto outras revoluções se organizaram em torno de ideias – liberdade, igualdade, nacionalismo, socialismo –, a Revolução Mexicana se organizou, sobretudo, em torno de personagens, os quais geravam “ismos” específicos: maderismo, villismo, zapatismo, carrancismo, obregonismo, cadernismo, etc.¹⁷⁸ No entanto, é preciso que sejamos cautelosos com essas afirmações, pois ainda que os personalismos tenham transparecido por meio das nomeações dos grupos, aqueles homens – Madero, Villa, Zapata, Carranza, Obregón, entre outros – representavam ideias, interesses políticos e econômicos, os quais estavam presentes na disputa fratricida.

Nesse sentido, a reclamação de Guzmán em torno da ausência de programas políticos delineados e partidos políticos consolidados se somaram a sua proposta de criação de um partido revolucionário. Este deveria dar conta das demandas emergidas da Revolução ao mesmo tempo que fosse capaz de aplacar as disputas no seio da “família revolucionária”.

Para finalizar, buscamos abordar neste capítulo um aspecto importante do nosso problema de pesquisa, a saber, a dimensão política da Revolução Mexicana nas obras de

¹⁷⁵ Fragmento retirado de “Revolucionarios y Federales”. GUZMÁN. *Otras Páginas*, p. 521.

¹⁷⁶ “En México, privado de agrupaciones políticas verdaderas y, lo que es más grave aún, de ideas políticas nacionales y locales susceptibles de una clasificación útil para la vida, toda disyuntiva electoral es un problema del personalismo mesiánico”. Cf. Fragmento retirado de “Revolucionarios y Federales”. GUZMÁN. *Otras Páginas*, p. 521.

¹⁷⁷ Fragmento retirado de “Revolucionarios y Federales”. Cf. GUZMÁN. *Otras Páginas*, p. 522.

¹⁷⁸ KRAUZE, Enrique. *Biografía del poder: caudillos de la Revolución Mexicana (1910-1940)*. Cidade México: Fábula; Tusquets Editores, 2002, p. 19.

Guzmán, visto que consideramos o tema recorrente nas exposições do autor. No entanto, salientamos que, embora a dimensão social e econômica sejam as mais destacadas na historiografia canônica sobre a Revolução Mexicana, elas não foram as mais contempladas e discutidas por Martín Luis Guzmán, não obstante o escritor não as ignorasse. Em *Tierras de Henequen* (1917) – presente em *A orillas del Hudson* (1920) –, um ensaio escrito após uma viagem realizada à Mérida, capital do estado de Yucatán (México),¹⁷⁹ Guzmán indica:

Pero la verdad es que basta ver estas haciendas, y fijar luego los ojos en los hombres y los niños que las labran, *para que surja una pregunta que por sí sola define toda la Revolución*. ¿Cómo han podido coexistir tanta magnificencia industrial y la ruin pobreza, para el cuerpo y el alma, de la masa campesina que ha sacado de estos campos, con sus manos y sus músculos, y con las manos y los músculos de sus hijos, una prosperidad tan sólida y abundante?¹⁸⁰

Guzmán, aparentemente, compreendeu a importância da dimensão social da Revolução Mexicana, porém a arena política foi o âmbito mais enfatizado pelo escritor, justificando assim nossa opção por essa abordagem. Dentro dessa perspectiva, os aspectos que configuraram espaços de centralidade para o chihuahuense, em nossa opinião, residem na defesa da democracia política, que se depreende da constante e positiva representação de Madero em seus escritos como a personificação dos ideais nobres da Revolução. A institucionalidade apareceu como elemento crucial para a “evolução” do México, a qual seria obtida somente após a destruição da ordem anterior por parte da Revolução. Nesse sentido, a valorização da lei e da moralidade política são tônicas usuais nos escritos guzmanianos. Conjuntamente a elas vem a censura à apatia política das “classes conscientes” e dos civis, de maneira genérica. Destacamos, por fim, a recriminação da presença dos militares na política, contudo sua aceitação se deu na medida em que as classes médias se portavam de maneira indiferente e não ocupavam essa arena.

Diante disso, cabe assinalar que a Revolução iniciada com Madero, aos olhos de Guzmán, ainda não havia sido concluída. Esse desfecho, nos escritos que compõem *A orillas del Hudson* e *Otras Páginas*, seria alcançado apenas com a reorganização e

¹⁷⁹ Henequén é uma planta nativa do estado de Yucatán, México. Desde o período porfirista, as plantações de henequén contribuíam significativamente para a economia da região. https://es.wikipedia.org/wiki/Industria_henequenera_en_Yucat%C3%A1n Acesso em 11/04/2017.

¹⁸⁰ Fragmento retirado de “Tierras de Henequen”. Cf. GUZMÁN. *Otras Páginas*.

renovação política do país, quando esse espaço deveria ser ocupado pelos civis – e de preferência alfabetizados. Na perspectiva de Martín Luis Guzmán, por bastante tempo, esses “males” mexicanos não seriam sanados ou amenizados. De tal forma que, nas narrativas da Revolução – a qual analisaremos no capítulo 2 –, as críticas e a acidez do autor para com a classe política pós-revolucionária se manifestariam de maneira ainda mais obstinada, porém, desta feita, lançando mão da dimensão do “sensível” possibilitada pela literatura.

Capítulo 2

Representações da Revolução Mexicana e do poder nas narrativas de Martín Luis Guzmán: *El águila y la serpiente* (1928) e *La sombra del Caudillo* (1929)

No presente capítulo buscamos compreender a maneira como Martín Luis Guzmán interpretou a Revolução Mexicana durante a década de 1920 por intermédio das obras *El águila y la serpiente* (1928) y *La sombra del Caudillo* (1929). A relação estabelecida pelo escritor mexicano com a Revolução nesse período, em grande medida, passou pelo crivo da oposição e, portanto, por suas experiências com a classe política pós-revolucionária.¹⁸¹ Nesse sentido, as representações da Revolução e do poder traçadas pelo escritor nas referidas obras são marcadores importantes, uma vez que permitem apreender as percepções do autor acerca da temática proposta. Além disso, temos como uma das premissas interpretativas que o exílio – vivenciado pelo autor entre os anos de 1923 a 1936 – trouxe implicações para o conteúdo das narrativas guzmanianas e, ainda, contribuiu para a circulação das obras em alguns países europeus. Nosso intento é, portanto, compreender *um* dos modos de oposição¹⁸² ao Estado mexicano, no contexto pós-revolucionário. Assim, eis a nossa questão norteadora: de que modo os Romances da Revolução¹⁸³ de Martín Luis Guzmán se configuraram em um espaço de oposição ao

¹⁸¹ Temos compreendido que o período revolucionário mexicano se estendeu de 1910 a 1917, posto que abarca a conjuntura mais intensa dos conflitos e a sintetização dos anseios revolucionários na Constituição de 1917. É preciso ressaltar que este é um tema polêmico, pois, como salientou Luis Barrón, diferentes cronologias significam diferentes interpretações. Alguns historiadores consideram que o período de duração da Revolução Mexicana está compreendido entre 1910 e 1920, pois a violência em larga escala praticamente chegava ao fim e o Exército retomava o controle do Estado. Outros estudiosos, por sua vez, consideram o marco temporal da Revolução entre os anos de 1910 e 1940, momento em que o projeto social implementado por Cárdenas chegou ao fim. Cf. BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución Mexicana*. México: FCE, CIDE, 2004

¹⁸² Nesta dissertação, temos compreendido que a oposição, em sentido amplo, abrange ações e posturas de contraposição, combate e contestação à classe política mexicana. Cientes que essa oposição pode possuir nuances diferentes, indo de ações mais moderadas a outras que teriam um caráter mais contundente e radical. Entre as primeiras, encontram-se as denúncias veiculadas em jornais ou textos literários, organização de partidos alternativos/independentes, ações dentro do legislativo e; entre as segundas, os levantamentos militares de grupos políticos concorrentes. Os seguintes textos foram importantes para a nossa reflexão acerca do conceito de oposição, ainda que não tratem especificamente deste tema. Cf. NAPOLITANO, Marcos. *Coração Civil: arte, resistência e lutas culturais durante o Regime Militar Brasileiro* (1964-1980). Tese de Livre Docência em História. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011; SERVÍN, Elisa. *La oposición política. Otra cara del siglo XX mexicano*. México: FCE, CIDE, 2006.

¹⁸³ Cabe esclarecer que o “gênero” literário “Romances da Revolução” apenas foi sedimentado sob essa

governo mexicano da década de 1920?

Em um breve ensaio de análise sobre a oposição no México, ao longo do século XX, a cientista política Elisa Servín destacou a dificuldade metodológica e conceitual de estudo do tema. Como justificativa, a pesquisadora ressaltou as características *suis generis* que marcaram a ordem política mexicana: um regime político cujas fronteiras não estavam claras e no qual as formalidades institucionais e jurídicas não correspondiam às práticas da *realpolitik*. Desse modo, a existência de uma oposição mais aguerrida nos contextos de disputa presidencial – durante o século XX mexicano – se deu dentro do próprio grupo de poder, dentro do aparato estatal.¹⁸⁴

Ainda segundo a referida estudiosa, na primeira metade do século XX, a oposição careceu de uma proposta que a separasse do espectro ideológico marcado pela Revolução de 1910. De tal forma que, no transcurso dos anos de 1920 aos de 1940, no qual o regime vai definindo e institucionalizando suas características autoritárias, os espaços de poder da oposição política foram gradualmente reduzidos, em particular no terreno legislativo. Com efeito, para Elisa Servín, os anos de 1920 se constituíram como cenário de um complexo processo de transição política, conjugando os modos dos pronunciamentos¹⁸⁵ e revoltas com a renovação da vocação institucional e democrática.¹⁸⁶ Nesse sentido, a oposição e as críticas ao governo pós-revolucionário deveriam ser feitas dentro do próprio aparato estatal, sendo que quando essas manifestações saíam dos estreitos limites da arena política, a repressão era eficaz.

Para a concretização de nossos propósitos, esboçamos, nas páginas seguintes, algumas considerações acerca das noções de representação e poder, pois elas contribuem para nossas interpretações, em sentido *lato*, a respeito das relações que tecemos entre Revolução e oposição em Guzmán. Na presente pesquisa, entendemos que o conceito de “representação” é polissêmico. A narrativa que apresentamos é uma representação de *um passado que não é mais*. A prosa literária de Guzmán também é uma forma de representação que pretende refigurar e tracejar a realidade mexicana. Com efeito,

etiqueta a partir da década de 1930, momento posterior à publicação das obras que analisamos nesse capítulo, mais especificamente *El águila y la serpiente* e *La sombra del Caudillo*. Sobre a institucionalização do termo “Romances da Revolução” Cf. TORRES DE LA ROSA, Danaé. *Avatares editoriales de un “género”*: tres décadas de la novela de la Revolución Mexicana. México: Bonilla Artigas Editoriales; Instituto Tecnológico Autónomo de México, 2015.

¹⁸⁴ SERVÍN, Elisa. *La oposición política*. Otra cara del siglo XX mexicano. México: FCE, CIDE, 2006.

¹⁸⁵ Os *pronunciamentos* são levantes militares contra o governo, promovidos por chefes do Exército ou outros caudilhos. Um exemplo de pronunciamento vivido pelo México foi a Rebelião de Agua Prieta, em 1920, pela qual Venustiano Carranza foi destituído e Álvaro Obregón acendeu à presidência.

¹⁸⁶ SERVÍN. *La oposición política*. Otra cara del siglo XX mexicano, p. 28.

precisamos delinear os sentidos que nos interessam. O primeiro significado referente à representação está correlacionado com a concepção de ideário e imaginário que promovem coesão e unidade social; o segundo com a perspectiva e posicionamento apresentado por Martín Luis Guzmán em sua narrativa. A fim de refletir acerca desses conceitos, baseamo-nos, sobretudo, em autores como Bronislaw Backzo¹⁸⁷ e Roger Chartier.¹⁸⁸

Para Backzo, a sustentação do poder se ampara fortemente na mobilização de elementos que constituem o imaginário social.¹⁸⁹ Salientamos que uma das dimensões do poder no México durante a década de 1920 remete à construção de um projeto cultural e identitário de um Estado que se autodenominou revolucionário.¹⁹⁰ Para os nossos propósitos, enfatizamos a dimensão do poder que se sustentava pelo domínio da força e da violência e, em menor medida, também pela mobilização do imaginário social. Esses aspectos podem ser vislumbrados nos delineamentos operados por Martín Luis Guzmán das figuras de poder como Venustiano Carranza, Alvaro Obregón, Pancho Villa,¹⁹¹ entre outros. Portanto, nossa análise acerca do *poder* toma como referência o campo político,¹⁹² o qual se constituiu de forma legitimada nos conflitos revolucionários nos anos de 1913

¹⁸⁷ BACKZO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

¹⁸⁸ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certeza e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2002; _____. Defesa e ilustração da noção de representação. *Revista Fronteiras*. Dourados –MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul/dez. 2011.

¹⁸⁹ É relevante ressaltar que no contexto mexicano da década de 1920 havia uma imbricação entre as relações de sentido e as relações de força. Dizendo de outra forma, o poder se sustentava tanto pelo domínio da força e da violência quanto pela mobilização de um imaginário social.

¹⁹⁰ Durante a década de 1920, teve início a formulação de uma cultura revolucionária nacionalista, a qual buscou conferir unidade e legitimidade aos grupos hegemônicos, formados pelos sonorenses no poder. Esse projeto cultural preocupou-se em definir a “mexicanidade”, isto é, a aquilo que era próprio ao “ser mexicano”. As proposições dessa identidade tinham como fundamento a Revolução de 1910. Nesse intento, recuperou-se os “elementos naturais” – como a raça, a miscigenação, a paisagem, a geografia – e os elementos culturais, as tradições, a história nacional e um projeto de futuro comum.

¹⁹¹ Não mencionamos Emiliano Zapata entre os principais líderes revolucionários, pois Guzmán não conviveu com ele no período da década de 1910, de tal forma que o escritor não o descreveu, nem o representou. Somente em *El águila y la serpiente* são efetuadas interpretações acerca dos zapatistas, enquanto agrupamento social e militar.

¹⁹² Endosso a leitura realizada por Adriane Vidal Costa a respeito do conceito de “campo” cunhado por Pierre Bourdieu: “A noção de campo – seja ela intelectual, religioso, literário, político, filosófico, artístico etc – pressupõe um espaço social dotado de dominação, conflitos, estratégias, relações de força, poder e capital simbólico. O campo tem uma autonomia relativa – nível de autonomia que sempre responde a situações históricas – em relação à economia, à política e à religião. Cada campo possui suas próprias regras de organização e de hierarquia social, onde os agentes sociais ocupam posições bem determinadas que correspondem à sua situação social e ao seu capital social”. No campo político, assim como no intelectual, “as relações de poder têm uma existência dual, pois ao mesmo tempo em que supõem relações de força, constituem um fenômeno que implica a construção de legitimidade. Por isso, relações de poder são um processo que se realiza concretamente e simbolicamente”. COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina*. O debate sobre Revolução e socialismo em Córdazar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005). São Paulo: Alameda, 2013, p. 18.

a 1915 e, posteriormente, durante a década de 1920, no manejo da reconstrução do Estado, da cultura e das demandas derivadas da Revolução.

Além dessas proposições já realizadas, consideramos que a tentativa de controle e estímulo por parte do Estado da construção de uma identidade nacional ou das concepções que permeavam a Revolução, implicam também em uma restrição do espaço concedido às posições políticas alternativas ou mesmo à oposição. Nesse sentido, as tentativas de “controle do imaginário” – o qual é, sem sombra de dúvidas, portador de limites – restringe a concorrência com outros projetos, principalmente considerando o que a Revolução significou para aqueles que a vivenciaram.

Em uma definição ampla, entende-se por poder a capacidade ou a possibilidade de alguns indivíduos agirem e produzirem efeitos sobre outros, não sendo esta uma relação unilateral, mas de intensidades diferentes.¹⁹³ Quando nos referimos às figuras de poder, estamos fazendo menção às pessoas que ascenderam às posições e dispuseram de recursos de comando dentro das facções revolucionárias ou exerceram influência sobre outros. Ademais, Norberto Bobbio também apresenta a concepção de que “as percepções ou *imagens sociais do Poder* exercem uma influência sobre fenômenos do Poder real. A imagem que um indivíduo ou um grupo faz da distribuição do Poder, no âmbito social a que pertence, contribui para determinar o seu comportamento, em relação ao Poder”.¹⁹⁴ Dessa forma, novamente percebemos como os referidos autores demonstram a vinculação entre representação, poder e imaginário. No que toca às representações do poder em *El águila y la serpiente* e *La sombra del Caudillo*, o fenômeno do caudilhismo é assunto frequente. É nele que se assenta boa parte das críticas tecidas e direcionadas por Martín Luis Guzmán às práticas políticas mexicanas nas primeiras décadas do XX.

O fenômeno do caudilhismo,¹⁹⁵ no contexto revolucionário mexicano, fundamentou-se, em nossa perspectiva, nas relações que esses líderes militares e políticos estabeleceram com seus subordinados, as alianças que foram capazes de realizar com

¹⁹³ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola. *Dicionário de política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1986, p. 933.

¹⁹⁴ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola. *Dicionário de política*, p. 937. Grifos do autor.

¹⁹⁵ O fenômeno do caudilhismo tem sua origem no contexto dos processos de independência da América Espanhola, no século XIX. Trata-se de uma categoria de análise complexa e polissêmica. Como assinalado por Noemí Goldman e Ricardo Salvatore, perspectivas historiográficas recentes associadas às novas ferramentas de análise – como por exemplo, a análise dos discursos – e às novas descobertas, tem suscitado novas interpretações sobre o tema, sobre o papel desempenhado pelas camadas subalternas e, também, sobre a perspectiva “clientelista” atribuída, costumeiramente, ao caudilhismo. É importante frisar que a maioria das sistematizações da categoria “caudilhismo” centram-se na experiência da região do Rio da Prata no século XIX. Cf. GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo. *Caudillismos Rioplatenses*. Nuevas miradas a un viejo problema. Buenos Aires: Eudeba, 1998.

outros chefes de grupos armados e, ainda, na capacidade de buscarem o apoio estadunidense. Não se tratava de poderes autossuficientes, pois a legitimidade alcançada e os espaços por eles ocupados no vai-e-vem revolucionário estava intimamente ligado a esses aspectos. Embora conjuntamente a isso, deva-se acrescentar o uso da força e, em um segundo momento, a competência de empreenderem projetos no âmbito cultural – como foi o caso de Álvaro Obregón e Plutarco Elías Calles, caudilhos que chegaram à presidência da República na década de 1920.¹⁹⁶

Existe uma controvérsia historiográfica a respeito do fenômeno do caudilhismo protagonizada por Arnaldo Córdova e Alan Knight. Córdova, a partir dos pressupostos do marxismo clássico, defende que a Revolução Mexicana foi uma “revolução populista” e não uma revolução social.¹⁹⁷ Nesse sentido, o caudilho seria o “motor de todo o movimento”, o único capaz de se impor sobre o Exército e coordenar um novo organismo político de um país desarticulado pela guerra civil.¹⁹⁸ A força desse Estado pós-revolucionário, segundo Córdova, encontrava-se no binômio caudilho-massas populares, ao mesmo tempo em que era essa relação que daria os contornos ao autoritarismo estatal. Alan Knight,¹⁹⁹ por sua vez, partiu das discussões dispostas pela História Social inglesa. Na concepção de Knight, a Revolução foi um movimento popular, impulsionado pela questão agrária – “coração do movimento revolucionário” –, sem a qual teria sido convertida em um simples protesto político das classes médias. Crítica que incide diretamente sobre a interpretação de Córdova. Desse modo, Knight se contrapôs às interpretações que apontavam a Revolução Mexicana como um movimento controlado e decidido pelos “burgueses”, capazes de mobilizar e desmobilizar as camadas populares dependentes e ingênuas.²⁰⁰ Portanto, nessa chave de leitura, os caudilhos revolucionários,

¹⁹⁶ A respeito do caudilhismo Cf. BRADING, David A. (org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución mexicana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995; GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo. Introdução. _____ (orgs.) *Caudillismos Rioplatenses*. Nuevas miradas a un viejo problema. Buenos Aires: Eudeba, 1998.

¹⁹⁷ O termo “populista”, como trataremos com mais detalhes em nosso capítulo 3, é bastante problemático, visto que desconsidera o papel que as camadas populares, como atores sociais, possuem nos processos históricos. Conforme salientado por Ival de Assis Cripa, os segmentos populares, na perspectiva oferecida por Córdova, durante a Revolução Mexicana, manifestaram um comportamento débil, de tal modo que foi inviável a ocorrência de uma ruptura revolucionária e, logo, a concretização de uma revolução social. Além disso, a interpretação de Córdova é permeada por uma concepção clientelista, em que o Estado é o grande provedor dos anseios populares. CRIPA, Ival de Assis. *O vento das Reformas*. Lázaro Cárdenas e a Revolução Mexicana (1934-1940). Jundiaí: Paco Editorial, 2013, p. 28.

¹⁹⁸ CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*. México: Era, 1991, p. 263.

¹⁹⁹ KNIGHT, Alan. *Caudillos y campesinos en el México Revolucionario, 1910-1917*. In: BRADING, David A.(org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995, p. 35.

²⁰⁰ Nesse sentido, Alan Knight aponta que a questão agrária nem sempre apareceu como a primeira ou única causa do envolvimento das camadas populares na Revolução. Por exemplo, no norte e noroeste do México,

sobretudo Venustiano Carranza e Álvaro Obregón, apresentaram a faceta do caudilhismo clássico expresso nos tipos ideais “protetor-protégido”, mas incorporariam um novo elemento, o qual se configuraria na proposta de “síntese nacional”:

que mezcló con éxitos los elementos políticos anteriores, puede considerarse una forma de caudillaje, pero con una característica esencial: se apartó de los primeros movimientos de los caudillos al obtener el apoyo de las masas, con una base impersonal, nacional y confederada. Esta nueva base de la autoridad, inicial e inevitablemente modelada al estilo militar, fácilmente pudo evolucionar y tomar la dirección de la política de masas y de la burocracia.²⁰¹

Embora tenham partido de horizontes interpretativos distintos, Córdova e Knight concordam que o grande caudilho revolucionário foi Álvaro Obregón. Córdova ressaltou que o prestígio de Obregón entre o Exército era indiscutível. Assim, na opinião do historiador mexicano, quando Obregón morreu, em 1928, não havia em toda a extensão da República mexicana alguém que pudesse merecer o qualificativo de caudilho. Obregón, nessa proposição, foi o último caudilho militar e revolucionário a ser chefe do Estado mexicano.²⁰²

Em consonância com as análises de Córdova, Alvaro Matute²⁰³ resalta várias características caudilhescas em Alvaro Obregón na década de 1920, entre elas: a lealdade obtida de grupos divergentes e a capacidade de mobilizá-los em direção aos seus interesses;²⁰⁴ o personalismo que se sobrepunha ao partido (Partido Liberal Constitucionalista);²⁰⁵ a capitalização do apoio dos camponeses e trabalhadores urbanos. Matute aponta, ainda, que o caudilhismo foi um mal necessário tanto em seu próprio desmonte, como no processo de institucionalização. Lorenzo Meyer e Aguilar Camín,²⁰⁶

observou-se que o federalismo e o desejo de não intervenção de autoridades impostas pelo poder central predominaram tanto no período porfirista como após os conflitos, sendo essa uma das características que o movimento revolucionário adquiriu ou mesmo como se somou a ele naquelas regiões.

²⁰¹ KNIGHT. Caudillos y campesinos en el México Revolucionario, 1910-1917, p. 84.

²⁰² De acordo com Arnaldo Córdova, “o prestígio das personalidades que sucederam ao grande caudilho de Sonora era puramente político, incluídos, desde logo, os generais Calles e Cárdenas”. CÓRDOVA. *La ideología de la Revolución Mexicana*.

²⁰³ MATUTE, Álvaro. El ultimo caudillo y el proceso de institucionalización. In: GARCIADIEGO, Javier et alli. *Evolución del estado mexicano: reestructuración 1910-1940*. 6ª ed. México: El Caballito, 2005, p. 109-50.

²⁰⁴ Exemplo disso se apresenta na mobilização e conciliação dos diferentes grupos anticarrancistas no Levante de Agua Prieta, em 1919. Cabe ressaltar que Adolfo de la Huerta desempenhou papel importante nesses arranjos e negociações.

²⁰⁵ Guzmán em um artigo publicado em 1919 aponta essa façanha de Álvaro Obregón ao anunciar sua candidatura antes mesmo de um programa político e da confirmação de seu partido.

²⁰⁶ AGUILAR CAMÍN; MEYER. *À sombra da Revolução Mexicana: História Mexicana Contemporânea, 1910-1989*.

em semelhança a Matute, também indicam a contradição de ser a reminiscência caudilhesca a reorganizar – tanto no plano material como no simbólico – o Estado moderno mexicano.

Com efeito, a Revolução se constituiu como um momento propício para o surgimento de figuras militares como os caudilhos. As vitórias que obtiveram nos campos de batalha, em certa medida, contribuíram para a imagem e a representação que manteriam no imaginário social, dando abertura tanto para o acesso como para a legitimação do poder que exerceriam. No caso da narrativa de Guzmán, o caudilho e o caudilhismo aparecem como o exercício autoritário e personalista do poder, consequentemente, uma acepção negativa dessa prática política. A representação do *Caudillo* – embora possa ser associada a outros políticos e militares da época – se mostra com mais propriedade na forma como o escritor retratou Álvaro Obregón. Em *El águila y la serpiente* há um episódio cujo título é *Orígenes del Caudillo*, no qual o escritor mexicano atentou-se para a construção e ascensão social da imagem de Obregón como um líder político e militar dentro da disputa revolucionária, imagem que foi reforçada no personagem *Caudillo* de *La sombra del Caudillo*.²⁰⁷ Neste último, a sombra exercida pela personagem paira sobre os espaços políticos mexicanos, influenciando nos rumos do país, nos candidatos que ascenderiam à presidência, nos grupos que teriam acesso ao aparato governamental etc. Nas páginas seguintes, analisamos com mais detalhes e profundidade as relações entre as proposições acima mencionadas e os “Romances da Revolução” de Martín Luis Guzmán.

2.1. O exílio e suas implicações na escrita literária de Martín Luis Guzmán

O escritor chihuahuense retornou ao México, de seu primeiro exílio, em 1919.²⁰⁸ Período em que intensificou sua participação no periodismo nacional, fundou um jornal *El Mundo* (1921) e criou a primeira estação radiofônica do país. Em 1923, ano que segue para o segundo exílio, Guzmán foi eleito deputado pela Cidade do México.²⁰⁹ As

²⁰⁷ Sobre o fenômeno do “caudilhismo revolucionário” é interessante observar como a historiografia que se debruça sobre a década de 1920 lança mão das imagens formuladas pelos livros de Martín Luis Guzmán para ilustrar as práticas e culturas políticas do período, como por exemplo, AGUILAR CAMÍN; MEYER. *À sombra da Revolução Mexicana: História Mexicana Contemporânea*, 1910-1989.

²⁰⁸ Conforme já mencionado no capítulo 1, o primeiro exílio de Martín Luis Guzmán se deu entre os anos de 1915 e 1919, tendo ele residido em Madri (1915-1916) e nos Estados Unidos (1916-1919).

²⁰⁹ OLEA FRANCO, Rafael. Cronología. In: GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002, p. 436-438.

condições que envolveram seu afastamento do país possuem matriz política e estão vinculadas aos sonorenses, classe dirigente mexicana na década de 1920. Elas lhes forneceram elementos para o engajamento oposicionista que desempenharia em seus anos de exílio na Espanha:

Salí precipitadamente, si mal recuerdo, en el mes de diciembre de 1923, por ferrocarril, porque se me había dicho que: *o cambiaba de pensamiento político o sencillamente el gobierno me mataba*.²¹⁰

Esse foi o aviso que, segundo Guzmán, ele recebeu de seu amigo e então secretário de *Hacienda y Crédito Público*, o engenheiro Alberto J. Pani.²¹¹ Essa situação foi narrada em entrevista ao crítico literário, Eduardo Blanquel, em 1971. Nela, o escritor chihuahuense detalhou o contexto de sua saída do México diante da intensificação da disputa entre Adolfo de la Huerta e Plutarco Elías Calles-Álvaro Obregón pela presidência da República em 1923. Guzmán descreveu, então, o diálogo que estabeleceu com Pani: “Pues no sé qué hacer. ¿Cómo voy a cambiar de actitud? ¿Qué quiere usted? ¿Que vaya a la Cámara de Diputados esta tarde, a decir: no, no soy delahuertista; me he vuelto callista? Eso es imposible. No son mis modos”. Eis que surge a ideia de propor um exílio: “No creo que haga falta que el gobierno me mate, ni hace falta que diga que ya no soy delahuertista, y que de pronto me he vuelto callista. Que el gobierno me coja y me ponga en la frontera y todo está resuelto”. A iniciativa de ir para o exílio partiu do próprio Guzmán e Pani mediu o acordo entre o governo e ele para que, então, fosse levado até a fronteira do México com os Estados Unidos e se afastasse do país. Essas resoluções ocorreram, conforme declarações de Guzmán, antes do levante delahuertista. O escritor obteve auxílios importantes como passaporte diplomático para ele e sua família e o arrendamento de seu periódico *El Mundo*.

Nesse periódico – que circulava na Cidade do México – foi noticiado, em 1923, a renúncia de Adolfo de la Huerta do Ministério da Guerra, cargo que Pani passou a ocupar. A divulgação dessa renúncia gerou, muitos anos depois, uma controvérsia, quando o ex-ministro da Guerra publicou *Memorias de Adolfo de la Huerta* em 1957. Segundo consta

²¹⁰ GUZMÁN, Martín Luis. Entrevista con Martín Luis Guzmán. In: _____. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002. Entrevista concedida a Eduardo Blanquel em maio de 1971, p. 651-677.

²¹¹ Alberto J. Pani (1878-1955) nascido em Aguascalientes (México), foi um destacado político e engenheiro civil. No contexto pós-revolucionário, desempenhou diferentes funções tais como Secretário da Fazenda e Crédito Público e Secretário de Relações Exteriores.

nas *Memorias*, Guzmán teria recolhido, sem permissão, informações que estavam na mesa de trabalho de De la Huerta e publicado-as em seu jornal. No ano seguinte, 1958, Guzmán publicou um artigo em sua revista *Tiempo* com a finalidade de negar as acusações que sofreu. O que de fato aconteceu envolvendo *El Mundo*, Guzmán e a renúncia de De la Huerta em 1923? Não sabemos com precisão. Há apenas vozes dissonantes sobre o assunto. Porém, podemos indicar que os eventos envolvendo esse ato de renúncia estiveram entre as motivações para o exílio de Martín Luis Guzmán e, anos mais tarde, apareceram entre os acontecimentos selecionados pelo romancista para compor *La sombra del Caudillo*.

O México, na historiografia canônica, é mais conhecido por receber exilados do que pela imposição do exílio. Porém, tanto o governo de Porfírio Díaz como o período revolucionário e, ainda, o início da estabilização da vida pública após a Revolução foram períodos que desencadearam alguns deslocamentos por razões políticas. Durante os últimos anos do porfirismo, por exemplo, a repressão sofrida pelos clubes liberais incitou o exílio de figuras como Ricardo Flores Magón e Camilo Arriaga. No decorrer dos conflitos armados, os antigos porfiristas, ao perderem a influência que possuíam no regime anterior e ao terem seus bens tomados, viram-se obrigados ao exílio. Posteriormente, com o término da fase armada da Revolução, os grupos vencidos também se deslocaram – exemplo disso foi a perseguição sofrida por alguns villistas, quando da vitória de Carranza. Martín Luis Guzmán mencionou que essa foi uma das motivações de sua retirada do México em 1915. Já na década de 1920, os grupos que se apresentaram como oposição ao Estado pós-revolucionário, quando não derrotados e fuzilados, terminaram por exilar-se, sobretudo, nos Estados Unidos.²¹²

Ao compararmos com outros países da América Latina, o México não apresentou um volume de exílio intelectual significativo. Conforme observamos em nossas leituras, houve deslocamentos políticos e sociais: anarquistas; porfiristas; huertistas; alguns villistas quando Carranza ascendeu à presidência; aqueles que se envolveram com os levantes, por exemplo o levante delahuertista (1923); e, também, os *cristeros*.²¹³ Houve a

²¹² SOMOZA, Oscar U.; MIGUELÉZ, Armando. *Literatura de la Revolución Mexicana en el exilio: fuentes para su estudio*. México: Universidad Autónoma de México, 1997 (Cuadernos de Cuadernos), p. 17.

²¹³ Na Rebelião Cristera (1926-1929), também chamada de *Cristiada*, rebeldes católicos enfrentaram o Exército Federal, o qual recebeu apoio dos grupos agraristas, camponeses que haviam sido favorecidos pela reforma agrária ou que concordavam com o processo de reforma agrária, iniciado na década de 1920. Os *cristeros* – católicos – lutavam contra as políticas anticlericais do governo de Plutarco Elías Calles baseadas na Constituição de 1917, de cunho liberal. Cf. PEDROSA, Caio da Silva. Veredas que se cruzam. A Revolução Mexicana e o Estado pós-revolucionário na historiografia da Rebelião Cristera. In: FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *História da América: historiografia e interpretações*. Ouro Preto:

eliminação de projetos concorrentes, aspecto que se evidenciou com institucionalização da Revolução pela classe dirigente, ao passo que nesse processo também se autodenominou defensora dos ideais que envolveram o movimento. Ao agir dessa forma, as classes governantes pós-revolucionárias inibiram manifestações alternativas, sobretudo quando se denominava os setores divergentes como “reacionários”.²¹⁴

Nos anos de 1920 – cenário de publicação de *El águila y la serpiente* e *La sombra del Caudillo*, assim como de inspiração dessa última –, os governos agiam de forma autoritária, gozavam da legitimidade auferida nos conflitos revolucionários e de frágil estabilidade política, contrabalançada pelo elemento militar, que os acompanhava desde a década anterior. Foi nesse ambiente que Guzmán e a família partiram em direção aos Estados Unidos para o segundo período de exílio vivenciado pelo escritor. No trajeto até a fronteira, o intelectual foi preso a mando do governo mexicano, mas conseguiu ser liberto, indo residir em Nova York durante um ano, para depois seguir para Espanha, onde viveu por 12 anos:

Una vez en España escribí, hice periodismo, hice política, conspiré, conspiré hasta donde puede conspirar un mexicano en México, conspiré siendo mexicano en España. Con decirle que llegó un momento en que si no me hubieran fallado los españoles que formaban parte del gabinete, hubiera hecho la Revolución en Portugal²¹⁵ y habría echado abajo al presidente.²¹⁶

O fragmento acima demonstra que Martín Luis Guzmán não deixou de atuar politicamente durante seu segundo exílio. Não há muitas documentações sobre esse período, pois quando o escritor retornou ao México – em 1936 –, os franquistas queimaram sua casa e, conseqüentemente, muitos papéis e arquivos se perderam. Guzmán colaborou e dirigiu alguns periódicos, foi amigo e conselheiro de Manuel Azaña²¹⁷ e também interviu na política espanhola antes e durante a República. Sendo ele quem noticiou, nas eleições de 1931, a vitória dos republicanos na *Granja del Henar*, ponto madrilenho de conhecidas tertúlias. Foi também na Espanha onde escreveu duas de suas principais obras, as quais investigamos aqui.

O exílio de Guzmán – ainda que tenha resultado de sugestão e articulação do

EDUFOP/PPGHIS, 2012.

²¹⁴ SOMOZA; MIGUELÉZ. *Literatura de la Revolución Mexicana en el exilio: fuentes para su estudio*.

²¹⁵ Referência ao envolvimento do escritor mexicano com o movimento anti-salazarista.

²¹⁶ GUZMÁN, Martín Luis. Entrevista con Martín Luis Guzmán. In: _____. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002. Entrevista concedida a Eduardo Blanquel em maio de 1971, p. 657.

²¹⁷ Manuel Azaña foi um escritor e político espanhol; esteve no cargo de presidente da Segunda República Espanhola entre 1936-1939.

próprio escritor – não deixou de ser, também, fruto da pressão coercitiva dos obregonistas e dos partidários da candidatura de Plutarco Elías Calles à presidência, nos anos de 1923-1924, em detrimento da candidatura de Adolfo de la Huerta. Em distintas correspondências trocadas entre Martín Luis Guzmán e Alfonso Reyes, no intervalo de 1925 a 1936, a menção do desejo de retornar ao México aparece,²¹⁸ assim como o reconhecimento do papel de opositor que o escritor chihuahuense assumiu em relação aos obregonistas e aos callistas, bem como sua adesão à candidatura de José Vasconcelos à presidência do México em 1929.²¹⁹ Ao estabelecer a diferenciação entre exilado e migrante, Luis Roniger trouxe elementos que nos permitem compreender a condição de exilado de Guzmán:

Para o desterrado, sair da pátria ou do lugar de residência não costuma ser resultado de uma escolha pessoal. Mesmo quando isso acontece, a decisão costuma estar estreitamente relacionada com uma ameaça de coação ou um marco institucional que deixou pouca escolha para o fugitivo. Em troca, o trabalhador migrante se percebe a si mesmo – com justiça ou injustamente – como o único responsável de sua saída. Se bem longe de casa, o exilado sente-se obrigado a permanecer ali tanto tempo quanto as condições que o levaram à fuga persistirem. Os migrantes sentem que podem regressar por sua vontade, enquanto os exilados esperam que mude o governo ou regime que os levou ao desterro.²²⁰

A vivência exílica de Guzmán demonstrou sua adesão ao projeto político republicano,²²¹ ao periodismo, à vida cultural e intelectual espanhola, de tal forma que ele, inclusive, adquiriu a cidadania daquele país. Assim, nos textos escritos por ele nessa fase, os quais foram selecionados e reunidos no livro *Crónicas de mi destierro*²²² (1958),

²¹⁸ Em correspondência a Alfonso Reyes, Guzmán escreveu: “Después de su reciente viaje a México no se sorprenderá al saber que estoy otra vez en España. Aquí me encuentro desde hace tres meses y *dispuesto a esperar, como la ocasión anterior, a que la gresca de los odios políticos mexicanos precise su dibujo suficientemente para que pueda yo acercarme a ella sin riesgo de daños irreparables.*” Cf. GUZMÁN, Martín Luis. Carta nº33 – Madrid-París, 14 de setembro de 1925, p. 123. Grifos nossos.

²¹⁹ “Aquellas gentes son tan bellacas que teniendo [José] Vasconcelos inventan Ortiz-Rubios. Pero yo como siempre: de parte de los buenos que fracasan, no de los bandoleros (Lombroso Inn) que triunfan. “If you can make a heap of all you winnings...” No es bueno el verso, pero los hombres, algunos hombres, lo sienten.” p.s: “Lo de bandoleros no va por Ortiz Rubio; es personalmente estimable. Me refiero a los poderdantes y a todo el enjuague, tinglado, bochinche, etc.” (p. 132, carta de 01/08/1929, Madrid)

²²⁰ RONIGER, Luis. Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios. In: QUADRAT, Samantha Viz (org.). *Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 43.

²²¹ Segundo Hector Perea, a proximidade de Guzmán com o presidente Manuel Azaña e com o projeto político republicano espanhol seriam elementos que teriam contribuído para o interesse de Lázaro Cárdenas pela figura do escritor chihuahuense. Cf. PEREA, Héctor. Tras las huellas de una sombra. In: GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002.

²²² Os textos reunidos em *Crónicas de mi destierro* resultam de publicações em periódicos mexicanos entre

encontra-se presente a faceta de um agente histórico que compara a realidade nacional do país de origem com a realidade nacional do país de residência. Em distintas crônicas, ele oferece interpretações que aproximam o México da Espanha, ou em que este último se torna extensão do anterior, com qualificativos como “segunda pátria” ou “prolongamento da pátria”.²²³

A literatura que surge na conjuntura do exílio apresenta certas características que, geralmente, diferenciam-nas em dois grupos: a literatura *de* exílio e a literatura *no* exílio.²²⁴ A primeira caracteriza-se por ser uma narrativa que faz do exílio o seu tema e a segunda por ter sido produzida nesse contexto. *El águila y la serpiente* e *La sombra del Caudillo* se enquadram no segundo grupo – literatura produzida *no* exílio – e são marcadas por uma escrita ressentida.

A literatura produzida no exílio partilha de uma situação específica, principalmente considerando uma produção da primeira metade do século XX, que desfruta de um processo distinto de enunciação e circulação do que vivenciamos hoje. No que se refere à escrita literária no exílio como ato político, tem-se uma questão importante: o público leitor. Segundo Ángel Rama, o escritor exilado possui três públicos em potencial: o público do país onde se encontra instalado provisoriamente; o público de seu país de origem (guardada as devidas proporções); e, o público de compatriotas que também se encontram em exílio. Ele ainda acrescenta que o escritor pode optar por um deles, mas o interessante é a possibilidade de conjugá-los. Isto é, de traduzir seu intento de falar ao mesmo tempo a todos eles.²²⁵ Se pensarmos na publicação das obras de Martín Luis Guzmán inicialmente em folhetins, podemos perceber que os públicos leitores se concentravam no México, sobretudo na Cidade do México, ou na parte sul dos Estados Unidos, onde muitos mexicanos residiam. Posto que os jornais para os quais ele escrevia eram *El Universal – México* –, *La Opinión* e *La Prensa* – Estados Unidos. Porém, quando consideramos as publicações em formato de livro, a editora era espanhola, os livros

os anos de 1925 a 1927. Foram textos escritos na Espanha e, também, durante o curto período de estadia de Guzmán na França. Em função disso, temos compreendido que em algumas crônicas transparece a saudade que o autor sentiu do México. Porém, ainda, existe o fato de que seus leitores eram mexicanos, contribuindo, portanto, para ocorrência de inúmeras marcas de “mexicanidade” nos textos, para as constantes correlações estabelecidas entre Espanha e México e, também, para os relatos das experiências de um mexicano na Europa.

²²³ GUZMÁN, Martín Luis. *Crónicas de mi destierro*. In: GUZMÁN, Martín Luis. *Obras Completas*. Vol. I. México: FCE, INEHRM, 2010, p. 804.

²²⁴ Cf. CYMERMAN, Claude. La literatura hispanoamericana y el exilio. *Revista Iberoamericana*, v. LIX, n° 164-165, p. 523-550, julio-diciembre de 1993.

²²⁵ RAMA, Ángel. La riesgosa navegación del escritor exilado. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 35, março-abril, p. 95-105, 1978.

recebiam alguma publicidade nos jornais e, em pouco tempo, foram traduzidos para outros idiomas, como o inglês e o neerlandês.²²⁶ Temos considerado a inviabilidade de se trabalhar com a recepção em virtude da dispersão das informações. No entanto, entendemos que, apesar disso, Martín Luis Guzmán se inseriu no debate da época, pois sua literatura se constituiu como intervenção política na esfera pública, visto que deu vazão às ações políticas de denúncia, repúdio e contrapropaganda direcionadas ao governo pós-revolucionário mexicano.

Diante dessa sucinta explanação, a escrita no exílio traz pontos interessantes a se pensar. O primeiro deles consiste na liberdade que a enunciação de um discurso tão crítico às elites políticas mexicanas pôde gozar, a qual percebemos na liberdade de circulação do texto. Ainda que seja inviável a obtenção de números acerca da circulação e recepção dos livros na Espanha (e em alguns outros países europeus), um outro ponto que se coloca é o papel que as narrativas exerciam, ou seja, elas se configuravam como contrapropaganda ao governo mexicano, uma vez que veiculavam uma interpretação negativa a respeito daquilo que a Revolução havia se transformado nos anos de 1920. Nesse período, o governo estava preocupado em projetar o México internacionalmente como um país estável, onde a Revolução resultou em ganhos que não se restringiam às reformas sociais, mas perpassavam uma “ação redentora” e uma “redenção moral” da nação por meio da elevação cultural.²²⁷

No México, a chegada de *El águila y la serpiente*, entre 1927 e 1928, não gerou nenhuma surpresa, pois vivenciava-se o contexto de promoção e incentivo da escrita de narrativas da Revolução.²²⁸ Outras obras, do mesmo modo que ela, estavam entremeadas

²²⁶ *El águila y la serpiente* foi traduzido para o inglês, em 1930, por Harriet de Onis. Cf. HUNTINGTON, Tanya. *Martín Luis Guzmán: entre el águila y la serpiente*. México: Tusquets Editores, 2015; Sobre a versão de *La sombra del Caudillo* em neerlandês: ROSENZWEIG, Gabriel. La edición en neerlandés de *La sombra del Caudillo*. *Revista Literatura Mexicana*. XXIII. 2, 2012, p. 51-61. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/literatura-mexicana/index.php/lm/article/view/715/714>

²²⁷ DIAS, Natally Vieira. *A revolução mexicana nos debates político-intelectuais brasileiros: projeções, leituras e apropriações (1910-1941)*. Tese de doutorado em História (UFMG). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2015.

²²⁸ Em fins de 1924, o recém-nomeado Secretário da Educação do governo de Plutarco Elías Calles (1924-1928), José Puig Cassauranc, realizou um pronunciamento via rádio, no qual se fez conhecer o programa educativo oficial e afirmou que apoiaria “toda obra en la que la decoración hosca y severa y as veces sombría, pero siempre certa de nuestra vida misma”. Incentivou-se a escrita de obras que desempenhassem um papel no processo de conscientização dos mexicanos a respeito dos problemas nacionais. Muitas obras foram publicadas tendo os acontecimentos de 1910 a 1930 como matéria-prima, sendo, então, denominadas de “Romance da Revolução Mexicana”. Cf. NEGRÍN, Edith. Recepción de *La sombra del Caudillo*. In: GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002, p. 484; ANDRADE, Carolline Martins; GOMES, Warley Alves. História Intelectual no México: duas leituras da Revolução Mexicana. In: FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *História da América: historiografia e interpretações*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

pelo pessimismo e desencanto no que tange a concretização dos ideais revolucionários. No caso de atores sociais como Guzmán, os ideais ligavam-se às finalidades políticas da Revolução. Na Espanha, a obra cumpria a função de divulgar um pouco da cultura e política mexicana. Juntamente com as obras de Mariano Azuela, *Los de abajo* (1915), e de Alfonso Camín, *Entre volcanes* (1928), era uma das poucas narrativas da Revolução que circulavam na Espanha por volta de 1928.²²⁹ *La sombra del Caudillo*, por sua vez, teve um impacto um pouco maior que *El águila*. Na Espanha foram publicados interessantes artigos nos jornais, seja elogiando a qualidade estética, seja contestando o enredo da trama e um, inclusive, entrevistando Martín Luis Guzmán para saber sua opinião acerca da situação mexicana.²³⁰ Assim, optamos por encerrar esse tópico do capítulo com um pouco da visão do escritor acerca do “México visto desde Madri” (1929):

[José Luis Salado] _ ¿Cómo ve usted desde aquí el problema mejicano?

[Martín Luis Guzmán] _ Me parece un problema de solución difícil. La violencia no puede ser dominada más que con la violencia, y este círculo vicioso engendra todas las inmundicias. Si acaso, cabría una labor paciente cerca las generaciones nuevas.

[JLS] _ ¿Y quién podría hacer esa labor?

[MLG] _ Vasconcelos.

Para Martín Luis Guzmán, Vasconcelos es – después de Madero – el hombre más considerable que ha producido la revolución mejicana.

Vasconcelos busca lo que ya intentó Madero: la transformación espiritual de Méjico. Cuando fué ministro de Educación pública, con Obregón, hizo realmente lo único fecundo del sistema revolucionario. Cabe pensar que el día que tenga en su mano todos los resortes del Poder, el problema de Méjico se habrá resuelto.²³¹

Em suma, na concepção de Guzmán, o México vivenciava, na década de 1920, uma ciranda, na qual a violência e as imoralidades políticas se retroalimentavam e conformavam a sociedade. As expectativas do escritor esboçaram-se no pleito eleitoral de 1929 a favor de José Vasconcelos – representante do liberalismo maderista da década de 1910 – e, em sentido genérico, da juventude, os quais simbolizavam a possibilidade de transformação do país através dos setores culturais e educacionais. Diante disso, percebemos que, mesmo de Madri, o México se manteve no horizonte de preocupações do intelectual.

²²⁹ Diálogo vespertino *La Voz*, publicado em Madrid em 23 de agosto de 1928, ano IX, nº 2.387.

²³⁰ BELLO, Luis. La sombra del Caudillo. Un mejicano de la Revolución. *El Mañana*. Teruel. Año II, nº 284, miércoles, 4/12/1929.

²³¹ SALADO, José Luis. Conversación con un escritor de Méjico. *Heraldo de Madrid*. Año XXXIX, nº 13.677. Jueves, 28/11/1929, Edición de la noche.

2.2. Entre tempos, atos e palavras: a construção da identidade e a narrativa da experiência revolucionária em *El águila y la serpiente* (1928)

A história, a literatura e a memória são elementos que podem se fazer conhecer e se tornam inteligíveis por meio da narrativa. O entrelaçamento entre elas é nítido. A literatura, no presente trabalho, se configura como um importante espaço de memória, visto que possui como cenário as experiências particulares de seu autor conectadas a eventos marcantes da história mexicana. Podemos observar em *El águila y la serpiente* o modo como a trajetória individual do autor se cruzou com a história da própria Revolução Mexicana, e as memórias de sua experiência como rebelde converteram-se em literatura na produção de seu texto. Em face das peculiaridades de nossa fonte, pretendemos, a partir da exposição da obra, relacioná-la tanto com as discussões teóricas concernentes à memória, à escrita memorialística, como ainda do próprio contexto mexicano, o qual se estende da década de 1910 até a publicação, em formato de livro, de *El águila y la serpiente* no ano de 1928. No entanto, queremos enfatizar que nossas interpretações acerca da obra apontam primordialmente para o momento de sua publicação. Aspecto que se mostra nítido: na atualização da memória sob o signo do presente, no exercício de uma ação política no presente, ainda que lendo o passado e na intervenção que executa por intermédio da escrita na vida política mexicana, mesmo estando exilado. Ou seja, nossa preocupação é analisar a forma como Guzmán narrou suas vivências revolucionárias e como isso nos permite compreender seus posicionamentos políticos.

Em princípio, para caminhar em direção à concretização de nossos propósitos, isto é, compreender como a narrativa de Martín Luis Guzmán se configura como oposição, formulamos algumas premissas:

1) Guzmán ao escrever um texto memorialístico sobre sua experiência na Revolução Mexicana constrói uma identidade revolucionária.

2) Essa identidade enunciada durante seu período de exílio na Espanha – e em uma conjuntura de estímulo à produção de narrativas que tivessem como tema a Revolução – possui um efeito de negociação social.

3) A escrita de *El águila y la serpiente* – como temos prescrito – figura-se como ação política no contexto de sua publicação, pois antagoniza com algumas figuras revolucionárias que personalizam a permanência de práticas políticas consideradas como “imorais” pelo autor.

Como desdobramento dessas premissas ocorre-nos uma questão crucial: em que

medida a identidade formulada por Martín Luis Guzmán em *El águila y la serpiente* se constitui como oposição a alguns líderes revolucionários? Dentro da narrativa da supracitada obra, percebemos fortes marcas de um discurso de desencanto com o desenrolar da Revolução Mexicana. Em nossa perspectiva, o desencantamento com o evento pode ser interpretado como uma das feições assumidas pela contestação, um meio pelo qual se expressa publicamente a oposição.

Tendo em vista as formulações acima, vamos à análise da obra. *El águila y la serpiente* foi uma das primeiras memórias a ser publicada no que posteriormente formaria parte do cânone do subgênero Romances da Revolução.²³² Ela é narrada em primeira pessoa e o autor é, simultaneamente, protagonista, testemunha e/ou ouvinte. O livro relata um dos períodos mais conturbados da história mexicana, com apontamentos que permitem delinear a construção da elite política que se declarava herdeira legítima das ideias da Revolução Mexicana e se consolidava politicamente no cenário da década de 1920. A obra começou a ser publicada em periódicos – *La Prensa*, *La Opinión* e *El Universal* – entre outubro de 1926 a novembro de 1927, inicialmente com o nome *De mis días revolucionarios*.²³³ Em 1928, foi publicada no formato de livro pela editora espanhola Aguilar Editores e adquiriu mais alguns capítulos, sendo dividido em duas partes – *Esperanzas revolucionarias* e *En la hora del triunfo*, respectivamente. Como destaca Rafael Olea,²³⁴ o título *El águila y la serpiente*, embora simbolicamente mexicano, não resultou de uma ideia de Martín Luis Guzmán, mas sim de uma sugestão de seu editor espanhol. Cabe assinalar que a águia e a serpente são representações contidas na bandeira nacional e expressam o imaginário em torno da fundação do México, constituindo-se como símbolo de identidade do país. Podemos interpretar que ao tomar a águia e a serpente – ícones da bandeira nacional – como título de seu livro, Guzmán propôs uma síntese da realidade mexicana no contexto revolucionário, isto é, uma nação fracionada, violenta, dominada por homens iletrados e bárbaros.²³⁵

A história narrada em *El águila* tem como marco inicial 1913, com a fuga de

²³² HUNTINGTON, Tanya. *Martín Luis Guzmán: entre el águila y la serpiente*. México: Tusquets Editores, 2015.

²³³ Não conseguimos mapear se *El águila y la serpiente* foi publicada em jornais da Espanha.

²³⁴ Mesa redonda “México a través de sus décadas” disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=I97ZBSglIL0>. Acesso em 05 de maio de 2017.

²³⁵ Oficialmente, o escudo estampado na bandeira nacional do México baseia-se na lenda asteca sobre a fundação da cidade de Tenochtitlán. Conforme a lenda, o povo vagou por ao menos 300 anos procurando pelo sinal dado pelo deus da guerra, Huitzilopochtli, de onde deveriam construir sua cidade. Este sinal consistia na águia devorando a serpente. Disponível em: <http://www.excelsior.com.mx/2012/02/24/nacional/813294>. Acesso em 15/12/2017.

Guzmán através de Cuba e Estados Unidos, e adesão às tropas revolucionárias no norte do México até a retirada de Victoriano Huerta da presidência. Na segunda parte, narra a cisão dentro do grande exército constitucionalista e as disputas entre as variadas facções pelo controle do poder no país. O livro termina com a primeira saída de Guzmán do México em caráter de exílio, em 1915.

Embora a Revolução Mexicana se destaque como a primeira grande revolução social do século XX, portadora de forte caráter nacional, popular e agrário, a perspectiva apresentada por Martín Luis Guzmán, na obra em questão, não é o povo envolvido no conflito, mas sim os bastidores e a manipulação do poder. O autor manteve sob seu foco o relato de sua convivência com variados chefes revolucionários, entre eles Venustiano Carranza, Álvaro Obregón, Pancho Villa e Adolfo de la Huerta. Desse modo, temos a veiculação das percepções e do olhar do intelectual sobre os conflitos vivenciados pelo país na década de 1910, sobre esses sujeitos históricos e suas decisões no cotidiano revolucionário, as quais, em muitos momentos, são sentenciadas negativamente, sobretudo em relação a Carranza e a Obregón. Nesse sentido, é de fundamental importância ressaltar que, em nosso entendimento, não se trata apenas de uma visão elitista ou simplesmente de “los de arriba” veiculada na narrativa do intelectual chihuahuense. Temos compreendido, por meio da leitura e análise das obras do escritor, que sua preocupação estava amplamente vinculada com os problemas da esfera política do México, fato que não era incomum à época. Conforme argumentos desenvolvidos por Arnaldo Córdova em *La ideología de la Revolución Mexicana*, havia setores sociais mexicanos que estavam mais preocupados com as demandas políticas do que com as sociais naquela conjuntura, por exemplo, o maderismo.²³⁶ Assim, mesmo que seja um posicionamento elitista, não se trata de algo restrito a Guzmán ou à sua narrativa.

Ainda sobre essa temática, a pesquisadora estadunidense Tanya Huntington propõe uma interpretação interessante que acrescenta novas chaves de leitura à crítica literária de *El águila y la serpiente*.²³⁷ A saber, a *mea-culpa* que o discurso memorialístico de Guzmán assume diante do desenrolar da Revolução e a crítica direcionada aos *criollos* – classe social a qual ele se sentia pertencente.²³⁸ Porém, divergimos de pontos caros à

²³⁶ CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*.

²³⁷ HUNTINGTON, Tanya. *Martín Luis Guzmán: entre el águila y la serpiente*. México: Tusquets Editores, 2015.

²³⁸ Sobre *criollos*, ver nota 104 desta dissertação. No entanto, cabe assinalar que se trata de uma diferenciação social elitista, segundo a qual existia um papel social específico para os “criollos”, termo herdado do período colonial para designar os filhos dos espanhóis nascido em território colonial. Esse papel que Guzmán atribuiu aos *criollos*, como mencionado no capítulo 1, é de liderança e de condução dos

sua tese.²³⁹ Sobre a qual segue um extenso fragmento selecionado:

Más bien, *El águila y la serpiente* es una obra acérrima de la Revolución política y su incapacidad, precisamente, de reconocer o comprender esa otra Revolución social. Lo que esta tesis doctoral ha sostenido es que mientras autores contemporáneos como Vasconcelos están convencidos de la superioridad de una Revolución política, viéndola como un proceso saboteado por esa Revolución de “los de abajo”, *Guzmán permanece en duda: ¿cuál de las dos Revoluciones será la auténtica? Parece concluir que a fin de cuentas no es la suya, y que ha sido así porque la clase criolla no ha sido capaz de llevarla a cabo con la autenticidad que hacía falta*. Como señala Raquel Velasco, en diversas escenas de *El águila y la serpiente* se desenmascaran la hipocresía, el servilismo, y la sed del poder de los intelectuales [...]. Yo he mostrado en esta tesis como Guzmán incluye a sí mismo en esta canasta de defectos, agregando el elemento de la frivolidad. La ética que ha heredado no le dio las herramientas necesarias para enfrentar el dilema, o si se prefiere, la mecánica, de un levantamiento social, más que escabulléndose de ella. *Luego es la otra Revolución, la social, la que corresponde a la realidad mexicana, y la única solución ética para los criollos consiste en ausentarse del mando y dejar que los hombres de acción como Villa abran paso al México moderno.*²⁴⁰

Em princípio, discordamos da pesquisadora quando ela distancia o posicionamento político de Guzmán daquele demonstrado por José Vasconcelos – tendo como fonte *La Tormenta*.²⁴¹ Por meio da análise de *El águila y la serpiente* não conseguimos perceber a questão das “duas Revoluções” no discurso de Guzmán. De tal forma que, temos defendido que ambos ateneístas apresentavam comportamentos políticos relativamente próximos,²⁴² vinculados ao maderismo e ao liberalismo político. A visão de liberalismo sustentada por esses intelectuais se caracterizava pela defesa dos direitos individuais, de propriedade e da democracia política, sendo que a noção de democracia não aparecia associada a uma ideia de justiça social. Quando se aponta a questão da divisão de terras, a concessão de certos direitos às camadas populares, esses intelectuais se mostravam reticentes.²⁴³ No caso de Guzmán, como veremos no capítulo

assuntos nacionais.

²³⁹ Julgamos que a interpretação fornecida por Tanya Huntington assume muitas vezes o tom condescendente com Martín Luis Guzmán. Em nossa perspectiva, isso se explicaria em virtude de uma busca por parte da estudiosa de apaziguar a fortuna crítica em torno do intelectual, sobretudo aquela produzida após 1968. Como veremos no capítulo 3, os acontecimentos que marcaram o outubro de 1968 mexicano e os posicionamentos favoráveis do escritor chihuahuense para com o governo trouxeram implicações substanciais para a forma como sua obra seria lida nos anos posteriores.

²⁴⁰ HUNTINGTON, Tanya. *Martín Luis Guzmán: entre el águila y la serpiente*, p. 222.

²⁴¹ *La Tormenta* foi escrito por José Vasconcelos em 1936. Consiste em uma narrativa de caráter autobiográfico e memorialístico, na qual o intelectual narrou suas experiências revolucionárias entre os anos de 1913 e 1920.

²⁴² Essa nossa defesa se limita até meados da década de 1930, uma vez que o posicionamento de Vasconcelos toma um rumo bem diverso daquele expresso por Guzmán após seu retorno ao México em 1936.

²⁴³ Cf. GOMES, Warley Alves. *Mariano Azuela e a Revolução Mexicana: narrativas entre o desencanto e a esperança*. Dissertação de mestrado em História (UFMG). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2013.

3, ao menos até o governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940), o discurso sobre a distribuição de terras era praticamente ausente. Concordamos com Huntington no que se refere às críticas levantadas por Guzmán contra a incompetência da classe *criolla*. No entanto, divergimos da afirmativa de que o intelectual considerava que o mecanismo para o desenvolvimento de um México moderno era abrir espaço para ação de homens como Villa e das camadas populares. Guzmán, como ela bem lembrou, demonstrava aversão aos zapatistas, ao villista Rodolfo Fierro (conhecido pelo uso extremo da força) e até mesmo a Villa. Por mais que Guzmán pudesse reconhecer que as demandas apresentadas por esses segmentos sociais fossem justas, isso não implicava em deixar a cargo deles o futuro mexicano, pois, em sua perspectiva, eles não estavam preparados para a política, além de serem a personificação da barbárie. Assim, interpretamos o afastamento do intelectual da Revolução, em 1915, mais propriamente como desencanto e a constatação de que o movimento revolucionário havia sido corrompido.

A obra em análise, *El águila y la serpiente*, é também um texto memorialístico constituído por vários episódios, os quais possuem gêneros textuais diversos. Essa característica dificulta seu enquadramento em alguma categoria textual específica. Todavia, consoante Tanya Huntington,²⁴⁴ essa diversidade é amenizada e ganha encadeamento pela presença do “eu”, em que Guzmán, por sua constituição como sujeito e personagem, conecta a história. Ora, o que a presença do “eu” realiza na constituição do enredo da referida obra? Temos compreendido que a memória atende a engajamentos e demandas do presente, que ela opera atualizações e gestões²⁴⁵ segundo as vivências e experiências dos indivíduos. Ademais, a presença do “eu” nos conduz à uma breve reflexão em torno do nexos entre narrativa, memória e identidade. Ou seja, para nós, na medida em que o intelectual desenhou os contornos de si enquanto personagem, ele também constituiu uma identidade por meio da narrativa. Portanto, ao escrever sobre seu envolvimento na Revolução Mexicana, junto aos exércitos revolucionários – inicialmente constitucionalista e, em seguida, villista e convencionista –, Guzmán tornou inteligível uma identidade revolucionária por meio da “escrita de si”.²⁴⁶

²⁴⁴ HUNTINGTON, Tanya. *Martín Luis Guzmán: entre el águila y la serpiente*.

²⁴⁵ Entendemos que a gestão da memória consiste nas seleções e silenciamentos daquilo que será narrado e como será narrado. Cf. CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo*. Memória e fim do fim da história. Coimbra: Almedina, 2009.

²⁴⁶ Ângela de Castro Gomes postula, ao entrar no debate sobre a “escrita de si” no que se refere às relações entre o texto e seu autor, que: “o debate estabelecido envolveria como que duas posições básicas, que, de uma forma extremamente simplista podem assim ser situadas. De um lado, haveria a postulação de que o texto é uma “representação” de seu autor, que o teria construído como forma de materializar uma identidade que quer consolidar; de outro, o entendimento de que o autor é uma “invenção” do próprio texto, sendo sua

Nessa perspectiva, deparamo-nos com o seguinte questionamento: a presença do “eu” seria constituída somente pela soma das vivências individuais do sujeito? Não. Podemos matizar a interpretação de Huntington lembrando da relação existente entre memória individual e memória coletiva. O historiador Fernando Catroga recorre a Paul Ricoeur, para quem “recordar é em si mesmo um ato relacional, ou melhor, de alteridade”. A memória não busca apenas a si mesmo como um *outro*, a recordação também envolve outros sujeitos e o “desejo do verossímil se comprova com o recurso às memórias dos outros”. Este aspecto é marcante, porque a memória de um indivíduo se forma por suas próprias lembranças conjugadas àquelas adquiridas na convivência com outros; elas se formam também pela narrativa e compartilhamento de memórias alheias. Nesse ponto, a memória, tal como em Pollack – que será abordado em seguida – parece-nos configurar como espaço de negociação, dado que “mesmo antes de ser um *eu*”, o indivíduo já se encontra imerso no social, sendo a partir desse referencial que se pensa sua estratégia de vida, os seus sentimentos de pertença e de adesão ao coletivo. Nesse ponto, as constantes referências a outras pessoas – sobretudo aquelas que se destacaram no jogo político –, que também partilharam dos conflitos mexicanos podem ser vislumbrados como uma busca de legitimidade e validade das experiências recordadas por parte de Guzmán, as quais analisaremos ao longo do presente tópico.²⁴⁷

Ao abordar a temática da memória, Michel Pollak chamou atenção para o fato de que ela se constitui como campo de disputas, em que as preocupações sociais do presente influenciam em sua *construção* tanto no âmbito individual como no coletivo.²⁴⁸ À esta construção liga-se a formulação da identidade; a qual conjugada com a organização da memória – numa ordem reconhecível – possibilita o “sentido de imagem para si e o sentido de imagem para o outro”. Desse modo, sua proposição é bastante profícua para pensar nosso objeto, isto é, o relato memorialístico oferecido por Guzmán, uma vez que

sinceridade/subjetividade um produto da narrativa que elabora. [...] Nessa questão, começa a ganhar terreno a posição que considera que o indivíduo autor não é nem “anterior” ao texto, uma “essência” refletida por um “objeto” de sua vontade, nem “posterior” ao texto, um efeito, uma invenção do discurso que constrói. Defende-se que a escrita de si é, ao mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto, que se criam simultaneamente, através dessa modalidade de “produção do eu”. Cf. GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004, p. 15-16.

²⁴⁷ CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo*. Memória e fim do fim da história. Coimbra: Almedina, 2009, p. 13-15.

²⁴⁸ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Traduzida por Dora Rocha Flaksman. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15; POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Transcrita e traduzida por Monique Augras. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

Pollack afirma que a identidade: “é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta ou com os outros”.²⁴⁹ Entendemos, com isso, que a narrativa do intelectual mexicano se constituiu como um espaço de negociação. Isso porque a obra foi produzida em um contexto de política cultural do Estado que estimulava a produção de textos literários que tivessem como enredo elementos da cultura popular, o ser mexicano e a Revolução, isto é, as narrativas da Revolução. Diante desse quadro, temos concebido que o autor buscou garantir – por meio de sua experiência na Revolução – um lugar social no México, sobretudo se levamos em conta que no momento de publicação da obra, ele estava vivendo no exílio.

2.2.1. A narrativa da experiência e o desencanto com a Revolução em *El águila y la serpiente*

Esperanzas revolucionarias é o sugestivo título da primeira parte de *El águila y la serpiente*. Sugestivo porque entrelaça as expectativas com as quais Martín Luis Guzmán se envolveu na Revolução e que, no decorrer do enredo – e do próprio processo histórico –, transformaram-se em desencanto e frustração pelo que dela resultou. Aspectos esses que mobilizamos para compreender as formas de contestação e oposição dentro do relato memorialístico do escritor. A respeito disso, indicamos que nossa opção metodológica de análise recai sobre a sequência cronológica contida na trama, pois desse modo acreditamos captar o desenredo que vai da esperança ao desencanto e, por consequência, à oposição à elite política que emergiu da Revolução.

A narrativa de *El águila y la serpiente*, como dito anteriormente, possui como ponto de partida maio de 1913. Momento no qual Guzmán sai do México pelo porto da cidade de Veracruz, em que: “Llevaba en mí cartera cincuenta dólares; en el alma, una *indignación* profunda contra Victoriano Huerta”.²⁵⁰ O objetivo de Guzmán era chegar aos Estados Unidos e alcançar a fronteira com o México, para, assim, aderir às tropas constitucionistas que se encontravam no norte mexicano.²⁵¹

Susana Quintanilla, ao analisar as motivações que conduziram Martín Luis

²⁴⁹ POLLAK. Memória e identidade social, p. 204.

²⁵⁰ GUZMÁN, Martín Luis. *El águila y la serpiente*. In: _____. *Obras Completas*. 4ª ed. México: FCE, INEHRM, 2010. Vol. I, II, III. (Coleção Letras Mexicanas), p. 33. Grifos nossos.

²⁵¹ No início do século XX, uma rota de saída do México, por embarcação, era partir de Veracruz (litoral mexicano com saída para o Atlântico), passar por Havana (Cuba) e chegar ao sul dos Estados Unidos.

Guzmán a se envolver de modo mais efetivo nos conflitos armados, propôs argumentos coerentes, os quais se contrapõem às justificativas apresentadas pelo próprio escritor nas páginas de *El águila*, conforme abordaremos a seguir. Quintanilla informa que nem mesmo seus contemporâneos e amigos sabiam os reais motivos da escolha do escritor, no entanto, em correspondência enviada por Guzmán a Alfonso Reyes, em 24 de fevereiro de 1914, o chihuahuense afirmou que “fugiu” da Cidade do México (D.F): “para fugir de si” e na Revolução “levava uma vida nobre, intensa e selvagem”.²⁵² Em 1913, Guzmán tinha 26 anos, dois empregos, dois filhos e uma coluna literária. Diante desse quadro, a biógrafa sublinhou que foi o desejo por novas experiências e por escapar da vida que levava que moveu Guzmán em direção aos campos armados.²⁵³

Em *El águila*, Guzmán narrou que seu envolvimento com a Revolução foi ocasionado por uma suposta perseguição de huertistas devido à difusão de um panfleto, que escreveu em apoio aos constitucionalistas. Quintanilla, por seu turno, argumentou a improbabilidade de tal alegação, posto que, nesse período, o escritor ainda era visto como o filho de um coronel do Exército Federal morto nos primeiros combates revolucionários.²⁵⁴ Quanto a nós, assinalamos que ambas as explicações dadas por Guzmán resultaram de contextos diversos. A referida carta ao amigo Reyes foi escrita na conjuntura dos eventos vividos – em 1914 – e foi pensada para circular na dimensão do privado. Enquanto as explicações fornecidas no texto memorialístico foram escritas em situação de exílio, 1927-1928, e direcionada à esfera pública. Certamente, as intencionalidades que marcam as duas explicações se diferenciam quanto às suas finalidades, sendo que a segunda tem uma índole eminentemente mais política do que a primeira.

Nas páginas introdutórias de *El águila*, o escritor narrou sua primeira tentativa de envolvimento efetivo nos conflitos revolucionários. Foi também nelas que encontramos o primeiro marcador textual de oposição: *indignação*. Esse substantivo definia o posicionamento político de Guzmán em 1913 diante dos acontecimentos derivados da *Decena Trágica*:²⁵⁵ contrário a Victoriano Huerta. Foi, ainda, nesses momentos iniciais do relato que o intelectual mexicano se apresentou como revolucionário

²⁵² GUZMÁN, Martín Luis. In: CURIEL, Fernando (org.). *Guzmán-Reyes, Medias palabras: correspondencia, 1913-1959*, México, UNAM, IIF, 1991, p. 81-82.

²⁵³ QUINTANILLA, Susana. *A salto de mata*. Martín Luis Guzmán en la Revolución Mexicana. México: Tusquets, 2009, p. 181-182.

²⁵⁴ QUINTANILLA, Susana. *A salto de mata*. Martín Luis Guzmán en la Revolución Mexicana.

²⁵⁵ Sobre a *Decena Trágica*, ver nota 92.

constitucionalista.²⁵⁶

As afiliações políticas de Guzmán, durante a Revolução, restringiram-se ao norte e centro do México. Os grupos revolucionários presentes nessa parte do território estavam ligados, em um primeiro momento, ao constitucionalismo.²⁵⁷ Assim, as alternativas apresentadas em *El águila y la serpiente* referem-se ao grupo dos sonorenses cujo nome de destaque era o de Alvaro Obregón; às tropas ligadas diretamente ao Primeiro Chefe Venustiano Carranza e; aos villistas e Pancho Villa. O zapatismo limitava-se ao centro-sul do México e suas demandas restritas aos direitos comunitários e à questão agrária, sem a incorporação das reivindicações políticas, dificilmente se mostraria como possibilidade para Martín Luis Guzmán, que já havia apresentado proximidades com o liberalismo político de Madero.

A esse argumento podemos acrescentar o fato de que, na narrativa guzmaniana, o zapatismo foi representado como síntese da barbárie, sendo que, como dissemos, a barbárie se define como a negação ou a ausência dos valores tidos como civilizados. Em virtude disso, o zapatismo não figurava como uma opção plausível ao escritor que investigamos. Embora, em alguma medida, Villa e o villismo também tenham sido representados como bárbaros, a escolha de Guzmán, inicialmente, recaiu sobre esse grupo. Isso em razão de fatores como: afinidade regional (Villa no contexto revolucionário era governador de Chihuahua, local do nascimento de Guzmán); razões econômicas (Villa era mais generoso financeiramente do que Carranza);²⁵⁸ e, além disso, quando havia discordâncias com o carrancismo, muitos revolucionários migravam para o villismo. Uma outra explicação apresentada diretamente por Guzmán era o fato de Francisco Villa ser uma figura que exercia uma forte atração, uma espécie de magnetismo.²⁵⁹ A partir da derrubada de Huerta, o escritor aderiu ao convencionismo, o qual, em associação com o villismo, apareceu como opção, por ser considerado portador de legalidade e de legitimidade.

Diante desse quadro de possíveis afiliações políticas, observamos a marca que o movimento e o deslocamento de Martín Luis Guzmán adquirem na narrativa, pois criam condições para apreender as tensões políticas que marcaram o período e as próprias

²⁵⁶ Sobre o processo de cisão dentro do constitucionalismo, ver p. 37 desta dissertação.

²⁵⁷ A respeito dos constitucionalistas, ver nota 100.

²⁵⁸ É preciso destacar que Guzmán, nesse contexto, não gozava de boa condição financeira. Além disso, ele era responsável por manter sua esposa e filhos e, também, contribuir para o sustento de sua mãe e de sua irmã.

²⁵⁹ Sobre a opção de Guzmán em relação ao villismo, ver QUINTANILLA. *A salto de mata*. Martín Luis Guzmán en la Revolución Mexicana, p. 245-247.

escolhas do revolucionário. É preciso dizer que no transcorrer do enredo memorial observamos um intelectual mais observador e passivo do que participativo dos conflitos. A escrita, nessa perspectiva, concede a Guzmán o protagonismo – o qual não é sinônimo de heroísmo. De tal forma que, além de justificar suas opções e realizar a já referida *mea-culpa*, a sua escrita se encontra permeada por pontos de vistas sobre os acontecimentos e atores sociais daquela conjuntura. Cumpre ressaltar, ainda, que a auto-representação empreendida pelo prosista pode ser captada em seu movimento de responsabilização, no qual ele se reconhece como “covarde”, conforme missiva trocada com Alfonso Reyes acerca de *El águila y la serpiente*:

Cualquier lector imparcial de mi libro advertirá que son más las veces que en que me pinto cobarde que aquellas en que me hago pasar por valiente. Por lo menos así me parece, si bien convengo en que puedo equivocarme. Nadie escribe lo que quiere escribir, sino lo que queda escrito: dos cosas a menudo muy distintas.²⁶⁰

Com efeito, em *Esperanzas revolucionarias*, Guzmán relata suas “andanças de rebelde” e sua fase de reconhecimento dos grupos sublevados. Consequentemente, é nesse processo que se configura as representações e sentenciamentos acerca dos chefes revolucionários que se destacaram no devir da Revolução.

A primeira viagem, empreendida por Guzmán tendo como finalidade alcançar as tropas constitucionalistas ao norte do México, não se concretizou, como mencionado anteriormente, devido a problemas de ordem financeira.²⁶¹ Assim, no período entre seu retorno à Cidade do México e sua segunda tentativa, que ocorreu em setembro de 1913, ele e Alberto J. Pani, consonante a narrativa de *El águila y la serpiente*, atuavam na Revolução:

En la capital de la República, Alberto J. Pani y yo [Guzmán] actuábamos, *motu proprio*, como avanzada de la Revolución – *avanzada sin armas, se entiende, mas no sin pluma, sobre todo, sin dactilógrafa* –. Documento subversivo que caía en nuestras manos era documento destinado a circular profusamente.²⁶²

²⁶⁰ Correspondência de 22 de dezembro de 1928. GUZMÁN In: CURIEL, Fernando (org.). Guzmán-Reyes, Medias palabras: correspondencia, 1913-1959, México, UNAM, IIF, 1991, p. 130.

²⁶¹ Como ainda não estava envolvido com nenhum grupo armado e suas condições de trabalho não lhe proporcionavam ganhos substanciais, era preciso que Guzmán se mantivesse de algum modo nos primeiros momentos de sua participação na Revolução. Essa é uma diferença aparente entre Guzmán e José Vasconcelos. Esse último, em *La Tormenta*, afirma que teve condições de participar da Revolução sem receber qualquer tipo de ajuda dos grupos revolucionários, mantendo, assim, sua autonomia.

²⁶² GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 52. Grifos nossos.

Nessa passagem é possível retomar alguns elementos pertencentes às proposições de Quentin Skinner,²⁶³ em que a escrita assume um efeito de combate por meio das palavras e da linguagem. Afinal, os personagens como atores da Revolução, embora sem armas, avançavam com a “pluma” e a “dactilógrafa” contra o governo golpista de Huerta. Em algum momento, a polícia controlada pelo governo percebeu a ação subversiva de Guzmán e Pani, e ambos decidiram que era hora de integrar as tropas ao norte do México. Novamente, fizeram o caminho por Veracruz, Havana (onde havia representantes da Revolução Mexicana e ficaram por poucos dias) e sul dos Estados Unidos. Em Santo Antonio, no Texas, segundo consta em *El águila y la serpiente*, José Vasconcelos os recebeu com júbilos a Francisco Villa:

— ¡Ahora sí ganamos! ¡Ya tenemos hombre!

[Narrativa de Guzmán] Lo cual, si por una parte hacía justicia a los primeros triunfos brillantes del guerrillero de Chihuahua, por la otra condenaba de lleno, en el acto mismo de saludarnos, la rama sonorensa de la Revolución, la misma en que Pani y yo habíamos puesto hasta entonces lo mejor de nuestra esperanza.²⁶⁴

A frase “¡Ahora sí ganamos! ¡Ya tenemos hombre!” foi contestada veementemente por Vasconcelos em *La tormenta* (1935). O advogado e filósofo mexicano, em reprovação ao conteúdo expresso por Guzmán, afirmou em suas memórias:

El haber pronunciado esta frase en una entrevista a raíz de las victorias de Villa en el norte de Chihuahua sirvió para que más tarde calumniadores interesados en esconder sus propias flaquezas me catalogaran a mí como villista. Nunca lo fui. A pesar de los yerros evidentes de Carranza, fui el más leal de sus partidarios, hasta el día en que salió de México Victoriano Huerta. Después, claro está, no iba a seguir a Carranza en sus ambiciones y maldades. Pero menos a Villa.²⁶⁵

Bem, temos aqui um elemento de divergência entre os dois relatos memorialísticos. No que se refere a *La tormenta*, Vasconcelos levantou suspeita sobre a fidedignidade da narrativa de Guzmán e também o depreciou, afinal declarou que se tratava de um mecanismo de ocultamento de suas próprias fraquezas. Com efeito, esse fragmento é um exemplo de negociação conflituosa da memória e do quanto ela é um fenômeno relacional.²⁶⁶

²⁶³ SKINNER, Quentin. *Visões da política*. Algés-Portugal: DIFEL, 2005.

²⁶⁴ GUZMÁN, *El águila y la serpiente*, p. 57.

²⁶⁵ VASCONCELOS, José. *Memorias I: Ulises criollo/ La tormenta*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1983.

²⁶⁶ É importante esclarecer que o nome de Guzmán não é mencionado em nenhum momento nessa parte,

Ainda sobre o excerto acima, em *El águila y la serpiente* existe também um outro aspecto que precisa ser mencionado. Guzmán, na sequência do relato, afirmou que a alegação de Vasconcelos sobre Villa ser “o homem da Revolução” afetava a ele e a Alberto J. Pani. Isso porque os dois últimos até então depositavam suas esperanças nos sonorenses. Contudo, Pani era mais atingido do que ele, pois já demonstrava admiração por Alvaro Obregón e se sentia atraído por Carranza. Enquanto Guzmán: “llegaba a la Revolución libre de prejuicios en cuanto a las personas [...]”.²⁶⁷ Essa assertiva do escritor chihuahuense pode funcionar como uma estratégia discursiva, em que ele se exhibe como isento de pré-julgamentos e partidarismos no âmbito de sua integração ao movimento revolucionário. Seria isso um recurso utilizado pelo autor para conduzir o leitor? Seria a intenção do escritor dar a entender que suas opiniões e percepções acerca dos atores sociais da Revolução se fizeram somente no desenrolar dos conflitos? Seria essa uma forma de angariar confiança ao seu relato? Sim. Acreditamos que tenha sido uma atitude deliberada pelo escritor para obter o efeito de verossimilhança em suas narrativas.

O próximo lugar para o qual nosso escritor se dirigiu foi a Cidade Juárez, estado de Chihuahua, onde Francisco Villa empreendeu uma das lutas decisivas contra o exército federal de Porfirio Díaz, em 1911. Diante de toda a destruição contida na descrição de Cidade Juárez – e antagonizada pelo esplendor da cidade estadunidense na outra margem do rio Bravo –, Guzmán se percebeu como mexicano. Logo, novamente a questão da identidade se fez presente, agora não somente uma identidade revolucionária, mas sobretudo um sentimento de pertencimento e identidade mexicana. O fenômeno identitário foi se constituindo durante a caminhada da personagem, isto é, no deslocamento e em face de um outro lugar, que mostra como se tratava de um fenômeno relacional:

Ir de El Paso, Texas, a Ciudad Juárez, Chihuahua, era, al decir del licenciado, Neftalí Amador, uno de los mayores sacrificios – ¿por qué no también una de las mayores humillaciones? – que la *geografía* había impuesto a los *hijos de México* que andaban por aquella parte de la raya fronteriza. Mas es lo cierto que esa noche, al llegar de San Antonio, Pani y yo sufrimos la prueba con un fondo de alegría donde retozaban los misteriosos resortes de la nacionalidad: entregándonos a la íntima afirmación – allí palpable, actuante, profunda – de que habíamos nacido dentro del alma de nuestra patria y de que habríamos de morir en ella.

El espectáculo de Ciudad Juárez era triste; triste en sí, más triste aún si se le comparaba con el sitio con el aliño luminoso de la otra orilla del río,

porém a associação é direta entre as narrativas, visto que a referida frase é o título do episódio exposto por Vasconcelos.

²⁶⁷ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 57.

extranjera e inmediata. [...] ¡Por algo que éramos mexicanos! ¡Por algo el siniestro resplandor de las escasas lámparas callejeras nos envolvía de pulsación de atmósfera que nutre!²⁶⁸

A partir desse ponto da narrativa de *El águila e la serpiente* as representações das figuras de poder são mais frequentes. Nesse sentido, ressaltamos que isso se torna visível no processo de caracterização de determinados atores sociais, denotando um entrelaçamento entre procedimentos formais e estéticos com o conteúdo político da obra. Entendemos que o poder se sustenta pela criação de representações e imaginários, mas é também pela produção de novas imagens ou representações concorrentes que se pode modificar as estruturas do poder ou demonstrar outras faces desse mesmo poder. A narrativa guzmaniana não tem a potência necessária para modificar estruturas. No entanto, ela delineia algumas das figuras que tiveram destaque nos campos revolucionários, demonstrando a percepção do autor, a qual não se tratava de uma opinião isolada, mas que encontrava, em produções literárias de outros escritores e intelectuais coetâneos, perspectivas correspondentes. Dentro dos retratos que Guzmán esboçou, selecionamos três, porque aludem diretamente para suas afiliações políticas: Carranza, Obregón e Villa.

Embora apresente matizes e argumentos distintos, *grosso modo*, o juízo que o escritor chihuahuense fez sobre esses sujeitos históricos foi negativo. Nem mesmo em relação a Pancho Villa, de quem se aproximou e demonstrou certas esperanças, o arbítrio se suavizou. Em referência a esse, há na verdade uma contraposição de dois mundos, que são tidos como inconciliáveis: o mundo dos livros – representado por ele, Pani e o licenciado Neftalí Amador – e o mundo da barbárie, representado por Villa. Assim, na Cidade Juárez, Guzmán teve seu primeiro encontro com Villa. O escritor mexicano expressou, então, suas percepções iniciais sobre o “Centauro do Norte”: animalizando-o.²⁶⁹ Dito isso, vamos às caracterizações de Villa, que expressam a ligação entre estética e política:

²⁶⁸ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 62. Grifos nossos.

²⁶⁹ Esse tipo de caracterização em torno da figura de Pancho Villa se mostrava comum em autores contemporâneos ao escritor e, em alguma medida, apresentava-se atrelado ao discurso da dicotomia entre civilização e barbárie. Essa antítese aparecia também na abordagem da violência revolucionária e em referência a outros caudilhos revolucionários. Além disso, julgamos pertinente informar que a proposta interpretativa do fenômeno do caudilhismo fundamentado no discurso da oposição entre civilização e barbárie aparece na introdução ao livro *Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana* escrita por David Brading, porém é abordada de maneira superficial. Cf. BRADING, David A. La política nacional y la tradición populista. In: _____ (org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución mexicana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995, p. 13-31.

Nosotros, *pobres ilusos* – porque sólo *ilusos* éramos entonces –, habíamos llegado hasta ese sitio cargados con la endeble experiencia de nuestro libros y nuestros primeros arranques. Y ¿a qué llegábamos? A que nos cogiera de lleno y por sorpresa la tragedia del bien y del mal, que no saben de transacciones: *que puros, sin mezclarse uno y otro, deben vencer o resignar-se a ser vencidos*. Veníamos huyendo de Victoriano Huerta, el traidor, el asesino, e íbamos por la misma dinámica de la vida y por cuanto en ella hay de más generoso, a caer Pancho Villa, cuya alma, más que de hombre, era de jaguar: jaguar en esos momentos domesticado por nuestra obra, o para lo que creíamos ser nuestra obra; jaguar a quien, acariciadores, pasábamos la mano sobre el lomo, temblando de que nos tirara un zarpado.²⁷⁰

Há nesse fragmento alguns elementos para os quais queremos chamar atenção, porque nos remetem à visão do autor sobre a inserção dos intelectuais na Revolução e também apontam para a sua decepção quanto ao movimento. A inconciliação dos dois mundos, presentes nessa parte do enredo, parece remeter ao desfecho do movimento: se os mundos não se mesclassem, deveriam se resignar a serem derrotados. Esse fragmento ganha contornos mais definidos, quando, em outro momento do livro – que analisaremos logo abaixo –, Guzmán aponta a existência de um dilema: a necessidade de Villa submeter sua força militar a um grupo consciente dos “nobres ideais da Revolução”.²⁷¹ Porém, até mesmo aí, a caracterização do chefe revolucionário mostra-se atrelada à noção animalizada, em que ele age por meio de instintos e impulsos e não racionalmente.

A análise sobre a caracterização de Villla nos conduz a um salto cronológico no enredo. Martín Luis Guzmán abre a segunda parte de *El águila y la serpiente, En la hora del triunfo*, comparando o villismo e o carrancismo. Conforme analisaremos adiante, Carranza e o carrancismo são criticados de maneira contundente pelo escritor. Nesse ponto, queremos destacar que a adesão ao villismo e ao convencionismo entre os setores médios e liberais era comum naquele período, pois havia uma marcante rejeição ao carrancismo, de tal forma que os dois primeiros grupos se apresentavam como alternativas para aqueles segmentos sociais. Esse aspecto pode ser vislumbrado em outras obras literárias e memorialísticas a respeito da década de 1910, em que muitas vezes o exército constitucionalista era denominado pejorativamente de “los carraclanes”, como por

²⁷⁰ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 67. Grifos nossos.

²⁷¹ Como já sublinhado no capítulo 1, os “nobres ideais revolucionários”, para Guzmán, referiam-se as propostas democráticas e liberais de Francisco I. Madero, ver p. 61.

exemplo em *Los de abajo*, de Mariano Azuela,²⁷² e *La Tormenta*, de José Vasconcelos.²⁷³ Essa aproximação com o villismo, por parte de alguns indivíduos, também pode se justificar devido a uma leve influência do ideário maderista neste grupo, visto que Francisco I. Madero foi uma das inspirações de Pancho Villa.

Foi destacando essas características de Villa – e do villismo – em distinção a Carranza, que Guzmán justificou sua proximidade com os primeiros, logo na abertura da segunda parte de *El águila*. Em Chihuahua e já alheio ao carrancismo, ele afirmou que o villismo representava o “rebelde dentro de la rebeldía”, pois mostrava-se descontente e livre. Ele também acrescentou: “representaba un sentido de la Revolución con el cual me sentía yo más espontáneamente en contacto”.²⁷⁴

Além disso, entre os villistas estavam alguns militares e intelectuais – entre eles, Vasconcelos – com os quais o escritor possuía proximidade e:

*Todos aquellos que aspiraban a conservar en la Revolución su carácter democrático e impersonal – anticaudilhesco –, para que no viniera a convertirse, a la vuelta de cinco o diez años, en simple instrumento de otra oligarquía; está quizás más ignorante e infecunda que la porfirista.*²⁷⁵

Porém, ao mesmo tempo que o villismo representava um sentido político dentro do movimento revolucionário, ele também era avaliado de maneira depreciativa:

Porque Villa era inconcebible como bandera de un movimiento purificador o regenerador, y aun como fuerza bruta se acumulaban en él tales inconvenientes, que su concurso suponía mayores dificultades y riesgos que el del más inflamable de los explosivos.²⁷⁶

Ainda assim, Guzmán demonstrava uma certa expectativa em relação a Villa, pois havia no escritor o desejo de que o “Centauro do Norte” submetesse, em alguma medida, sua força militar aos interesses dos “criollos” que estavam comprometidos com os “ideais nobres” da Revolução, os quais temos compreendido que estavam associados com as propostas maderistas de liberalismo político e democracia:

²⁷² Sobre Mariano Azuela e o villismo. Cf. GOMES, Warley Alves. *Mariano Azuela e a Revolução Mexicana: narrativas entre o desencanto e a esperança*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH, Programa de Pós-graduação em História, 2013.

²⁷³ Vasconcelos realiza fortes críticas a Carranza, mas em suas memórias não se coloca do lado villista e sim diz aderir ao convencionismo. Cf. VASCONCELOS, José. *Memorias I: Ulises criollo/ La tormenta*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1983.

²⁷⁴ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 183.

²⁷⁵ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 183. Grifos nossos.

²⁷⁶ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 184.

Porque tal era o dilema: o Villa se somete, aun no comprendiéndola bien, a la idea creadora de la Revolución, y entonces él y la verdadera revolución vencen, o Villa no sigue sino su instinto ciego, y entonces él y la Revolución fracasan. Y en torno de ese dilema iba a girar el torbellino revolucionario llegada la hora del triunfo.²⁷⁷

Dando prosseguimento a análise de *El águila y la serpiente*, no terceiro capítulo *Umbrales revolucionarios*, Guzmán e Alberto J. Pani chegam à Nogales, estado de Sonora, onde foram recebidos pelos amigos. Esse foi seu primeiro contato real com a Revolução, segundo Guzmán. Ali estava o quartel general do Primeiro Chefe, Venustiano Carranza. Durante sua permanência em Nogales, o escritor mexicano conviveu com diversos revolucionários que na década de 1920 desfrutariam de poder político e comporiam a máquina estatal, como, por exemplo, Adolfo de la Huerta. Guzmán ficou no mesmo alojamento que de la Huerta, possivelmente foi nesse contexto que surgiu o apreço que o escritor mexicano sentia pelo sonorenses, a ponto de apoiá-lo no levante que ocorreu em 1923 e que foi um dos acontecimentos que inspiraram *La sombra del Caudillo*.

Esboçando traços das representações que remetem a um comportamento opositor em relação as figuras de poder daquela conjuntura mexicana, Guzmán aborda seu primeiro encontro com Venustiano Carranza:

Yo iba algo predispuesto en contra de don Venustiano Carranza por lo que Vasconcelos acababa de contarme durante nuestra estancia en Santo Antonio. Esto aparte, su figura evocó en mí asociaciones con los hombres típicos del porfirismo. Más aún: después del candor democrático de Madero, creía notar en él algo que me hacía pensar en don Porfirio tal cual lo vi y lo oí la última vez. Pero, así y todo, confieso que don Venustiano no frustró mis esperanzas de revolucionario en ciernes. En aquella primera entrevista se me apareció sencillo y sereno, inteligente, honrado y apto.

[...] acusaba tranquilos hábitos de reflexión, hábitos de que no podía esperarse – así lo supuse entonces – nada violento, nada cruel. “Quizá – pensé – no sea éste el genio que a México le hace falta, ni el héroe, ni el gran político desinteresado, pero cuando menos no usurpa su título: sabe ser el Primer Jefe.”²⁷⁸

²⁷⁷ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 184.

²⁷⁸ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 70. Grifos nossos.

Em *La mesa del Primer Jefe*, um dos episódios mais significativos sobre a temática de análise das representações do poder e de oposição, percebemos que Martín Luis Guzmán expõe de maneira direta certas estratégias dos líderes revolucionários. Essas, nas perspectivas apresentadas pelo escritor, remetem a pequenos rituais e espetáculos do poder que visavam construir uma imagem política de liderança, angariar adesões populares e, assim, adquirir prestígio e legitimidade. Vislumbramos esses aspectos na narrativa de saída para o almoço e jantar de Venustiano Carranza e seu séquito de revolucionários:

Para ir al refectorio salíamos del cuartel general en apretado grupo, don Venustiano a la cabeza, y caminábamos hasta la aduana. En tales momentos, como la noche de nuestra llegada, *siempre había cornetas y tambores que tocaban la marcha de honor. Era, por lo visto, de gran interés lanzar al viento la noticia de que el jefe supremo de la causa revolucionaria y sus elegidos abandonaban la mesa de trabajo para ir a la del almuerzo o la cena. Así los humildes habitantes de Nogales se enterarían y regocijarían.*²⁷⁹

Essa forma simbólica de deslocamento para o local de alimentação aparece na narrativa guzmaniana, também, como resquícios de porfirismo. Hino nacional, marcha de honra e Porfírio Díaz faziam parte de um mesmo escopo ideológico na visão apontada pelo autor mexicano. Os usos revolucionários do hino nacional e da marcha de honra por Venustiano Carranza apareciam contaminados da força do passado:

*A mí aquella música me resonaba indefectiblemente a don Porfirio. (¿Para qué habitante del Distrito Federal, cuya niñez haya transcurrido de los noventas a la otra década, Porfirio Díaz, marcha de honor e himno nacional no serán tres partes de un solo todo?) Oírla me desconcertaba. Comprendía por ella cuán lejos debía aún considerarme respecto de los usos revolucionarios, pues nada hacía ver que en los otros miembros de la comitiva se agitaran sentimientos análogos a los míos. “¿Lo ocultarán acaso?”, pensaba. O bien: “¡Bah! Impresiones de político bisoño; pronto me acostumbraré a lo uno o a lo outro: a que este aparato militarista y caudillesco me parezca bien, o a disimular que me disgusta.”*²⁸⁰

Por que ser comparado a Porfírio Díaz era tão negativo? O combate ao porfirismo foi um dos motivadores iniciais da Revolução de 1910. Lutou-se contra um regime autocrático e personalista, em que não havia alternância no poder. As campanhas

²⁷⁹ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 75. Grifos nossos.

²⁸⁰ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 75-76. Grifos nossos.

maderistas, de outros liberais e, também, dos anarquistas, no período que antecede a 1910, fizeram o coro da oposição naquela conjuntura. Portanto, ser associado a Díaz durante – ou mesmo após – a Revolução não soava muito bem. As representações que Guzmán constrói em torno de Venustiano Carranza alteram-se com uma certa rapidez no desenlace da narrativa, pois migram da consideração de que ele “sabia ser o Primeiro Chefe quando necessário” para qualificativos negativos como: autoritário, autocrático, caudilhesco, vaidoso etc.

As esperanças revolucionárias de Guzmán sofrem um impacto inicial com os momentos vivenciados entre os carrancistas. O delineamento do desencanto a partir desse ponto da narrativa adquire gradações mais fortes. O capítulo que se segue é *Orígenes de caudillo*, no qual Guzmán narra, como dito outrora, com mais riquezas de detalhes suas primeiras percepções e impressões a respeito de Alvaro Obregón. O título por si só demonstra que a escrita memorialística de Guzmán é um olhar lançado do presente do autor para o passado. Não resta dúvida de que as experiências, posteriores à Revolução, imprimiram o tom de ressentimento e de desqualificação substancial a Obregón. Desse modo, podemos retomar um argumento apresentado anteriormente, segundo o qual a rememoração atende a demandas do presente. O fragmento que selecionamos, segundo a ordem cronológica do livro, deve ter ocorrido em fins de 1913:

Obregón no vivía sobre la tierra de las sinceridades cotidianas, sino sobre un tablado; no era un hombre en sus funciones, sino un actor. Sus ideas, sus creencias, sus sentimientos, eran como los del mundo del teatro, para brillar frente a un público: carecían de toda raíz personal de toda la realidad interior con atributos propios. Era, en el sentido directo de la palabra, un farsante.²⁸¹

As acusações a Álvaro Obregón no contexto revolucionário se suavizavam quando comparadas àquelas direcionadas a Venustiano Carranza. O autor não deixou de atribuir a Obregón os qualificativos de “insinceridade” e “farsante”, pois, como temos formulado, essas atribuições parecem ter sido afetadas pelas experiências posteriores do escritor, as quais, culminaram com seu exílio em 1923. No entanto, próximo ao Primeiro Chefe, o caudilho apresentava boas qualidades: dinâmico; arguto nas táticas políticas e de guerra, embora não fosse considerado heroico; tratava de forma honesta e direta os seus colaboradores imediatos, sem exigir deles genuflexão ou vilezas: “Entre Obregón y

²⁸¹ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 88-89.

Carranza yo [Guzmán] no vacilaba un punto: estaba resuelto a unirme al primero”.²⁸²

En la raya fronteriza é um dos subtítulos do penúltimo capítulo da primeira parte de *El águila y la serpiente*. Acreditamos ser possível ir um pouco mais além do significado imediato que ele guarda na obra, a saber, estar na fronteira entre México e Estados Unidos. Ao cruzar a linha de fronteira entre as duas partes do livro, Guzmán se afastava do exército constitucionalista liderado ou influenciado por Venustiano Carranza e se aproximava do grupo liderado por Francisco Villa.

Em agosto de 1914, já próximo a queda de Victoriano Huerta e engrossando as fileiras villistas, Guzmán e Carlos Domínguez foram encarregados por Pancho Villa de representá-lo na entrada do exército constitucionalista na Cidade do México e junto ao Primeiro Chefe. Segundo o escritor, esta comissão assumiu matizes assombrosos em razão das explícitas divergências entre Carranza e Villa.²⁸³ Partiram rumo à Cidade do México.

No período em que esteve na Cidade do México, Guzmán dedicou-se a realizar uma campanha anticarrancista entre seus amigos militares e intelectuais. Inclusive arquitetou, juntamente com Lucio Blanco,²⁸⁴ uma maneira de fazer aliança entre esse último e Villa para um enfrentamento militar ao Primeiro Chefe.

Diante desse cenário e ao longo de mais alguns episódios, o líder constitucionalista mandou prender Carlos Domínguez e Martín Luis Guzmán, que ficaram na prisão por alguns dias. Onde receberam visitas constantes e tiveram muitas regalias em virtude das pessoas que conheciam.²⁸⁵

Eles foram colocados em liberdade devido à intervenção da Convenção Revolucionária. Esta entrou em exercício em 01 de outubro de 1914 e foi o primeiro intento realizado pelas tropas revolucionárias de reorganizar o Estado e pacificar o país. Tratava-se de uma tarefa de difícil solução, posto que havia interesses diversos em jogo. Por um lado, os zapatistas não cediam em relação ao Plano de Ayala e eram vistos como selvagens pelos constitucionalistas. Por outro, Villa apresentava muitos impasses em

²⁸² GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 159.

²⁸³ Conforme Enrique Krauze, Francisco Villa possuía uma série de queixas contra Carranza. O Primeiro Chefe negou a Villa carvão para os trens e a categoria de corpo do exército à Divisão do Norte, impediu-o de desfrutar a glória de entrar primeiro na Cidade do México após a vitória sobre Victoriano Huerta, em 1914, e, ainda, criou obstáculos ao grau de general de divisão do Centauro do Norte. Cf. KRAUZE. *Biografía del poder*. Caudillos de la Revolución mexicana (1910-1940), p. 209.

²⁸⁴ O mexicano Lucio Blanco (1879-1922) foi um destacado revolucionário, exerceu a função de chefe militar pela qual obteve importantes vitórias para as tropas constitucionalistas. Desde 1909 esteve associado à causa anti-reeleição e ao maderismo.

²⁸⁵ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*.

relação a Carranza. Este, por sua vez, não queria abrir tanto espaço para Villa e Zapata. Inicialmente, até mesmo Obregón desejava a renúncia de Carranza do posto de Primeiro Chefe da Revolução.²⁸⁶ Em relação a isso, Krauze indica que no mês anterior ao início da Convenção, “el futuro del país se jugaba en la lotería personal de los caudillos”. Em 23 de setembro de 1914, os villistas foram os primeiros a não reconhecerem a Carranza como Chefe da Revolução.

Como Álvaro Matute indicou, a ideia convencionista era interessante: substituir o indivíduo-condutor por uma assembleia e, então, fazer surgir dela um poder civil, em consequência, uma nova democracia.²⁸⁷ Não obstante, importantes grupos não queriam se submeter a autoridade da Convenção.

A Convenção Revolucionária estava alocada para acontecer na Cidade do México, contudo, devido aos impasses entre Villa e Carranza, alterou-se o lugar para Aguascalientes:

El 3 de octubre, una convención más o menos carrancista reunida en la Ciudad de México ratifica al Primer Jefe en su cargo, pero no unifica el mando nacional. En ese momento, el poder no es de nadie y casi nadie es leal sino a sí mismo. El 5 de octubre abre sus sesiones la Convención de Aguascalientes. Hasta entonces la querella había sido de personas y personalidades: Carranza contra Villa e, oscilando entre ellos, una colmena de generales más o menos villistas, más o menos carrancistas y más o menos independientes. Una vez instalada la Convención, el conflicto sería, además de político, jurídico y moral: un conflicto de legitimidades.²⁸⁸

Guzmán, no episódio *Ilusiones deliberantes*, narrou um pouco sobre a brevidade das esperanças suscitadas pela Convenção. Segundo o autor, floresceu novamente entre eles “la primavera fugaz de los ideales tanto tiempo alimentados”. Nessa perspectiva, temos compreendido que entre alguns intelectuais – sobretudo para aqueles que não se vincularam ao carrancismo – a Convenção foi considerada como uma possibilidade de conferir sentido – novamente baseado nos supracitados pensamentos do liberalismo político – à Revolução em vista de sua pretensão de legalidade. Contudo, esse pressuposto legal não foi suficiente para aplacar as divergências de forças e interesses imperantes naquela conjuntura. Até onde a Convenção seguiu existindo, sob a presidência de Eulalio

²⁸⁶ KRAUZE. *Biografía del poder*. Caudillos de la Revolución mexicana (1910-1940).

²⁸⁷ MATUTE, Álvaro. *La Revolución mexicana: actores, escenarios y acciones. Vida cultural y política, 1901-1929*. México: Oceano, 2010. Edição Kindle.

²⁸⁸ KRAUZE. *Caudillos culturales en la Revolución mexicana*, p. 209-210.

Gutiérrez,²⁸⁹ Guzmán manteve-se afiliado a ela.

Não obstante, é preciso ressaltar que a forma como Guzmán concebe a Convenção em seu texto traduz certa desconfiança e, também, certo sentido pejorativo ao compará-la com um espetáculo teatral, que transitaria do cômico ao trágico:

Pero sí como cuerpo político la Convención estaba condenada al fracaso, como espectáculo lograba a cada momento los éxitos más halagadores. Yo llegaba a mi platea exactamente con la misma curiosidad que si se tratara de una representación de [Max] Reinhardt o de cualquier otro acontecimiento teatral donde pronto hubiésemos de sentirnos, actores y espectadores, arrebatados por el ritmo envolvente de la acción – allí más aguda, más innovadora de las facultades del alma, a causa de las incontrastadas evidencias de que aquello no era fingida, sino verdad realmente verdadera –. Unas veces el espectáculo se resolvía en risa; otras dejaban el ánimo perplejo, desorientado, y otras, en fin, volviéndose tortura moral, limpiaba fugazmente los espíritus al toque de cierta grandeza estética. Porque, trágico en el fondo, cuando no en la forma, aquel espectáculo tenía su *catharsis*, como tenía también su choque fatal de fuerzas inconciliables. Luchaban allí, a muerte, dos maneras profundas de una sola nacionalidad: de una parte, la aspiración difusa, pero desesperadamente activa y noble, a mejores modos de vida social; y frente a esto, la incapacidad inmediata, colectivamente irremediable, de sosegar turbulencias de aspiración transformándolas en algo vividero, coordinado y orgánico. El móvil dramático era la pasión política, allí suelta, sin cortapisas, autónoma; y la presencia suprema en las encrucijadas de la acción era la pistola – la pistola elevada al rango del destino en la tragedia clásica o al del carácter en el drama moderno: la pistola pronta, imperante, definitiva.²⁹⁰

A Convenção reunia, para o escritor, a barbárie, a incivilidade, a incultura, e todos esses qualificativos foram ampliados quando os zapatistas lá chegaram: “La pobreza moral y cultural del ambiente convencionista creció de punto con la llegada de los delegados de Zapata y sus lugartenientes”.²⁹¹ Como dito anteriormente, o posicionamento de Guzmán em relação aos zapatistas não era favorável, pois, ao assinalar a presença desse grupo revolucionário, afirmou:

Pero la oratoria de los tres²⁹²... era de simple pasión negativa, más aún, de odio a cuanto no significase invertir los valores de modo que lo más bárbaro, lo más primitivo, o, si se quiere, lo más descivilizado, viniera a ser lo supremo en la historia de los hombres.²⁹³

²⁸⁹ Eulalio Gutiérrez (1881-1939) foi presidente do México em caráter provisório durante a Convenção de Aguascalientes, entre 6 de novembro a 16 de janeiro de 1915.

²⁹⁰ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 261-262.

²⁹¹ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 260.

²⁹² Os três representantes zapatistas eram Paulino Martínez, Antonio Díaz Soto y Gama e Alfredo Serratos.

²⁹³ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 260-261.

A narrativa de *El águila y la serpiente*, publicada quase 15 anos depois, balizou a Convenção de Aguascalientes como um “corpo político condenado ao fracasso”. Diante disso, conforme o futuro mexicano se afastava dos princípios políticos que conduziram o envolvimento do escritor na Revolução, sua narrativa exacerbava o tom das críticas ao personalismo e à ausência de um civismo que não ultrapassava os próprios interesses.

A biógrafa de Guzmán, Susana Quintanilla, em seu excelente trabalho sobre a juventude do autor, empreende uma comparação entre o relato final contido em *El águila* com aquele apresentado muitos anos depois em *Memorias de Pancho Villa* (1938-1951). Em ambas as obras existe a preocupação de auto-representação por parte do autor. Na primeira, a narrativa dúbia expõe um narrador-personagem que, em seu processo de fuga, vai ao encontro de Francisco Villa e, de certa forma, o trai, pois assume com o líder revolucionário o compromisso de ser seu secretário particular, contudo não cumpre o combinado de ir visitar a família e, depois, retornar à Chihuahua para exercer a função.

A partir do arquivo do escritor, o qual se encontra no Arquivo da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM),²⁹⁴ a pesquisadora assinala que quando Guzmán chegou em Chihuahua, a salvo dos perigos mais imediatos, ele fez o que “todo homem casado, com filhos, compromissos e gosto pela vida faz”: “protegeu a si próprio e cuidou dos seus, observou o clima e se adequou a ele, previu e proveu o futuro”. Portanto, o que ela conseguiu constatar nas trocas de correspondências entre o escritor e seu cunhado, Cristóbal Acosta, foi a busca pela provisão material diante do cenário pouco animador da economia mexicana nos idos de 1915 e 1916. Nas páginas finais das memórias do revolucionário, Guzmán conta a forma como Villa se despede dele:

A las diez de esa misma noche salió el tren hacia El Paso. Villa venido acompañándome hasta dejarme en el pullman. Había subido a la plataforma y le había dicho al conductor:

—Oiga, amigo: este señor [Guzmán] que va aquí *es de los míos*. ¿Me entiende? De los míos... Me lo trata muy bien, que si no, ya me conoce. Nomás acuérdesse de que fusilo...²⁹⁵

Em seus apontamentos, Quintanilla destacou as diferenças entre esse mesmo momento sendo narrado em *El águila* e em *Memorias de Pancho Villa*. O ambiente é o mesmo: a cabine de um trem na estação de Aguascalientes.²⁹⁶ No entanto, a biografia de

²⁹⁴ Fundo Martín Luis Guzmán no Arquivo da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Catálogo disponível em: http://www.ahunam.unam.mx/consultar_fcu?id=3.12#

²⁹⁵ GUZMÁN. *El águila y la serpiente*, p. 363. Grifos nossos.

²⁹⁶ QUINTANILLA. *A salto de mata*. Martín Luis Guzmán en la Revolución Mexicana, p. 336.

Villa escrita por Guzmán traz mais detalhes sobre o acontecimento. Em consonância com a pesquisadora mexicana, acrescentamos: a memória faz atualizações conforme as demandas do presente, de tal modo que um mesmo evento pode ser lembrado de diferentes formas. Nesse sentido, destacamos que as experiências de Guzmán na conjuntura de publicação de *Memorias de Pancho Villa* eram outras: havia retornado ao México de um longo exílio na Espanha e pleiteava espaço político, visto que havia adquirido a cidadania espanhola – fato que, aos olhos de alguns de seus contemporâneos, foi considerado uma negação da pátria.

Ademais, a versão narrada em *Memorias de Pancho Villa* contém uma suposta carta enviada pelo romancista seis dias após sua fuga.²⁹⁷ Sobre a qual, Quintanilla aponta:

Raro texto éste, no del todo apócrifo aunque sí engañoso. Su autor es quien lo firmó, pero ni la fecha en la que señala que fue redactado ni su destinatario son verídicos. Fue escrito con el propósito de dar mayor autenticidad a los últimos episodios de *El águila y la serpiente* y acallar las murmuraciones acerca de la actuación de Guzmán en la escena revolucionaria de 1915.²⁹⁸

Para a supracitada estudiosa, a hipotética carta de Guzmán para Francisco Villa funcionou como um artifício político e, ainda, como uma sequência de *El águila*. Este livro, por ter sido considerado – pelos leitores da época –²⁹⁹ uma descrição exata do real, reforça o relato memorialístico de Guzmán ao “assemelhar sua personalidade com a do herói que havia criado e refazer sua história para emparelhá-la com a ficção”.³⁰⁰

Considerando o propósito central dessa dissertação, enfatizamos que a relação de Martín Luis Guzmán com a Revolução, em *El águila y la serpiente* (1928), foi permeada

²⁹⁷ “Señor general Villa: Ya estoy en territorio de los Estados Unidos, donde también se halla mi familia, y me siento inclinado a separarme de la lucha. Crea, mi general, que cuando nos despedimos en Aguascalientes no andaba yo en ánimo de engañarlo, sino que fue sincera mi promesa de volver, para seguir a su lado hasta consumarse el desarrollo de nuestro triunfo en bien del pueblo. Pero sucede que reflexiono hora cómo son ya enemigos suyos todos los hombres de mi preferencia. Lucio Blanco es su enemigo, mi general, y José Isabel Robles, y Eulalio Gutiérrez, y Antonio I. Villarreal; y ciertamente no quiero yo pelear contra de ellos, de la misma forma que no consiento pelear contra usted. Cuanto más, que esta nueva lucha no es ya la lucha por nuestra causa, habiéndose consumado el triunfo con la derrota de Victoriano Huerta, sino la lucha por lo que se nombran poderes del gobierno. Quiero decirle, señor, que me voy lejos de nuestro país, que me voy a tierras donde mis actos no puedan parecerle hostiles, ni lo parezcan así a mis demás compañeros, y que al sacrificarme yo de este modo, no dudará usted del mucho ánimo de lealtad que me aparta de todos los bandos”. Cf. GUZMÁN, Martín Luis. *Memorias de Pancho Villa*. Obras Completas. 4ª ed. México: FCE, INEHRM, 2010. Vol. III. (Coleção Letras Mexicanas), p. 803.

²⁹⁸ QUINTANILLA. *A salto de mata*. Martín Luis Guzmán en la Revolución Mexicana, p. 338.

²⁹⁹ TORRES DE LA ROSA, Danaé. *Avatares editoriales de un “género”*: tres décadas de la novela de la Revolución mexicana. México: Bonilla Artigas Editoriales; Instituto Tecnológico Autónomo de México, 2015.

³⁰⁰ QUINTANILLA. *A salto de mata*. Martín Luis Guzmán en la Revolución Mexicana, p. 338.

pelo desencanto. Este se traduziu, em nosso entendimento, como uma forma de oposição, em virtude da falta de apoio e adesão do intelectual aos governos que chegaram ao poder após os conflitos mais intensos da década de 1910. Em outras palavras, a decepção das esperanças revolucionárias culminou em um afastamento geográfico, mas não “espiritual” dos problemas da nação mexicana.

Em suma, retomando nossas premissas iniciais, o tempo de evocação da memória e da escritura é o presente – mesmo que a narração seja acerca do passado –, tempo da ação. Esta se transmite no discurso e pleiteia um lugar na esfera pública. Com efeito, podemos pensar que *El águila y la serpiente* contém elementos que buscavam garantir um lugar de ação do autor na realidade mexicana, visando realizar, em alguma medida, suas expectativas no presente e futuro, ao mesmo tempo, em que negocia a sua memória e a identidade como revolucionário.

Nesta perspectiva, sobretudo se levarmos em consideração o contexto de publicação dos Romances da Revolução, temos a impressão de que o intelectual mexicano narrou suas experiências não apenas para salvaguardá-las do esquecimento, mas também para negociar seu lugar como revolucionário e intelectual na esfera pública mexicana. É importante destacar que, somente após a publicação de *El águila y la serpiente* Guzmán alcançou um maior reconhecimento no âmbito cultural, no entanto, conforme assinalado por Torres de la Rosa, a opinião pública sobre Guzmán era muito diversa, pois, ao mesmo tempo em que os leitores apreciavam com prazer o seu texto, o ambiente político da época o mantinha no exílio.³⁰¹ Ademais, consoante nossas premissas, parece-nos que Guzmán ao mobilizar suas experiências, pretendia repensar a Revolução Mexicana e os ideais e expectativas que nela estiveram presentes. Assim como almejava agir sobre o presente mexicano – década de 1920 –, no qual ainda se via a permanência de uma política realizada por meio das pistolas, práticas políticas questionáveis, como os expurgos dos opositores daqueles que estavam no poder, o desenvolvimento de uma cidadania e instituições políticas muito frágeis. Para muitos intelectuais, tal como para Guzmán, a Revolução não concretizou os objetivos aos quais se propôs, sobretudo quanto à reestruturação do Estado pautada nos preceitos do liberalismo político.

2.3. *La sombra del Caudillo* (1929): a literatura como metáfora da vida política mexicana

³⁰¹ TORRES DE LA ROSA, Danaé. *Avatares editoriales de un “género”*: tres décadas de la novela de la Revolución mexicana, p. 234.

Em nossa perspectiva, a configuração da oposição à classe política pós-revolucionária se apresenta de modo mais contundente em *La sombra del Caudillo* (1929). Nesta obra, Guzmán refletiu acerca do exercício do poder no México na década de 1920. Para tanto, ele mobilizou uma instigante metáfora, em que a ideia de uma sombra pairava e definia os rumos da política mexicana.

Uma sombra, além do significado imediato de projeção, pode ainda ter o sentido de ocultamento e opacidade. Assim, quando o escritor lançou mão dessa metáfora, ele remeteu ao poder do *Caudillo* que se projetava sobre o âmbito político mexicano. Mas, também, concedeu relevo às práticas políticas que foram sendo naturalizadas após a Revolução. De tal forma que, dispôs, aos olhos do leitor, uma série de episódios do poder em cena com a finalidade de exercer uma ação política de oposição e denúncia. Nesse sentido, acreditamos, tal como Quentin Skinner, que a *intencionalidade* está na ação e pode ser relacionada, portanto, à intervenção na esfera pública.³⁰² Aliás, o próprio Guzmán acreditava que os sentidos da escrita ultrapassavam a mera intenção psicológica do autor.³⁰³ Desse modo, o texto, compreendido como um *ato de fala*, permitiu que o chihuahuense realizasse algo por meio de sua escrita. Vejamos as palavras ditas por Guzmán em uma entrevista cujo tópico era *El problema de México visto desde Madrid* (1929):

— *Con mis libros – dice Martín Luis Guzmán – me propongo influir hasta donde sea posible en una transformación moral que hace falta en Méjico. La revolución casi ha fracasado por falta de virtudes espirituales en los encargados de realizarla.*³⁰⁴

Tendo em vista esses apontamentos, convém enfatizar que foi a atmosfera trágica dos anos sob domínio de Álvaro Obregón (1920-1924) que serviu de inspiração para a obra. A década de 1920 foi também marcada por levantes militares e pela Rebelião Cristera (1926-1929), caracterizando-se pela instabilidade e pela extrema violência. Três

³⁰² SKINNER, Quentin. *Visões da política*. Algés-Portugal: DIFEL, 2005.

³⁰³ Em correspondência trocada com Alfonso Reyes, em 22 de dezembro de 1928, Guzmán escreve: “Nadie escribe lo que quiere escribir, sino lo que queda escrito: dos cosas a menudo muy distintas”. GUZMÁN, Martín Luis. In: CURIEL, Fernando (compilador). Cf. Guzmán-Reyes, *Medias palabras: correspondencia, 1913-1959*. México, UNAM, IIF, 1991, p. 130.

³⁰⁴ SALADO, José Luis. Conversación con un escritor de Méjico. *Heraldo de Madrid*. Año XXXIX, nº 13.677. Jueves, 28/11/1929, Edición de la noche. Grifos nossos.

desses acontecimentos foram fundidos e combinados na composição do enredo: a já mencionada rebelião delahuertista de 1923; os acontecimentos relacionados com Francisco Serrano,³⁰⁵ em 1927, e; em menor medida, a rebelião de Arnulfo R. Gómez, candidato oficial do Partido Anti-reeleição, também em 1927.³⁰⁶ Todos esses episódios estão ligados aos processos de sucessão presidencial. Essa característica nos mostra a proximidade e a distância entre história e literatura, pois se os referentes são acontecimentos históricos o modo de acessá-los se dá pela via ficcional. A esse respeito, o teórico da literatura Wolfgang Iser sustenta que um dos *atos de fingir*³⁰⁷ do texto literário é o *desnudamento* de sua ficcionalidade.³⁰⁸ Ora, esse recurso estilístico somente é viável no discurso ficcional. Um leitor que estivesse familiarizado com esses fatos poderia facilmente identificá-los na narrativa, ao passo que também compreenderia que se tratava de uma representação literária da história.

Ainda sobre a relação entre história e literatura, ressaltamos que partimos do pressuposto de que a ficção não é mentira, nem falsidade. Tal como indicado por Costa Lima,³⁰⁹ o discurso ficcional não possui a função da mentira, que é enganar, e, conjuntamente, não pretende “dar a ler/ouvir informações verídicas”. Elementos que, em nossa opinião, são decisivos para que a literatura tenha uma forma especial de referência à experiência. A relação que ela estabelece com o vivido é de outra ordem, não idêntica à da história. Mas, o que será que o escritor, cujas obras estamos investigando, teria a dizer acerca disso?

[...] La sombra del Caudillo, asómbrese usted, al mismo tiempo que una novela, es una obra histórica en la misma medida en que pueden serlo las

³⁰⁵ Os elementos relacionados a Serrano correspondem à série de acontecimentos que se desenrolou as vésperas do ano eleitoral de 1928, sob o regime de Calles (1924-1928). Em 1927, foi aprovada a modificação constitucional que permitia a reeleição à presidência – o que favorecia uma segunda candidatura de Obregón e lembrava os anos porfiristas – sempre que não se tratasse de períodos sequenciais. Estes fatos culminaram com o levantamento do general Serrano, que foi rapidamente sufocado pelo Exército, e seu assassinato, juntamente com 13 partidários, na cidade de Huitzilac, em outubro de 1927.

³⁰⁶ Arnulfo R. Gómez (1890-1927), no pleito eleitoral para à presidência da República de 1928, contrapôs-se às tentativas de retorno ao Executivo por parte de Álvaro Obregón. Nesse mesmo processo lançou sua candidatura e, posteriormente, foi fuzilado a mando de Obregón.

³⁰⁷ Os *atos de fingir* indicam o que é fictício em um texto ficcional. A proposta de Iser é, por meio deles, substituir o par antitético realidade-ficção por uma relação tríplice entre realidade-fictício-imaginário. Os *atos de fingir* são: seleção, combinação e *autodesnudamento*. Cf. ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: COSTA LIMA, L. (org). *Teoria da literatura em suas fontes*. vol. II, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

³⁰⁸ O *desnudamento* ficcional é um dos *atos de fingir* contidos na teoria do ficcional de Wolfgang Iser. Nele, percebemos a ficcionalidade do texto literário. Cf. ISER. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional.

³⁰⁹ COSTA LIMA, Luiz. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 244.

Memorias de Pancho Villa. *Ningún valor, ningún hecho, adquiere todas sus proporciones hasta que se las da, exaltándolo, la forma literaria. Es entonces cuando adquiere rango de verdad, y no cuando mira con sus sentidos vulgares un historiador cualquiera, que ve pero que no sabe entender, expresar, lo que sus ojos han mirado. Las verdades mexicanas están allí por la fuerza literaria con que están vistas, recreadas.*³¹⁰

Guzmán busca historicizar a literatura. O autor atribui a *La sombra del Caudillo* o qualificativo “histórico”. O que isso nos permite perceber acerca das representações de poder e da Revolução? O escritor desejava imprimir à obra o estatuto de verdade, mesmo que por via literária. Assim, *La sombra del Caudillo* se constituiu como a história do México em metáforas. Nessa perspectiva, temos dois apontamentos, o primeiro em que o autor reforçou o conteúdo político da obra e o segundo em que ele desejava interferir na recepção, ou seja, na forma como o enredo deveria ser lido e compreendido.³¹¹

A discussão sobre a presença do real dentro de *La sombra del Caudillo* não é recente. Observamos em fragmentos de jornais de 1929 que a questão já era apontada, no entanto, ao contrário de nossa posição, o par real-ficção como antítese era ainda enfatizado, como podemos visualizar no seguinte fragmento: “¿Esto es novela? No sé. ¿Es pura literatura? Desde luego, no. Pero ninguno de los últimos libros que han merecido atención del público es pura literatura”.³¹²

Em princípio, *La sombra del Caudillo* foi publicado em 35 episódios em três periódicos – um mexicano, *El Universal*, e dois estadunidenses, *La Opinión* e *La Prensa*.³¹³ Os três últimos episódios, que narravam o massacre de Huitzilac,³¹⁴ não foram

³¹⁰ Entrevista concedida a Emmanuel Carballo em 1958. Cf. CARBALLO, Emmanuel. Martín Luis Guzmán (1887-1976). In: _____. *Protagonistas de la literatura mexicana*. Cidade do México: Secretaria de Educación Pública, 1986. Grifos nossos.

³¹¹ Nesse sentido, a literatura nos permite acessar, pela referência metafórica, certos aspectos do passado que outras formas de discurso não nos possibilitam. Com efeito, percebemos pela nossa própria fonte, *La sombra del Caudillo*, que “os textos ficcionais não são de todo isentos de realidade”, “pois as medidas de mistura do real com o fictício, neles reconhecíveis, relacionam com frequência elementos, dados e suposições”. Dessa forma, a dicotomia que, no senso comum, se coloca entre real e ficção não existe, é uma falsa oposição. Em nossa perspectiva, a ficção – contida no texto literário – compõe a realidade do vivido e se configura como uma forma de compreender o passado. Assim, sublinhamos uma passagem do texto de Iser: “A relação opositiva entre ficção e realidade retiraria da discussão sobre o fictício no texto uma dimensão importante, pois, evidentemente, há no texto ficcional muita realidade que não só deve ser identificável como realidade social, mas que também pode ser de ordem sentimental e emocional. Estas realidades por certo diversas não são ficções, nem tampouco se transformam em tais pelo fato de entrarem na apresentação de textos ficcionais”. Cf. ISER. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional, p. 957-958.

³¹² *Diário El Mañana*. Teruel, miércoles, 4/12/1929, Año II. n° 284, p. 8.

³¹³ BRUCE-NOVOA, John. Estudio introductorio. In: GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002.

³¹⁴ Sobre o massacre de Huitzilac, ver nota 302.

publicados em *El Universal*, aparecendo apenas nos outros dois periódicos, o que pode nos revelar – em condição de inferência – uma censura ou mesmo algo mais subreptício como, por exemplo, restrição ou desaprovação do governo ou do próprio periódico.³¹⁵ Além disso, quando de sua publicação no formato de livro pela editora espanhola Espasa-Calpe, foi necessário que esta negociasse com o governo mexicano a fim de que a obra pudesse circular no México.³¹⁶ A condição para a permissão foi o que se chama de *censura anticipada*,³¹⁷ em que o Estado – objetivando se resguardar de futuras críticas – proibiu Guzmán de publicar livros cujo tema fosse o México após 1910.³¹⁸ Ainda que não tenha caído nas graças do governo, *La sombra del Caudillo* gozou de grande receptividade entre os intelectuais, sendo aclamada por um grande número deles como um dos melhores romances do subgênero “revolucionário”.³¹⁹

Dito isso, nossa atenção se dirige agora ao romance. Ignacio Aguirre, político e militar, é a personagem principal da história. Durante o governo do *Caudillo* – figura que não possui nome, mas que exerce grande poder na política mexicana do período –, Aguirre atuava como ministro da Guerra. Por alguns revezes ocorridos no desenrolar do enredo, ele renunciou ao cargo e foi lançado como candidato à presidência da República pelo Partido Radical Progresista. Contudo, não recebia o apoio do *Caudillo*, cuja sombra – como já discutido anteriormente – influía nos jogos de poder.

A intriga política é elemento essencial do romance, pois, de certa forma, ela conduz ao desfecho dos acontecimentos. Durante a campanha eleitoral, tanto de Ignacio Aguirre como de seu opositor, Hilario Jiménez (candidato do *Caudillo*), viu-se algumas tentativas recíprocas de desorganização e de desestabilização dos blocos partidários. O alto

³¹⁵ Infelizmente, não conseguimos obter acesso às documentações que nos fornecessem respostas mais satisfatórias a respeito desse item.

³¹⁶ NEGRÍN, Edith. Recepción de *La sombra del Caudillo*. In: GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002.

³¹⁷ Termo empregado por Roger Chartier no evento “Literaturas: questões do nosso tempo”, realizada em Belo Horizonte, em 23/08/2016.

³¹⁸ Sobre a censura à *La sombra del Caudillo*, encontramos no Archivo General de México uma pequena documentação (duas páginas) que pode lançar luz sobre alguns elementos referentes às negociações entre a editora e o governo. Não obstante, não conseguimos ter acesso a elas durante o tempo de pesquisa.

³¹⁹ A versão de *La sombra del Caudillo* apresentada “por entregas” aos jornais é distinta da versão fornecida em livro pela editora Espasa-Calpe em 1929. Houve a eliminação de sete capítulos de uma versão para a outra, além do acréscimo de um final. O pesquisador mexicano Fernando Curiel (2009), por exemplo, assinalou que a composição dos personagens foi paulatina. Por exemplo, o personagem Axkaná González, na versão “por entregas”, lança mão de artifícios corruptos para chegar ao cargo de deputado. Enquanto na versão em livro, ele funciona como um *alter ego* de Guzmán, desempenhando o papel do revolucionário idealista e desprovido de interesses próprios. Para Curiel, as motivações por trás das alterações efetuadas por Guzmán decorrem da necessidade de construir uma trama coerente e unitária, e possibilitam vislumbrar as soluções éticas e estéticas propostas pelo intelectual. Cf. CURIEL DEFONSÉE, Fernando. Martín Luis Guzmán. Las dos versiones de *La sombra del Caudillo*. La Jornada Semanal, 2009. Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2009/12/20/sem-fernando.html> Acesso em: 15 de junho de 2016.

comando a favor da candidatura de Jiménez pretendia acusar o ex-ministro de guerra de aliciamento dentro do Exército e de estimular uma rebelião contra o governo instituído pela Revolução. Assim, criou-se uma atmosfera instável e muitos dos aguirristas afirmaram acerca da impossibilidade de serem realizadas eleições limpas, demonstrando a necessidade de “madrugar”; isto é, lançar mão das armas e combater os hilaristas antes que esses se levantassem contra eles. Apesar das afirmações e estímulos de seus partidários, Aguirre não recorre às armas e, ao tomar conhecimento das estratégias de seus opositores, decide buscar o apoio do general Julián Elizondo, em Toluca. Ao chegar lá, juntamente com seus doze acompanhantes, entra em contato com o general, que os concede auxílio e pede que esperem um pouco. Neste curto tempo, Elizondo avisa aos hilaristas sobre Aguirre e seus companheiros. As tropas oficiais chegam à Toluca aprisionam os aguirristas e, depois, os conduzem para outro local. No meio do percurso, eles são executados e somente o melhor amigo de Aguirre, Axkaná González, sobrevive. O que havia, portanto, era uma política de armas, em que o conflito estabelecia os governantes. Além disso, vemos críticas à apropriação do aparato estatal e ao uso deste para benefício próprio, bem como à ausência de posicionamentos ideológicos que tivessem por objetivo o bem da nação.

A década de 1920 foi essencial para a reconstrução do México, tanto no plano simbólico como no plano estrutural. Todavia, apesar de todo empenho estatal e do campo intelectual na fundação de uma nova cultura e identidade mexicana, a reminiscência caudilhista permanecia e ainda conduzia o país, de tal modo que a crítica ao repertório de estratégias utilizados por essa elite política foi evidenciada por meio da narrativa literária de Martín Luis Guzmán.

Um ponto inicial para o qual queremos chamar a atenção é a construção dos personagens. Novamente temos o uso de referentes históricos para a composição do texto literário. Quando questionado, em entrevista, a esse respeito, o escritor uma vez mais salienta ter retirado sua matéria-prima da experiência mexicana:

[Emanuel Carballo] Dígame, ¿qué seres de carne y hueso le sirvieron de modelo para crear a los personajes de *La sombra del caudillo*?

[Martín Luis Guzmán] El *Caudillo* es Obregón, está descrito físicamente. *Ignacio Aguirre* ministro de la Guerra es la suma de Adolfo de la Huerta y del general Francisco R. Serrano; en el aspecto externo su figura no corresponde a ninguno de los dos. *Hilario Jiménez* ministro de Gobernación es Plutarco Elías Calles. El general *Protasio Leyva* nombrado por el *Caudillo*, tras la renuncia de Aguirre, jefe de las operaciones en el Valle, y sus partidarios de Jiménez es el general Arnulfo Gómez Emilio. *Olivier Fernández* “el más extraordinario de los agitadores políticos de aquel momento, líder del Bloque Radical

Progresista de la Cámara de Diputados, fundador y jefe de su partido, ex alcalde de la Ciudad de México, ex gobernador” es Jorge Prieto Laurens. *Encarnación Reyes* general de división jefe de las operaciones militares en el estado de Puebla es el general Guadalupe Sánchez. *Eduardo Correa* presidente municipal de la ciudad es Jorge Carregha. *Jacinto López de la Garza* consejero intelectual de Encarnación Reyes y jefe de su estado mayor es el general José Villanueva Garza. *Ricalde* líder de los obreros partidarios de Jiménez es Luis N. Morones. *López Nieto* líder de los campesinos, partidario, como el anterior, del ministro de Gobernación es Antonio Díaz Soto y Gama.³²⁰

De modo mais específico, o papel desempenhado por Ignacio Aguirre nos parece remeter a um jogo de luz e sombra. Pois, enquanto na política o protagonismo e os holofotes cabem ao caudilho – Alvaro Obregón –, na trama o foco incide sobre a oposição representada por Aguirre. Assim, na composição do argumento, o *Caudillo* aparece somente em dois episódios, todavia sua força permeia todo o enredo. Em contrapartida, a oposição, que no jogo de forças políticas, possui menos proeminência, adquire na narrativa maior visibilidade; de tal forma que a personagem central, Aguirre, aparece em quase todos os capítulos. É interessante observar que, não obstante haja a representação desse dualismo entre oposição e situação, o escritor não representa nenhum dos lados como incorruptível. O que se apreende é que no discurso opositor as manipulações políticas aparecem de maneira mais transparente do que no discurso situacionista.

Uma distinção a ser abordada mais adiante, mas que no momento se torna útil para analisar a composição de mais um personagem, diz respeito à dicotomia entre políticos civis e militares na caracterização de Aguirre e seu amigo íntimo o deputado Axkaná González. Conforme lemos na seguinte passagem: “Aguirre era el político militar; Axkaná, el político civil; uno quien actuaba en las horas decisivas de las contiendas públicas; otro, quien creía encauzar los sucesos de esas horas o, al menos explicarlos”.³²¹

Desse modo, em Axkaná temos a representação de um certo tipo idealizado de intelectual, o qual apresenta diferenças simbólicas em comparação às demais personagens. Visto que foi composta com atributos como integridade, com uma visão crítica da realidade, mas também permeada por idealismos. Em contraposição ao tipo idealizado, como Axkaná, existe, ainda, a representação do intelectual oportunista. Um exemplo é *Jacinto López de la Garza*, que desempenha, no enredo, o papel de conselheiro

³²⁰ Entrevista concedida a Emmanuel Carballo em 1958. Cf. CARBALLO, Emmanuel. Martín Luis Guzmán (1887-1976). In: _____. *Protagonistas de la literatura mexicana*. Cidade do México: Secretaria de Educación Pública, 1986. Grifos nossos.

³²¹ GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002, p. 5.

intelectual da personagem Encarnación Reyes. Ele é caracterizado como alguém que abandonou os livros de Direito para ir aos “promissores e magníficos” campos da Revolução, onde ele fez carreira “administrando cabeças de generais analfabetos e de reformadores sociais privados de todas as letras”.³²² Diante disso, compreendemos que o autor assinalava a existência, ao menos, de dois tipos de intelectuais e do potencial que as letras forneciam naquele contexto. Tem-se o intelectual que, de fato, acreditava na Revolução e em suas propostas e outro que percebeu nos conflitos armados a possibilidade de enriquecimento ilícito.

Segundo Guzmán, em entrevista dada no ano de 1958, Axkaná foi a única figura que não possuía um referente na realidade histórica. Sua construção levou em consideração a “síntese de duas raças”, que podem ser dimensionadas por seu próprio nome: Axkaná, indígena asteca e; González, espanhola perfazendo um *criollo*. No romance, ele representa a consciência revolucionária. Exercendo, na narrativa, a função que cabe ao coro na tragédia grega, isto é, buscando que o mundo ideal cure as feridas do mundo real.³²³

Como dito no referido trecho, Axkaná procura observar a realidade e explicá-la, ao passo que também se considera capaz de promover acontecimentos com suas ideias. No enredo, ele desempenha um papel de conselheiro de Aguirre, advertindo-o sobre as decisões mais honradas e morais no cotidiano do privado e do público. Contudo, o protagonista, consciente de seus atos, faz suas escolhas desprezando, em muitos momentos, os conselhos de seu amigo. Autores como Fernando Curiel e Marta Portal defendem que Axkaná González seja uma representação do próprio Guzmán. Portal vai um pouco mais além. Pois, afirma que, ao ser o único personagem sobrevivente da execução sofrida pelos aguirristas, em um processo que não é mero acaso, Axkaná se constitui também como uma demonstração de uma ferida que segue latente na sociedade mexicana; mas que, ao não renunciar à vida, também não renuncia à esperança.³²⁴

Retomando o tema da polaridade entre políticos civis e políticos militares, consideramos que o antimilitarismo e o anticaudilhismo – categorias que possuem uma certa correspondência dentro de *La sombra del Caudillo* – ocupam um patamar

³²² GUZMÁN. *La sombra del Caudillo*, p. 31.

³²³ Entrevista concedida por Martín Luis Guzmán a Emmanuel Carballo em 1958. Cf. CARBALLO, Emmanuel. Martín Luis Guzmán (1887-1976). In: _____. *Protagonistas de la literatura mexicana*. Cidade do México: Secretaría de Educación Pública, 1986, p. 88.

³²⁴ PORTAL, Marta. *Proceso narrativo de la Revolución Mexicana*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe, 1980, p. 125.

privilegiado como alvo das contestações guzmanianas. Isso se deve ao modo como cada um dos polos atuava na esfera política. Na perspectiva enunciada na obra:

*Los políticos civiles, salvo excepciones, traían al candidato propio, con su adhesión ostensible, la abierta pugna con el candidato opuesto. Eran – o aspiraban a ser – gobernadores, diputados, concejales, y por eso mismo tocaba a ellos proclamar las virtudes de su grupo a expensas del grupo que se les oponía: pregonaban su actitud, se exponían desde luego a las represalias y al odio enemigos. Los políticos militares no. Éstos, por lo mismo que sus tropas habrían de erigirse después en el único argumento victorioso, guardaban – excepto casos rarísimos – la reserva indispensable para el buen éxito de las armas en la hora suprema. Es decir, que la naturaleza de su función constreñía a los políticos militares a comportarse con doblez y les consentía jugar, hasta el último instante, con una y otra posibilidades. Los más de ellos engañaban, de hecho o en apariencia, a los dos bandos: permanecían semiocultos en la sombra, se mostraban turbios, vacilantes, sospechosos.*³²⁵

O processo democrático, dessa forma, era maculado pelos militares, que lidavam com a sucessão governamental de maneira opaca e buscando a concretização de seus interesses particulares. É conveniente salientar que os políticos civis não são representados como incorruptíveis. O ponto aqui é a implicação derivada da interferência militar no âmbito da disputa eleitoral. Os políticos militares, aos quais Guzmán faz referência em sua narrativa, em grande medida, são aqueles cuja ascensão social e enriquecimento se deram nos anos de conflito revolucionário na década de 1910. Esses generais, em grande parte, não eram alfabetizados e tampouco haviam passado por uma formação institucionalizada no exército:

Axkaná que por primera vez veía a Catariño Ibañez, se dedicó a observarlo. De pronto aspecto exterior del general nada le dijo. Era el de tantos otros soldados de la Revolución, convertidos, como por magia, en gobernadores o ministros: analfabetos, con patente de incultura, en los cargos públicos de responsabilidades más altas.³²⁶

Como já apontado, na raiz do termo, o fenômeno do caudilhismo aparece imbricado ao militarismo. Diante disso, e do próprio ambiente que caracteriza a década de 1920 mexicana, observamos que, em *La sombra del Caudillo*, o escritor se preocupou em demonstrar a coexistência de uma incipiente institucionalização – em que existem leis e poderes burocráticos pouco consolidados – com redes políticas e econômicas informais.

³²⁷ Nesse sentido, muitas alianças que compõem o personalismo desse período foram

³²⁵ GUZMÁN. *La sombra del Caudillo*, p. 44. Grifos nossos.

³²⁶ GUZMÁN. *La sombra del Caudillo*, p. 76.

³²⁷ Estamos levando em consideração as reflexões de Alan Knight, em que, na década de 1920, tem-se o

formadas durante os conflitos da década de 1910. Porém, mais que isso, elas são frutos dos interesses políticos e econômicos do presente, de maneira que os acordos e lealdades se alteraram conforme as possibilidades de concretização. Um exemplo disso pode ser notado em um primeiro momento da trama de *La sombra del Caudillo*, em que observamos uma certa resistência de Aguirre em aceitar o convite do *Partido Progresista* por conta dos laços de fidelidade com o *Caudillo*, os quais foram construídos na Revolução e, posteriormente, fortalecidos no Levante de Agua Prieta. Nesse sentido, observamos aqui mais uma relação entre o *vivido* e o fictício, em que Guzmán selecionou elementos que remetiam à realidade histórica mexicana. A rebelião de Agua Prieta corresponde aos acontecimentos relativos à sucessão presidencial de 1920. Nesse processo, Venustiano Carranza – que apoiava a candidatura de um “civilista”, Ignacio Bonillas – se indispôs com Álvaro Obregón, candidato à presidência. Este último, juntamente com um diversificado grupo (sonorenses, zapatistas, trabalhadores urbanos etc.) promoveram o Plano de Agua Prieta, em abril de 1920, no qual desautorizavam o governo carrancista. Os desgastes políticos se estenderam até 21 de maio daquele ano, culminando com o assassinato de Carranza no povoado de Tlaxcalantongo.³²⁸ Relações de tal tipo também podem ser observados no comportamento expresso por outras personagens, que diante da indecisão de Aguirre em aceitar a candidatura à presidência, fizeram acordos com ambos os lados, *aguirristas* e *jilaristas*, e à medida que o desfecho adquiria contornos mais definidos, rearticulavam-se para terminarem ao lado dos “vencedores”, demonstrando, dessa forma, a inexistência de princípios ideológicos norteadores de ação ou a ausência de compromisso com o bem comum.

Com efeito, a narrativa guzmaniana e as representações do poder por ela veiculadas não apontam estritamente para os eminentes chefes políticos como Álvaro Obregón e Plutarco Elías Calles. A oposição e a denúncia acontecem de maneira ampla na disposição como o escritor apresenta o ambiente político da década de 1920 no México. A cena pública dominada por muitos militares, dentro da trama, fornece o tom de possibilidades de frequentes levantes. A intervenção do exército na esfera política parece ser quase sempre iminente. Resultando, portanto, no enfraquecimento das instituições

desenvolvimento de um Estado com características racional-legais, baseados nas proposições weberianas. Cf. KNIGHT, Alan. *Caudillos y campesinos en el México Revolucionario, 1910-1917*. In: BRADING, David A. (Org.). *Caudillos y campesinos en la revolución mexicana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995.

³²⁸Cf. AGUILAR CAMÍN; MEYER. *À Sombra da Revolução Mexicana: História Mexicana Contemporânea, 1910-1989*.

democráticas, uma vez que o apoio aos candidatos, por parte dos políticos militares, se dá com o emprego de armas e não através dos meios de legalidade constitucional ou legitimidade dos cidadãos:

Todo lo otro, programas, propaganda, sufragios, elecciones, es puro jarabe de pico,³²⁹ escenario para que la cosa tome aire democrático en los periódicos, o es, a lo sumo, la estructura o el pretexto que justifican el escalamiento del Poder.³³⁰

Em *La sombra del Caudillo* também podemos visualizar questionamentos à instrumentalização da Revolução no discurso dos políticos. Dentro daquilo que podemos chamar de *cultura histórica* existem várias práticas discursivas que circulam no espaço público e oferecem uma determinada interpretação da experiência temporal, tais como a literatura, monumentos, pinturas e discursos políticos. Desse modo, a trama da obra trabalha com a dimensão política do passado, na qual há um uso das experiências visando a legitimação de um regime político. Pois, dificilmente, uma ordem política consegue se legitimar sem recorrer a uma certa leitura da história.³³¹ De maneira mais específica, isso pode ser visto nas ações em que a personagem Protasio Leyva arroga para si – e para os partidários do *Caudillo* e Hilario Jiménez – a credencial de legítimo portador e defensor dos valores revolucionários. Em consequência disso, os grupos que, como os *aguirristas*, representam um projeto concorrente são rotulados como “traidores” e “reacionários”:

[...] ¿Consentiremos en que vayan a estrellarse allí el bien de la República y las aspiraciones de nuestras masas obreras y campesinas? No, señores; no compliquemos el punto y procedamos con la sencillez que requiere el actual *momento histórico*. La acción directa está al alcance de nuestra mano: usémosla, usémosla con valor, es decir, sirvámonos de ella sordos a eso escrúpulos que hacen siempre despreciable la conducta de los *reaccionarios*... ¿No es verdad que la salvación de la República y de la obra revolucionaria estriba en el poder personificado en el Caudillo pase íntegro al general Hilario Jiménez? Sí es verdad. ¿No es verdad que la reacción aguirrista, encarnada en dos docenas de traidores, es la única barrera que se nos opone? También es verdad. Entonces, señores, aplastemos la reacción una vez más; suprimamos de un golpe esas dos *docenas de traidores* ya que actos así son propios e inevitables en cuanto traemos a cuestras el enorme *fardo de la pureza revolucionaria*. ¡Qué le vamos a hacer! Cada dos años, cada tres, cada cuatro, se impone el sacrificio de descabezar a dos o tres docenas de traidores para la *continuidad revolucionaria no se interrumpa*. [...]³³²

³²⁹ Segundo a Real Academia Espanhola, “jarabe de pico” é uma expressão coloquial e depreciativa, que significa palavras sem substância, promessas que não serão cumpridas. Disponível em: <http://www.rae.es/>

³³⁰ GUZMÁN. *La sombra del Caudillo*, p. 152.

³³¹ RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de metahistória. *História da Historiografia*. Ouro Preto, nº 2, março de 2009, p. 163-210.

³³² GUZMÁN. *La sombra del Caudillo*, p. 152-153.

Por fim, como última chave de leitura, gostaríamos de analisar uma questão amplamente assinalada pela fortuna crítica: “lo de arribismo” das narrativas de Guzmán. O termo, inicialmente, foi empregado por Juan Uribe Echevarría, em *La novela de la revolución mexicana y la novela hispanoamericana atual*, em 1936, no qual o estudioso parece ter utilizado *Los de abajo*, de Mariano Azuela, como parâmetro para apreciação de *El águila y la serpiente*.³³³ Todavia, por extensão, o termo também foi aplicado e incorporado pela crítica literária para qualificar outras obras de Guzmán em virtude da reduzida presença das camadas populares e da intensa presença das figuras proeminentes no cenário político.

Em nossa concepção, a aplicação irrestrita do termo inibiu outras possibilidades de análises e estigmatizou a produção guzmaniana. Ainda que, na presente pesquisa, tenhamos escolhido desenvolver um trabalho refletindo sobre as representações de poder e Revolução como fios condutores para se pensar a oposição às classes políticas e militares da Revolução e pós-Revolução, temos compreendido que “los de arribismo” não esgota os sentidos de interpretação, mas compõe apenas umas das facetas do nosso objeto. Ademais, seu “elitismo” era um componente de sua visão de mundo que não anulava seu posicionamento político, especialmente ao nosso foco de seu comportamento e ações como oposição.

Com efeito, um ponto importante dessas formulações é que, em virtude da seleção,³³⁴ os elementos contextuais ganham mais força e inteligibilidade à luz dos que estão ausentes no texto literário. Uma leitura que nos pareceu plausível a partir dessa proposição refere-se à mínima presença e participação atribuída às camadas populares, pelo autor, no enredo de *La sombra del Caudillo*. Conforme já expomos, poderíamos simplesmente apontar Martín Luis Guzmán como elitista ao enfocar “los de arriba” – e não pensamos que ele não seja –, contudo observamos em alguns de seus artigos – que foram publicados no início da década de 1920³³⁵ – a possibilidade de uma interpretação mais complexa acerca do tema. Visto que, em tese, dentro de uma democracia, o espaço

³³³ Para uma exposição mais alentada sobre a validade do termo “los de arribismo”. Cf. HUNTINGTON, Tanya. *Martín Luis Guzmán: entre el águila y la serpiente*. México: Tusquets Editores, 2015.

³³⁴ Para Iser, é no ato de fingir da *seleção* que podemos captar, em alguma medida, a intenção da escritora e do escritor. Portanto, a *intencionalidade* do texto não está na consciência da autora e do autor, isto é, ela não se encontra em algum mundo dado ou tampouco é algo apenas imaginário. Iser – assim como Quentin Skinner – é crítico à busca da intenção do autor em aspectos psicológicos de sua consciência.

³³⁵ GUZMÁN, Otras páginas. In: _____. *Obras Completas*. 4ª ed. México: FCE, INEHRM, 2010. Vol. I.

público deve ser ocupado pelos cidadãos do país. Quando esse espaço não é ocupado pelas diferentes camadas sociais, quer dizer que ele está sendo ocupado apenas por alguns indivíduos, os quais – em alguma medida – realizam um conjunto de práticas políticas que lhes parecem convenientes. No presente caso, essas práticas são associadas, pelo escritor, ao personalismo, ao caudilhismo, ao militarismo e à corrupção.

Entretanto, as nossas fontes não nos permitem pensar que Guzmán desejava que as camadas mais pobres da população (camponeses e trabalhadores urbanos analfabetos) ocupassem esse espaço político. No trecho a seguir, por exemplo, notamos que há uma culpabilização da população pela forma como a política mexicana se desenrolava, sem que isso se traduza necessariamente em uma defesa da participação dos segmentos populares em cargos públicos:

Fíjate bien – decía a Mijares Axkaná –; fíjate en la sonrisa de “las gentes decentes”. *Les falta a tal punto el sentido de la ciudadanía, que ni siquiera descubren que es la culpa suya, no nuestra, lo que hace que la política mexicana sea lo que es. Dudo qué será mayor, si su tontería o su pusilanimidad.*³³⁶

Para Guzmán, diante do cenário de uma população analfabeta, no contexto da década de 1920, era a ausência, no ambiente político, dos segmentos “conscientes” – isto é os *criollos* que possuísem alguma formação escolar e cultural – que implicava na permanência dos abusos, improvisações políticas e disputas eleitorais violentas.³³⁷ Assim, percebemos que, o mundo presente no texto é apontado pelo que se ausenta e o que se ausenta pode ser assinalado por esta presença.³³⁸

Para finalizar, os “Romances da Revolução” constituem-se como componentes fundamentais da cultura mexicana e, ao longo da primeira metade do século XX, ocuparam um lugar de tentativa da compreensão da conjuntura nacional. *El águila y la serpiente* e *La sombra del Caudillo*, embora profundamente marcadas por críticas aos poderes políticos das décadas de 1910 e 1920, foram incorporadas ao cânone, que se consolidou entre os anos de 1930 a 1960. De modo semelhante à obra *Los de abajo*, de Mariano Azuela, e às memórias de José de Vasconcelos, os livros de Martín Luis Guzmán

³³⁶ GUZMÁN. *La sombra del Caudillo*, p. 88. Grifos nossos.

³³⁷ GUZMÁN. *La sombra del Caudillo*; GUZMÁN. *La querella de México*. In: _____. *Obras Completas*. 4ª ed. México: FCE, INEHRM, 2010. Vol. I.

³³⁸ ISER. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional, p. 961.

encontram-se permeados por mensagens de contestação à violência e à imoralidade política como prática cotidiana. Em *El águila* o escritor salientou um país marcado por um insolúvel conflito, em que os diferentes grupos revolucionários disputavam a legitimidade de se imporem um sobre os outros, preterindo a democracia e a implantação de instituições políticas. Em *La sombra del Caudillo* o ambiente, já burocratizado, mantinha disputas similares, no entanto manipulando o passado histórico revolucionário e a legitimidade angariada nos confrontos da guerra civil da década de 1910. Assim, Martín Luis Guzmán, por meio de sua “arma letrada” – seja no periodismo, seja nos livros – empreendeu um combate, no qual buscou lançar luz sobre a realidade nacional. Como sublinhado por Torres de la Rosa, o público mexicano, desde a década dos conflitos armados demonstrava grande interesse por entender a conjuntura do país. Nessa perspectiva, as narrativas de Martín Luis Guzmán – como a de outros autores do período – atendiam às demandas do mercado, porém também exerciam a função de se opor ao militarismo político mexicano da década de 1920 e ofereciam uma interpretação da experiência revolucionária nacional.

Capítulo 3

Martín Luis Guzmán: a sedução do poder e os (des) caminhos em direção ao priísmo

Quantas vezes nós contamos a história da nossa vida? Quantas vezes nós ajustamos,
embelezamos, editamos espertamente?
(Julian Barnes)

Boa parte dos estudos³³⁹ sobre Martín Luis Guzmán trazem o estranhamento ou incômodo quando abordam o período subsequente ao seu retorno ao México, em 1936.³⁴⁰ Tal aspecto decorre da proximidade que, paulatinamente, o escritor estabeleceu com os governos ditos “revolucionários”. Nesta perspectiva, observamos que as aceções acerca da Revolução expressas pelo intelectual chihuahuense, nesse período, vincularam-se sobremodo à sua trajetória política e ao seu relacionamento com os governos federais. O recorte proposto neste capítulo abarca os anos de 1936 a 1969. São anos que guardam certas especificidades visto que coincidem com alguns acontecimentos, dentre os quais listamos: a) o final do Maximato em 1934 b) a reformulação do Partido Nacional Revolucionário (PNR) em dois momentos, 1938 quando se torna Partido da Revolução Mexicana (PRM) e, em 1946, quando, finalmente, assume a sigla Partido Revolucionário Institucional (PRI),³⁴¹ e; c) o ano de 1968, marcado pela extrema violência e autoritarismo

³³⁹ Gostaríamos de salientar que alguns aspectos referentes à trajetória e posicionamentos políticos de Martín Luis Guzmán entre os anos de 1936 a 1969 não puderam ser plenamente respondidos em virtude da dificuldade de acesso às fontes.

³⁴⁰ Como, por exemplo: CURIEL DEFOSSÉ, Fernando. *La querella de Martín Luis Guzmán*. México: Oasis, 1987; CURIEL DEFOSSÉ, Fernando. *Martín Luis Guzmán, discípulo de Clío*. UNAM, Facultad de Filosofía y Letras, Licenciatura en Historia, 1994; QUINTANILLA, Susana. *A salto de mata*. Martín Luis Guzmán en la Revolución Mexicana. México: Tusquets, 2009.

³⁴¹ Em 1928, Plutarco Elías Calles demonstrou sua intenção de criação do Partido Nacional Revolucionário (PNR), em uma mensagem que conclamava o México a “passar de una vez por todas, de la condición histórica de ‘país de hombre’ a la de ‘nación de las instituciones’”. Nesse sentido, convocava à criação de partidos nacionais. A fundação do partido oficial, em 1929, foi importante, pois, como afirmou Alan Knight, na medida em que as elites revolucionárias se uniram para formar o PNR, foi se desenvolvendo certa disciplina entre os revolucionários – por revolucionários leia-se membros do partido. Assim, recorria-se cada vez menos aos levantes militares. Cf. KNIGHT, Alan. Cardenismo: ¿coloso o catramina? In: MACKINNON, María Moira; PETRONE, Mario Alberto (org.). *Populismo y neopopulismo en América Latina*. El problema de la Cenicienta. 1ª reimpressão. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1999, p. 222. Ao longo dos anos, o Partido Nacional Revolucionário “foi fundado e (re)fundado na tentativa de unificar as diversas forças sociais em uma agremiação única. Em 1938, no governo de Lázaro Cárdenas, ganhou um novo nome, Partido da Revolução Mexicana (PRM). Por fim, em 1946, na presidência de Ávila Camacho sua denominação foi definitivamente modificada para Partido da Revolução Institucional (PRI)”. Cf. BAIÃO, Fábio Eduardo de Araújo. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes

do governo em relação aos movimentos estudantis.

No contexto posterior a seu exílio, Guzmán tentou conferir sentido e coerência à sua própria trajetória formulada por intermédio de seu “ato autobiográfico”³⁴² mais explícito: o discurso de ingresso à *Academia Mexicana de la Lengua* (AML), em 1954, intitulado *Apunte sobre una personalidad*. Nesse texto, o mais novo membro da AML entreteceu sua história de vida à história nacional e postulou que esta forneceu os elementos necessários para a composição de suas obras. O pesquisador estadunidense Nicholas Cifuentes-Goodbody salienta que o entrecruzamento entre a história nacional e a história pessoal é promovido de tal maneira que o escritor operou uma articulação entre o passado e o presente mexicano.³⁴³ Essa coesão – na perspectiva do pesquisador – conta com um ingrediente especial: a presença paterna. O coronel Martín Luis Guzmán Rendón aparece no discurso do filho como aquele que o orienta quanto aos posicionamentos políticos liberais e, ainda, concilia e harmoniza sua adesão à Revolução, pois em seu leito de morte:

El otro suceso le aconteció el 29 de diciembre de 1910, a los treinta y nueve días de iniciarse el movimiento armado contra la dictadura porfirista. Herido su padre, que era coronel del ejército federal, en el Cañón del Malpaso, donde peleó heroico y en condiciones innecesariamente adversas, fue llevado a Chihuahua, y allí, en el último diálogo, poco antes de morir, habló de esta suerte al hijo: “Dispuso el general que saliera yo a batir a los alzados, sin tomar en cuenta que mi batallón, deshecho en el desastre ferroviario de Sayula, casi no tenía más que reclutas. Para que me entiendas: en el tren íbamos enseñando a la tropa el manejo del fusil. No obstante, tan fácil se creía la victoria de mis pobres soldados, que algunos señores chihuahuenses – son de los más ricos – me trajeron fotografías de los jefes rebeldes. “Así – me decían al dárme las – sabrá usted si éstos están entre los prisioneros que coja y los mandará fusilar, pues la mala yerba hay que arrancarla de cuajo.” Y añadió en seguida. “A propósito. ¿Dónde dejé esas fotografías? ¡Ah, sí! en el cofre aquel. Cógelas y guárdalas tú... Y oye: no creo que sea ésta la mala yerba...”³⁴⁴

mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994). 254f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016, p. 12.

³⁴²Essa expressão é proposta por Cifuentes-Goodbody, que estuda as políticas de narrativa de vida empreendidas por Guzmán. Cf. CIFUENTES-GOODBODY, Nicholas. *The man who wrote Pancho Villa*. Martín Luis Guzmán and the Politics of Life Writing. Nashville: Vanderbilt University Press, 2016, edição Kindle.

³⁴³“Within the context of Guzmán's 1954 reading of “Apunte sobre una personalidad”, the various mottos that Colonel Guzmán Rendón instills in his son serve as a connection between past and present, one that simultaneously links liberal heroes of the nineteenth century (names that author cites in his autobiography, such as Juan Dios Peza, Guillermo Prieto, and Benito Juárez), with more recently canonized figures, such as Francisco I. Madero – and even with the still controversial Pancho Villa.” Cf. CIFUENTES-GOODBODY. *The man who wrote Pancho Villa*. Martín Luis Guzmán and the Politics of Life Writing, posição 536-540.

³⁴⁴GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002, p. 644. Grifos nossos.

Guzmán chama atenção para a “fala” do pai, como já apontamos no capítulo 1, um dos primeiros militares federais a morrer nos conflitos, a qual sugere que os revolucionários não eram a “erva daninha” que assolava o México. Esse aspecto do discurso de Martín Luis Guzmán é simbólico, afinal a Revolução é o evento fundacional do país no século XX e por meio do qual o governo priísta se legitimou. Ao entretecer – deliberadamente – sua vida à história do México independente (Independência, Reforma e Revolução), ele afinou sua autobiografia com a versão dos acontecimentos nacionais manejadas pelo “Partido da Revolução”, para o qual a Revolução era representada como um legado da Independência e da Reforma.³⁴⁵ Assim, consonante Cifuentes-Goodbody:

Com base em uma versão da história que retratou a conjuntura atual [1954] na qual o partido único do México figura como herdeiro legítimo dos movimentos de independência e da *Reforma* do século anterior, ele narrou sua infância como a contínua internalização de absolutos artísticos e ideológicos, desde noções fixas de beleza até a essência da herança liberal de seu país.³⁴⁶

O projeto editorial das Obras Completas de Guzmán – nos anos de 1950 e 1960 – foi organizado por ele de tal modo que a história do México (mais particularmente, a história do movimento revolucionário iniciado em 1910) funcionasse como um fio que costura várias histórias em apenas uma. *Apunte sobre una personalidad* é, sem sombra de dúvidas, o escrito de Martín Luis Guzmán de maior caráter autobiográfico e no qual, portanto, vislumbramos uma maior pretensão de controle de sua representação e de sua memória pública. Conforme Cifuentes-Goodbody, esse foi o mecanismo encontrado por Guzmán para urdir uma narrativa triunfante em torno de sua vida e obra cujo eixo era a história do México e o triunfo da Revolução atrelado à causa liberal.³⁴⁷

³⁴⁵ Sobre a operacionalização da memória nacional pelo governo de Adolfo Ruiz Cortines (1952-1958), Fábio Baião afirma: “Percebemos que o passado resgatado é estabelecido através de uma interpretação própria que buscou aproximar distintos momentos da história mexicana. Logo, a Guerra de Reforma é “ligada” à Revolução Mexicana em um movimento de continuidade, ou seja: o processo revolucionário de 1910 seria supostamente um desdobramento da vitória liberal do século XIX. Do mesmo modo, a Constituição de 1917 e o estabelecimento de um “Partido de la Revolución” representariam novamente a dimensão da continuidade das lutas do passado. As interpretações teleológicas e etapistas foram fundamentais para o estabelecimento de um princípio de filiação com a memória nacional. Operando institucionalmente esse amplo mecanismo de retorno à história do país, encontrava-se a figura presidencial filiada ao PRI.” Cf. BAIÃO. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994), p. 103-104.

³⁴⁶ “Drawing on a version of history that portrays Mexico's current one-party state as rightful heir to the independence and *Reforma* movements of the previous century, he narrates his childhood as the ongoing internalization of artistic and ideological absolutes, from fixed notions of beauty to the essence of his country liberal heritage”. CIFUENTES-GOODBODY. *The man who wrote Pancho Villa*. Martín Luis Guzmán and the Politics of Life Writing, posição 536-540. Grifo do autor/tradução nossa.

³⁴⁷ CIFUENTES-GOODBODY. *The man who wrote Pancho Villa*. Martín Luis Guzmán and the Politics

Diante disso, quais foram as escolhas e as ações políticas do intelectual entre os anos de 1936 e 1968? Como se desenrolou a aproximação entre o escritor e os governos do PRM-PRI? De que modo as políticas implementadas pelo governo de Lázaro Cárdenas repercutiram sobre os posicionamentos de Martín Luis Guzmán em relação ao movimento revolucionário? A partir dos anos de 1930, o desenvolvimento econômico e a institucionalização vivenciados pelo México ressoaram sobre as ações políticas e intelectuais expressas pelo escritor. De modo análogo, as transformações que se processaram, em termos ideológicos, no âmbito internacional também influíram na conformação do pensamento e atuação de Guzmán.

Lázaro Cárdenas é considerado o último grande caudilho revolucionário e, como salientado pelo historiador Fábio Baião, o fim de seu governo marcou novos contornos para as dinâmicas políticas nacionais.³⁴⁸ Além disso, como analisou o referido pesquisador, a historiografia sobre o contexto posterior a 1940 tipifica o período como sendo de “institucionalização revolucionária”. Com efeito, dois elementos fundamentais para a compreensão da vida política mexicana, nessa conjuntura, são as tentativas de pacificação das disputas políticas em virtude da criação do Partido Nacional Revolucionário, em 1929, e o fortalecimento do Poder Executivo como vértice da pirâmide administrativa.³⁴⁹

De modo semelhante, o estudioso Lorenzo Meyer sustenta que a partir de 1940, o eixo da organização política mexicana deslocou-se do presidente caudilho para a presidência como instituição. Para ele, essa alteração constituiu-se como um forte indicador da modernização política. Ao longo do tempo, a tradição e as circunstâncias históricas desembocaram na concentração do poder nas mãos do presidente, o que foi visto como algo natural. Conforme Meyer propõe, no período indicado somente a concentração política seria o motor eficiente para a recuperação do “atraso nacional” e para a modernização econômica do país.³⁵⁰

A economia desempenhou um papel substantivo para a estabilidade do sistema político mexicano. De acordo com José Carbonell: “El desarrollo económico posterior a 1940 fue impresionante: se alcanzó un incremento sostenido del PIB mayor al 6 por ciento

of Life Writing, posição 818-823.

³⁴⁸ BAIÃO. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994), p. 10

³⁴⁹ BAIÃO. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994), p. 13.

³⁵⁰ MEYER, Lorenzo. *Liberalismo autoritario*. Las contradicciones del sistema político mexicano. México: Editorial Océano de México, 2014, posição 259, edição Kindle.

anual en promedio. De hecho, este crecimiento permitió en gran parte estabilizar e imponer la hegemonía del régimen”. Nesse sentido, o crescimento e a estabilidade da economia mexicana ficaram conhecidos como o “milagre mexicano”, o qual se notabilizou pela intensa intervenção do Estado em distintas frentes de desenvolvimento econômico. Como dito anteriormente, o “milagre mexicano” foi imprescindível para o consenso político, o respaldo social e a hegemonia do “partido de la Revolución” entre 1940 a 1976.³⁵¹ A estabilidade priísta foi interrompida pelo trágicos acontecimentos de 1968, quando o governo respondeu de forma coerciva e truculenta às reivindicações das classes médias por ampliação do espaço democrático.³⁵² Martín Luis Guzmán não passou incólume pelos agitados ventos de 1968, como veremos nas próximas páginas.

3.1. O retorno de Martín Luis Guzmán ao México em tempos de cardenismo (1934-1940)

Com Lázaro Cárdenas na presidência da República, o Maximato (1928-1934) chegou ao final. Plutarco Elías Calles, embora não mais ocupasse a tão almejada cadeira presidencial, exerceu o papel de Chefe Máximo durante alguns anos após o encerramento de seu mandato e morte de Álvaro Obregón, em 1928. Nesse lugar, Calles conduziu os rumos nacionais, controlou o Exército, o Partido Nacional Revolucionário (PNR) e articulou os distintos grupos envolvidos no governo e na política. Portanto, ele impedia que o presidente em exercício dispusesse de todos os poderes e atribuições delegados pela Constituição de 1917 àquele cargo.

Cárdenas assumiu a presidência do México em 1934. Durante seu primeiro ano de mandato ele precisou lidar com tensões políticas derivadas da onda de greves dos operários. Em face dessas movimentações sociais, Calles emitiu algumas declarações à imprensa, entre 1934 e 1935, contendo críticas ao governo. A fim de resolver as intervenções e as divisões causadas pelo Chefe Máximo, Cárdenas mobilizou o poder militar,³⁵³ os segmentos e sentimentos sociais anti-callistas. O respaldo popular e das

³⁵¹ CARBONELL, José. *El fin de las certezas autoritarias*. Hacia la construcción de un nuevo sistema político y constitucional para México. México: Instituto de Investigaciones Jurídicas; Universidad Nacional Autónoma de México, 2002, p. 92-93.

³⁵² MEYER. *Liberalismo autoritario*. Las contradicciones del sistema político mexicano, posição 264.

³⁵³ Para a compreensão da importância da mobilização do Exército por Cárdenas no desmonte do aparato

organizações corporativas também foi fundamental para Cárdenas nesse processo de enfrentamento ao callismo. Como desfecho, os apoiadores de Calles foram afastados do governo e Plutarco Elías Calles seguiu para o exílio em abril de 1936.³⁵⁴

Com o afastamento do Chefe Máximo e de seu grupo da arena política nacional, a presidência da República – instituição central do sistema político mexicano – voltou a ter proeminência na condução dos assuntos públicos, aspecto que seria aperfeiçoado durante o cardenismo e caracterizaria os governos subsequentes.³⁵⁵ Diante dessa breve contextualização, enfatizamos a importância do desmonte do Maximato e do consequente afastamento de Plutarco Elías Calles do ambiente político para o retorno de Martín Luis Guzmán ao México, em março de 1936. Como analisado no capítulo anterior, o romancista delineou, em suas narrativas da Revolução da década de 1920, discordâncias e reprovações às condutas da classe política pós-revolucionária, salientando os comportamentos autoritários de Álvaro Obregón e Plutarco Elías Calles. Como resultado das críticas em *La sombra del Caudillo*, o Chefe Máximo censurou Martín Luis Guzmán, proibindo-o de publicar, no México, livros que tivessem como tema a história do país posterior ao ano de 1910.

O escritor chihuahuense regressou ao México depois de 13 anos de exílio na Europa – tendo passado a maior parte desse tempo na Espanha. De acordo com o pesquisador Cifuentes-Goodbody, Guzmán entrou em contato direto com Cárdenas para sondar sobre a possibilidade de retornar ao México. O presidente respondeu que daria o suporte necessário para que ele se reestabelecesse no país.³⁵⁶ Dessa maneira, o retorno do romancista contou com a autorização do próprio presidente da República. Cabe lembrar, ainda, que Guzmán havia perdido sua cidadania mexicana por ter colaborado com o governo espanhol sem autorização do governo mexicano, conforme previsto no capítulo

callista. Cf.: CRIPA, Ival de Assis. *O vento das Reformas*. Lázaro Cárdenas e a Revolução Mexicana (1934-1940). Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

³⁵⁴ AGUILAR CAMÍN; MEYER. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea*, 1910-1989, p. 172-173.

³⁵⁵ AGUILAR CAMÍN; MEYER. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea*, 1910-1989, p. 173. A respeito do papel e do espaço ocupado pela presidência no México após o período cardenista: Cf. CARBONELL, José. *El fin de las certezas autoritarias*. Hacia la construcción de un nuevo sistema político y constitucional para México. México: Instituto de Investigaciones Jurídicas; Universidade Nacional Autónoma de México, 2002; BAIÃO, Fábio Eduardo de Araújo. *“Arautos da Revolução”*: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994). 254f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

³⁵⁶ CIFUENTES-GOODBODY. *The man who wrote Pancho Villa*. Martín Luis Guzmán and the Politics of Life Writing, posição 1931.

IV, artigo 37, item C da Constituição de 1917, que versa sobre a cidadania mexicana.³⁵⁷ Para Díaz Arciniega, as contrações desses compromissos abriram um duplo caminho para Martín Luis Guzmán: o primeiro constituído pelas possibilidades derivadas da literatura histórica, a qual pode ser vislumbrada em *Memorias de Pancho Villa* (publicadas entre 1938 e 1951), *Muertes históricas* (publicadas originalmente em suplemento literário, em 1938, e em livro, em 1963) e *Febrero de 1913* (também publicada originalmente em suplemento literário, em 1938, e, em 1963, formato de livro). E o segundo caminho relativo à função pedagógica e doutrinária, implícita em sua proximidade com as tarefas da educação rural e de análises de política de difusão empreendida pelo governo da República.³⁵⁸ Ainda nessa conjuntura, Guzmán se lançou em um audacioso projeto: a escrita de uma coleção de História da Revolução Mexicana. Conforme assinalado por Cifuentes-Goodbody,³⁵⁹ a origem e a natureza desse trabalho não são claras, no entanto, é perceptível o suporte prestado por Cárdenas ao escritor. Embora Guzmán tenha acumulado um extenso arquivo sobre o movimento revolucionário e o projeto tenha durado até por volta de 1940 e 1941, o intelectual não produziu nenhum livro da coleção.³⁶⁰

Diante desse quadro, temos entendido que a relação estabelecida entre Guzmán e Cárdenas marca a reorientação do posicionamento do escritor no tocante à Revolução e, mais especificamente, em relação aos governos oriundos do partido oficial. Nessa perspectiva, nosso propósito no presente tópico é compreender, por meio do livro *Maestros rurales* (1938) e do artigo intitulado *Lázaro Cárdenas* (novembro de 1940), como o apoio de Martín Luis Guzmán a Cárdenas incidiu sobre os novos matizes expressos pelo intelectual frente a Revolução no período subsequente a 1934. Importa-nos, nesse intento, observar certos aspectos: a) as mudanças e permanências do ambiente político mexicano ocorridas durante a gestão Cárdenas; b) a noção de Revolução oficial e; c) como esses fatores se coadunaram e se articularam às formulações guzmanianas

³⁵⁷ De acordo com o capítulo IV da Carta Constitucional, pode-se perder a cidadania mexicana em casos como: a) aquisição voluntária de nacionalidade estrangeira; b) por residir durante cinco anos contínuos em outro país; c) por prestar serviços ou desempenhar, voluntariamente, funções oficiais a favor de governos estrangeiros, sem a permissão do poder Executivo mexicano. Disponível em: <https://www.juridicas.unam.mx/legislacion/ordenamiento/constitucion-politica-de-los-estados-unidos-mexicanos#10575> Acesso em 15 de outubro de 2017.

³⁵⁸ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. Prólogo. In: GUZMÁN, Martín Luis. Obras Completas, III. México: FCE, INEHRM, 2010, p. 13-14.

³⁵⁹ CIFUENTES-GOODBODY. *The man who wrote Pancho Villa*. Martín Luis Guzmán and the Politics of Life Writing, posição 1944-1954.

³⁶⁰ Cabe acrescentar que as razões da inconclusão da coleção sobre a Revolução Mexicana não foram apresentadas em nenhum documento ou bibliografia consultada.

acerca da Revolução nos textos analisados.

O governo de Cárdenas (1934-1940) guarda ambiguidades, como foi indicado pelo historiador Ilán Semo, pois: “fue el último régimen encabezado por un caudillo y el primer gobierno propiamente institucional.”³⁶¹ Como ninguno de sus predecesores concentró el poder del Estado en manos de la presidencia, pero fue el primero que la abandonó por *motu proprio*”.³⁶² Além desses elementos fundamentais que caracterizaram a ação de Cárdenas – os quais são valorizados pelo intelectual que analisamos nesta dissertação –, a política desempenhada pelo presidente mexicano em questão foi marcada por estratégias que visavam fortalecê-lo no poder e, simultaneamente, contribuíram para o retorno e concretização de alguns aspectos presentes na Constituição de 1917, que foi o caso da intensificação da distribuição de terras.³⁶³ Dentro desse quadro de ações, sublinhamos o papel da educação, mais especificamente das expectativas que envolviam os professores das áreas rurais do México, visto que esse foi o tema de *Maestros rurales*, livro que analisaremos nas próximas páginas.

Segundo a historiadora Natally Dias, apesar do fim do Maximato e da hegemonia de Cárdenas sobre o PNR, em âmbito internacional, o recurso ao sentido da Revolução Mexicana se manteve como fio condutor do discurso público difundido deliberadamente pelos governos mexicanos. Assim, havia uma nítida defesa da Revolução como um processo ainda em marcha e que estava orientado em direção ao socialismo. Isto pode ser percebido na demonstração das atitudes práticas dos governos mexicanos para a efetivação dos ideais revolucionários.³⁶⁴ Em uma perspectiva interna ao México, Rafael Pavani aponta que, na retórica cardenista, os significados de “Revolução” foram reconfigurados ao longo do mandato mediante as confrontações e resistências do momento. Em um primeiro momento, elementos concernentes à retórica callista se mantiveram na gestão cardenista, tais como: a defesa do espírito de equidade e de justiça, e a defesa da melhoria das condições econômicas, intelectuais e morais dos trabalhadores. Nos discursos de Calles, a Revolução havia sido consumada, embora mantivesse a

³⁶¹ É preciso salientar que o processo de institucionalização tem início com a criação do partido em 1929.

³⁶² SEMO, Ilán. El cardenismo revisado: la tercera vía y otras utopías inciertas. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 55, n. 2, abril/junho, 1993, p. 197-198.

³⁶³ O historiador Ilán Semo, no artigo acima citado, abordou com detalhes a forma como a política cardenista lidou com a difícil conjuntura pós-callismo e com a busca pelo fortalecimento de sua administração. Semo postula que reformulações são efetuadas por Cárdenas a fim de que o governo tivesse uma base popular sólida e, conseqüentemente, pudesse seguir adiante com as reformas e a estabilização da arena pública mexicana.

³⁶⁴ DIAS, Natally Vieira. *A revolução mexicana nos debates político-intelectuais brasileiros: projeções, leituras e apropriações (1910-1941)*. Tese de doutorado em História (UFMG). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2015, p. 250.

necessidade de preservação das conquistas frente aos reacionários.³⁶⁵ Nesse sentido, existia uma concepção de futuro da Revolução, a qual veio do callismo e que foi mobilizada por Cárdenas adquirindo novos matizes:

a ideia de progresso, com um futuro eternamente revolucionário, tratou os problemas sociais como tarefas ainda não realizadas pela Revolução como transitórios, projetando o verdadeiro México num futuro distante, já que o movimento revolucionário devia continuar adequando-se às diferentes conjunturas dos diversos contextos históricos.³⁶⁶

Parte da historiografia produzida nas últimas duas décadas questionou as acepções tradicionais de populismo atribuídas ao cardenismo, segundo as quais as “massas” haviam sido manipuladas e atendiam aos interesses do governante.³⁶⁷ Rafael Pavani da Silva, ao analisar os discursos de Cárdenas, observou que a mobilização das camadas populares e o uso de determinadas expressões ocorreram, em grande medida, em função das crises e das tensões políticas. Por consequência, importa-nos chamar atenção para a seguinte interpretação do pesquisador, a qual possibilita-nos ponderar sobre as políticas educacionais da administração Cárdenas e até mesmo sobre a abordagem do tema empreendida por Martín Luis Guzmán em *Maestros rurales*:

[...] [a] imagem do Povo-Nação consciente de si, portanto, consciente da Revolução, parece surgir somente em momentos excepcionais de crise nos quais Cárdenas necessitou de grande respaldo popular e com uma importante função legitimadora. [...]. Nos demais casos até 1935, é comum o discurso da tutela e da necessidade de conscientizar as massas dos ideais revolucionários, pertencentes ao partido e ao poder executivo, que, por sua vez, têm como missão o esclarecimento dos setores populares.³⁶⁸

O projeto da escola socialista vigente durante o governo Cárdenas se caracterizou por conservar na retórica a proposição do Estado como tutor das classes necessitadas. O Estado, por conseguinte, deveria “conscientizar” a população e fornecer os elementos

³⁶⁵ SILVA, Rafael Pavani da. *A Revolução e as tentativas de legitimação do poder nos discursos presidenciais de Lázaro Cárdenas (1934-1940)*. 144f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2009, p. 70.

³⁶⁶ SILVA, Rafael Pavani da. *A Revolução e as tentativas de legitimação do poder nos discursos presidenciais de Lázaro Cárdenas (1934-1940)*, p. 84.

³⁶⁷ Cf. SILVA, Rafael Pavani da. *A Revolução e as tentativas de legitimação do poder nos discursos presidenciais de Lázaro Cárdenas (1934-1940)*; KNIGHT, Alan. Cardenismo: ¿coloso o catramina?; CAPELATO, Maria Helena Rolim. Populismo latino-americano em discussão. In: FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro, 2001.

³⁶⁸ SILVA, Rafael Pavani da. *A Revolução e as tentativas de legitimação do poder nos discursos presidenciais de Lázaro Cárdenas (1934-1940)*, p. 87-88.

básicos para que ela tivesse condições de defender as conquistas fornecidas pela Revolução. Aspectos que vislumbramos, por exemplo, em um discurso de Cárdenas (1936): “Nosotros no azuzamos a las masas. Si ponemos las armas en sus manos es para que puedan defender el patrimonio que se les va entregando la Revolución; y actos como los de ayer son los que más justifican esta política de gobierno”.³⁶⁹

A aplicação da proposta de educação socialista foi bastante controversa e contou com expressiva oposição. Segundo Josefina Vázquez, no ambiente dos anos de 1930 havia distintos anseios reformistas e o desejo de planejamento estatal no México. Neste contexto de inquietude, em 1933, na Convenção do Partido Nacional Revolucionário (PNR) em Querétaro, formulou-se o Plano Sexenal que nortearia o governo de Lázaro Cárdenas no intervalo de 1934 a 1940. Entre as metas propostas por esse plano, encontrava-se a escola “socialista”. Durante os debates em torno da questão educacional foi apresentado o projeto de reforma do 3º artigo da Constituição – dispositivo constitucional que versa sobre a educação pública no México. Por meio da alteração desse artigo, o qual entrou em vigor em 1934, a educação deveria ser “socialista”, laica, combater o fanatismo religioso e orientar a formação dos jovens para as demandas profissionais da sociedade – tanto na cidade como no campo. Esse projeto, embora apareça frequentemente associado ao cardenismo, tem sua origem ainda no callismo.³⁷⁰ Susana Quintanilla e Mary Kay Vaughan sugerem que como projeto callista, a educação socialista possivelmente buscava combater os religiosos e angariar mais controle político para Calles. No entanto, como projeto cardenista, a reforma educacional ganhou outros significados. Cárdenas mobilizou a questão educacional em sua luta para desmontar o aparato callista. Nesse sentido, o presidente michoacano buscou atender as demandas dos setores religiosos e amenizar o conteúdo “antirreligioso” do artigo constitucional e, posteriormente, canalizou as potencialidades do magistério para a realização de suas reformas (reforma agrária e a nacionalização do petróleo).³⁷¹

Cabe salientar que não existe uma definição bem delimitada sobre o que se entendia por “socialista” no contexto de aplicação desta proposta. Ademais, como afirmado por Alan Knight, “educação socialista” significava diferentes coisas para

³⁶⁹ CÁRDENAS, Lázaro *apud* SILVA, Rafael Pavani da. *A Revolução e as tentativas de legitimação do poder nos discursos presidenciais de Lázaro Cárdenas (1934-1940)*, p. 97.

³⁷⁰ VÁZQUEZ DE KNAUTH, Josefina Z. La educación socialista de los años treinta. *Historia Mexicana*, vol. 18, nº3, janeiro de 1969, p. 408-423.

³⁷¹ QUINTANILLA, Susana; KAY VAUGHAN, Mary (org.). *Escuela y sociedad en el periodo cardenista*. 1ª ed. 1997. D.F. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

diferentes pessoas: “Para algunos era el viejo mensaje laicista, anticlerical, disfrazado con un nuevo atuendo; para otros, una emulación de la Unión Soviética [...]; para otros, una incitación al antagonismo de clase [...]”.³⁷² Contando com variadas interpretações, o projeto de educação socialista foi posto em prática durante apenas um breve intervalo de tempo, pois com as crescentes resistências às reformas empreendidas pelo governo cardenista, ele foi gradativamente desarticulado.³⁷³

Durante a gestão Cárdenas, consoante Mary Kay Vaughan, o magistério era compreendido como agente de mudança social, guia das organizações populares contra os setores reacionários (Igreja, grandes proprietários, empresários e capital estrangeiro) e em favor de uma nação mais justa:

Como agentes del Estado central en las regiones y comunidades rurales, los maestros de la federación facilitaron la penetración del gobierno nacional, creando lealtades ideológicas y lazos directos con dependencias del gobierno y participando en la formación de organizaciones nacionales de los campesinos y de trabajadores afiliadas al partido oficial.³⁷⁴

O papel desempenhado pelos professores nas diferentes regiões da República mexicana dependeu em grande medida das características locais. Em Sonora (Norte do México), os *maestros rurales*, por exemplo, desempenharam um papel importante na divisão de terras; em Puebla (Leste do México) contribuíram de maneira substantiva para a construção de novos laços de lealdade, da difusão dos valores nacionais e de cidadania entre os camponeses.³⁷⁵ Em *Maestros rurales*, de Martín Luis Guzmán, a história se passa em Kinchil, município do estado de Yucatán, sudeste do México que, assim como nas outras regiões, contava com suas particularidades no processo de aplicação dos projetos cardenistas. Com efeito, a indagação que desponta é: de que forma *Maestros rurales* alude

³⁷² KNIGHT, Alan. Cardenismo: ¿coloso o catramina?, p. 211.

³⁷³ Para se ter ideia da resistência ao projeto de educação socialista desse período, durante o governo de Manuel Ávila Camacho – sucessor de Cárdenas na presidência da República – foi posta em prática uma política de aproximação com os setores conservadores contrários a esse legado cardenista, em que um dos itens alterados foi o artigo 3º da Constituição – que versa sobre a educação pública no México. “O novo texto aboliu a orientação expressa anteriormente – de cunho socialista –, que foi substituída por vertentes ‘democráticas’ e ‘nacionalista’”. BAIÃO. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994), p. 74.

³⁷⁴ KAY VAUGHAN, Mary. El papel político de los maestros federales durante la época de Cárdenas: Sonora y Puebla. In: QUINTANILLA, Susana; KAY VAUGHAN, Mary (org.). *Escuela y sociedad en el periodo cardenista*. 1ª ed. 1997. D.F. México: Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 166.

³⁷⁵ Sobre a presença e o trabalho desenvolvido pelos *maestros rurales* nos estados de Puebla e Sonora. Cf. KAY VAUGHAN. El papel político de los maestros federales durante la época de Cárdenas: Sonora y Puebla.

à adesão do escritor ao governo cardenista?

Maestros rurales é um breve texto ficcional, constituído por cerca de 31 páginas. Sua narrativa se baseou em uma batalha política entre camponeses e grandes proprietários da região de Kinchil ao longo dos anos 1930. É provável que Guzmán tenha tomado conhecimento desse conflito em virtude de sua presença na comitiva que acompanhou Cárdenas na visita ao estado de Yucatán, em agosto de 1937.³⁷⁶ Segundo Cifuentes-Goodbody, como membro da delegação do presidente em exercício – e como periodista –, Guzmán fez anotações detalhadas das viagens do presidente. Em uma parte dessas notas do escritor chihuahuense havia uma versão das lutas de Cervera³⁷⁷ em Kinchil narradas pela perspectiva do professor, a qual estava registrada sob o título de “Bartolomé Cervera professor en Kinchil”.³⁷⁸ Como salientado pelo pesquisador estadunidense, é sintomático que esse capítulo do passado daquela comunidade tenha sido composto durante a viagem empreendida juntamente com o, então, presidente da República, Lázaro Cárdenas.

A primeira versão de *Maestros rurales* foi publicada sob o título *Kinchil* na revista literária *Ruta*,³⁷⁹ em 15 de agosto de 1938.³⁸⁰ Esta revista se notabilizou por um posicionamento alinhado à esquerda e, também, esteve vinculada aos projetos cardenistas

³⁷⁶ A comitiva que acompanhava Cárdenas nessa viagem era formada por tecnocratas, diplomatas e escritores, entre os quais encontravam-se Dr. Atl, Martín Luis Guzmán e Aldo Maroni. Conforme Rafael Pavini, as viagens empreendidas por Cárdenas foram importantes na busca por unificação das classes trabalhadores sob a tutela do Estado, ao mesmo tempo em que possibilitou “um fortalecimento do poder central e de sua legitimidade junto às regiões mais isoladas da federação”. SILVA, Rafael Pavani da. *A Revolução e as tentativas de legitimação do poder nos discursos presidenciais de Lázaro Cárdenas (1934-1940)*, p. 43. Especificamente sobre a viagem de Cárdenas ao estado de Yucatán em 1937. Cf. FALLAW, Ben. *Cárdenas Compromised. The Failure of Reform in Postrevolutionary Yucatán*. Estados Unidos: Duke University Press, 2001. Edição Kindle.

³⁷⁷ Bartolomé Cervera, segundo Ben Fallaw, foi um professor e um ativo militante comunista vinculado ao Partido Comunista Mexicano (PCM), sendo incluído pelo autor estadunidense na “esquerda-cardenista”, “Left-cardenismo”. Cervera foi o *maestro rural* responsável pela cidade de Kinchil a partir de fevereiro de 1935

³⁷⁸ CIFUENTES-GOODBODY. *The man who wrote Pancho Villa*. Martín Luis Guzmán and the Politics of Life Writing, posição 2023.

³⁷⁹ A revista literária *Ruta* circulou entre os anos de 1938 e 1939, em 12 volumes, sob a direção do escritor mexicano José Mancisidor. Tratou-se de uma publicação dentro do espectro da esquerda cultural cardenista. Em síntese, Carlos Monsivais descreve a trajetória de *Ruta*: “A lo largo de sus doce números, *Ruta* se atiene al pacto que determinó su fundación, no busca un tono propio, admite la pluralidad, hace del apoyo a las causas comunes el mayor criterio valorativo, no promueve autores, no presenta una nueva promoción literaria. Pero detrás de la estética que en lo fundamental postula la condena de otras estéticas, actúa la diversidad de una izquierda cuyo breve paso por el poder cultural en México mucho tiene que ver con la necesidad oficial de una sociedad laica”. MONSIVAIS, Carlos. *Ruta (1938-1939)*: el breve reinado de la izquierda cultural en Mexico. *América Cahiers du CRICCAL*, n. 4-5, 1990, p. 174.

³⁸⁰ Kinchil. *Ruta*, nº 3. Revista Mensuel de Literatura, México, 15 de agosto de 1938. Segundo Carlos Monsivais, essa versão publicada em *Ruta* era apenas o primeiro capítulo da história, a qual não foi finalizada. Cf. MONSIVAIS, Carlos. *Ruta (1938-1939)*: el breve reinado de la izquierda cultural en Mexico.

de defesa da educação laica e da reforma agrária. Apesar da circulação de *Kinchil* no mencionado periódico, não podemos afirmar que o escritor se posicionava à esquerda, porém sim que era adepto do projeto educativo de Cárdenas. Esta afirmação se baseia tanto na escrita do opúsculo, como também na parceria que foi firmada entre a *Editoras Masas*³⁸¹ – da qual Guzmán era representante –, o Departamento Autônomo de Imprensa (Departamento Autónomo de Prensa – DAPP) e as revistas direcionadas aos *maestros rurales*, como por exemplo, a *Revista de Educación* para a realização de concursos de âmbito nacional que visavam a valorização dos professores rurais.³⁸²

Para Cifuentes-Goodbody, *Maestros rurales*³⁸³ é o texto que melhor expressa o interesse de Guzmán em atrair a atenção e o respaldo do presidente Lázaro Cárdenas no período posterior ao seu retorno ao México:³⁸⁴

Embora o período de exílio, no qual foram produzidos *El águila y la serpiente* e *La sombra del Caudillo*, tivesse terminado, em 1937, o bem-estar político e econômico de Guzmán, no México, não estavam assegurados e dependiam inteiramente do nascente relacionamento do escritor com Lázaro Cárdenas. Por essa razão, em *Maestros rurales*, Guzmán usou o passado de *Kinchil* não apenas para abordar o presente, mas também para falar diretamente ao presidente e, assim, provar seu apoio e utilidade para Cárdenas e seu governo.³⁸⁵

Diante do contexto turbulento relativo à aplicação das reformas cardenistas, Cifuentes-Goodbody buscou relacionar a narrativa de Guzmán, em *Maestros rurales*, com seus interesses imediatos. Isto é, alcançar um lugar no âmbito cultural ou político durante a administração cardenista, ou mesmo sob o raio de ação do partido oficial.

³⁸¹ Infelizmente, em nossas investigações e buscas, nada foi encontrado sobre a *Editora Masas*, além das informações da parceria estabelecida entre ela, o governo e a *Revista de Educación*.

³⁸² RUIZ LAGIER, Verónica. El Maestro Rural y la Revista de Educación. El sueño de transformar el país desde la editorial. *Signos Históricos*, n. 29, enero-junio, 2013, p. 58.

³⁸³ A partir desse momento me referirei ao texto em debate apenas como *Maestros rurales* e não como *Kinchil*, tendo em vista que não tivemos acesso à versão veiculada em *Ruta*, porém àquela que foi publicada nas Obras Completas do escritor.

³⁸⁴ O livro de Cifuentes-Goodbody foi fundamental para a composição dessa parte da dissertação. De tal forma que é preciso explicitar que ele também analisa *Maestros rurales* e que, em muitos pontos, nossas interpretações são coincidentes, no entanto o objeto daquela pesquisa são as políticas de escrita de vida em Guzmán e o nosso é o tema da Revolução na trajetória do intelectual. CIFUENTES-GOODBODY. *The man who wrote Pancho Villa*. Martín Luis Guzmán and the Politics of Life Writing, posição 1967.

³⁸⁵ “Though the period of exile that had produced *El águila y la serpiente* and *La sombra del Caudillo* had ended, in 1937, Guzmán's political and economic well-being in Mexico were by no means secure, and they depended almost entirely on the author's nascent relationship with Lázaro Cárdenas. For this reason, in *Maestros rurales*, Guzmán would use *Kinchil*'s past not only to address the present but also to speak directly to the president and thus prove his support of – and usefulness – Cárdenas and his government”. CIFUENTES-GOODBODY. *The man who wrote Pancho Villa*. Martín Luis Guzmán and the Politics of Life Writing, posição 2032. [tradução nossa]

Consideramos os argumentos do pesquisador estadunidense procedentes, porém entendemos que existem espaços de adesão às concepções cardenistas que ultrapassam às aceções de mero “oportunismo” atribuídas a Martín Luis Guzmán.

Tanto Nicholas Cifuentes-Goodbody como Ben Fallaw sublinharam que o intelectual mexicano efetuou mudanças drásticas nos acontecimentos que transcorreram em Kinchil visando que seu texto se ajustasse à agenda cardenista. A principal alteração envolve a morte da militante Felipa Poot, sobre a qual discorreremos nas páginas seguintes, e algumas modificações sutis – ainda que sem a menção dos nomes – no que toca às elites locais.

Para que o debate e as análises em torno de *Maestros rurales* sejam mais profícuos, aproximemo-nos da fonte. Em *Maestros rurales* a voz narrativa encontra-se na primeira pessoa do singular e corresponde ao professor designado para a cidade de Kinchil. O narrador-personagem não se identifica em nenhum momento do relato. Os já mencionados estudiosos desta curta ficção, Cifuentes-Goodbody e Ben Fallaw, designam essa figura como a do professor Bartolomé Cervera Alcocer, embora tal inferência seja procedente, não temos elementos concretos para confirmá-la. Existe, no entanto, as menções diretas ao então diretor federal de educação no estado de Yucatán, Antonio Betancourt Pérez,³⁸⁶ ao general Rafael Cházaro Pérez,³⁸⁷ à militante Felipa Poot³⁸⁸ e aos projetos políticos cardenistas direcionados à população das áreas rurais do México.

A narrativa está centrada na experiência do *maestro rural* como agente transformador e representante do Estado nas áreas interioranas do país. Nesse processo, o narrador-personagem busca aplicar a cartilha cardenista na pequena cidade de Kinchil

³⁸⁶ Antonio Alberto Betancourt Pérez (1907-1997) nasceu em Mérida, capital de Yucatán, foi professor e historiador. Betancourt Pérez foi membro do Partido Comunista Mexicano entre os anos de 1931 a 1938, tendo saído do partido em virtude de seus posicionamentos favoráveis à reforma agrária em seu estado. Durante parte do governo de Lázaro Cárdenas – 1935 e 1935 – exerceu o papel de Diretor Federal de Educação em Yucatán.

³⁸⁷ O general Cházaro Pérez foi chefe da zona militar de Yucatán e Diretor de Educação Militar durante o governo de Cárdenas. Ele morreu em um acidente de avião em 1936. É proveitoso perceber que Adolfo Gilly indicou *Maestros rurales* – de Martín Luis Guzmán – como um interessante relato que aborda “el apoyo del general Rafael Cházaro como jefe militar a los maestros rurales durante el año de 1935 contra la intimidación y los asesinatos de los latifundistas yucatecos y sus guardias blancas”. Cf. GILLY, Adolfo. *El cardenismo, una utopía mexicana*. México: Ediciones Era, 2001 (1ª ed. 1994), p. 166, nota de rodapé 40. Novamente Guzmán navega nas águas que mesclam ficção e elementos concernentes aos acontecimentos históricos, neste caso buscando validar sua posição favorável ao governo cardenista. Mais uma vez é fecundo perceber que os escritos ficcionais do escritor mexicano alcançam adeptos como referência histórica.

³⁸⁸ Felipa Poot (1903-1936) foi uma camponesa-indígena maia nascida em Kinchil. Na década de 1930 esteve envolvida com o movimento camponês de sua cidade, tendo exercido nele um papel de liderança. Poot foi assassinada a mando da elite local, tornando-se símbolo de resistência em Kinchil. É importante destacar que não existe um consenso sobre a história de vida da militante em virtude da mitificação de sua figura no imaginário de sua região.

durante o ano de 1935. O papel iluminador desempenhado pela educação é expresso logo nas primeiras páginas, nas quais também é sublinhada a demasiada violência vivenciada pela comunidade. Aquele professor, em contrapartida, aceitou o convite feito por Betancourt Pérez por entender que a violência tornava mais evidente a necessidade dos “maestros rurales” ali. A caracterização de Kinchil empreendida por Guzmán na breve ficção assinala, além da violência, a existência de demasiada exploração da mão-de-obra camponesa-indígena: “reinaba dueña y señora, la esclavitud. Se pagaban – era en 1935 – salarios de cuarenta centavos por jornada de sol a sol. Si alguien rehusaba, lo metían en el calabozo; si alguno tomaba la defensa de los trabajadores, moría asesinado”.³⁸⁹ Com efeito, na perspectiva de Guzmán, a violência, a “escravidão” e a exploração dos camponeses-indígenas se constituíam como fortes justificativas na defesa da aplicação do projeto governamental para as áreas rurais.

A violência perpetrada contra os professores foi outra característica sinalizada por Martín Luis Guzmán em sua narrativa. Distintos estudos sobre a educação mexicana nas áreas rurais durante a década de 1930 apontam que os professores eram atacados, sofriam com mutilações em seus corpos, quando não eram assassinados pelos caciques locais ou por grupos religiosos.³⁹⁰ Como já referido, as propostas do governo de Cárdenas afetavam a distribuição das terras, as organizações dos trabalhadores (urbanos e rurais) e as autonomias locais. Os professores rurais como representantes do Estado nas regiões interioranas e responsáveis por parte da implementação das políticas estatais nesses lugares, muitas vezes eram hostilizados fisicamente. Nesta perspectiva, na trama de *Maestros rurales*, as advertências dos “inimigos” afastavam também os possíveis alunos, de tal modo que o professor precisava conquistá-los aos poucos. O narrador-personagem relata que sofreu ameaças dos “latifundiários, donos do povoado”, dos “reacionários”:

Me puse delante de todos [camponeses]. Les dije que los había llamado para explicarles que yo no era su enemigo, según les contaban sus amos, sino su defensor y compañero; que venía a trabajar por su bien: que estaba allí para que recibieran los beneficios y protección que a todo ciudadano mexicano le otorgaba el gobierno de la República; que llegaba a sacarlos de su miseria y su ignorancia.³⁹¹

³⁸⁹ GUZMÁN, Martín Luis. *Maestros rurales*. In: _____. Obras Completas II. D.F. México: Fondo de Cultura Económica, 2010, posição 13619. Edição Kindle.

³⁹⁰ QUINTANILLA,; KAY VAUGHAN. *Escuela y sociedad en el periodo cardenista*.

³⁹¹ GUZMÁN. *Maestros rurales*, posição 13644.

A representação veiculada na narrativa guzmaniana a respeito das autoridades locais e dos proprietários de terra era bastante negativa. Tais caciques locais se contrapunham aos planejamentos do governo federal e atuavam de modo a obstaculizar a concretização das reformas cardenistas. As autoridades municipais encontravam-se envolvidas com o combate à escola rural federal e ao que ela simbolizava: a distribuição de terras entre os camponeses, a formação de cooperativas e o esclarecimento dos direitos dos trabalhadores rurais.³⁹²

Cifuentes-Goodbody destacou um aspecto que percorre inclusive nossa argumentação em outros tópicos desta dissertação, a saber, o vocabulário político mobilizado pelo intelectual chihuahuense. Nesse sentido, enfocamos o deslocamento efetuado pelo romancista no que toca aos vocábulos que designam às camadas populares, os quais passaram por uma notável transformação quando observamos as obras produzidas nos períodos anteriores. Expressões utilizadas sobretudo pela esquerda ganham espaço, como podemos perceber no léxico que enfatiza a luta de classes. Assim, em *Maestros rurales*, deparamo-nos com expressões como “camarada”, “exploração de uns homens sobre outros”, “classe dominadora do povo”, “latifundiários”, “dono do povoado”, “amos”, “classes reacionárias e exploradoras”. Como Guzmán não deixou nada escrito sobre o uso desse vocabulário, aventamos três possibilidades que poderiam explicar seu uso: 1) pode indicar a adesão de Martín Luis Guzmán ao projeto do governo Cárdenas, na medida em que aquele léxico contribui para justificar as ações dos professores rurais, como, por exemplo, a organização sindical dos camponeses, a requisição de terras e o combate aos poderes locais. Lázaro Cárdenas se identificava como “liberal com alguns traços de socialismo em seus preceitos”.³⁹³ No entanto, diante do combate ao callismo, da implementação da reforma agrária e da nacionalização do petróleo, as esquerdas se aproximaram do governo de Cárdenas;³⁹⁴ 2) a publicação da

³⁹² É importante salientar que apesar dos caciques representarem, em distintos momentos, obstáculos à materialização da agenda reformista de Cárdenas, e do governo ter como um ponto de defesa a desarticulação dos poderes locais e o fortalecimento do poder central, ambos os lados precisaram ser flexíveis e coexistir. “[...] Cárdenas tuvo que coexistir con los caciques. Del mismo modo que para consolidar su poder presidencial tuvo que hacer una serie de tratos con políticos clave (Cedillo, Amaro, Almazán, Portes Gil), también a nivel regional y local Cárdenas tuvo que trabajar con los materiales políticos disponibles”. In: KNIGHT. Cardenismo: ¿coloso o catramina?, p. 221.

³⁹³ Cf. CRIPA, Ival de Assis. *O vento das Reformas*. Lázaro Cárdenas e a Revolução Mexicana (1934-1940), p. 111.

³⁹⁴ Sobre a proximidade das esquerdas em relação a Cárdenas, ver: SOUSA, Fábio da Silva. “Del fascista al presidente rojo”: as mudanças da imagem de Lázaro Cárdenas na imprensa comunista mexicana. ANAIS DO XI ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 2014, Niterói, Rio de Janeiro. Disponível em: http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/F%C3%A1bio%20da%20Silva%20Sousa_0.pdf Acesso em 11/01/2018.

primeira versão deste texto se deu na revista cultural *Ruta*, identificada com as esquerdas, o que poderia também justificar o uso de tais vocábulos. 3) como assinalado anteriormente, a escrita de *Maestros rurales* provavelmente resultou de sua visita à Kinchil, em 1937, onde esteve em contato com pessoas que vivenciaram esses acontecimentos, de quem o escritor ouviu tais histórias e cujos vocabulários continham essas expressões. Em nossa concepção, o uso de tal léxico por parte do escritor chihuahuense pode vincular-se, de algum modo, a essas três alternativas.

Como já exposto, a tutela das “massas” pelo Estado, cujo representante era o professor, transparece na narrativa: “La masa empezaba a moverse: poco a poco iba saliendo de su estupor de siglos y siglos”.³⁹⁵ A “consciência” dos movimentos e das próprias necessidades eram desenvolvidas pela mediação do *maestro*. A comunidade de Kinchil, formada em sua maioria por indígenas, era, deste modo, retirada de sua condição de sujeição. É importante observar que as camadas populares tão pouco presentes em outras obras formaram, então, parte de seu objeto de atenção. Contudo, certas formas de abordagem e referência sobre elas se mantiveram, como, por exemplo, a submissão e o conformismo com as adversidades. Aspectos esses que também apareceram em *La querella de México* (1915), como apontamos no capítulo 1.

Conforme se desenrola o enredo de *Maestros rurales*, a adesão aos projetos encabeçados pelo professor cresce e, nesse movimento, ele “conscientiza” à comunidade de Kinchil de: “los derechos de los campesinos como hombres y como mexicanos; la injusticia de su pobreza y de su ignorancia; el propósito redentor que *animaba al gobierno de la República*”.³⁹⁶ É patente, nesse excerto, o lugar destinado ao “governo da República” e a nítida associação do Estado como “redentor” das camadas populares rurais. Portanto, não há como negar a vinculação que Guzmán pretendia operar ao mencionar, de maneira direta, o “governo da República”. Além disso, essa abordagem do projeto estatal nos permite perceber as contradições que permeavam a educação socialista, a saber: a) a discrepância entre a defesa, pela escola, das classes exploradas e o fomento da lealdade para com um Estado capitalista; b) a incompatibilidade entre “a ênfase na retórica da democracia local e o surgimento de um Estado autoritário” e; c) a oposição “entre o direito dos cidadãos em enfrentar à autoridade e lutar pela igualdade e a organização clientelista e hierárquica da política mexicana”.³⁹⁷

³⁹⁵ GUZMÁN. *Maestros rurales*, posição 13686.

³⁹⁶ GUZMÁN. *Maestros rurales*, posição 13694. Grifos nossos.

³⁹⁷ Mary Kay Vaughan demarcou a presença dessas contradições relativas à escola socialista, e observamos

Outrora, indicamos que os acontecimentos que envolveram a morte de Felipa Poot configuraram um dos pontos altos nos debates em torno de *Maestros rurales*. Muitas vezes, estas discussões colocaram em xeque a credibilidade do escritor quanto à fidedignidade do relato e nos conduziram aos seguintes questionamentos: Por que Guzmán distorceu a morte da militante Felipa Poot? Como isso poderia contribuir para aumentar o apoio e a legitimidade ao projeto de Cárdenas? Por que a morte dela era tão importante? O que Felipa Poot representava? Para Cifuentes-Goodbody, essa alteração demonstra mais uma das estratégias de Guzmán para angariar o apoio e o respaldo do presidente Cárdenas. Ao modificar os acontecimentos ligados ao assassinato de Poot, o escritor fez escolhas políticas. Pois, mais uma vez, empreendeu os *atos de fingir*,³⁹⁸ selecionando elementos do mundo do vivido e os articulando no interior de uma narrativa literária, que enfatizava a agenda cardenista e seus posicionamentos em um contexto de tensão em torno dos projetos estatais.

De acordo com Ben Fallaw e Cifuentes-Goodbody, a militante foi assassinada pelos capangas dos grandes latifundiários da região. Na narrativa de Guzmán, a morte de Felipa Poot acontece quando ela vai ao cemitério levar flores para os seus mortos e, no retorno para casa, um grupo de mulheres – que esperava escondido – surgiu atirando pedras e injúrias até a sua morte. O assassinato de Poot, em *Maestros rurales*, também resulta de uma vingança dos latifundiários da região em virtude de sua combatividade e militância enérgica em prol da causa dos camponeses de Kinchil. No entanto, os agentes do homicídio, no texto de Guzmán, haviam sido as mulheres e não os capangas. O livro é encerrado indicando que a morte de Felipa Poot, “crime horrível”, encheu a “alma dos participantes de luto”, mas que a “obra não parava ali”. O maestro rural e seu grupo seguiam adiante. Assim, como a Revolução.

Ao analisarmos o enredo, percebemos que o foco fundamental é o relato da experiência do *maestro rural* como representante de um projeto governamental. Portanto, todos os elementos narrados são direcionados, em alguma medida, para dar realce às ações do professor (narrador-personagem). Tanto Ben Fallaw como Nicholas Cifuentes-Goodbody buscam compreender o papel de Felipa Poot em *Maestros rurales* e a relação

que elas são amplamente perceptíveis na forma como Guzmán apresentou e defendeu o projeto de educação cardenista. Cf. KAY VAUGHAN, Mary. Cambio ideológico en la política educativa de la SEP: programas y libros de texto, 1920-1940. In: QUINTANILLA, Susana; KAY VAUGHAN, Mary (org.). *Escuela y sociedad en el periodo cardenista*. 1ª ed. 1997. D.F. México: Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 91.

³⁹⁸ ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: COSTA LIMA, L. (org). *Teoria da literatura em suas fontes*. vol. II, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

que traçam passa muito por entender o papel da mulher, e mais estritamente da mulher indígena na política local. A política mexicana naquele período e na narrativa de Guzmán, na perspectiva de ambos pesquisadores, aparece como um ambiente dominado por homens, e quando as mulheres se atreviam a adentrá-lo, assumiam uma série de riscos, como por exemplo, o de serem assassinadas.³⁹⁹

Em nossa análise, a forma como a militância das mulheres foi inserida na trama de *Maestros rurales* é um tanto abrupta. De repente, o narrador-personagem menciona que as mulheres o seguiam, formando o corpo mais ativo e entusiasta do movimento: “Mis hombres y mujeres se portaban con grande heroísmo, ellas quizás, más que ellos”.⁴⁰⁰ Felipa Poot, especificamente, aparece quando os camponeses – sob a liderança do professor – se deslocam até a capital do estado de Yucatán, Mérida, para obter o apoio estadual contra as lideranças e “forças reacionárias” de Kinchil. O então governador do estado, López Cárdenas,⁴⁰¹ escutou as demandas do grupo pela voz da “camarada” Felipa Poot, que fez um discurso capaz de convencê-lo dos desmandos dos políticos locais. Após os camponeses retornarem para Kinchil, o movimento continuou a ganhar adeptos e o rancor da elite local, que atribuiu aos camponeses o rótulo de “anticlericais”:

Se hicieron entonces famosas la combatividad de la camarada Felipa Poot y su elocuencia vindicativa y su fuerza para levantar los espíritus hasta disponerlos al acometimiento de los actos, audaces y voluntariosos, que ella proponía. Era la matrona, humilde y popular, convertida en guiadora de los impulsos justicieros de una raza oprimida que, al fin, se erguía en pie.⁴⁰²

Segundo Fallaw, Felipa Poot apareceu pela primeira vez como porta-voz dos camponeses em janeiro de 1936.⁴⁰³ A partir de fevereiro ela atuou como secretária do Sindicato dos Camponeses e Camponesas Revolucionários de Kinchil. Fallaw ressalta que a inclusão de Poot como uma das líderes do movimento dos camponeses diz muito sobre a participação das mulheres na política mexicana, uma vez que o ambiente político era tido como um espaço masculino. Nesse sentido, o pesquisador assinala que as escolas rurais abriram brechas para a atuação feminina, ainda que em uma dimensão reduzida:

³⁹⁹ Vale mencionar que o voto feminino no México foi aprovado somente em 1953.

⁴⁰⁰ GUZMÁN. *Maestros rurales*, posição 13764.

⁴⁰¹ Fernando López Cárdenas foi um político mexicano. Desempenhou a função de governador do estado de Yucatán durante nove meses, entre 1935 e 1936.

⁴⁰² GUZMÁN. *Maestros rurales*, posição 13871.

⁴⁰³ Em 04 de janeiro de 1936, o governador de Yucatán concordou em afastar Solís e seu conselho da direção de Kinchil.

“As mulheres, especialmente Felipa Poot, assumiram papéis fundamentais na amarga luta contra os caudilhos locais – os irmãos Solís – pelos recursos econômicos sob a forma de mão-de-obra e acesso à terra para a coleta de lenha e pelo governo municipal e pela justiça”.⁴⁰⁴ Além disso, Felipa Poot pode ser vista como uma figura representativa desse movimento em virtude das menções que, por exemplo, Betancourt Pérez fez dela como uma das grandes líderes do período cardenista quase 60 anos após a sua morte.⁴⁰⁵ Existem alguns apontamentos realizados por Ben Fallaw que devem ser considerados ao investigarmos a adesão de Guzmán ao governo cardenista:

[Ben Fallaw] Eu gostaria de sugerir que a morte de Felipa Pott fabricada por Guzmán em *Maestros rurales* atendeu a três fins. O primeiro, em termos políticos, refere-se às circunstâncias contemporâneas que circundavam a morte de Felipa Poot, as quais eram desconfortáveis para Cárdenas, mecenas de Guzmán. Os apoiadores do caudilho local, Gualberto Carrillo Puerto, assassinaram Poot, e o partido nacional de Cárdenas [PRN] invalidaria as eleições senatoriais e nomearia a vitória do confidente presidencial. Guzmán não gostaria de criticar qualquer pessoa identificada como cardenista.

Em segundo lugar, o relato de Guzmán sobre a morte de Poot permitiu que ele exaltasse o professor radical que difundiu o cardenismo em Kinchil e, ao mesmo tempo, desculpasse-o de qualquer cumplicidade na morte de Poot, ou menção à aliança entre Cárdenas e o Partido Comunista Mexicano de Yucatán. [...] Ao encobrir as circunstâncias da morte de Poot e qualquer envolvimento do professor Cervera, Guzmán poderia servir aos interesses de seu mecenas político, Lázaro Cárdenas.

Em terceiro lugar – e reconhecidamente o de maior caráter especulativo –, a morte fictícia de Felipa Poot reforçou a noção de que a política era um ambiente de domínio masculino. A morte de Poot pode ser lida como um alerta de que as mulheres entram na política por sua própria conta e risco. Além disso, a história de Guzmán absolveu os homens e culpou as mulheres pela morte de Poot. No final, são as beatas ciumentas do conto de Guzmán sobre Kinchil – e não os capangas de um cacique vingativo ou um professor comunista – que têm sangue nas mãos.⁴⁰⁶

⁴⁰⁴“Women, especially Felipa Poot, would assume key roles in the bitter struggle against the Solís cacicazgo over economic resources in the form of labor and access to land for gathering firewood, and over municipal government and justice”. FALLAW, Ben. The life and deaths of Felipa Poot: women, fiction, and Cardenismo in Postrevolutionary Mexico. *Hispanic American Historical Review*. V. 82, n. 4, novembro de 2002, p. 666. [Tradução nossa]

⁴⁰⁵ FALLAW. The life and deaths of Felipa Poot: women, fiction, and Cardenismo in Postrevolutionary Mexico, p. 665-666.

⁴⁰⁶ “I would suggest that the death Guzmán fabricated in his story of Pott served three ends. First, politically speaking, the actual circumstances surrounding Felipa Poot’s death were uncomfortable for Cárdenas, Guzmán’s patron. Supporters of Gualberto Carrillo Puerto pulled the trigger of the gun that killed Poot, and Cárdenas’s national party would invalidate the senatorial election and name the presidential confidant the victor. Guzmán would be loathe to criticize anyone identified as a key Cardenista.

Secondly, his account of Poot’s death allowed him at once to exalt the radical professor who spread Cardenismo in Kinchil and at the same time to excuse him from any complicity in Poot’s death or mention Cárdenas’s convert alliance with the PCM in Yucatán. [...]. In covering up the circumstances of Poot’s death while celebrating presidential favorite Cervera, Guzmán could serve the interests of his political patron, Lázaro Cárdenas.

Thirdly, and admittedly more speculatively, Guzmán’s fictional death of Felipa Poot reinforced the notion that politics is a masculine domain. Poot’s death can be read as a warning that women enter politics at their

As hipóteses levantadas por Ben Fallaw parecem encontrar substrato na conjuntura política do momento. Acrescentamos à sua especulação no terceiro apontamento o fato de que as mulheres que praticaram o assassinato de Poot no texto de Guzmán pareciam ser católicas. Assim, ao mesmo tempo que o escritor protegeu os aliados de Cárdenas no estado Yucatán, ele suscitou argumentos contrários ao “fanatismo” religioso. Isso porque, ele pareceu estabelecer uma oposição entre Poot – símbolo do projeto educacional cardenista – e os adeptos da religião católica – identificados como reacionários. Ademais, Ben Fallaw ainda argumenta que as aplicações das políticas cardenistas à Kinchil, sobretudo no que tange à reforma agrária, são pouco válidas para as necessidades daquela comunidade local. A maioria dos yucatecos não desejavam terras, a fonte prioritária de reclamação das camadas populares da região ia contra o caciquismo e seus abusos.⁴⁰⁷

Concordamos com Cifuentes-Goodbody quando ele assinala que era interessante para Guzmán manter-se próximo ao presidente, em virtude da perda de sua cidadania mexicana e a da sua busca por consolidar seu lugar no ambiente cultural e político nacional. No entanto, a forma como os argumentos são apresentados pelo referido pesquisador instrumentaliza demasiadamente o posicionamento de Guzmán face ao governo em questão e reduz as possibilidades de adesão por compartilhamento de posicionamentos políticos. De fato, não percebemos a retórica socialista em outras obras de Martín Luis Guzmán, tampouco pensamos que ele tenha sido adepto do ideário. Como já apontado nos capítulos 1 e 2 da presente dissertação, a questão social ocupa um espaço bastante restrito dentro do conjunto das obras do romancista. Com efeito, compreendemos que o artigo intitulado *Lázaro Cárdenas*, publicado em novembro de 1940, no ambiente de sucessão presidencial, lança luz sobre aspectos não observados por Cifuentes-Goodbody. Uma vez que, o referido texto exibía outras facetas que percorreram a arena política mexicana e que foram ingredientes levados em alta conta pelo escritor.

Nos últimos anos do mandato de Cárdenas, as tensões políticas se tornaram ainda mais acirradas e influenciaram na dinâmica das reformas empreendidas pelo governo. Na perspectiva de Ilán Semo, Cárdenas preferiu frear as reformas sociais e evitar o retorno

own risk. Moreover, Guzmán’s story absolves men and blames women for Poot’s death. The jealous harridan’s of Kinchil Guzmán’s tale, not the henchmen of a vengeful cacique or a communist professor, have blood on their hands in the end”. FALLAW. *The life and deaths of Felipa Poot: women, fiction, and Cardenismo in Postrevolutionary Mexico*, p. 678. Tradução nossa.

⁴⁰⁷ FALLAW. *The life and deaths of Felipa Poot: women, fiction, and Cardenismo in Postrevolutionary Mexico*, p. 673-674.

ao ciclo de violências que marcou os anos de 1920.⁴⁰⁸ Assim, paulatinamente, o governo recuou na aplicação das reformas sociais, a fim de manter a estabilidade do governo. Esse contexto contribuiu para a escolha de um sucessor, que apresentasse uma conduta política mais moderada nas fileiras da “família revolucionária”. Lázaro Cárdenas indicou seu amigo Manuel Ávila Camacho, que foi eleito e recebeu, de suas mãos, a faixa presidencial no dia 01 de dezembro de 1940.⁴⁰⁹

Martín Luis Guzmán iniciou seu artigo intitulado *Lázaro Cardenas* elogiando à transição presidencial pacífica, “caso insólito no México”, afinal:

de los seis presidentes constitucionales que México eligió de 1910 a 1934, dos – Madero y Carranza – murieron asesinados por levantamientos militares, otros dos – Porfirio Díaz y Ortiz Rubio – no lograron concluir el periodo de su mandato; uno – Obregón – hubo de ahogar en sangre las agitaciones añejas a la disputa por el botín presidencial, y el otro – Calles – no pudo siquiera, pese a la sangre derramada, entregar el poder al sucesor escogido imprudentemente. Vistas las cosas desde otro plano, ofrecen este panorama: Madero y Carranza llegaron a la presidencia en su papel de caudillos revolucionarios; Obregón la escaló sobre el cadáver de Carranza; para que Calles la alcanzase fue precisa tal mortandad de primeras y segundas figuras de la Revolución, que con trabajo se las enumera ([Francisco] Villa, [Salvador] Alvarado, [Manuel M.] Diéguez, [Fortunato] Maycotte, [Rafael] Buelna, García Vigil); las aspiraciones reeleccionistas de Obregón fueron culpables de la tremenda matanza de Huitzilac, y asesinado él al día siguiente de su triunfo, Calles procedió de tal manera, que después de un gobierno transitorio, el nuevo presidente constitucional no recibió su investidura sino al cabo de una conmoción armada tan seria como fue la rebelión de Escobar.

Como salientado por Fábio Baião, ao contrário de seus antecessores, Cárdenas preferiu uma política de dissuasão ao invés de dominar e subverter seus rivais. Esta prática não eliminou os desacordos, no entanto foi uma opção primordial “para o desenvolvimento e hegemonia do ‘Partido de la Revolución’. Nesse sentido, criaram-se as bases de um cenário nacionalista-revolucionário e, ao mesmo tempo, institucional.”.⁴¹⁰ A política de dissuasão, destacada pelo referido historiador, continha aspectos que também observamos nos argumentos expressos por Guzmán em seu artigo *Lázaro Cárdenas*. A saber, o modo como o intelectual chihuahuense se referiu ao papel exercido pelo governante na unificação do Partido da Revolução, o qual seis anos antes apresentava

⁴⁰⁸ SEMO. El cardenismo revisado: la tercera vía y otras utopías inciertas, p. 194-223.

⁴⁰⁹ Cf. BAIÃO. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994).

⁴¹⁰ BAIÃO. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994), p. 60.

“diversas facções revolucionárias” fracionadas por “profundos rancores”. É preciso salientar ainda que os processos de sucessão eleitoral a partir de Cárdenas foram menos tumultuados e mais institucionalizados que os anteriores. Isso ocorreu também em função de um novo elemento que surgiu no sistema político mexicano nesse mesmo período: o “dedazo”.⁴¹¹ Por meio dessa prática o presidente indicava diretamente quem seria seu sucessor. Nesse mote, Guzmán reconheceu que esses ganhos não eram frutos apenas da habilidade de “estadista” do presidente Cárdenas, mas também da importância da criação do partido revolucionário:

Hay, pues, razones para concluir que la Historia, tras cinco lustros de convulsiones políticas, parece haber reservado al general Cárdenas el privilegio de que asumiera su investidura presidencial, la conservara hasta el último día y la entregara a su sucesor, sin rúbricas de sangre ni dilemas trágicos. Aunque también es verdad que ello ha de atribuirse no tan sólo a las cualidades que como estadista tiene quien supo acometer y consumir la expropiación del petróleo, sino, a la vez y mucha parte, a la existencia del Partido de la Revolución.⁴¹²

Em síntese, o presidente Cárdenas e sua gestão representavam para Guzmán o desmonte da “instituição diabólica” do Maximato e o ostracismo de Plutarco Elías Calles da política mexicana. Tais fatores, conforme já apontamos, foram essenciais para o retorno do escritor ao México. Em suas palavras, “a Revolução Mexicana” ainda não havia tido plena expressão governativa até o momento em que o general Cárdenas chegou ao poder”:⁴¹³

Lo dicho antes da base sobrada para suponer que el gobierno del general Cárdenas dejará huella profunda en todos los sectores esenciales de la vida de México. *Habiendo logrado ser punto de llegada en cuanto a la consumación real, no sólo legal y política, del impulso y los ideales revolucionarios*, y en cuanto a la capacidad de éstos para expresarse, desde el gobierno, en forma inconfundible, duradera y normal – hasta donde podamos estimar normales nuestros cauces o carriles políticos –, también tendrá que ser punto de partida hacia la futura tarea puesta a desbastar la obra de la Revolución, a enquistarla y pulirla, a limarle sus excrecencias y deformidades.⁴¹⁴

⁴¹¹“Visto de cerca, el dedazo es básicamente una lucha sorda y sórdida entre los miembros del círculo presidencial por ganar la voluntad del poseedor del gran dedo. Es una lucha humillante como intensa, donde nadie pide ni da cuartel; una lucha que empieza desde antes de que el sexenio despunte y concluye sólo cuando los perdedores son forzados a aceptar públicamente su derrota. Esta desgastante lucha de camarillas se lleva a cabo lejos de la mirada del público. En la lógica de los contendientes, lo único importante es la voluntad del presidente, pues los supuestos electores – militantes del partido de Estado primero y ciudadanos después – son meros objetos, no sujetos, de la política. Los partidos de oposición existen como telón de fondo, y a las urnas nunca se les da la posibilidad de contradecir la voluntad presidencial. Contra esa voluntad presidencial no hay argumento político, intelectual, moral o de amistad, que valga”. Cf. MEYER. *Liberalismo autoritario*. Las contradicciones del sistema político mexicano, posição 3500.

⁴¹² GUZMÁN, Martín Luis. Lázaro Cárdenas. *Otras páginas*. In: _____. *Obras Completas*. 4ª ed. México: FCE, INEHRM, 2010. Vol. I, p. 509

⁴¹³ GUZMÁN. Lázaro Cárdenas, p. 509

⁴¹⁴ GUZMÁN. Lázaro Cárdenas, p. 510. Grifos nossos.

A gestão de Cárdenas foi, segundo o intelectual, um ponto de chegada no que toca aos impulsos e ideais revolucionários. Isso é significativo ao compararmos a visão de Guzmán em relação aos governos anteriores, que foram representados como corruptores dos princípios do movimento de 1910. Mas, ao mesmo tempo, ainda para o periodista, o governo de Cárdenas deveria ser visto como um ponto de partida, pois estava diante da “tarefa futura” de refinar e polir a obra da Revolução. Em comparação com os governos de Carranza, Obregón e Calles – estes considerados como “ditadores” – o autor afirmou:

Cárdenas ha sido un gobernante de innovaciones y transformaciones, se ha guiado por un espíritu de audacias y acometividades que acaso no tengan igual desde los días de la Reforma, y, sin embargo, nos lega, entre muchas cosas realizadas, una que es suprema: el bien inigualable de la paz, de la paz viva y orgánica, no de la paz quieta que teme hasta de sí misma.⁴¹⁵

Existia, portanto, uma relação de afinidade política entre Guzmán e o governo Cárdenas. Diante dos apontamentos realizados ao longo da exposição dos argumentos, podemos perceber que a leitura feita pelo periodista sobre a gestão cardenista demonstrou um deslocamento em comparação com os governos prévios. O presidente Lázaro Cárdenas foi responsável pelo regresso de Guzmán ao México, em 1936, como também pela recuperação de sua cidadania mexicana, em 1940. O governo de Cárdenas dentro das concepções do escritor chihuahuense desempenhou uma função primordial no que se refere à Revolução Mexicana, pois se configurou como “ponto de chegada” e “ponto de partida”.

O que isso significa? Em nossa interpretação, Guzmán indicou que Lázaro Cárdenas, dos presidentes pós-revolucionários, foi aquele que melhor realizou os ideais da Revolução, a saber, um governo relativamente estável, nacionalista, reformista e centralizador. Dessa forma, constituindo-se como “ponto de chegada” do movimento iniciado em 1910. Quanto ao “ponto de partida”, ele assinalou que essa realização, embora tivesse sido importante, não esgotou os sentidos da Revolução. Por isso, os sucessores deveriam se esforçar por manter vivo o legado revolucionário, atentando-se para a depuração de tudo aquilo que deformava a sua obra.

Por fim, entendemos que *Maestros rurales* configurou-se como um texto panfletário e até mesmo doutrinário, no qual Guzmán empregou uma série de expressões pouco usuais no léxico usado por ele nos anos de 1910 e de 1920. Além disso, esse texto,

⁴¹⁵ GUZMÁN. Lázaro Cárdenas, p. 512.

ao contrário dos anteriores, não apresentava a mesma preocupação estética e literária, sendo um opúsculo mais narrativo-descritivo de uma sequência de ações do *maestro rural* designado para Kinchil. Concluímos que o regresso de Guzmán ao México coincidiu com os compromissos assumidos por ele com o presidente da República, Lázaro Cárdenas, e a adesão do escritor aos projetos governamentais se traduziu na escrita de um texto visivelmente proselitista. Consequentemente, as acepções de Revolução também foram ressignificadas, afinal as instituições públicas se consolidavam, o Exército, de modo gradual, tinha seu espaço restringido ao âmbito militar e o partido revolucionário demonstrava sua efetividade ao manter as disputas dentro de seu aparato.

3.2. O encadeamento da história: reforma, revolução e liberalismo

Ao longo de boa parte das obras de Martín Luis Guzmán emergem elogios à Reforma Liberal pela qual o México passou em meados do século XIX.⁴¹⁶ Em *La querella de México* (1915), os reformadores foram apontados como aqueles que colocam em prática um projeto que é capaz de transformar as almas e os espíritos mexicanos, no entanto essa possível “redenção” foi interrompida pelo porfiriato. Em alguns artigos produzidos pelo intelectual mexicano, também ao longo dos anos de 1910, o liberalismo foi valorizado, pois preconizava a defesa da liberdade, o desenvolvimento e o fortalecimento das instituições democráticas. Nas obras da década de 1920, *El águila y la serpiente* (1928) e *La sombra del Caudillo* (1929), os termos “liberal” e “liberalismo” não aparecem de maneira explícita, porém, os princípios liberais encontravam-se diluídos nas críticas que Martín Luis Guzmán teceu aos governos pós-revolucionários ao designá-los como “caudilhistas” e “autoritários” face a uma sociedade civil pouco ativa, como apontamos na análise do capítulo 2.

Foi somente nos anos de 1940 que o liberalismo despontou com enorme força nas obras e ações de Guzmán na esfera política mexicana. Por que o liberalismo emergiu com tanto ímpeto durante essa década nos escritos de Guzmán? Por que em seu texto autobiográfico escrito em razão de seu ingresso na *Academia Mexicana de la Lengua*, em 1954, ele concebeu esse ideário como marco norteador de suas obras e vida?⁴¹⁷ Por que é

⁴¹⁶ Sobre a Reforma Liberal mexicana, ver nota 128 desta dissertação.

⁴¹⁷ Para Cifuentes-Goodbody, o “Norte” é antes de tudo uma estratégia retórica: “Here, the path traced by Guzmán’s ‘north’ of his adolescence to his participation in the Mexican Revolution”. Cf. CIFUENTES-

a partir do liberalismo e de sua associação com a Revolução que devemos interpretar a trajetória do intelectual Martín Luis Guzmán? Por que, para Guzmán, a Revolução era uma continuidade da Reforma Liberal do século XIX?

As respostas a essas perguntas não são necessariamente translúcidas. No intento de compreendê-las, analisamos a publicação *Necesidad de cumplir las leyes de Reforma*, de 1963, cotejando com algumas documentações referentes ao Partido Nacional Liberal Mexicano (PNLM).⁴¹⁸ *Necesidad de cumplir las leyes de Reforma* é uma miscelânea, composta por crônicas, artigos, conferências e discursos, que buscavam restringir o espaço da Igreja católica no México e defendiam o cumprimento das Leis da Reforma do século XIX na conformação do Estado mexicano e da identidade nacional. Os textos contidos ali foram publicados entre os anos de 1945 a 1958 e reunidos, pelo próprio autor, em virtude de sua unidade temática, em 1963. O PNLM, por sua vez, foi um esforço empreendido por Martín Luis Guzmán entre 1945 e 1947. As razões que justificaram e incentivaram a criação do partido, pelo intelectual, decorreram do que o escritor denominou como “clericalismo político” manifestado pelos líderes da igreja católica, na Cidade do México, durante as celebrações em torno da 50ª Coroação da Virgem de Guadalupe,⁴¹⁹ em outubro de 1945. Nesse ambiente, Guzmán escreveu alguns artigos – publicados em sua revista *Tiempo. Semanario de la Vida y de la Verdad*⁴²⁰ e incluídos parcialmente em *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma* –, os quais apresentavam forte índole anticlerical e laicizante contra as manifestações públicas da igreja nos referidos eventos. Essas publicações renderam a Guzmán grande apoio na arena política e intelectual mexicana⁴²¹ e, em nossa opinião, contribuíram para que o escritor se aventurasse na formação do partido.

Segundo Charles Hale, o México esteve dominado por dois mitos⁴²² políticos “unificantes”, a saber: o liberalismo (entre 1867-1910) e a Revolução contínua (a partir

GOODBODY. *The man who wrote Pancho Villa*. Martín Luis Guzmán and the Politics of Life Writing, posição 628.

⁴¹⁸ As documentações referentes ao Partido Nacional Liberal Mexicano podem ser encontradas no Fundo Martín Luis Guzmán no Arquivo da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Catálogo disponível em: http://www.ahunam.unam.mx/consultar_fcu?id=3.12#

⁴¹⁹ Em 12 de outubro de 1945, o Papa Pio XII declarou a Virgem de Guadalupe padroeira da América Latina.

⁴²⁰ Guzmán fundou a revista *Tiempo. Semanario de la Vida y la Verdad* em maio de 1942.

⁴²¹ GUZMÁN, Martín Luis. *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma*. In: _____. Obras Completas. 4ª ed. México: FCE, INEHRM, 2010. Vol. I.

⁴²² A ideia de “mito” pode ser compreendida como uma narrativa com objetivos eminentemente políticos. Dessa forma, o “mito” tem como função difundir uma determinada interpretação sobre o passado no imaginário coletivo, buscando angariar legitimidade. Cf. GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

da década de 1940). Para esse pesquisador, na “representação oficial os projetos liberais e revolucionários estão amplamente vinculados, formando uma continuidade no processo político”,⁴²³ visto que ambos os mitos serviram de base para a construção do nacionalismo mexicano. Hale aponta, ainda, que os dois mitos foram fundidos e empregados pelos governos da década de 1940 e por seus adeptos na busca de antecedentes e legitimidades para as políticas coetâneas.⁴²⁴ Pois, vivenciava-se, nesse contexto, uma fase de transição, marcada pela “institucionalização” da Revolução e pela implementação de uma política de modernização, industrialização e urbanização no país.⁴²⁵ Coincidência ou não, como já assinalado, foi também nesse momento que a defesa do liberalismo se tornou impetuosa e se entrelaça à Revolução Mexicana na retórica guzmaniana, constituindo uma faceta daquilo que temos compreendido como encadeamento histórico.

Para nós, o encadeamento histórico consiste no estabelecimento de uma relação de causalidade entre um conjunto de eventos históricos. Essa relação de causalidade produz um sentido que, isoladamente, os acontecimentos não possuem, de tal forma que uma simples sucessão temporal – um após o outro – se transforma em um encadeamento necessário – um por causa do outro. Em poucas palavras, a causalidade que acreditamos estar em jogo na narrativa de Guzmán é a relação estipulada entre um evento anterior e um evento posterior, para que o segundo seja a consequência do primeiro.⁴²⁶ Dizendo de outra forma, para Guzmán, entre a Independência, a Reforma Liberal e a Revolução de 1910 – as duas últimas com maiores ênfases – existe um nexos necessário, em que esses três acontecimentos fazem parte de um mesmo processo histórico.

Ademais, o já mencionado encadeamento histórico traz, na narrativa guzmaniana, um horizonte de expectativa para a realidade nacional mexicana. Enquanto, em outros livros – como *La querella de México* (1915) – o projeto de nação de Guzmán não estava

⁴²³ HALE, Charles A. Los mitos políticos de la nación mexicana: el liberalismo y la Revolución. *Historia Mexicana*, v. 46, n. 4, abril-junho, 1997, p. 821.

⁴²⁴ HALE, Charles A. Los mitos políticos de la nación mexicana: el liberalismo y la Revolución, p. 826.

⁴²⁵ “Según el discurso oficial, la Revolución estaba pasando de su fase agro-indígena a su fase industrial. Todos los ideales originales de la Revolución – el ejido comunal como eje del México rural, la redescubierta población indígena como baluarte de la nacionalidad mexicana, el sindicato como defensor del trabajo urbano, la expropiación de los recursos subterráneos como contrapeso del capital extranjero – se subordinaron a las metas de la modernización, a través de la industria y la tecnología agrícola.” Cf. HALE, Charles A. Los mitos políticos de la nación mexicana: el liberalismo y la Revolución, p. 823.

⁴²⁶ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradutora Cláudia Berliner. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010. 3 v.; DOMINGUES, Ivan. *O fio e a trama*. Reflexões sobre o tempo e a história. São Paulo: Iluminuras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996; MENDES, Breno. *A representância do passado histórico em Paul Ricoeur: linguagem, narrativa e verdade*. Dissertação de mestrado em História (UFMG). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2013.

tão nítido, em *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma* (1963) percebemos um delineamento maior de como transformar o México, afinal, para o escritor, quando questionado sobre o referido livro respondeu:

[EC]_ *Necesidad que se cumplan las Leyes de Reforma* parece, más que un título, un programa...

[MLG]_ Allí recopiló cuanto he dicho y hecho durante veinte años en favor de la tesis del liberalismo histórico mexicano. Contiene conferencias, artículos, discurso y ensayos.

[EC]_ ¿Cree útiles en 1963 las Leyes de Reforma?

[MLG]_ Las veo más necesarias hoy que hace cien años porque la coyuntura histórica en caso de resolverse a favor de Occidente, y así deseamos, nos expone como nunca al peligro del totalitarismo clerical.⁴²⁷

O primeiro texto que compõe a miscelânea, em análise, chama-se *La Reforma y la Revolución*,⁴²⁸ o qual tem origem em uma conferência proferida em 17 de dezembro de 1958 para os alunos da Universidade de Chihuahua. O intelectual entende que a Independência (essa menos recorrente no discurso), a Reforma e a Revolução compõem o “desenvolvimento histórico” do México. Retomando nossa reflexão acerca do encadeamento histórico, podemos perceber, no trecho abaixo, que o autor além de tecer um nexo causal entre os acontecimentos, lançando mão da ordenação numérica (1ª, 2ª, 3ª e 4ª), recorre a um raciocínio contra-factual, sugerindo que caso não houvesse ocorrido a Reforma, a Revolução Mexicana teria um sentido distinto. Isto é, para melhor explicar o que aconteceu ele se pergunta o que poderia ter acontecido:⁴²⁹

1ª *¿Es concebible que se hubiera producido la Revolución Mexicana, si antes no se hubiese hecho en nuestro país la transformación espiritual, política y, hasta cierto punto, social y económica que designamos con el nombre de “la Reforma”?*

2ª *Consumada la Revolución, como ya lo está, ¿sería posible que subsistiera y perdurara lo que llamamos “conquistas de la Revolución”, o sea la Revolución misma, si ahora renunciásemos a lo que fueron antes las conquistas de la Reforma?*

⁴²⁷ Entrevista realizada por Emmanuel Carballo com Martín Luis Guzmán em 1963. CARBALLO, Emmanuel. Martín Luis Guzmán (1887-1976). In: _____. *Protagonistas de la literatura mexicana*. Cidade do México: Secretaría de Educación Pública, 1986, p. 96.

⁴²⁸ Analisaremos mais detidamente o texto *La Reforma y la Revolución* por ser o que de modo mais direto articula os dois eventos da história nacional mexicana. Em relação aos demais textos da coletânea, selecionaremos os argumentos que mais nos auxiliam na compreensão do tema que nos interessa neste tópico, a saber, a articulação entre Revolução e Reforma Liberal no México e o porquê de isso ter tanta ênfase no pensamento de Guzmán.

⁴²⁹ ARON *apud* RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradutora Cláudia Berliner. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010, p. 324, v.1.

3ª ¿Será cierto, según pretende en nuestros días la nueva reacción clerical que el conflicto histórico que dio origen a las Leyes de la Reforma es un problema liquidado, y que, en consecuencia, la razón de ser esas leyes ya no existe y menos aún la necesidad de respetarlas?

4ª ¿Será verdad, como a menudo se oye decir entre algunos *sectores revolucionarios* – obreros, intelectuales, y hasta gubernativos –, que hay que ser tolerantes con las trasgresiones que la Iglesia Católica hace de la ley?⁴³⁰

A Reforma Liberal do século XIX representava, para Martín Luis Guzmán, a superação de um momento ainda carregado de referenciais coloniais, que foi marcado pela extensa participação da Igreja católica no âmbito público e cujo processo de Independência mexicana havia sido incapaz de romper. Assim, a Reforma Liberal simbolizava, na perspectiva do autor, a “constituição da República”, tendo como base “a liberdade e a igualdade entre os homens, os direitos do cidadão, a soberania do povo e a supremacia do Estado sobre quaisquer outros poderes”.⁴³¹ Além disso, a Reforma também havia desempenhado, na perspectiva de Guzmán, um papel fecundo na “transformação espiritual” no México,⁴³² na sustentação das instituições democráticas e na contribuição para a configuração do “regime de liberdade” no país. Levando em consideração o grau de relevância que esse processo histórico exerceu na história nacional, Guzmán estabeleceu uma causalidade histórica necessária entre as Reformas liberais oitocentista e a Revolução Mexicana de 1910, cujo primeiro acontecimento constitui-se como prerrogativa imprescindível para que a Revolução pudesse ocorrer:

¿Podrá nadie creer que en ausencia de la obra de los reformadores, gracias a la cual los mexicanos se asomaron libremente al mundo, habría sido posible el camino espiritual que poco a poco fue imprimiendo forma en la clarividencia política y al estado de ánimo público que desembocaría en la Revolución de 1910?⁴³³

Atentando-nos ainda para o “encadeamento histórico” e para a relação de causalidade nas concepções expressas por Guzmán, percebemos que certas enunciações feitas em *La querella de México* permaneceram. Consideramos que, para o escritor

⁴³⁰ GUZMÁN. *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma*, p. 582. Grifos nossos.

⁴³¹ GUZMÁN. *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma*, p. 595.

⁴³² Sobre a “transformação espiritual” no pensamento de Martín Luis Guzmán ver capítulo 1.

⁴³³ GUZMÁN. *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma*, p. 597.

mexicano, o processo de independência teve início em 1810⁴³⁴ – neste momento não apresentava uma índole propriamente nacional –, tendo se fortalecido com as Reformas Liberais e, finalmente, consolidado em 1910, com a Revolução:

De ahí que, intacta en su mayor parte, ajustada en ciertos sitios, reforzada en otros, ampliada y llevada a su natural término en cuantos, *la estructura espiritual que la Reforma dio al país pasara de la Constitución de 1857 – constitución liberal – y de las leyes que la completaron, a la Constitución de 1917, constitución revolucionaria que, a su vez, tuvo entonces aliento para consumir, por fin, después de un siglo, la revolución política, social y económica iniciada el 15 de septiembre de 1810* por su sacerdote cuyo patriotismo de primer mexicano independiente la Iglesia Católica excomulgó: el patriotismo hoy indiscutible aun en la conciencia de los mexicanos más católicos y más adictos al papa, del cura Miguel Hidalgo y Costilla.⁴³⁵

Portanto, a Reforma e a Revolução são, ao mesmo tempo, dois efeitos e duas etapas da consolidação da Independência mexicana. Nesse processo, a Constituição liberal de 1857 foi reforçada e ampliada, culminando na Constituição de 1917, esta, por sua vez, de índole revolucionária. Ambos os eventos fazem parte do processo de Independência iniciado pelo padre Hidalgo y Costilla, este, apesar de católico, era, para Guzmán, símbolo de patriotismo e dos desejos de emancipação colonial. A Reforma, por conseguinte, era premissa básica para que a Revolução mexicana acontecesse. A Revolução, por sua vez, configurava-se como fator primordial para que as reformas liberais se desenvolvessem e se realizassem no país. Concluímos, assim, que, na perspectiva do intelectual, ambos movimentos fizeram parte de um mesmo processo.⁴³⁶

⁴³⁴ O processo de independência mexicano teve início em 1810 e se consolidou em 1821, “após tentativas frustradas de emancipação comandadas pelos padres Miguel Hidalgo e José Maria Morelos. A independência foi proclamada com um pacto de unidade política que permitiu avançar para uma autonomia em relação à Espanha e para um novo sistema político. Foi o resultado de uma complexa engenharia costurada entre os insurgentes: constitucionalistas, monarquistas e republicanos. O México se emancipava da Espanha para dar origem à efêmera monarquia do imperador Augustín de Iturbe, que durou até 1823, quando foi proclamada República”. BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *A revolução mexicana*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 25.

⁴³⁵ GUZMÁN. *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma*, p. 597-598.

⁴³⁶ Em *La Reforma, eje histórico de México*, discurso pronunciado, em 14 de setembro de 1951, na cerimônia de inauguração do monumento a Benito Juárez na cidade de Toluca. O escritor enunciou: “Dos son en efecto, dos hasta nuestros días, las etapas en que se opera, consolida la Independencia, la transformación política, social y económica de México: una, la que comprende las revoluciones de Ayutla y de Reforma, acontecimientos ya casi centenarios; otra, la revolución iniciada en 1910 y concluida en 1917. Y existe tan íntima relación entre estas dos conmociones de la sociedad mexicana, y de tal modo la primera es premisa y condición de la segunda, y ésta, a su vez, campo para que la otra alcance su cabal desarrollo, que en rigor, y vistos dentro de la perspectiva de los años, ambos movimientos renovadores se reducen a una sola y misma cosa, a un todo con dos fases diversas e inmediatamente sucesivas”. Cf. GUZMÁN. *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma*, p. 668

Dentro do que temos compreendido como “encadeamento histórico” entre a Reforma e a Revolução na retórica guzmaniana, podemos acrescentar que o periodista associa sua geração como aquela que estabeleceu um “vínculo” entre “o espírito da Reforma e o espírito da Revolução”:

a) [Guzmán retoma a marcha de 1908] Lo hago a fin de aquilatar los títulos indiscutibles que la generación de 1908 tiene para que su voz prevalezca sobre cualquier otra cuando se pone en tela de juicio el valor, la vigencia que a la Reforma y sus leyes pueda caberles dentro del actual marco de la Revolución. Apreciándola en su origen y en sus actos, nadie negará que esa generación es la representativa del *nexo* entre las conquistas espirituales de la Reforma, ya consolidadas nacionalmente en 1908, y el estallido, inminente entonces, de las aspiraciones nuevas: las de la sacudida revolucionaria en lo económico y lo social.⁴³⁷

b) La generación nuestra – la generación histórica en la cual me formé – ha hecho más que encarnar el impulso revolucionario: vive aún como testigo, autorizado e irrecusable, de los vínculos que existen entre el espíritu de la Reforma y el espíritu de la Revolución. Y que a la generación nuestra incumbe tal papel por haber sido ella el instrumento para que aquel enlace se realizara, es algo que fácilmente se verá...⁴³⁸

No excerto acima podemos notar que o escritor mexicano indicou sua geração como aquela que realizava o “nexo”, a ligação, entre a Reforma Liberal e a Revolução Mexicana. Esse argumento, assinalado por ele, teve como objetivo conceder, portanto, legitimidade e lugar de fala autorizado sobre os caminhos que o país deveria seguir, afinal a sua geração representou tanto as ideias liberais do XIX como também o grupo que participou da Revolução. Nesta perspectiva, cabe questionar: na concepção de Guzmán, qual seria a importância e o impacto da Reforma para a vida política mexicana? Ao retomar o liberalismo oitocentista mexicano, o intelectual chihuahuense não o enfatizou para justificar as políticas governamentais do momento, porém para sublinhar a “necessidade” de se retomar as leis da Reforma Liberal do século XIX em seu fundo anticlerical.

A Reforma Liberal simboliza, para muitos, a fundação do México como nação moderna⁴³⁹ e, conforme apontado por Arnaldo Córdova, embora costumeiramente as revoluções busquem se desvencilhar do passado e projetar um futuro iminente novo, os revolucionários mexicanos recorreram à história nacional para justificar

⁴³⁷ GUZMÁN. *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma*, p. 587. Grifos nossos

⁴³⁸ GUZMÁN. *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma*, p. 583.

⁴³⁹ MONSIVÁIS, Carlos. En el bicentenario de Benito Juárez. *La Jornada*, Ciudad de México, 24 de enero de 2006. Disponível em: <http://www.sinpermiso.info/textos/en-el-bicentenario-de-benito-juarez> Acessado em: 23/11/2017.

diferentes disputas políticas a partir da década de 1920:

En México, la Revolución nace acompañada de una candente defensa del pasado. Desde luego, el pasado no es el porfirismo, sino la tradición libertaria que se da a partir de la Revolución de Independencia, se desenvuelve en el largo periodo de la lucha de los liberales contra los conservadores y culmina con el triunfo de la República en las guerras de Reforma y contra la intervención francesa. El gran ideario de esa tradición se cifra en la Constitución liberal de 1857, cuyos pilares fundamentales son: el Estado democrático, representativo y federal; la primacía de la ley constitucional sobre la arbitrariedad y el despotismo de los gobernantes; los derechos del hombre que consagran las libertades de pensamiento, de expresión, de trabajo, de tránsito, de elección de los representantes del pueblo; la garantía de estos derechos que hace efectiva el juicio de amparo, y sufragio libre y universal de los ciudadanos mexicanos. *El verdadero pasado de México es su tradición liberal.*⁴⁴⁰

Após a Revolução de 1910, esse passado liberal foi retomado com motivações diversas. Em relação a isso, Caio Pedrosa assinalou que, entre as décadas de 1910 e 1930, os preceitos liberais do XIX foram empregados pelos revolucionários para justificar iniciativas políticas que afrontavam os interesses da Igreja, aspecto que revisitaremos mais adiante em virtude do anticlericalismo de Guzmán esboçado nos anos de 1940. Fábio Baião, por sua vez, indicou que governo de Adolfo Ruiz Cortines (1952-1958) – assim como Guzmán – recuperou a Guerra da Reforma e a vinculou ao processo revolucionário de 1910, no qual este teria sido “supostamente um desdobramento da vitória liberal do século XIX”.⁴⁴¹

A Reforma faz parte do imaginário mexicano como um processo que insere o país na órbita da modernidade, sendo mobilizada, ao longo do tempo, com intuitos diferentes. O discurso presidencial de Ruiz Cortines apresentou um caráter teleológico, criando filiação entre a história nacional e o “Partido de la Revolución”.⁴⁴² Enquanto em Guzmán, a recuperação ocorreu em função da insolúvel “questão religiosa” mexicana, para ele, ela incidiu sobre um insistente comportamento político por parte da Igreja Católica.

Em perspectiva histórica, podemos afirmar que os conflitos da década de 1910 carregavam germes do anticlericalismo, visto que os grupos católicos eram identificados como reacionários e huertistas.⁴⁴³ Nas décadas de 1920 e 1930, a ideia de uma revolução

⁴⁴⁰ CORDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*. México: Era, 1991, p. 87.

⁴⁴¹ BAIÃO. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994), p. 103-104.

⁴⁴² BAIÃO. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994), p. 104.

⁴⁴³ Como já salientado no capítulo 1, o termo *huertista* identifica aqueles que apoiaram o general Victoriano Huerta nos conflitos decorrentes entre 1913 e 1914.

que indicava para o futuro, ao invés de uma revolução já cumprida, era para os grupos anticlericais atraente. Isso porque tal concepção, de acordo com Caio Pedrosa, encontrava reforço na frustração que diferentes grupos nutriram a respeito dos resultados pouco efetivados das leis de Reforma.⁴⁴⁴ Além disso, ainda conforme Pedrosa, existe uma vinculação entre a Revolução e o anticlericalismo que foi esboçada, por exemplo, no apoio prestado pelos agraristas aos “exércitos do governo na luta contra os cristeros e a oposição de partes amplas do clero à distribuição de terras”.⁴⁴⁵ Já com Cárdenas no poder, a política em relação aos católicos também se modificou. Embora as reformas educacionais do período cardenista ganhassem, muitas vezes, o rótulo de “antirreligiosas” devido à ênfase no ensino laico, a política desenvolvida pelo presidente michoacano buscou apaziguar as forças anticlericais dentro do aparato estatal, concentrando-se nas transformações sociais e econômicas. Durante a gestão de Manuel Ávila Camacho (1940-1946) houve um afastamento ainda maior das práticas anticlericais, afinal um dos principais objetivos desse governo foi a *unidade política*.⁴⁴⁶

Em certa medida, as propostas de Guzmán parecem anacrônicas para os anos de 1940 em diante, pois os pontos que suscitou fazem parte das disputas políticas e religiosas que estiveram presentes até a década anterior, as quais tiveram uma solução relativa e complexa.⁴⁴⁷ Desejar que a Revolução cumprisse os objetivos da Reforma Liberal do século XIX correspondia a almejar a modernização do México, a “desfanatização” e, também, o desenvolvimento social e econômico do país. Nesse sentido, a já mencionada *transformação espiritual* – capítulo 1 – ganha novos matizes quando inserida no tópos do liberalismo. Pois, como destacou Caio Pedrosa, a religião católica era identificada com a passividade, a inércia e o fanatismo da população mexicana, aspectos que estão presentes no pensamento do intelectual chihuahuense. Assim, nas décadas de 1920 e 1930, os revolucionários anticlericais lutavam contra os “elementos próprios do estado inerte” que dominavam o México antes do período revolucionário:

⁴⁴⁴ SILVA, Caio Pedrosa da. *Mártires de Cristo Rey: Revolução e Religião no México (1927-1960)*. 289f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2015, p. 162.

⁴⁴⁵ SILVA, Caio Pedrosa da. *Mártires de Cristo Rey: Revolução e Religião no México (1927-1960)*, p. 162.

⁴⁴⁶ SILVA, Caio Pedrosa da. *Mártires de Cristo Rey: Revolução e Religião no México (1927-1960)*, p. 163.

⁴⁴⁷ Conforme mencionamos anteriormente, a Rebelião Cristera foi um conflito transcorrido entre 1926 e 1929, envolvendo grupos armados católicos – geralmente trabalhadores agrários –, que reclamaram pelo fim das medidas anticlericais do governo de Plutarco Elías Calles (1924-1929). Foi um conflito marcado por ações repressoras por parte do Estado e por grande número de mortos. A rebelião perdeu força através da mediação dos Estados Unidos e do Chile junto ao presidente Emilio Portes Gil (1928-1929) e dos representantes da Igreja Católica. Cf. SILVA, Caio Pedrosa da. *Mártires de Cristo Rey: Revolução e Religião no México (1927-1960)*.

os anticlericais defendiam uma *tradição* liberal – uma tradição de mudança, recente, mais ainda assim é um passado a ser defendido. As Leis da Reforma continuavam sendo a base desse pensamento, mas elas precisavam ganhar vida. Além disso, não bastavam as mudanças legais a respeito da separação entre Estado e Igreja. A transformação do país e a luta contra as opressões passava pela entrada na intimidade do lar; era preciso colocar o liberalismo e os liberais em movimento, só assim a revolução espiritual se concretizaria.⁴⁴⁸

Guzmán se inseriu nesse ambiente anticlerical de oposição à Igreja Católica. Como dito anteriormente, o gatilho para seus artigos de outubro de 1945, que enfatizam a “necessidade de cumprir as leis da Reforma”, foram as celebrações do aniversário de 50 anos da coroação da Virgem de Guadalupe.⁴⁴⁹ No contexto das comemorações ocorridas entre os dias 7 a 12 de outubro de 1945, Guzmán publicou no dia 16 de outubro de 1945, em sua revista *Tiempo*, um artigo originalmente intitulado *Semana de idolatria*, no livro esse texto se encontra no capítulo II com o título de *Agresión guadalupana*. Nesse artigo, de cunho editorial, Guzmán denunciou as atitudes da Igreja ao promover eventos em ambientes públicos e não nos estabelecimentos reservados aos cultos religiosos. Por que o clero estava fornecendo um caráter político ao evento? Segundo o periodista, os acontecimentos que envolviam as celebrações católicas estavam violando os artigos 5º, 24º e 130º da Constituição de 1917 – os quais versam sobre o espaço reservado à religião no México e como o corpo eclesiástico deveria se comportar no ambiente público –, assim como desrespeitavam as leis que tornaram o país laico, isto é, as Leis da Reforma do século XIX.

Em nossa interpretação, um dos pilares centrais do liberalismo de Guzmán reside na questão religiosa. A narrativa do intelectual apresenta elementos que evidenciam de modo contundente a defesa da laicização, que prevê a autonomia entre as esferas políticas e religiosas. Ou seja, a lógica da esfera religiosa não deve extrapolar o campo religioso. Assim, a esfera política é pública e a esfera religiosa deve ser relegada ao privado. A forma como Guzmán dramatizou em sua narrativa a experiência do evento do 50º aniversário de coroação da Virgem de Guadalupe em outubro de 1945 demonstra que, em sua perspectiva, o Estado laico estava sendo questionado ou se encontrava em risco. Em consequência, era recorrente, no seu discurso, a recuperação das leis instituídas pela

⁴⁴⁸ SILVA, Caio Pedrosa da. *Mártires de Cristo Rey: Revolução e Religião no México (1927-1960)*, p. 169.

⁴⁴⁹ A Virgem de Guadalupe é uma figura central no imaginário religioso católico, além de ser um símbolo da mestiçagem e do nacionalismo mexicano.

Reforma, as quais estabeleciam limites mais estreitos para o âmbito de atuação religiosa na sociedade:

- a) El día en que la Iglesia Católica y la reacción mexicana acepten y acaten sin reservas las leyes de la Reforma, saldo con que la Reforma se liquidó, los liberales no tendremos porque hablar de la intangibilidad de la obra reformista. Pero mientras actúen, según están actuando a esta misma hora en que yo hablo, fuerzas políticas consagradas a destruir lo que los reformadores hicieron, la pugna de la Reforma estará tan viva, será tan actual y se hallará tan a vista como hace un siglo.⁴⁵⁰
- b) No se trata de desvestir monjas en la calle, ni de acabar a golpes con las procesiones, ni de cerrar escuelas confesionales, ni de hacer en las iglesias fuerza contra los sacerdotes extranjeros. *Lo que urge, lo que incumbe a la Revolución, a la Revolución y su partido, y a la educación pública nacional, es despertar las conciencias poniéndolas por delante, para que escojan, las dos perspectivas: la del clericalismo político, infecundo y sombrío, y la que ofrece, translúcida, estimulante, creadora, la democracia basada en la libertad, en la libertad de pensamiento y de conciencia, sin la cual habría sido imposible la Revolución, y sin la cual el México de la Revolución se acabará, retornando, como hoy España, a una situación análoga a la que vivimos durante la Colonia.*⁴⁵¹

Vemos no excerto acima que Guzmán associou a religião à ausência de liberdade de consciência e ao obscurantismo. A Revolução, o partido e a educação pública deveriam ser laicos e, mais que isso, deveriam despertar as “consciências” para uma decisão crucial: o “clericalismo político” – adjetivado de forma pejorativa – ou a “democracia baseada na liberdade”. O historiador português Fernando Catroga sublinha que o termo “laico” expressa uma oposição do Estado à Igreja, principalmente, ao clero. A laicização, assim compreendida, é um fenómeno político, no qual o Estado busca excluir a influência da religião na esfera pública, sobretudo, por meio de um programa de educação pública.⁴⁵² Diante desse quadro, por que Guzmán retomou as Leis da Reforma e enfatizou a necessidade de seu cumprimento?

Porque sin la vigencia de las Leyes de Reforma no se concibe la vigencia de la Revolución, y sin la vigencia de la Revolución el pueblo mexicano perdería lo que políticamente ha ganado – para su liberación espiritual, social y económica – durante siglo y medio de luchas y de sangre.⁴⁵³

Os artigos publicados durante a semana das comemorações do aniversário da

⁴⁵⁰ GUZMÁN. *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma*, p. 588.

⁴⁵¹ GUZMÁN. *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma*, p. 603.

⁴⁵² CATROGA, Fernando. *Entre deuses e césores: secularização, laicidade e religião civil. Uma perspectiva histórica*. Coimbra: Editora Almedina, 2006.

⁴⁵³ GUZMÁN. *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma*, p. 672-673. (Texto de 1949).

Coroação da Virgem de Guadalupe renderam a Guzmán uma homenagem,⁴⁵⁴ na qual compareceram mais de 1000 pessoas. Neste evento discursaram figuras relevantes do cenário político e intelectual mexicano, tais como o intelectual Daniel Cosío Villegas, o chefe do Departamento do Distrito Federal, Javier Rojo Gómez, o general Ramón F. Iturbe e muitos outros. É preciso salientar que a postura de Guzmán no que perpassa suas críticas ao clericalismo e às manifestações religiosas públicas é marcada por incongruências. A mais saliente delas é a tentativa de não se indispor com o governo central. Frente a tantas manifestações de apoio, o periodista se preocupou em enviar cartas ao presidente da República, Manuel Ávila Camacho, solicitando uma reunião cuja pauta era o cancelamento da homenagem, caso isso afetasse de alguma forma o referido governo.

Como efeito do respaldo recebido nesse contexto, Guzmán se lançou ao desafio de fundar um partido de índole liberal de extensão nacional. Nesse esforço, o intelectual e político chihuahuense enviou correspondências para possíveis interessados em diversos pontos do país, publicou convocações e um panfleto programático do partido. A criação do Partido Nacional Liberal Mexicano é obtusa em vários sentidos. O primeiro deles é que o partido surgiu como fruto dos descontentamentos em relação a não observância dos preceitos liberais sintetizados na Constituição de 1917. Nesse sentido, as críticas tecidas pelo escritor foram direcionadas apenas à Igreja e não ao governo, que, em tese, seria o responsável por zelar pelo cumprimento das leis. O segundo ponto controverso é que as movimentações em torno da criação do partido ocorreram paralelamente a reorganização do partido oficial, em que sua nomenclatura foi alterada de Partido da Revolução Mexicana para Partido da Revolução Institucional (PRI), em 1946. O Terceiro e último ponto advêm, segundo Stephen R. Niblo, do fato de que o PNLM recebeu apoio do recém indicado e eleito presidente da República Miguel Alemán Valdés (1946-1952) em março de 1947. Esse aspecto, juntamente com o fato de que a revista de Guzmán, *Tiempo*, recebia subsídio do governo corroborou para o enfraquecimento e a fragilidade do PNLM.⁴⁵⁵

Para nós, a partir desse cenário delineado acima, do qual emergem muitas indagações, incertezas e poucas respostas conclusivas, a criação do PNLM configurou-se

⁴⁵⁴ Não encontramos informações sobre os autores e responsáveis pela organização da referida homenagem a Martín Luis Guzmán.

⁴⁵⁵ NIBLO, Stephen R. *Mexico in the 1940s. Modernity, Politics, and corruption*. Wilmington: SR Books, 1999.

como uma ação estratégica do escritor. Desse modo, acreditamos que Guzmán jogou com as possibilidades disponíveis, sempre procurando deixar portas abertas com o governo “de la Revolución”, afinal, como já foi abordado, o poder presidencial – no período posterior a 1940 – era aquele que definia os espaços e os atores dentro do aparato estatal. Assim, o PNLM que, inicialmente havia atraído figuras públicas como o historiador e economista Daniel Cosío Villegas e o político e acadêmico Jesús Reyes Heróles, não teve vida longa:

Adviértase pues que no fueron débiles los vagidos del partido liberal cuya creación se proyectó como réplica a las extralimitaciones clericales perpetradas en octubre de 1945. Tampoco hay yerro en afirmar que, con algún esfuerzo y tesón, aquella idea hubiera podido llevarse a cabo en proporciones mucho más considerables que las de los partidos reaccionarios que de entonces acá han figurado en la vida política de México. Pero como el haber persistido nosotros en seguir por allí hubiera restado fuerza y unidad al Partido de la Revolución Mexicana, nos conformamos entonces con la realización de lo que había sido nuestro propósito inicial: mantener enhiestas las Leyes de la Reforma frente a la agresión idolátrica guadalupana, preparada con fines políticos y sobra de mala fe, a pretexto de una fecha que debió haberse conmemorado dentro de la ponderación y los miramientos de la religiosidad verdadera.⁴⁵⁶

Guzmán justificava que a não continuidade do partido liberal se explicava pela existência prévia do “Partido de la Revolución”, que poderia ser afetado em sua “força” e “unidade”. A partir de correspondências mapeadas em seu acervo documental mantido pela UNAM, vislumbramos que a adesão ao PNLM, em âmbito nacional, não se deu de forma substancial.⁴⁵⁷ Em relação a isso, alguns missivistas ainda questionavam a existência de um partido paralelo ao PRM-PRI, que compartilhasse posicionamentos semelhantes ao partido oficial.⁴⁵⁸

No que toca à convocação e à declaração de princípios do PNLM, publicada em março de 1946, percebemos que a conjuntura política internacional do fim da Segunda Guerra Mundial e da crescente polarização entre os Estados Unidos e a União Soviética ressoaram sobre a linha diretiva do partido e do vocabulário político adotado por Martín

⁴⁵⁶ GUZMÁN. *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma*, p. 658.

⁴⁵⁷ Sobre a formação do PNLM, Guzmán manteve correspondências com um número razoável de políticos mexicanos, como pode ser verificado no catálogo do Fundo Martín Luis Guzmán, nas fichas referentes às caixas 270 e 271, do Arquivo da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Catálogo disponível em: http://www.ahunam.unam.mx/consultar_fcu?id=3.12#.

⁴⁵⁸ Entre os missivistas que tivemos acesso, encontram-se Raúl M. Lazcano Pérez, Manuel A. Chávez, José Pérez González, Humberto Lara y Lara. Cf. CORRESPONDENCIA de MLG sobre la formación del Partido Nacional Liberal Mexicano. 1946-1947. México, DF, s.p. Archivo de la Universidad Nacional Autónoma de México. Fondo: Martín Luis Guzmán.

Luis Guzmán e seus companheiros nesse empreendimento. Existia uma pretensão de inserir o PNLM na corrente do liberalismo mexicano e excluir qualquer possível associação com as “tendências comunistas e socialistas”. Propugnou-se, por intermédio do mesmo documento, a defesa da moralidade pública, da liberdade, da ordem política, social e econômica e o ferrenho combate à presença do elemento religioso na esfera política. A noção de liberdade dentro da abordagem operada pelos membros do nascente PNLM é de difícil apreensão, posto que eles não propuseram uma definição bem delimitada. A liberdade, para eles, encontrava o seu limite na salvaguarda da própria liberdade:

El Partido Nacional Liberal Mexicano cree en todas las libertades y derechos del hombre según se definen en el texto de la Constitución de 1917, pero estima, además, que tales derechos y libertades deben estar protegidos contra las extralimitaciones de los falsos conceptos de libertad. En otras palabras, no ha de permitirse que en uso de la libertad de prensa, o de cátedra, u otra análoga, se sustenten tesis contrarias a la libertad, y así han de establecerlo las instituciones políticas mexicanas y ha de ponerlo en obra, día a día, la vida pública de México.⁴⁵⁹

A defesa do laicismo também se encontra presente na Declaração de princípios do PNLM, a qual foi expressa em paralelo com as críticas às pretensões políticas da Igreja católica. Nesse sentido, o ensino deveria ser laico e veicular “valores humanos em sua espiritualidade individual e social”. No que concerne às atividades econômicas do país, o capital empregado também deveria ser laico, de tal forma que não se prejudicasse ninguém por questões de ordem religiosa. Conforme indicamos outrora, a oposição ao clero católico e à sua presença em atividades que ultrapassassem os limites da Igreja foi um componente imprescindível do liberalismo de Guzmán e, portanto, do PNLM.

O liberalismo constituiu o eixo entre Reforma e Revolução na perspectiva de Guzmán. A Reforma Liberal apontava para o futuro que a Revolução em seu contínuo movimento deveria concretizar: um México moderno, “desfanatizado”, civilizado, educado e, sobretudo, laico. Assim, *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma*, ao ser um esforço de organização dos textos de índole liberal, em 1963, traz dois aspectos simbólicos. Pois, permite-nos conjecturar que, para Guzmán, tão importante como

⁴⁵⁹ IMPRESO de la convocatória e instrucciones para la formación del PNLM en D.F. 16 de marzo de 1946. DF, s.p. Archivo de la Universidad Nacional Autónoma de México. Fondo: Martín Luis Guzmán.

defender o cumprimento das leis da Reforma no México, era também salvaguardar para o futuro seu posicionamento político, este de grande significado no imaginário coletivo mexicana. Em suma, o periodista tornou-se nesse contexto da década de 1940 uma das personalidades representantes do liberalismo mexicano. De tal forma que foi convidado para discursar em inaugurações de monumentos destinados à valorização dos heróis da nação e da Reforma Liberal, como, por exemplo, seu pronunciamento intitulado *La Reforma, eje histórico de México*, na inauguração ao monumento a Benito Juárez em Toluca, 1951. Guzmán, também, organizou e publicou a coleção *El Liberalismo Mexicano en Pensamiento y en Acción* através de sua editora Empresas Editoriales. Observamos que as movimentações em relação aos governos “de la Revolución”, iniciadas por Guzmán após seu retorno do exílio em 1936, adquirem novas características nos anos de 1940. Visto que existe uma preocupação maior por parte do escritor em não se indispor com a elite no poder. Tanto a veiculação dos artigos em sua revista *Tiempo*, em 1945, quanto o esforço de criação do PNLN encontram-se marcados por formas de contato com os presidentes em exercício no período, Manuel Ávila Camacho (1940-1946) e Miguel Alemán Valdés (1946-1952), uma certa busca de aval.

3.3. Balanços da Revolução em Martín Luis Guzmán: 1945 a 1968, um divisor de águas

O cerne deste tópico são os balanços da Revolução emitidos por Martín Luis Guzmán a partir da década de 1940 até 1968, com algumas ressonâncias em 1969. Os anos de 1940 configuraram um tempo de ampliação do debate e da busca pela compreensão sobre o passado, o presente e o futuro da Revolução. Para alguns ela já havia terminado, para outros ela havia sido interrompida e, ainda, para outros mais ela continuava em movimento. Especificamente em outubro 1945, ocorreu um mesa-redonda intitulada *Un balance de la Revolución*, cujo principal orador foi Jesús Silva-Herzog.⁴⁶⁰ Esse evento fazia parte do Segundo Congresso Mexicano de Ciências Sociais, realizado

⁴⁶⁰ Jesús Silva Herzog (1892-1985) foi um destacado intelectual e político mexicano. Formado em economia, deu significativas contribuições para o desenvolvimento acadêmico e intelectual de seu país, fornecendo, por exemplo, pesquisas de conteúdo histórico e coordenando uma das principais revistas político-acadêmicas da América Latina, *Cuadernos Americanos*.

no anfiteatro Bolívar da Escola Nacional Preparatória.⁴⁶¹ Nele estiveram presentes destacados intelectuais e políticos do período, tendo contado inclusive com a presença do então presidente da República, Manuel Ávila Camacho (1940-1946). Entre os debatedores do evento estavam o militar e jornalista Federico Cervantes, o escritor e engenheiro Félix F. Palavicini, o político e engenheiro Luis L. León, político Aurelio Manrique, o escritor e jornalista Martín Luis Guzmán, o ex-presidente da República Emilio Portes Gil e a escritora e educadora Elena Torres. Assim, desponta como objeto de nosso interesse compreender a forma como as enunciações do chihuahuense se inseriu nesse contexto intelectual e político mexicano. As intervenções dos participantes foram reunidas em uma espécie de *Anais* do evento e o texto apresentado por Guzmán foi, posteriormente, publicado em seu livro *Pábulo para una historia*⁴⁶², de 1958, com o título de *Balance de la Revolución*.

Como já mencionado outrora, desde os anos de 1930 observamos uma gradativa e significativa aproximação do escritor chihuahuense com as noções enunciadas sobre a Revolução nos discursos oficiais dos presidentes mexicanos. A partir do fim do mandato de Lázaro Cárdenas, em 1940, as políticas empreendidas pelos sucessivos governos, bem como as retóricas presidenciais sofreram modificações, pois, seja na esfera nacional ou no espectro internacional, o contexto se alterou. O mundo passava pela ascensão e declínio dos governos autoritários na Europa, fim da II Guerra Mundial, que culminaria, com a crescente bipolarização ideológica, fruto da Guerra Fria. Em âmbito nacional, embora Lázaro Cárdenas gozasse de expressiva credibilidade, seus projetos de governo e a manutenção das ditas ideias “socialistas” haviam sofrido grande resistência. Nesse sentido, Manuel Ávila Camacho, que assumiu a presidência em 1º de dezembro de 1940, manifestava uma conduta mais moderada e conservadora do ponto de vista reformista. Gradativamente, os governos que assumiram a partir de 1940 se afastaram da prática e da aplicação dos ideais de justiça social. É preciso frisar que, apesar desse afastamento das políticas de cunho mais reformista, a retórica presidencial ainda ostentava a concepção da “Revolução contínua”, a qual em momentos de crise ou instabilidade era imediatamente resgatada para apaziguar os ânimos e relembrar os diferentes grupos

⁴⁶¹ SILVA-HERZOG, Jesús; TORRES, Elena. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento). México: Sociedad Mexicana de Geografía y Estadística, 1945.

⁴⁶² *Pábulo para una historia*, lançado como livro em 1958, é mais uma miscelânea de textos produzidos por Guzmán entre 1923 e 1958, os quais haviam sido publicados inicialmente em jornais da Cidade do México (*Excélsior*, *Tiempo*, *El Mundo*, *El Nacional*).

sociais da *unidade nacional*.⁴⁶³

Como formulado por Luis Barrón,⁴⁶⁴ os intentos de interpretação da Revolução passam por algumas perguntas elementares como: “¿Qué es una revolución? ¿Cómo definirla? ¿Qué marca su inicio y qué marca su fin?”⁴⁶⁵. Assim, conforme salientado pelo referido historiador, “diferentes definições de Revolução implicam em distintos posicionamentos” políticos e, estes, por sua vez, repercutem em marcos cronológicos também díspares:

Estos conflictos de periodización, en el fondo, también reflejan las diferentes maneras de entender lo que *fue* o lo que *es* la Revolución mexicana en particular. Es decir, más allá de la reflexión teórica, está la batalla por definir *la* Revolución mexicana como concepto, y por apropiarse de ella como mito legitimador de cierta ideología y del gobierno. Por eso la Revolución mexicana no sólo es historia, sino también memoria, y en la medida en que es memoria, también es mito e idea (y ligada esta última al proceso político, también es ideología).⁴⁶⁶

Mais do que uma operação metodológica da historiografia a periodização da Revolução pode significar uma forma de se posicionar e atuar politicamente no conflito de interpretações e interesses políticos. A operacionalização dos marcos temporais de início e fim da Revolução, bem como suas conquistas a partir da década de 1940 possuem outra roupagem daquele manifestado nas três décadas anteriores. Isso porque os conflitos da década de 1910 adquiriam maior distância no tempo e o exercício da política do partido oficial também se modificava. Definir a Revolução e empreender um esforço de compreensão do movimento revolucionário consiste em um terreno de disputas, batalhas, tensões políticas e sociais. Na conjuntura dos anos de 1940 esse debate assumiu cada vez mais um teor de adesão ao projeto governamental ou distanciamento dele.⁴⁶⁷

⁴⁶³ BAIÃO. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994). 2016.

⁴⁶⁴ BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución Mexicana*. México: FCE, CIDE, 2004, p. 17.

⁴⁶⁵ Quanto à periodização da Revolução Mexicana na historiografia, Luis Barrón esclarece: “Algunas historias académicas consideran el período 1910-1920, pues en ese último año la violencia generalizada prácticamente terminó, al mismo tiempo que el ejército retomaba el control del Estado. Otras comienzan en 1910, pero argumentan que la Constitución de 1917 puso fin al periodo revolucionario. Otras no están de acuerdo en que 1910 marca el inicio de la Revolución, y aunque la violencia generalizada haya terminado en 1920, consideran que los cambios revolucionarios siguieron, al menos, hasta 1940, cuando el proyecto cardenista de cambio social llegó formalmente a su fin. Y todavía otras argumentan que la Revolución fue en realidad “interrumpida”, cuando los ejércitos de Pancho Villa y Emiliano Zapata fueron derrotados en 1915, para continuar luego de la muerte de Venustiano Carranza en 1920, radicalizándose en el sexenio cardenista para finalmente detenerse en 1940.” BARRÓN. *Historias de la Revolución Mexicana*, p. 18.

⁴⁶⁶ BARRÓN. *Historias de la Revolución Mexicana*, p. 19.

⁴⁶⁷ A concepção de que havia apenas *uma* Revolução estava presente no contexto revolucionário desde o governo de Venustiano Carranza, que, juntamente com os intelectuais que o apoiavam, buscaram

Intelectuais de relevo como José Vasconcelos e Luis Cabrera já haviam buscado definir a Revolução Mexicana e estabelecer seus marcos temporais nas décadas anteriores. No entanto, ao contrário da maior parte dos oradores presentes na mesa-redonda de 1945, os argumentos dos dois intelectuais contestavam a longevidade da Revolução e a elite política pós-revolucionária. Tanto Luis Cabrera como José Vasconcelos foram intelectuais fundamentais na construção da Revolução como mito político.⁴⁶⁸ O primeiro durante o governo de Venustiano Carranza, nos anos de 1910, e o segundo na gestão de Álvaro Obregón (1920-1924). A partir do final da década de 1920, os dois intelectuais passaram a criticar e a questionar a “Revolução feita governo”, acusando a elite política de ter roubado a legitimidade da verdadeira Revolução com a finalidade de respaldar um governo corrupto e alheio aos ideais originais do movimento.⁴⁶⁹ Em 1947, outro reconhecido intelectual, Daniel Cosío Villegas,⁴⁷⁰ também apresentou suas críticas ao governo “revolucionário” no ensaio *Crisis de México* publicado na revista *Cuadernos Americanos*. Para Cosío Villegas, os revolucionários haviam sido excelentes destruidores, porém apresentavam habilidades e capacidades inferiores ao que a obra revolucionária necessitava.⁴⁷¹

estabelecer uma versão “oficial”, vinculando-o diretamente ao presidente assassinado, Francisco I. Madero. De maneira mais direta, como afirmado por Barrón, a apropriação da Revolução como “conceito” esteve presente desde os primeiros tempos do conflito e isso significava dissolver as diferenças e conferir legitimidade ao grupo no poder. “Así, prácticamente, desde que Carranza tomó el poder, el discurso oficial implicó una interpretación “monolítica” del proceso revolucionario. Es decir, en el discurso oficial, la Revolución era una, un solo proceso de principio a fin, nacionalista, antiimperialista, agrarista y popular (que quedó plasmada en la Constitución de 1917), y del que, con el tiempo, había nacido una sola “familia revolucionaria” que se encargaría de proteger y, desde 1929, “institucionalizar” la Revolución.” Cf. BARRÓN. *Historias de la Revolución Mexicana*, p. 20-23.

⁴⁶⁸ Para Luis Barrón, as revoluções implicam em mudanças no âmbito linguístico e cultural, sendo que “la construcción de una historia de la revolución mexicana que serviera como *mito legitimador de las acciones de los gobiernos del nuevo régimen* es ejemplo ya bastante estudiado de cómo se dan esos procesos de cambio cultural luego de las revoluciones sociales”. Cf. BARRÓN, Luis. José Vasconcelos, Luis Cabrera y la Revolución Mexicana. *Historia y política: ideas, procesos y movimientos sociales*. Madrid, nº 11, enero-junio 2004, p. 109.

⁴⁶⁹ BARRÓN. José Vasconcelos, Luis Cabrera y la Revolución Mexicana.

⁴⁷⁰ Daniel Cosío Villegas (1898-1976) foi economista, ensaísta, político e fundador de uma das mais importantes editoras mexicanas, a Fondo de Cultura Económica.

⁴⁷¹ “Lo cierto es lo que antes dije: todos los revolucionarios fueron inferiores a la obra que la Revolución necesitaba hacer: Madero destruyó el porfirismo, pero no creó la democracia en México; Calles y Cárdenas acabaron con el latifundio, pero no crearon la nueva agricultura mexicana. ¿O será que el instinto basta para destruir, pero no para crear? A los hombres de la Revolución puede juzgárseles ya con certeza, afirmando que fueron magníficos destructores, pero que nada de lo que crearon para sustituir a lo destruido ha resultado indiscutiblemente mejor. No se quiere decir, por supuesto, que la Revolución no haya creado *nada*, absolutamente nada: durante ella han nacido instituciones nuevas, una importante red de carreteras, obras de riego impresionantes, millares de escuelas y buen número de servicios públicos; pero ninguna de esas cosas, a despecho de su importancia, ha logrado transformar tangiblemente al país, haciéndolo más feliz. Así, la obra de la Revolución siempre ha quedado en la postura más vulnerable: expuesta a las furias de sus enemigos, y sin engendrar en los partidarios el encendido convencimiento de la obra hecha y rematada. Pues la justificación de la Revolución Mexicana, como de toda revolución, de todo movimiento

É sintomático perceber que esses três intelectuais não participaram da mesa-redonda cuja proposta era ser “una reunión de hombres interesados en escudriñar la verdad”⁴⁷² sobre a Revolução. Todavia, existia entre os participantes e debatedores pouca tolerância para aqueles que não direcionavam um olhar positivo em direção ao evento histórico ou que contestavam a proposição da “Revolução contínua”.

As questões suscitadas durante o debate pretenderam compreender a Revolução como evento histórico em suas finalidades políticas, ou seja, a preocupação concentrava-se em refletir sobre os rumos do México.⁴⁷³ Debate que foi terreno de disputas e posicionamentos políticos definidos. Com efeito, postularam-se as causas deflagradoras do conflito, a existência de “ideias” e de “ideologias” no movimento revolucionário, a análise da “Revolução no governo” – expressão empregada por Silva-Herzog para designar os governos que surgiram e se apropriaram dos conflitos da década de 1910 –, os efeitos positivos e negativos disso e, finalmente, se o movimento revolucionário havia cumprido seus propósitos. O saldo do balanço, na quase totalidade das intervenções, pendeu para uma defesa da “Revolução feita governo”, em que ainda havia diferentes pontos a serem aprofundados e que, portanto, o movimento deveria seguir adiante nessa longa revolução.

Visando a sistematização dos argumentos, abordaremos, sobretudo, as apresentações do principal orador do evento, Jesús Silva-Herzog – porque dela se desdobram as demais –, e a de Martín Luis Guzmán, na medida em que se fizer necessário mencionaremos os outros interlocutores. Silva-Herzog buscou refletir de modo crítico sobre a Revolução, buscando percebê-la diante das dificuldades de um país herdeiro de mazelas de quatro séculos. O estudioso ofereceu “um balanço da Revolução” que captava os dilemas do movimento revolucionário, contudo assinalando que os ganhos eram superiores. Ademais, ele formulou que os conflitos e, de forma particular, o envolvimento das camadas populares estiveram associados a quatro motivadores fundamentais: “La Revolución Mexicana tuvo su origen en cuatro grandes raíces: hambre de tierras, hambre

que subvierte un orden establecido, no puede ser otra que el convencimiento de su necesidad, es decir, de que sin ella el país estaría en una condición peor o menos buena”. COSÍO VILLEGAS, Diego. La crisis de México. *Cuadernos Americanos*. México. D.F., año VI, vol. 2, marzo-abril 1947, p. 34-35.

⁴⁷² SILVA-HERZOG; TORRES. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento), p. 4.

⁴⁷³ Álvaro Matute afirmou – ao falar sobre os primeiros revisionismos, surgidos no início dos anos de 1950 – que as interpretações empreendidas nesse momento eram de cunho político e não tinham como objetivo precisar interpretações históricas, senão discutir os rumos do país “bajo al amparo de una revolución convertida en ideología, que ya poco tenía que ver con la realidad”. Cf. MATUTE AGUIRRE, Álvaro. Orígenes del revisionismo historiográfico de la Revolución Mexicana. In: _____. Aproximaciones a la historiografía de la Revolución Mexicana. México: Instituto de Investigaciones Históricas; Universidad Nacional Autónoma de México, 2005, p. 39; BARRÓN. *Historias de la Revolución Mexicana*, p. 29.

de pan, hambre de justicia, hambre de libertad”.⁴⁷⁴ Além disso, um outro aspecto – sobre o qual há vasta discussão historiográfica – marca a Conferência: a existência ou não de ideias políticas na Revolução. Essa discussão parece ocupar um lugar caro nos debates da primeira metade do século XX no México, visto que a existência ou não de ideias nos conflitos revolucionários da década de 1910 atribuía à Revolução uma imprecisão de demandas e uma feição caótica, a qual se ajustava, em alguma medida, às reflexões sobre a identidade mexicana. Exemplo desse pensamento pode ser visto no ensaio de Octavio Paz, que ao refletir sobre a “mexicanidade” que estava em formação após a conjuntura dos conflitos, afirmou que a Revolução não poderia justificar a construção da filiação e identificação entre os mexicanos, porque quase não possuía ideias, de tal forma que deveria recorrer a outras possibilidades, como a autofagia ou a invenção de um novo sistema.⁴⁷⁵ A respeito da formação da “ideologia da Revolução Mexicana”, Silva-Herzog reviu seu posicionamento. Em um momento anterior, Silva-Herzog havia discordado da presença de ideias políticas que dessem base ao movimento, todavia ele reconsiderou esse ponto, pelo que afirmou:

*La ideología de la Revolución Mexicana se formó de cuatro grandes caudales: uno, de las ideas expresadas; otro, las luchas emprendidas; caudales que en un momento se juntan y marchan hacia un mismo paraje que significa la formación de un pensamiento, o que desemboca, diremos, usando otros términos, en la Constitución de 1917.*⁴⁷⁶

Nesse deslocamento de perspectiva a respeito do tema da “ideologia da Revolução”, Silva-Herzog sinalizou a existência do Manifesto do Partido Liberal de 1906, que continha diferentes reivindicações de parte dos revolucionários, o Plano de San Luis de Potosí, o Plano de Ayala, o Plano de Guadalupe.⁴⁷⁷ As ideias que fundamentaram

⁴⁷⁴ SILVA-HERZOG; TORRES. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento), p. 13.

⁴⁷⁵ PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão*. Tradução: Ari Roitman, Paulina Watch. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 150.

⁴⁷⁶ SILVA-HERZOG; TORRES. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento), p. 13. Grifos nossos.

⁴⁷⁷ O Plano de San Luis de Potosí, assinado por Francisco I. Madero em 05 de outubro de 1910, conclamava os mexicanos a tomar as armas e lutar contra o governo de Porfirio Díaz sob a bandeira da “não reeleição e do voto efetivo”. O Plano de Ayala, por seu turno, havia sido apresentado pelos zapatistas em 28 de novembro de 1911. Por meio desse plano, os zapatistas contestavam o governo de Madero em virtude da não destituição de parte das antigas autoridades porfiristas e do não cumprimento de itens contidos no Plano de San Luis de Potosí, como, por exemplo, a proteção e garantia das terras aos indígenas do estado de Morelos. O Plano de Guadalupe, datado de 27 de março de 1913, foi escrito após o assassinato do presidente Francisco I. Madero. Através desse plano, os segmentos revolucionários contestaram a presidência do general Victoriano Huerta, criaram o exército constitucionalista e proclamaram Venustiano Carranza o Primeiro Chefe desse exército. Cf. Anexo. In: CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*.

a Revolução, segundo Silva-Herzog, estavam presentes antes do conflito para certos segmentos, porém, para grande parte dos envolvidos, elas foram ganhando sentido no processo revolucionário. Assim, a Constituição de 1917 aparece como síntese, tendo resultado dos distintos planos e demandas surgidos em meio a luta fratricida: “De manera que así vemos cómo los acontecimientos de la lucha, por un lado y por el otro, el pensamiento revolucionario, fueron condensándose hasta expresarse en la Constitución de 1917. Así se formó la ideología de la Revolución Mexicana”.⁴⁷⁸

Para Silva-Herzog, a Revolução havia realizado poucos de seus propósitos, porém isso não significava que ela havia concluído sua obra:

Yo no creo que la ideología de la Revolución debe quedarse en 1917 y que de allí no hay que avanzar un paso más. *A mí me parece que la Revolución no ha terminado y que necesariamente tiene que irse renovando de acuerdo con las corrientes del pensamiento universal, del pensamiento interno de México y de las nuevas necesidades que indudablemente tiene que ir apareciendo en la evolución de un pueblo.* La Revolución no habrá terminado hasta en tanto – como lo dice en otra ocasión – no se satisfaga plenamente el hambre de tierras, el hambre de pan, el hambre de justicia, el hambre de libertad.⁴⁷⁹

A Revolução, conforme Silva-Herzog, não havia terminado e seguiria adiante até que os anseios por terra, pão, justiça social e liberdade fossem satisfeitos. Essa proposição está intimamente relacionada com a “La Revolución en el Gobierno”, título da terceira parte da exposição do historiador, a qual ele dividiu em: a) aspectos afirmativos; b) aspectos negativos, e; c) um balanço esquemático. O historiador mexicano realizou críticas importantes à aplicação da Lei Agrária no país, ao afirmar que ela deveria ser reformada a fim de que mais terras fossem distribuídas aos camponeses e que estes recebessem apoio financeiro, objetivando intensificar suas chances de produtividade e ganhos. Além de pleitear maiores investimentos nas universidades e nas artes. Seu intuito ao contribuir para a promoção de *um* balanço sobre a Revolução era:

Pero no es hora de entonar himnos a la Revolución; es la hora de depurarla, es la hora de corregir sus deficiencias, es la hora de esforzarse por marchar hacia adelante, en el sentido de perfección, de perfección ética, de perfección ideológica. Necesitamos precisar los caminos que habrá que seguir en el inmediato porvenir. Tal vez necesitemos hacer un buen gobierno para cuaje

⁴⁷⁸ SILVA-HERZOG; TORRES. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento), p. 21.

⁴⁷⁹ SILVA-HERZOG; TORRES. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento), p. 21. Grifos nossos.

plenamente el pensamiento revolucionario; tal vez necesitemos hacer una tecnocracia gubernamental, con profundas raíces morales. Estas tareas son arduas, pero hay que realizarlas, o por lo menos intentar realizarlas. Hay que elevar el nivel de vida del pueblo de México, hay que acabar con el hambre del pueblo: hambre de pan, de tierras, de justicia y de libertad. Y esto sólo se logrará con competencia y honestidad. Si amamos la Revolución, los que amamos, debemos esforzarnos por hacer de ella una obra fecunda y creadora.⁴⁸⁰

Como Martín Luis Guzmán se insere nessa busca de compreensão da Revolução? Como suas interpretações sobre a Revolução em 1945 podem contribuir para o debate? Questionar a existência ou não de ideias no movimento revolucionário configura um problema para o escritor? A Revolução completava seu trigésimo quinto aniversário, e na retórica de parte dos revolucionários e do partido oficial, ela ainda estava acontecendo.

Arguto com as palavras, Guzmán inicia sua intervenção questionando se eles, “contemporâneos da Revolução”, “filhos da Revolução”, poderiam “julgar a Revolução”. O intelectual já assinala em sua primeira frase que existe ali “um impulso político imediato”. O escritor estava ciente da parcialidade e dos interesses políticos que esse tipo de exame poderia conter.

A experiência da Revolução na perspectiva de Guzmán se deu de maneira distinta para os diferentes grupos e pessoas. Para abordar essa distinção, o autor lançou mão da metáfora de uma onda no mar, indicando que esta possui partes diferentes:

Para mí, la Revolución, respecto de la historia de México es lo mismo que una ola respecto del mar; y de esa ola nosotros formamos parte. Hay quienes estuvieron en la espuma de la ola en el momento en que la ola rompió; para ellos la Revolución es espuma. Hay quienes han permanecido en aquella región de la ola no conturbada por el movimiento ni tan ancha que no la atravesase la luz; para ellos la Revolución diáfana, es claridad. Y hay los que por estar en la base de la ola, cerca del suelo marino donde la ola choca y se deshace, tienen seguramente de la Revolución idea análoga a la que tendría de la ola la parte del mar que sólo sabe de su lucha con la arena de la playa. Si, pues, cada uno de nosotros, aunque no lo queramos, hemos vivido en alguna de las regiones de la gran ola que es el movimiento revolucionario nacido con Aquiles Serdán, en 1910, y todavía en marcha, ¿no nos incapacita eso para decidir lo que la Revolución es ya, así acopiemos documentos, y retrotraigamos nuestros recuerdos, y lo analicemos todo, y lo coordinemos? Entonces, lo más sensato es que sigamos haciendo la Revolución quienes seguimos siendo revolucionarios después de treinta y cinco años de brega, y que continúen siendo contrarrevolucionarios o reaccionarios, querido Federico Cervantes, quienes lo sean, y que se vuelven reaccionarios los revolucionarios que se hayan cansado de ser lo que hasta ahora fueron. De este modo, pasados cuarenta, cincuenta, cien años, vendrán los historiadores, que a su tiempo sabrán y dirán si la Revolución fue un movimiento que triunfó o fracasó, si

⁴⁸⁰ SILVA-HERZOG; TORRES. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento), p. 36.

Com efeito, as expectativas em torno da Revolução, os lugares sociais dos sujeitos que participaram dos conflitos apontam para o tipo de experiência e para as conclusões sobre a obra revolucionária em seu presente. No entanto, aqueles que teriam a resposta final, na opinião de Guzmán, seriam os historiadores, que, por força do ofício, lançariam um olhar retrospectivo na busca de compreender o movimento revolucionário mexicano e seu legado.

O escritor chihuahuense concorda com Silva-Herzog no que tange ao desenvolvimento das ideias políticas antes e durante a Revolução. Isto é, algumas ideias vinham de experiências anteriores ao movimento, como o liberalismo, e outras se formaram durante os conflitos revolucionários. Para muitos veteranos ou contemporâneos da Revolução, o movimento teve sua origem em um impulso espontâneo, sem reflexão, e não em ideias, de tal forma que esse debate ganhou corpo em interpretações sobre o processo revolucionário na primeira metade do século XX, sendo, posteriormente, recuperado pela historiografia revisionista das décadas de 1970 e 1980, na qual Arnaldo Córdova é um dos principais representantes:

Una de las falacias más absurdas que durante mucho tiempo privaron en los estudios nacionales y extranjeros sobre la Revolución Mexicana consistió en afirmar que ésta había sido una “revolución sin ideas”, que se había ido haciendo sobre la práctica, prevaleciendo los hechos sobre el pensamiento y avasallando a los hombres a fuerzas ciegas y sin control.⁴⁸²

Dentro desse quadro de debate a respeito das ideias políticas presentes no conflito de 1910, Martín Luis Guzmán, como um veterano da Revolução, expressou o conjunto de medidas que fundamentaram as ações de sua vertente revolucionária, isto é, do villismo. É preciso destacar que Guzmán, a partir das publicações de *Memorias de Pancho Villa*, entre os anos de 1938 e 1951, tornou-se uma voz autorizada sobre a vida do líder revolucionário nos circuitos intelectuais e políticos mexicanos. Nesse sentido, o intelectual também buscou aproximar sua trajetória da imagem de Francisco Villa. Isso, para nós, pode estar relacionado a dois fatores. O primeiro fator materializa-se no intento

⁴⁸¹ SILVA-HERZOG; TORRES. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento), p. 97.

⁴⁸² CÓRDOVA, Arnaldo. La lucha ideológica en la Revolución Mexicana. In: _____. *La revolución y el Estado en México*. México: Ediciones Era, 1989, p. 54. Grifos nossos.

de retirar a representação de Francisco Villa da marginalização em que foi colocada pelos governos pós-revolucionários.⁴⁸³ O segundo fator consiste na tentativa de Martín Luis Guzmán em mostrar sua participação nos conflitos revolucionários e, como consequência, em um lado legítimo do movimento. No Segundo Congresso Mexicano de Ciências Sociais, Guzmán fez apontamentos sobre as medidas econômicas e sociais do líder e sublinha o fato de que Villa – dentre os líderes revolucionários – era aquele que não possuía, na Cidade do México, uma rua com seu nome. Mais uma vez salientamos que as perspectivas do autor se modificaram em relação aos escritos das décadas anteriores. No período que antecede 1930, percebemos uma ênfase maior na dimensão política, mas a partir de seu retorno ao México conseguimos observar um foco maior nos aspectos sociais e econômicos, o que pode se explicar em virtude das reorientações do movimento naquele contexto, porém, também pode estar relacionado à associação que o autor pretendeu fazer de sua pessoa com a figura de Villa:⁴⁸⁴

No recuerdo esto para exaltar la sola figura de Villa, pues igual podría decir de otros muchos jefes revolucionarios. Lo cuento para que se advierta que aquel movimiento era social y económico, y no tan sólo político, como en apariencia lo había sido el que encabezó el señor Madero en 1910.⁴⁸⁵

Guzmán tematizou alguns aspectos do período pós-Revolucionário estabelecendo contrapontos com o regime porfirista. Pode-se afirmar que Guzmán foi bem mais incisivo que Silva-Herzog na defesa da existência de liberdade política e social nos governos ditos revolucionários. De tal forma que, para ele: “a Revolución, en el orden político, ha sido un gran triunfo casi inigualable”.⁴⁸⁶ Ademais, o periodista assinala que as debilidades da Revolução relacionam-se às limitadas habilidades dos revolucionários, já que a maior parte da classe política de 1910 era contrarrevolucionária, argumento esboçado em obras anteriores:

⁴⁸³ As representações sobre a figura de Francisco Villa oferecidas pelos governos pós-revolucionários denotavam a liderança de um grupo revolucionário de dimensão local (centralizado no norte do México) e sem planos políticos e sociais para o país. Além disso, conforme as análises de Vasconcellos sobre as imagens da Revolução Mexicana e a organização do Museu Nacional de História do México, difundia-se um discurso hierarquizado, segundo o qual as figuras de Francisco I. Madero e Venustiano Carranza – representantes das vertentes liberais – eram valorizadas em detrimento de Francisco Villa e Emiliano Zapata – representantes dos anseios populares. Cf. VASCONCELLOS, Camilo de Mello. *Imagens da Revolução Mexicana*. O Museu Nacional de História do México (1940-1982). São Paulo: Alameda, 2007.

⁴⁸⁴ Sobre as representações tecidas sobre Francisco Villa e a busca de aproximação com a figura do líder revolucionário por Martín Luis Guzmán. Cf.: CIFUENTES-GOODBODY. *The man who wrote Pancho Villa*. Martín Luis Guzmán and the Politics of Life Writing.

⁴⁸⁵ SILVA-HERZOG; TORRES. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento), p. 100.

⁴⁸⁶ SILVA-HERZOG; TORRES. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento), p. 104.

Para juzgar bien la obra revolucionaria no basta con hacer parangones entre lo que era México antes de la Revolución y lo que es hoy, o entre lo que la Revolución se ha propuesto y lo que la Revolución ha conseguido. *Hay que tomar también en cuenta las incapacidades con que la Revolución ha tenido que trabajar y, más todavía, las trabas que, para negarse o traicionarse en su idea, la Revolución ha debido ponerse a sí misma.*⁴⁸⁷

Nesse sentido, a Revolução, na perspectiva de Guzmán, precisou lidar tanto com as inabilidades presentes na conjuntura revolucionária e pós-revolucionária, como necessitou limitar certas pretensões reformistas para que continuasse em marcha. Para o escritor, até mesmo no contexto da década de 1940, o sufrágio efetivo era inviável, “impraticável”. Pois, segundo ele, a “reação” possuía condições de vencer as eleições - nos distintos níveis - já que tinha vantajosa condição financeira e controle da imprensa.⁴⁸⁸ Guzmán foi bastante contraditório nessas argumentações, sobretudo quando levamos em conta sua posição liberal, pela qual - ao menos no discurso - defendeu o exercício da liberdade e o fortalecimento das instituições democráticas. Ao que parece, na abordagem que fez do problema eleitoral mexicano, Guzmán justificou as fraudes eleitorais que garantiam a vitória do partido oficial como mecanismos aceitáveis para evitar a chegada da oposição ao poder e, assim, o retrocesso dos ganhos obtidos através da obra revolucionária. As fraudes eleitorais na política mexicana ao longo do século XX é um elemento salientado por vasta bibliografia que busca compreender as particularidades daquele sistema político. Como indicado por Crespo: “El recurso al fraude a favor del partido oficial, solapado, apoyado o a veces realizado por las propias instituciones gubernamentales, cuyo control del proceso electoral favorece la comisión impune de diversas irregularidades que pueden llegar a modificar un resultado desfavorable al gobierno”.⁴⁸⁹ A existência de partidos de oposição era aceita com a finalidade de garantir feições democráticas ao regime político, porém, desde sua criação em 1929, o partido oficial teve como objetivo controlar e abarcar todo o espectro político nacional, sendo o principal meio pelo qual as disputas e tensões deveriam se desenrolar.⁴⁹⁰ A não reeleição, por sua vez, já se encontrava absolutamente incorporada aos hábitos políticos mexicanos

⁴⁸⁷ SILVA-HERZOG; TORRES. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento), p. 108.

⁴⁸⁸ SILVA-HERZOG; TORRES. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento), p. 109.

⁴⁸⁹ CRESPO, José Antonio. *PRI: De la hegemonía revolucionaria a la dominación democrática*. Política y gobierno, México, enero-junio de 1994 apud BAIÃO. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994), p. 48.

⁴⁹⁰ CARBONELL. *El fin de las certezas autoritarias*. Hacia la construcción de un nuevo sistema político y constitucional para México.

desde o assassinato de Álvaro Obregón em 1928. Como salientado por Krauze, o mandamento primordial do presidencialismo mexicano consistia em ceder a presidência no final do sexto ano de mandato.⁴⁹¹ Guzmán reconheceu e ratificou essas características do jogo político mexicano e, ainda, acrescentou:

En la actualidad, para ser Presidente de este país hay que contar con el sufragio de las fuerzas políticas organizadas, con los sindicatos nacionales de obreros y campesinos y con una serie de resortes, también políticos, representados por lo que da base a los poderes locales, esparcidos por todo el territorio de la República, más un sinnúmero de organismos que tienen en sus manos la efectividad del sufragio revolucionario, libremente consciente, que es el que cuenta. En esta medida la Revolución sí ha cumplido sus promesas políticas; interpretado de este modo, el sufragio efectivo sí existe.⁴⁹²

Diante disso, para o escritor, a validade do processo eleitoral mexicano residia no reconhecimento do voto dos setores compreendidos como “revolucionários”, que, no excerto, correspondem aos sindicatos dos operários e camponeses e outros organismos corporativos ligados ao regime. Portanto, para Guzmán, em 1945: “la Revolución ha triunfado, que se ha realizado, que se está realizando”. A Revolução triunfou, foi realizada e ainda estaria em movimento. Para ele, o saldo em relação ao período porfirista era visível e não precisava ser demonstrado por meio de estatísticas. Sua adesão ao projeto revolucionário posterior a 1940 foi visível, ainda que em alguns momentos existam pontos pouco claros, como é o caso da criação do PNLM e o papel que o escritor esperava que ele desempenhasse na política mexicana.

Ao contrário do que a historiografia produzida nas últimas décadas indica sobre as resistências e as repressões operadas pelo Estado contra os movimentos grevistas, o intelectual e periodista defendeu a existência de um governo revolucionário que teria garantido as liberdades políticas e de manifestação, bem como as conquistas sociais e econômicas. Assim, mais uma vez, a Revolução, para Guzmán, teria realizado seus fins, posto que teria garantido o direito à liberdade política e o acesso à melhores condições de vida para as camadas populares, o que não aconteceu de fato:

Naturalmente que mis palabras pueden tener un coeficiente de invalidez, si no en el todo, en alguna parte. Porque yo fui revolucionario, y sigo siendo-lo; porque sigo creyendo todas las verdades que creía en 1908, en 1910, en 1913,

⁴⁹¹ KRAUZE, Enrique. *La presidencia imperial*. Ascenso y caída del sistema político mexicano (1940-1996). México, D. F.: Tusquets Editores, 1997 *apud* BAIÃO. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994), p. 92.

⁴⁹² SILVA-HERZOG; TORRES. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento), p. 110.

en 1917. Y como soy revolucionario, tengo fe profunda en la Revolución, que anda muy lejos de haberse consumado y que en gran parte está aún por hacerse.⁴⁹³

Como podemos perceber por meio da análise da intervenção de Guzmán em 1945, havia um saldo consideravelmente positivo no contexto pós-1910. Pois, apesar de admitir a existência de uma série de problemas da Revolução no governo – como, por exemplo, a moralidade pública –, para os quais ele fez “vistas grossas”, o governo “de la Revolución” era indubitavelmente um regime melhor do que o porfiriato.

Como já abordado, entre 1946 e 1947, Guzmán ensaiou a formação de um partido, o PNLM, contudo esse não se consolidou e demonstrou certa vinculação com o Partido oficial, o PRM-PRI. De tal forma que alguns dos convidados questionavam a validade da criação do PNLM, já que ele apresentava tantas similaridades com o partido oficial. Em 1954, o escritor pronunciou o discurso *Apunte para una personalidad*, no qual ele vinculou sua trajetória de vida e obra ao liberalismo e à Revolução. Publicamente era essa a memória que Guzmán construía para si: uma vida entrelaçada com a história nacional. Como assinalado pelo pesquisador Goodbody-Cifuentes, a inserção de Guzmán na *Academia Mexicana de la Lengua*, solenidade assistida pelo então presidente do México, Adolfo Ruiz Cortines, marca de forma simbólica os compromissos cada vez mais frequentes assumidos pelo escritor com o governo priísta.

Em 1957 e 1958, o periodista acompanhou as campanhas eleitorais do candidato à presidência pelo Partido Revolucionário Institucional, Adolfo López Mateos. Também em 1958, Guzmán recebeu o Prêmio Nacional de Literatura por conduto do presidente Ruiz Cortines. Durante o mês de dezembro desse mesmo ano, o romancista recebeu dois prêmios de universidades públicas, da Universidade Autônoma do Estado de México e da Universidade de Chihuahua. Em 1959, o escritor recebeu o Prêmio Literário Manuel Ávila Camacho das mãos do presidente da República Adolfo López Mateos.⁴⁹⁴ Em fevereiro daquele ano, o intelectual foi nomeado por López Mateos como presidente da Comissão Nacional de Livros de Texto Gratuitos.⁴⁹⁵ Em 1964, o escritor acompanhou o

⁴⁹³ SILVA-HERZOG; TORRES. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento), p. 115

⁴⁹⁴ OLEA FRANCO, Rafael. Cronología. In: GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002, p. 444.

⁴⁹⁵ Em fevereiro de 1959, o presidente Adolfo López Mateos criou a *Comisión Nacional de Libros de Textos Gratuitos* (Conaliteg) visando fixar e controlar a metodologia e o conteúdo destinados à educação primária. Esses livros, segundo Elizer Ixba Alejos, inicialmente eram de uso obrigatório em escolas públicas e privadas. Consonante Fábio Baião, os textos desses livros didáticos continham altas doses de um “civismo presidencial” e promoviam uma filiação orgânica entre o processo revolucionário de 1910 e os governos priístas. Mais uma vez, portanto, percebemos que o cargo ostentado por Guzmán na Conaliteg demonstra a adesão do escritor ao projeto educacional priísta e à ideia da longa Revolução. Cf. LAINE, Cecília Greaves. Política educativa y libros de textos gratuitos. Una polémica em torno del control por la educación.

candidato à presidência Gustavo Díaz Ordaz em sua campanha eleitoral pelo estado de Chihuahua. Em 1965, Guzmán recebeu a condecoração ao “Mérito Revolucionário”.⁴⁹⁶ Em 1966, na solenidade de apresentação da inscrição do nome de Francisco Villa nos muros do recinto parlamentar, Guzmán foi ovacionado por sua prolongada busca em tornar o líder revolucionário um herói nacional. Em 1967, Guzmán foi amplamente homenageado pela intelectualidade mexicana por seus 80 anos de idade.⁴⁹⁷ Em 1969, assumiu o cargo de senador pelo PRI.

Após essa vasta lista de homenagens e compromissos assumidos com o governo priísta, vislumbramos uma das ações mais dramáticas da carreira intelectual de Martín Luis Guzmán. No qual o longo processo de auto-representação operado pelo romancista foi lançado ao chão em virtude de suas posturas políticas favoráveis à repressão executada pelo governo de Gustavo Díaz Ordaz aos estudantes na Praça das Três Culturas, em 1968.

O ano de 1968 no México foi marcado pelas manifestações estudantis, considerada a mobilização antigovernamental que mais atraiu adesão e despertou expectativas desde a Revolução Mexicana de 1910. O México que vivenciou a primeira revolução de cunho social do século XX, após 1940 experimentou um afastamento cada vez maior das demandas iniciais daquele evento e um aprofundamento das práticas autoritárias, das práticas capitalistas expressas no “milagre econômico” e da estabilidade priísta no poder. Fatores que atrelados a absorção, pelo Estado, das instâncias de participação e manifestação política, contribuíram para a permanência e manutenção do Partido da Revolução Institucionalizada (PRI) no poder.⁴⁹⁸

Revista Mexicana de Investigación Educativa, vol. 6, n. 12, mayo-agosto, 2001. Consejo Mexicano de Investigación Educativa, A. C. Distrito Federal, México, p. 216.; BAIÃO, Fábio Eduardo de Araújo. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994), p. 113.

⁴⁹⁶ A medalha “Mérito Revolucionário” foi criada em 31 de outubro de 1940 por Lázaro Cárdenas. O objetivo era homenagear os serviços prestados à causa da Revolução Mexicana por civis e militares a partir de junho de 1907, data considerada como início dos primeiros traços formais do conflito. Cf. *Diario Oficial* [Órgano del Gobierno Constitucional de los Estados Unidos Mexicanos]. México, 2 de febrero de 1940. Tomo CXVIII, Núm. 28, p. 1-2. Disponível em:

<http://www.dof.gob.mx/nota_to_imagen_fs.php?cod_diario=191838&pagina=1&seccion=0>. Acesso em 06 de dezembro de 2017.

⁴⁹⁷ Carta do presidente Gustavo Díaz Ordaz por ocasião do aniversário de Martín Luis Guzmán, datada de 18 de outubro de 1967: “La Revolución Mexicana es un movimiento político y social que ha transformado y continúa transformando la vida de un pueblo hasta lo profundo de las conciencias. En ellas y por ella muchas vidas han encontrado particular destino. En pocas como en la suya han dejado huella tan indeleble los ideales revolucionarios. Todas las facetas de su fecunda actividad – novelista, periodista, ensayista, educador – revelan esa actitud fundamental. Además, su talento ha sabido rescatar los diversos sucesos de la Revolución para infundirles la vida eterna del arte. CORRESPONDENCIA con el presidente de la República Gustavo Díaz Ordaz. 1964-1977. México, DF, s.p. Archivo de la Universidad Nacional Autónoma de México. Fondo: Martín Luis Guzmán.

⁴⁹⁸ AGUILAR CAMÍN; MEYER. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*.

Diante de um cenário de má distribuição das riquezas, corrupção, permanência de um partido por cerca de 40 anos no poder, de censura e estreitamento da esfera pública, o estopim para a permanência e intensificação das manifestações no México foi a violência aplicada pela polícia nas passeatas de 22 e 26 de julho de 1968, estendendo-se, desse modo, por 146 dias, culminando com o massacre na Praça das Três Culturas, em 2 de outubro daquele ano:

Sin duda, la insurrección del 68 fue la primera del México moderno: del país urbano, educado, con una creciente clase ilustrada y cada vez más inconforme. Sus integrantes fueron los hijos de esa emergente clase media resultante del desarrollo económico de los años anteriores: eran el embrión del México actual, que ya no cabía en el *corsé* del régimen priísta.⁴⁹⁹

As demandas dos manifestantes mexicanos possuíam caráter nitidamente político, nas quais eles pediam por: liberdade dos presos políticos (incluindo aqueles que haviam sido presos no movimento operário de 1958); extinção do artigo 145 do Código Penal Federal, que inibia manifestações públicas; dissolução do corpo de granadeiros (polícia de repressão); destituição dos chefes policiais Cueto, Mendiola e Frías; indenização aos familiares de todos os mortos e feridos desde o início dos conflitos e; culpabilização e responsabilização dos assassinatos.

Tratava-se de um momento bastante crítico para com o governo de Gustavo Díaz Ordaz, pois o México seria a sede dos XIX Jogos Olímpicos, previstos para ocorrer entre os dias 12 e 27 de outubro de 1968. O governo priísta desejava mostrar ao mundo que o México, primeiro país em vias de desenvolvimento a sediar um evento daquela amplitude, havia superado suas dificuldades, gozava de estabilidade política e econômica e havia se modernizado. De acordo com Elena Poniatowska (2008), a fim de impressionar o mundo e atrair a atenção de investidores, na Cidade do México, em menos de um ano, surgiram a Vila Olímpica, os conjuntos esportivos, os estádios e algumas inovações que objetivavam exibir as riquezas espirituais e intelectuais do país. Contudo, havia parcelas significativas da população mexicana sendo excluídas dessas inovações e riquezas que o país produzia.

Ao longo dos meses de julho a outubro de 1968, os protestos estavam sendo reprimidos com crescente violência, resultando frequentemente em mortes, feridos e

⁴⁹⁹ CARBONELL. *El fin de las certezas autoritarias*. Hacia la construcción de un nuevo sistema político y constitucional para México, p. 122.

muitas prisões. Para o dia 02 de outubro, o Conselho Nacional de greve havia marcado um pleito para debater uma proposta de trégua durante os jogos olímpicos – que começariam dentro de 10 dias – e a libertação dos presos políticos que estavam em greve de fome.⁵⁰⁰ De acordo com Poniatowska, na Praça das Três Culturas, estavam reunidas naquele dia, cerca de dez mil pessoas, dentre elas haviam repórteres e fotógrafos nacionais e internacionais, estes últimos haviam chegado ao México para realizarem a cobertura do evento esportivo. Contudo, no dia 02 de outubro de 1968, eles presenciariam um dos episódios mais violentos vivenciados pelo México e pelo movimento estudantil daquele fatídico ano.⁵⁰¹

Até hoje não se sabe exatamente quantas pessoas foram mortas. Os órgãos oficiais noticiaram quarenta e três, enquanto a imprensa internacional informava aproximadamente trezentas pessoas, além do grande número de pessoas que foram feridas e presas. Certo é que em torno do massacre da Praça das Três Culturas giram inúmeros silêncios, os quais começaram naquele momento com os policiais tomando as máquinas fotográficas dos jornalistas, parte da imprensa mexicana sendo censurada e a outra parte, juntamente com os políticos, sendo coniventes com a repressão operada pelo governo, como foi possível observar com a aprovação, pela Câmara, das medidas de contenção tomadas pelo presidente Díaz Ordaz, como o uso do Exército e das demais forças de segurança pública.

O massacre na Praça das Três Culturas foi publicado nos jornais de muitos países, afinal o México, em 1968, estava sob holofotes, o que contribuiu para a grande repercussão e veiculação de notícias a seu respeito. No entanto, é bom pontuar que isso não coibiu o governo mexicano para as ações extremamente repressivas em relação as mobilizações estudantis, o que nos leva a refletir sobre o grau de consideração do governo relativo à opinião pública internacional. A prioridade de Díaz Ordaz e do PRI naquele momento – bem mais do que garantir a realização das XIX Olimpíadas – era assegurar e impor sua permanência no poder.

Conforme aponta Isabelle Rousseau, a intensidade da repressão ao movimento estudantil de outubro de 1968 demonstrou a incapacidade do governo para enfrentar os

⁵⁰⁰ ZAPPA, Regina; SOTO, Ernesto. 1968. *Eles só queriam mudar o mundo*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008, p. 238.

⁵⁰¹ PONIATOWSKA, Elena. “1968 abrió un porvenir” [en línea]. *Revista de la Universidad de México*. Nueva época. Octubre 2008, nº 56. Disponível em: <http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/56/poniatowska/56poniatowska.html> acesso em 20/11/2015.

perversos efeitos ligados ao crescimento econômico.⁵⁰² A repressão movida pelo governo contra os estudantes colocou fim às manifestações, todavia também representou um primeiro impulso contra o autoritarismo. O 2 de outubro de 1968, em consequência, inseriu o regime priísta em uma crise da qual ele jamais se recompôs completamente. De tal forma que a estabilidade econômica, que durante tanto tempo sustentou e satisfez a opinião pública nacional, já não era tão intensamente celebrada.⁵⁰³

Nessa perspectiva, “1968 no fue una crisis estructural que pusiera en entredicho al régimen político; fue, más bien, una crisis política y moral, de creencias y de valores, que hizo abrir los ojos a la sociedad y sacudió por completo a la élite gobernante”. Como assinalado por Carbonell, o movimento de 1968 significou o fim de uma época no México. Isso porque levantou problemas de índole política e promoveu a mobilização da sociedade civil. A partir de 1968, ficava cada vez mais patente as debilidades e as fissuras do regime priísta: “En pocas palabras, fue el fin del consenso absoluto acerca de la pertinencia del sistema de dominio político”⁵⁰⁴

Martín Luis Guzmán em seu discurso do dia 02 de junho de 1969, comemoração do *Día de la Prensa Libre*,⁵⁰⁵ realizou uma série de apontamentos a respeito do papel da imprensa diante dos eventos transcorridos em 1968. Sua lógica argumentativa se insere de modo cabal dentro do espectro e léxico do Ocidente capitalista e do maniqueísmo expresso durante a Guerra Fria:

Las autoridades se enfrentaron durante aquellos meses a *una agitación de evidentes tendencias subversivas*; subversivas, sí, según cada una de sus características la configuraba: lo turbio de su origen, lo desmesurado de sus pretensiones falsamente declaradas, lo oculto de sus propósitos ulteriores, lo deliberadamente confusionista de su lenguaje, lo avieso de su mendacidad y procacidad, convertidas en sistema; lo evanescente de sus jefes, no identificables y cambiantes; lo estudiado de su método para esgrimir exigencias inauditas e inadmisibles; lo inagotable de su creciente proselitismo, enfocado hacia la guerrilla y el terror.⁵⁰⁶

⁵⁰² ROUSSEAU, Isabelle. Las nuevas elites y su proyecto modernizador. In: SÉRVIN, Elisa (coord.). Del nacionalismo al neoliberalismo, 1940-1992. México: CIDE, FCE, Conaculta, INEHRM, Fundación Cultural de la Ciudad de México, 2010, p. 245.

⁵⁰³ CARBONELL. *El fin de las certezas autoritarias*. Hacia la construcción de un nuevo sistema político y constitucional para México.

⁵⁰⁴ CARBONELL. *El fin de las certezas autoritarias*. Hacia la construcción de un nuevo sistema político y constitucional para México.

⁵⁰⁵ O dia 07 de junho foi estabelecido pelo governo de Miguel Alemán, em 1951, como o Dia da liberdade de expressão e imprensa no México.

⁵⁰⁶ DISCURSO de Martín Luis Guzmán por ocasião do *Día de la Prensa Libre* em 1969. Exemplar da Revista Pensamiento Político Suplemento de cultura y ciencia política, vol. I, n. 2. Faz parte da série: Trabajos no compilados, caja 87. México, DF, s.p. Archivo de la Universidad Nacional Autónoma de México. Fondo: Martín Luis Guzmán.

Na peça retórica enunciada pelo periodista, a imprensa mexicana gozou de liberdade para se manifestar da forma que considerasse adequada ante um acontecimento “maiúsculo”, isto é, que por suas proporções poderiam afetar a vigência das instituições democráticas e a paz nacional. Dentro da defesa empreendida por Guzmán esses dois elementos conduziam em direção à “verdade”, à “justiça” e ao “amor à pátria” e, logo, deveriam guiar o ofício do jornalista e as notícias veiculadas pelos periódicos. Nesse sentido, esses argumentos abrem espaço para uma tripla interpretação. A primeira refere-se à forma como os jornalistas deveriam se portar diante dos acontecimentos nacionais, leia-se: a favor do governo. A segunda adquire a função de rebater a acusação de que a imprensa mexicana era “vendida”. A terceira corresponde à alegação de que o governo não entrevistou ou censurou os meios de comunicação.

Como salientamos, 1968 afetou de maneira indelével o governo priísta e, por consequência, isso incidiu sobre as formas como ele recorreu ao passado revolucionário para manter seu poder e legitimidade.⁵⁰⁷ Diante desse quadro, levantamos algumas problematizações importantes sobre o nosso objeto: como Martín Luis Guzmán articulou os acontecimentos de 1968 com suas representações a respeito da Revolução Mexicana? Qual o impacto desses acontecimentos para sua trajetória política e intelectual?

Finalizando seu discurso no evento de celebração do dia da imprensa livre, o escritor se dirigiu ao presidente Gustavo Díaz Ordaz e o elogiou, afirmando que o magistrado havia agido dentro da legalidade, daquilo que estava previsto na “Constituição” – “instrumento jurídico da ordem” – diante das manifestações estudantis de 1968. Como assinalado ao longo deste capítulo, as noções de Revolução apresentadas por Guzmán no período subsequente ao seu retorno ao México, em 1936, gradativamente se aproximaram daquelas oferecidas pelos governos PRM-PRI e, em 1968-1969, ficou claro que essa associação ao partido “de la Revolución” era ampla, irrestrita e conservadora. Em seus termos, a “Revolução feita governo” – simbiose entre PRI e Estado – concretizava naquele presente, 1969, um “régime democrático e institucional”, um “México de liberdades, realidades e promessas”, que se davam graças à “nossa revolução”, à “Revolução Mexicana ainda em marcha”. A Revolução Mexicana, para

⁵⁰⁷ Cf. BAIÃO. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994).

Guzmán, naquela conjuntura, mostrava-se por intermédio da ação e condução do PRI.

Em uma entrevista realizada por Eduardo Blanquel, em 1971, o escritor foi indagado sobre sua mudança de posicionamento político ao longo do tempo e sua adesão às esferas oficiais naqueles anos. Ao responder, Guzmán retomou seus artigos da década de 1910 – que foram analisados no capítulo 1 –, os quais apontavam para uma campanha de fomento à criação de um “Partido de la Revolución” empreendida por ele no periódico *El Heraldo de México*. Para o intelectual, os processos eleitorais entre os anos de 1934 a 1970, sob a condução do partido oficial, tinham resultado em uma fórmula “genial en el orden político”: uma democracia *suis generis*, que “não poderia ser aplicada em nenhum outro lugar”. Esta fórmula garantia a tão almejada estabilidade institucional que perpassou os escritos de Guzmán até aqui. Para compreender as representações sobre a Revolução formuladas pelo intelectual entre os anos de 1960 e de 1970, recuperamos uma de suas respostas, nessa mesma entrevista, sobre o papel concernente ao Partido Revolucionário Institucional:

Bueno, em realidad, no hay partido de gobierno en México. La sutileza debe ponerse en eso. Lo que se pasa es que gracias al Partido, a México lo gobierna la Revolución. No el Partido de la Revolución, sino la Revolución. La Revolución que es una idea, un impulso y un propósito que se mantienen, y el Partido es el encargado de mantener el fuego popular que apoya a la Revolución que se ha hecho gobierno. No hay Partido-Gobierno: hay Revolución-Gobierno.⁵⁰⁸

A Revolução como acontecimento havia tido um fim, para Martín Luis Guzmán, em 1917, porém ela continuava presente como “ideia”, “impulso”, “propósito”, orientando o país em seu presente e futuro. Ao PRI caberia, nesse longínquo processo revolucionário, manter aceso o apoio popular à Revolução. Na perspectiva proposta pelo intelectual, não era o partido que se fazia governo, mas a própria Revolução que se consolidava no governo.

Com efeito, diante de uma conjuntura tão tensa como a do fim dos anos de 1960 no México, Guzmán manifestou posicionamentos políticos muito controversos face à opinião pública mexicana. Em uma entrevista concedida por Octavio Paz a Jean Wetz, correspondente do *Le Monde* na Índia, o poeta que, pouco depois dos acontecimentos de

⁵⁰⁸ GUZMÁN, Martín Luis. Entrevista con Martín Luis Guzmán. In: _____. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002. Entrevista concedida a Eduardo Blanquel em maio de 1971, p. 663.

02 de outubro de 1968, havia renunciado ao cargo de embaixador do México naquele país, falou sobre a ação do governo em Tlatelolco e o papel dos escritores naquele presente:

En México es necesario ante todo exorcizar la violencia, al mundo azteca. [...] Existe ciertamente una *cultura oficial* representada por gente como Jaime Torres Bodet y *Martín Luis Guzmán*, que son escritores del régimen. [...] El caso de Martín Luis Guzmán es mucho más lamentable porque se trata de un verdadero escritor y de un antiguo compañero de Pancho Villa. Actualmente es director de una mala imitación de la revista *Time* y ha publicado informaciones “monstruosas” sobre los acontecimientos del 2 octubre.⁵⁰⁹

Martín Luis Guzmán foi um escritor que por longo tempo se preocupou em construir uma imagem política e intelectual sólida. Ele teve o privilégio de gozar desse reconhecimento ainda em vida. No ano de 1967, o escritor havia completado seu 80º aniversário e havia sido ovacionado pela intelectualidade mexicana como figura ilustre do campo literário nacional. Entretanto, a partir de sua manifestação de apoio à repressão operada pela gestão Díaz Ordaz em 1968 – como podemos observar na fala de Octavio Paz – a menção a Martín Luis Guzmán ocorreu de maneira pouco elogiosa, permeada pelo incômodo e cada vez com menor frequência.

⁵⁰⁹ VOLPI, Jorge. *La imaginación en el poder*. Una historia intelectual de 1968. México D.F.: Ediciones Era, 1998, p. 326. Grifos nossos.

Considerações finais

A reconstrução da trajetória política e intelectual de Martín Luis Guzmán nos permitiu compreender a maneira como o escritor se relacionou com a história mexicana. O seu interesse em alcançar espaços políticos e culturais, em alguns momentos, caracterizou sua adesão aos projetos governamentais. Contudo, ainda assim, observamos um forte sentimento nacionalista que perpassou seus escritos. Essa busca por compreender e interpretar a realidade nacional, indubitavelmente, marcou a produção de Martín Luis Guzmán. Nesse sentido, retomamos um problema indicado por Luis Barrón e anteriormente apresentado nesta dissertação, a saber: seria a história do México no século XX a história da Revolução? Guzmán provavelmente responderia que sim. Em nossa perspectiva, Guzmán interpretou a história do país a partir da Revolução Mexicana, evento apresentado como pedra fundamental para a constituição da nação.

Ao longo de nossos três capítulos, apresentamos uma trajetória intelectual cujo movimento descreve uma parábola. Na primeira parte dessa parábola, dos anos iniciais do século XX até a década de 1920, apresentamos um Martín Luis Guzmán mais à margem no âmbito intelectual. Nesse momento, o escritor participou do ambiente cultural sob o raio de ação do Ateneu da Juventude e ofereceu suas primeiras interpretações acerca das experiências nacionais da década de 1910. Um México permeado por mazelas que somente poderiam ser solucionadas através da educação, a qual promoveria uma “transformação espiritual”. Nos anos de 1920 enfocamos um Guzmán, ainda à margem, cujos combates à elite política pós-revolucionários aconteceram durante seu exílio na Espanha. Esse tempo foi marcado pela publicação de duas de suas obras mais renomadas: *El águila y la serpiente* (1928), *La sombra del Caudillo* (1929). Na segunda parte da parábola, apresentamos a trajetória de Martín Luis Guzmán que atinge o seu ápice entre os anos de 1930 e 1967. Período em que ele foi reconhecido tanto no ambiente intelectual como na arena política, fruto do alcance obtido por seus já mencionados Romances da Revolução Mexicana. Tendo retornando ao México, em 1936, ofereceu seus serviços e sua “arma letuada” ao poder Executivo do país. A partir do governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940), Guzmán esteve cada vez mais próximo da “Revolução feita governo”, posição que se intensificou ainda mais nos anos de 1950. Na terceira e última fase desse movimento parabólico indicamos um Martín Luis Guzmán cuja obra foi sendo colocada de lado após os eventos de 1968. Nos circuitos acadêmicos, por exemplo, foi somente na

década de 1980 que o estudioso Fernando Curiel empreendeu um trabalho de maior fôlego sobre o escritor em *Las querellas de Martín Luis Guzmán*. A partir dos anos 2000 houve um aumento gradativo das pesquisas interessadas em Guzmán. Porém foi apenas com o Centenário da Revolução Mexicana, em 2010, e com a publicação, no mesmo ano, dos três volumes das suas Obras Completas pela editora Fondo de Cultura Económica (FCE), que ocorreu um maior incremento do número de trabalhos dedicados ao intelectual.

Guzmán foi uma figura marcada por incongruências, cujos escritos se alimentaram de forma substantiva de suas experiências de vida e de seus posicionamentos políticos. Um exemplo disso pode ser vislumbrado em seu vocabulário político. Durante a gestão cardenista, na década de 1930, Guzmán mobilizou vocábulos do léxico político referente à educação socialista, tais como “camarada”, “exploração de uns homens sobre outros”, “classe dominadora do povo” e “classes reacionárias e exploradoras”, conforme apontamos em nossa análise sobre *Maestros rurales*. Três décadas mais tarde, já no contexto marcado pela Guerra Fria, no qual o México estava sob a esfera de influência dos Estados Unidos, percebemos que o intelectual empregou de expressões como “subversivo”, “guerrilha”, “comunista” e “terror” para deslegitimar o movimento estudantil mexicano de 1968. Essa aparente incongruência se explica em razão dos posicionamentos políticos expressos por Guzmán e das mudanças em cada um dos contextos nacionais e internacionais indicados. Mas, sobretudo, queremos assinalar que essas ações configuram a inserção do intelectual no espectro do partido oficial e a busca por um sistema político estável.

O grande interesse de Guzmán pela história mexicana levou Fernando Curiel a sustentar em sua tese de doutorado, *Martín Luis Guzmán, discípulo de Clio*, que as obras guzmanianas deveriam ser entendidas como parahistoriografia ou mesmo historiografia.⁵¹⁰ Mas, o seu grande interesse pela história seria suficiente para que ele fosse considerado um historiador? Em contraposição a Curiel, sustentamos que o escritor chihuahuense ocupa, em um sentido amplo, o espaço de intérprete do México e de intérprete da Revolução Mexicana. Cabe lembrar que, embora todo historiador, em seu ofício, interprete a passagem dos homens e mulheres pelo tempo, nem todo intérprete é

⁵¹⁰ Fernando Curiel expõe de maneira pouco clara seus objetivos na tese:

“Así, pues, bosquejo biográfico de Guzmán. Contribución, espero, a su biografía definitiva. Semblanza o biografía, como confío de mostrar, de un historiador nato, natural”. E ainda: “Si bien multánime: ensayista, retratista, cronista, reportero, novelista, biógrafo político. Oficios éstos, no pocos de prosapia clásica, que yo, en este nuevo asedio, aspiro cifrar en uno solo, armonizador y concluyente: el historiador.” Cf. CURIEL DEFONSÉE, Fernando. *Martín Luis Guzmán, discípulo de Clio*. p. 6 e 62-63. Grifos nossos.

necessariamente um historiador.

Álvaro Matute, a quem Fernando Curiel remeteu o termo, classificou como “parahistoriografia” aqueles textos que se relacionavam com os grandes acontecimentos políticos, os quais geravam produções “imediatas” e “espontâneas”, que embora contivessem elementos historiográficos, não possuíam todos os requisitos necessários para ser uma obra de escrita da história:⁵¹¹ “es parahistoriográfico en la medida en que participa pero no completa lo que debe ser historiografía desde el punto de vista canónico vigente en el momento de esa producción”.⁵¹² De modo mais direto, Matute afirmou que parahistoriografia não é historiografia utilizando a pertinente, mas controversa, analogia: “Un buen comentario político no es ciencia política como un remedio casero no es medicina”.⁵¹³

De forma ainda mais precisa, para nós, Martín Luis Guzmán foi um intérprete do México e da Revolução Mexicana. Isto é, em seus escritos ele procurou realizar uma apreensão do passado, atrelada a uma localização do presente e a um projeto de futuro.⁵¹⁴ Nesse sentido, ele recuperou brevemente o México colonial, o México dos conflitos de independência e, com maior ênfase, o México das Reformas Liberais do XIX e a Revolução Mexicana de 1910. O cerne de suas propostas de futuro para o país era a “transformação espiritual” pautada no desenvolvimento pela educação e pela concretização das Leis da Reforma. Na concepção do intelectual, a Revolução Mexicana deveria, portanto, colocar em prática tais aspectos. Até o ponto em que chegamos em nossa análise, na condução desse longo e “inconcluso” processo revolucionário deveria estar o “Partido de la Revolución”, ou como apresentamos no capítulo 3, a “Revolução no governo”. Assim, o futuro projetado para o México era de um país estável, institucionalizado, civilizado e moderno.

⁵¹¹ Para ser historiografía, na perspectiva de Matute, é necessário ser: “Un discurso producto de una investigación, que aspira a dar una explicación y que sea una expresión, tanto del individuo que la escribe como de la sociedad y el momento histórico que lo generan”. Cf. MATUTE, Álvaro. La crónica de la Revolución: militancia e inmediatez. In: _____. *Aproximaciones a la historiografía de la Revolución Mexicana*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005, p. 21.

⁵¹² MATUTE, Álvaro. La crónica de la Revolución: militancia e inmediatez, p. 22.

⁵¹³ MATUTE. La crónica de la Revolución: militancia e inmediatez, p. 22.

⁵¹⁴ Cf. REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*. De Varnhagen a FHC. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Referências documentais e bibliográficas

A. Obras, discursos e entrevistas de Martín Luis Guzmán

Livros

GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002. [1929]

_____. *El águila y la serpiente*. In: _____. Obras Completas. 4ª ed. México: FCE, INEHRM, 2010. Vol. I. [1928]

_____. *La querella de México*. In: _____. Obras Completas. 4ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, INEHRM, 2010. Vol. I. [1915]

_____. *A orillas del Hudson*. In: _____. Obras Completas. 4ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, INEHRM, 2010. Vol. I. [1920]

_____. *Otras Páginas*. In: _____. Obras Completas. 4ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, INEHRM, 2010. Vol. I. [1958]

_____. *Necesidad de cumplir las leyes de la Reforma*. In: _____. Obras Completas. 4ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, INEHRM, 2010. Vol. I. [1963]

_____. *Pábulo para una historia*. In: _____. Obras Completas. Vol. I. 4ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, INEHRM, 2010. Vol. I. [1961]

_____. *Crónicas de mi destierro*. In: _____. Obras Completas. Vol. I. 4ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, INEHRM, 2010. Vol. I. [1958]

_____. *Maestros rurales*. In: _____. Obras Completas. Vol. II. México: Fondo de Cultura Económica, 2010. Edição Kindle. [1938]

Correspondências

CURIEL, Fernando (org.). *Guzmán-Reyes, Medias palabras: correspondencia, 1913-1959*, México, UNAM, IIF, 1991.

CORRESPONDENCIA con el presidente de la República Gustavo Díaz Ordaz. 1964-1977. México, DF, s.p. Archivo de la Universidad Nacional Autónoma de México. Fondo: Martín Luis Guzmán.

Entrevistas

CARBALLO, Emmanuel. Martín Luis Guzmán (1887-1976). In: _____. *Protagonistas de la literatura mexicana*. Cidade do México: Secretaria de Educación Pública, 1986. Entrevistas concedidas a Emmanuel Carballo em 1958 e 1963.

GUZMÁN, Martín Luis. Entrevista con Martín Luis Guzmán. In: _____. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002. Entrevista concedida a Eduardo Blanquel em maio de 1971.

Discurso

Apuntes sobre una personalidad. In: GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002, p. 633-651.

DISCURSO de Martín Luis Guzmán por ocasião do *Día de la Prensa Libre* em 1969. Exemplar da Revista Pensamiento Político Suplemento de cultura y ciencia política, vol. I, n. 2. Faz parte da série: Trabajos no compilados, caja 87. México, DF, s.p. Archivo de la Universidad Nacional Autónoma de México. Fondo: Martín Luis Guzmán.

Periódicos

Diário vespertino *La Voz*, publicado em Madrid em 23 de agosto de 1928, ano IX, nº 2.387.

BELLO, Luis. La sombra del Caudillo. Un mejicano de la Revolución. *El Mañana*. Teruel. Año II, nº 284, miércoles, 4/12/1929.

SALADO, José Luis. Conversación con un escritor de Méjico. *Heraldo de Madrid*. Año XXXIX, nº 13.677. Jueves, 28/11/1929, Edición de la noche.

Evento

SILVA-HERZOG, Jesús; TORRES, Elena. Un balance de la Revolución Mexicana (Notas do evento). México: Sociedad Mexicana de Geografía y Estadística, 1945.

Fontes relativas ao Partido Nacional Liberal Mexicano

IMPRESO de la convocatória e instrucciones para la formación del PNLM en D.F. 16 de marzo de 1946. DF, s.p. Archivo de la Universidad Nacional Autónoma de México. Fondo: Martín Luis Guzmán.

CORRESPONDENCIA de MLG sobre la formación del Partido Nacional Liberal Mexicano. 1946-1947. México, DF, s.p. Archivo de la Universidad Nacional Autónoma de México. Fondo: Martín Luis Guzmán.

B. Bibliografia geral:

ABBAGNANO, Nicola. *Diccionario de Filosofia*. 5ª edição. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 357.

AGUILAR CAMÍN, Héctor & MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000.

ALTAMIRANO, Carlos. Élités culturales en el siglo XX latinoamericano. In: *Historia*

de los intelectuales en América Latina. Los avatares de la ciudad letrada en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

_____. *Para um programa de história intelectual y otros ensayos*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2005.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Carolline Martins; GOMES, Warley Alves. História Intelectual no México: duas leituras da Revolução Mexicana. In: FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *História da América: historiografia e interpretações*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

ANTONIO ROSADO Z., Juan. Iniciación y aprendizaje en la novela de la revolución mexicana (1932-1951). In: MEDINA LORENTE, Antonio; NAVASCUÉS, Javier de. (orgs.). *Narrativa de la Revolución Mexicana: realidad histórica y ficción*. Madrid: Editorial Verbum, 2011.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*, 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

AZUELA, Mariano. *Los de Abajo*. Edición Crítica. Colección Archivos, RUFFINELLI, Jorge (coord.). Ed. ALLCA/UFRJ, 1996.

AZUELA DE LA CUEVA, Alicia. *Arte y poder: renacimiento artístico y revolución social*. México: 1910-1945. México: El Colegio de Michoacán, Fondo de Cultura Económica, 2005.

BACKZO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p.296-332.

BAIÃO, Fábio Eduardo de Araújo. “*Arautos da Revolução*”: os presidentes mexicanos e os usos da história nacional (1940-1994). 2016. 254f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

BARBOSA, Carlos A. S.; LOPES, Maria A. de S. A historiografia da revolução mexicana no limiar do século XXI: tendências gerais e novas perspectivas, *História*, UNESP, 2001. p. 163-198.

BARBOSA, Carlos A. S. A Construção, consolidação e o espetáculo do poder no México revolucionário. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 8, n.2, p. 153-187, 2004.

_____. *A Revolução Mexicana*. Direção [da série] COSTA, Emília Viotti da. São Paulo: UNESP, 2010.

BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución Mexicana*. México: FCE, CIDE, 2004.

_____. José Vasconcelos, Luis Cabrera y la Revolución Mexicana. *Historia y política: ideas, procesos y movimientos sociales*. Madrid, nº 11, enero-junio 2004.

BATRHESES, Roland. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Revolução e Cultura Política na América Latina*. In: DAYRELL, Eliane Garcindo; IOKOI, Zilda M. Gricoli. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

BETANCOURT CID, Carlos. *Tras la sombra de una personalidad*. El aprendizaje político de Martín Luis Guzmán. 2006. Dissertação (mestrado) – Universidad Nacional Autónoma de México, Facultad de Filosofía y Letras.

BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, Nicola. *Dicionário de política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1986.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p.183-191.

BRADING, David A. (org); trad. Carlos Valdéz. *Caudillos y campesinos en la Revolución mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

BRUCE-NOVOA, John. “Estudio introductorio”. In: GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Populismo latino-americano em discussão. In: FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro, 2001.

CARBALLO, Emmanuel. *Protagonistas de la literatura mexicana*. Cidade do México: Secretaria de Educación Pública, 1986.

CARBONELL, José. El fin de las certezas autoritarias. Hacia la construcción de un nuevo sistema político y constitucional para México. México: Instituto de Investigaciones Jurídicas; Universidade Nacional Autónoma de México, 2002.

CATROGA, Fernando. *Entre deuses e césaes: secularização, laicidade e religião civil*. Uma perspectiva histórica. Coimbra: Editora Almedina, 2006.

_____. Pátria, nação, nacionalismo. *Imprensa da Universidade de Coimbra*. Novembro de 2008.

_____. *Os passos do homem como restolho do tempo*. Memória e fim do fim da história. Coimbra: Almedina, 2009.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006.

CIFUENTES-GOODBODY, Nicholas. *The man who wrote Pancho Villa*. Martín Luis Guzmán and the Politics of Life Writing. Nashville: Vanderbilt University Press, 2016, edição Kindle.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certeza e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2002.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Revista Fronteiras*. Dourados –MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul/dez. 2011.

COCKCROFT, James D. *Precursores Intelectuales de la Revolución mexicana*. Siglo XXI editores, 1971.

CORRÊA, Anna Maria Martinez. *A Revolução Mexicana (1910-1917)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*. México: Era, 1991.

_____. *La Revolución y el Estado en México*. México: Era, 1989.

COSÍO VILLEGAS, Daniel. La crisis de México. *Cuadernos Americanos*. México. D.F., año VI, vol. 2, marzo-abril 1947.

COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina*. O debate sobre Revolução e socialismo em Córdazar, García Marquez e Vargas Llosa (1958-2005). São Paulo: Alameda, 2013.

COSTA LIMA, Luiz. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CRESPO, Regina Aída. *Messianismos culturais: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a nação*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo (USP), 1997.

_____. *Itinerarios intelectuales: Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para la nación*. México: UNAM, 2004.

CRIPA, Ival de Assis. *O vento das Reformas*. Lázaro Cárdenas e a Revolução Mexicana (1934-1940). Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

CURIEL DEFOSSÉ, Fernando. *La querella de Martín Luis Guzmán*. México: Oasis, 1987.

_____. *Martín Luis Guzmán, discípulo de Clío*. UNAM, Facultad de Filosofía y Letras,

Licenciatura en Historia, 1994.

_____. De las musas, Clío. Razones para una lectura inusitada del novelista Martín Luis Guzmán. In: JITRIK, Noe (org.). *Atípicos en la literatura latinoamericana*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires. Facultad de Filosofía y Letras, 1997.

_____. (comp.). *Conferencias del Ateneo de la Juventud*. Prólogo, notas y recopilación de apéndices de Juan Hernández Luna. México: Universidad Autónoma de México, 2000.

_____. El Ateneo de la Juventud en dos tiempos: porfirismo, Revolución. *Boletín del IIB*, vol. XVI, nº1 y 2, México, 2011. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Bibliográficas.

_____. Martín Luis Guzmán. Las dos versiones de *La sombra del Caudillo*. La Jornada Semanal, 2009. Disponible em: <http://www.jornada.unam.mx/2009/12/20/sem-fernando.html> Acesso em: 15 de junho de 2016.

CYMERMAN, Claude. La literatura hispanoamericana y el exilio. *Revista Iberoamericana*, v. LIX, nº 164-165, p. 523-550, julio-diciembre de 1993.

DIAS, Nattaly Vieira. *A revolução mexicana nos debates político-intelectuais brasileiros: projeções, leituras e apropriações (1910-1941)*. Tese de doutorado em História (UFMG). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2015.

DÍAZ ARCINIEGA, Victor. *Querella por la cultura “revolucionaria” (1925)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

_____. Prólogo. In: GUZMÁN, Martín Luis. *Obras Completas*, III. México: FCE, INEHRM, 2010.

DOMINGUES, Ivan. *O fio e a trama*. Reflexões sobre o tempo e a história. São Paulo: Iluminuras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DORELLA, Priscila Ribeiro. *Octavio Paz: estratégias de reconhecimento, polémicas políticas e debates midiáticos no México*. São Paulo: Alameda Editorial, 2014.

DOSSE, François. *La marcha de las ideas. Historia de los intelectuales, historia intelectual*. Valência: PUV, 2006.

ELLISON, Fred P. *Alfonso Reyes e o Brasil: um mexicano entre os cariocas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

FALLAW, Ben. *Cárdenas Compromised. The Failure of Reform in Postrevolutionary Yucatán*. Estados Unidos: Duke University Press, 2001. Edição Kindle.

_____. The life and deaths of Felipa Poot: women, fiction, and Cardenismo in Postrevolutionary Mexico. *Hispanic American Historical Review*. V. 82, n. 4, novembro de 2002.

GARCIADIEGO DANTAN, Javier. *Autores, editoriales, instituciones y libros*. Estudio

de historia intelectual. México, D.F.: El Colegio de México, 2015.

_____. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz, 2010.

_____. Prólogo. Aproximación sociológica a la historia de la Revolución Mexicana. In: *Textos de Revolución Mexicana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2010, p. IX-LXXXIII (p. 9- 83).

GARRIDO, Luis Javier. *El partido de la Revolución institucionalizada*. Medio siglo de poder político en México. La formación del nuevo Estado (1928-1945). México: SEP, Siglo XXI, 1986.

GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismos: trajectos*. Lisboa: Gradiva, 1993.

GILLY, Adolfo. *El cardenismo, una utopía mexicana*. México: Ediciones Era, 2001.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo. *Caudillismos Rioplatenses*. Nuevas miradas a un viejo problema. Buenos Aires: Eudeba, 1998.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In _____. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação – Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo. In: _____ (orgs.) *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-37.

GOMES, Warley Alves. *Mariano Azuela e a Revolução Mexicana: narrativas entre o desencanto e a esperança*. Dissertação de mestrado em História (UFMG). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2013.

FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública. Investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984.

HALE, Charles A. Los mitos políticos de la nación mexicana: el liberalismo y la Revolución. *Historia Mexicana*, v. 46, nº4, p.821-837, abril-junho, 1997.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. La influencia de la Revolución en la vida intelectual de México. In: _____. *La utopía de América*. Caracas: Biblioteca de Ayacucho, 1989.

HERDER, Johann Gottfried. Ideias para a filosofia da história. In: GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

HERZOG, Jesus Silva. *Breve historia de la revolución mexicana*. 2v. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

HOBBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HUNTINGTON, Tanya. *Martín Luis Guzmán: entre el águila y la serpiente*. México: Tusquets Editores, 2015.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: COSTA LIMA, L. (org). *Teoria da literatura em suas fontes*. vol. II, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. Ficcionalización: las dimensiones antropológicas de las ficciones literarias. In: GARRIDO DOMINGUEZ, Antonio (coord.). *Teorías de la ficción literaria*. Madrid: Arcos/Libros, 1997.

JOSEF, Bella. “(Auto)biografia”: os territórios da memória e da história. In: LENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. São Paulo: Editora Unicamp, 2010.

KNIGHT, Alan. Caudillos y campesinos en el México Revolucionario, 1910-1917. In: BRADING, David A. (org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995.

_____. Cardenismo: ¿coloso o catramina? In: MACKINNON, María Moira; PETRONE, Mario Alberto (org.). *Populismo y neopopulismo en América Latina*. El problema de la Centenaria. 1ª reimpressão. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO; São Paulo: Contraponto, 2006.

KRAUZE, Enrique. *Caudillos Culturales en la Revolución Mexicana*. 5ª ed., México: Siglo XXI, 1985.

_____. *Biografía del poder*. Caudillos de la Revolución mexicana (1910-1940). 1ª ed. México: Fábula; Tusquets Editores, 2002.

LAINE, Cecília Greaves. Política educativa y libros de textos gratuitos. Una polémica em torno del control por la educación. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, vol. 6, n. 12, mayo-agosto, 2001.

LISBONA GUILLÉN, Miguel. Transformar desde la educación: el ejemplo de la Universidad Popular Mexicana en la Revolución. *Península*, vol. V, nº 12, otoño de 2010. (Reseña).

LORENTE MEDINA, Antonio. Consideraciones crítico-textuales y literarias sobre la obra de Martín Luis Guzmán en el exilio. In: MARTÍNEZ, Juana (ed.). *Exilios y Residencias. Escrituras de España y América*. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana, Vervuet, 2007.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.) *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Varga, 1998.

MATUTE, Alvaro. *Aproximaciones a la historiografía de la Revolución Mexicana*. México: 2005.

_____. La crónica de la Revolución: militancia e inmediatez. In: _____. *Aproximaciones a la historiografía de la Revolución Mexicana*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005

_____. El ultimo caudillo y el proceso de institucionalización. In: GARCIADIEGO, Javier et alli. *Evolución del estado mexicano: reestructuración 1910-1940*. 6ª ed. México: El Caballito, 2005, p.109-50.

_____. *La Revolución mexicana: actores, escenarios y acciones. Vida cultural y política, 1901-1929*. México: Oceano, 2010.

MARTÍNEZ, José Luis. *La literatura mexicana. Siglo XX, 1910-1949*. México: Conaculta, 2001.

MARTÍNEZ, Juana (ed.). *Exilios y Residencias. Escrituras de España y América*. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana, Vervuet, 2007.

MENDES, Breno. *A representância do passado histórico em Paul Ricoeur: linguagem, narrativa e verdade*. Dissertação de mestrado em História (UFMG). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2013.

MEYER, Lorenzo. *Liberalismo autoritario*. Las contradicciones del sistema político mexicano. México: Editorial Océano de México, 2014, edição Kindle.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

MISKULIN, Sílvia Cezar. As repercussões do movimento estudantil de 1968 no México. Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC. Vitória, 2008.

MITRE, Antonio: “História, memória e esquecimento”. In: MITRE, Antonio Fernando. *O dilema do centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MONSIVÁIS, Carlos. El Ateneo de la Juventud. In: _____. *Historia mínima de la cultura mexicana en el siglo XX* (edición preparada por Eugenia Huerta). México: El Colegio de México, 2010.

_____. Martín Luis Guzmán, el más grande reportero de la Revolución Mexicana se ha

ido. In: GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002.

_____. *Ruta* (1938-1939): el breve reinado de la izquierda cultural en Mexico. *América Cahiers du CRICCAL*, n. 4-5, 1990, p. 165-173.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

MOTTA, Romilda Costa. *José Vasconcelos: as memórias de um “profeta rejeitado”*. São Paulo: Alameda, 2015.

NAPOLITANO, Marcos. *Coração Civil: arte, resistência e lutas culturais durante o Regime Militar Brasileiro (1964-1980)*. Tese de Livre Docência em História. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

NEGRÍN, Edith. Recepción de *La sombra del Caudillo*. In: GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002.

NIBLO, Stephen R. *Mexico in the 1940s. Modernity, Politics, and corruption*. Wilmington: SR Books, 1999.

OLEA FRANCO, Rafael. Cronología. In: GUZMÁN, Martín Luis. *La sombra del Caudillo*. Ed. crítica de Rafael Olea Franco. México: ALLCA, 2002.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e história de vida. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 429-446, maio/agosto, 2017.

PAZ, Octávio. *O labirinto da solidão*. Tradução Ari Roitman e Paulina Watch. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PEREZ, Odalís G. *Pedro Henriquez Ureña. História Cultural, historiografia y crítica literária*. São Domingo: Archivo General de la Nación, Volume CXIV, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006. URL: <http://nuevomundo.revues.org/1560>.

POCOCK, J. G. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Traduzida por Dora Rocha Flaksman. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e identidade social. Transcrita e traduzida por Monique Augras. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PONIATOWSKA, Elena. *La noche de Tlatelolco*. Testimonios de historia oral. México: Ed. Era, 1987.

_____. “1968 abrió un porvenir” [en línea]. *Revista de la Universidad de México*. Nueva época. Octubre 2008, n. 56. Disponível em:

<http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/56/poniatowska/56poniatowska.html>

Acesso em 20/11/2015.

PORTAL, Marta. *Proceso narrativo de la Revolución Mexicana*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe, 1980.

_____. El exilio madrileño de Martín Luis Guzmán. *Anales de literatura hispanoamericana*, n. 22, Editorial Complutense, Madrid, 1993.

PRADA-OROPEZA, Renato. Del exilio interno al exilio externo. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 35, março-abril, p. 64-67, 1978.

QUINTANILLA, Susana. Los intelectuales y la política en la Revolución mexicana: estudio de casos. *Secuencia*, México, nº 24, setembro-dezembro, 1992.

_____. *“Nosotros”: la juventud del Ateneo de México*. México, D.F.: Tusquets Editores México, 2008.

_____. *A salto de mata*. Martín Luis Guzmán en la Revolución Mexicana. México: Tusquets, 2009.

QUINTANILLA, Susana; VAUGHAN, Mary Kay (org.). *Escuela y sociedad en el periodo cardenista*. 1ª ed. 1997. D.F. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Tradução Emir Sader. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. La riesgosa navegación del escritor exilado. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 35, março-abril, p. 95-105, 1978.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*. De Varnhagen a FHC. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

REYES, Alfonso. *Obras completas*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1956. Tomo III.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradutora Cláudia Berliner. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010. Vol.1.

RODRÍGUEZ CORONEL, Rogelio. La novela de la Revolución Mexicana. In: PIZARRO, Ana (org.). *América latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial, Campinas: Ed. Unicamp, 1994, vol.2, p.739-756.

RONIGER, Luis. Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios. In: QUADRAT, Samantha Viz (org.). *Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

ROUSSEAU, Isabelle. Las nuevas elites y su proyecto modernizador. In: SÉRVIN, Elisa

(org.). *Del nacionalismo al neoliberalismo, 1940-1992*. México: CIDE, FCE, Conaculta, INEHRM, Fundación Cultural de la Ciudad de México, 2010.

RUIZ LAGIER, Verónica. El Maestro Rural y la Revista de Educación. El sueño de transformar el país desde la editorial. *Signos Históricos*, n. 29, enero-junio, 2013, p. 36-63.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de metahistória. *História da Historiografia*. Ouro Preto, n° 2, março de 2009, p. 163-210.

SAID, Edward. Representações do intelectual. As conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SEMO, Ilán. El cardenismo revisado: la tercera vía y otras utopías inciertas. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 55, n. 2, abril/junho, 1993, p. 194-223.

SERVÍN, Elisa. *La oposición política. Otra cara del siglo XX mexicano*. México: FCE, CIDE, 2006.

SILVA, Caio Pedrosa da. Veredas que se cruzam. A Revolução Mexicana e o Estado pós-revolucionário na historiografia da Rebelião Cristera. In: FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *História da América: historiografia e interpretações*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

_____. *Mártires de Cristo Rey: Revolução e Religião no México (1927-1960)*. 289f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2015.

SILVA, Rafael Pavani da. *A Revolução e as tentativas de legitimação do poder nos discursos presidenciais de Lázaro Cárdenas (1934-1940)*. 144f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1996.

SKINNER, Quentin. *Visões da política*. Algés-Portugal: DIFEL, 2005.

_____. Sobre significado e método. Entrevista com Quentin Skinner. *Revista formas de vida*. Lisboa, n° 4, maio de 2014.

SCHMIDT, Benito Bisso. Entrevista com Sabina Loriga: a história biográfica. *MÉTIS: história e cultura*, v. 2, n.3, p.11-22, janeiro-junho, 2003.

SCHOULTZ, Lars. A incorporação do México. In: SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão*. Uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru, Sp: EDUSC, 2000.

SOMOZA, Oscar U.; MIGUELÉZ, Armando. *Literatura de la Revolución Mexicana en el exílio: fuentes para su estudio*. México: Universidad Autónoma de México, 1997

(Cuadernos de Cuadernos).

STARLING, Heloisa; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lendo canções e arriscando um refrão. *Revista USP*, São Paulo, n.68, p. 210-233, dezembro/fevereiro 2005-2006.

TOBLER, Hans Werner. Los campesinos y la formación del Estado revolucionario, 1910-1940. In: KATZ, Friedrich (org.) *Revuelta, rebelión y revolución: la lucha rural en México del siglo XVI al siglo XX*. 2ª ed. México: Ediciones Era, 2012.

TORRES AGUILAR, Morelos. *Cultura y Revolución: la Universidad Popular Mexicana (Ciudad de México, 1912-1920)*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2010.

TORRES DE LA ROSA, Danaé. *Avatares editoriales de un “género”*: tres décadas de la novela de la Revolución Mexicana. México: Bonilla Artigas Editoriales; Instituto Tecnológico Autónomo de México, 2015.

VASCONCELOS, José. *Memorias I: Ulises criollo/ La tormenta*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1983.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. *Imagens da Revolução Mexicana*. O Museu Nacional de História do México (1940-1982). São Paulo: Alameda, 2007.

VAUGHAN, Mary Kay. El papel político de los maestros federales durante la época de Cárdenas: Sonora y Puebla. In: QUINTANILLA, Susana; KAY VAUGHAN, Mary (org.). *Escuela y sociedad en el periodo cardenista*. 1ª ed. 1997. D.F. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

VÁZQUEZ DE KNAUTH, Josefina Z. La educación socialista de los años treinta. *Historia Mexicana*, vol. 18, nº3, janeiro de 1969, p. 408-423.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: _____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 97-105.

VOLPI, Jorge. *La imaginación en el poder*. Una historia intelectual de 1968. México D.F.: Ediciones Era, 1998.

YANKELEVICH, Pablo. El exilio argentino de José Vasconcelos. *Revista Iberoamericana*. Berlim, v. VI, n. 24, p. 27-42, 2006.

ZAPPA, Regina; SOTO, Ernesto. 1968. *Eles só queriam mudar o mundo*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.

ZERMEÑO PADILLA, Guillermo. Apropiación del pasado, escritura de la historia y la construcción de la nación en México. In: Guillermo Palacios (coord.) *La nación y su historia. Independencias, relato historiográfico y debates sobre la nación: América Latina, siglo XIX*. México: El Colegio de México, 2009.